DIOGO OLIVEIRA

GUIA DA BIODIVERSIDADE DE OEIRAS

OEIRAS VALLEY PORTUGAL | MUNICÍPIO OEIRAS

ONWILD

TÍTULO
Guia da Biodiversidade de Oeiras

EDIÇÃO
Município de Oeiras

AUTOR
DIOGO OLIVEIRA
Licenciado em Biologia pelo Instituto Superior de Agronomia
e Mestre em Biologia da Conservação pela Universidade de Évora (info@onwild.net)
CEO da onWILD

ORGANIZAÇÃO
onWILD, Diogo Oliveira
Município de Oeiras, Isaltino Morais

DIREÇÃO GERAL
Diogo Oliveira, onWILD
Sílvia Breu, Diretora do Departamento de Ambiente e Qualidade de Vida

COORDENAÇÃO GERAL
Diogo Oliveira, onWILD
Selma Rodrigues, Chefe da Divisão de Gestão Ambiental

COORDENAÇÃO DE DIVULGAÇÃO
onWILD
Gabinete de Comunicação

TEXTOS, DESIGN E PAGINAÇÃO
Diogo Oliveira, onWILD

FOTOGRAFIA
Diogo Oliveira, onWILD

ILUSTRAÇÃO
Diogo Oliveira e Davina Falcão

REVISÃO CIENTÍFICA
Ana Coelho, Bernardo Reis Rocha, Francisco Aguilar, Guillaume Rethroré, Hugo Rebelo, João Eduardo Rabaça, José Maria Santos, Luís Castro, Luís Filipe Afonso, Luís Guilherme Sousa, Pedro Neves, Sara Almeida e Vanessa Mata

REVISÃO ORTOGRÁFICA
Américo Rosa, José Sousa, Luís Filipe Afonso, Pedro Neves, Sara Almeida e Vanessa Mata

DATA DE PUBLICAÇÃO
Fevereiro de 2025

IMPRESSÃO
Tarefacriativa - Unipessoal Lda

ISBN
978-989-608-290-1

DEPÓSITO LEGAL
543280/25

CITAÇÃO RECOMENDADA
Oliveira, D. (2025). Guia da Biodiversidade de Oeiras. Câmara Municipal de Oeiras, Oeiras. 448pp.

A cópia e distribuição ou revenda é ilegal.
© Do texto, o autor; das fotografias, Diogo Oliveira, salvo indicado em contrário

“ Ninguém vai proteger uma coisa com a qual não se preocupa, e ninguém se vai preocupar com o que nunca experimentou! ”

DAVID ATTENBOROUGH

ÍNDICE

6 Prefácio
8 Apresentação
10 Nota de Abertura
12 Mensagem do Autor

14 **INTRODUÇÃO**
14 O Concelho de Oeiras
14 História e Monumentos
16 Mapa & Limites
16 Como Chegar
18 *Hotspots* de Oeiras
20 Locais de Interesse a Visitar
26 Estatutos de Conservação
28 Organização das Espécies
30 Onde Procurar a Biodiversidade
32 Recomendações e Boas Práticas
34 Como Utilizar Este Guia
38 Simbologia
46 Página de Exemplo

48 **ANIMAIS**
56 Cnidários
66 Equinodermes
74 Vertebrados
220 Moluscos
240 Anelídeos
246 Artrópodes

294 **PLANTAS**
302 Ocrófitas
308 Rodófitas
314 Clorófitas
324 Gimnospérmicas
328 Angiospérmicas

384 **FUNGOS & LÍQUENES**
390 Ascomicetos
402 Basidiomicetos

414 **DESCUBRA MAIS**
416 Locais e Eventos
420 Morfologia
422 Espécies Observadas
426 Índice Remissivo
430 Índice dos Nomes Comuns
436 Índice Científico
438 Bibliografia
440 Agradecimentos
442 Glossário

ANIMAIS

56 CNIDÁRIOS

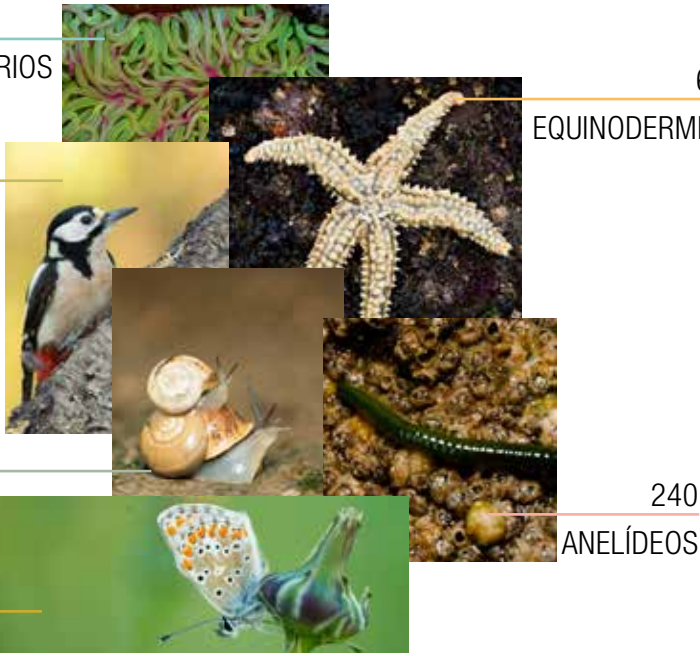
66 EQUINODERMES

74 VERTEBRADOS

220 MOLUSCOS

240 ANELÍDEOS

246 ARTRÓPODES



PLANTAS & FUNGOS & LÍQUENES

302 OCRÓFITAS

308 RODÓFITAS

314 CLORÓFITAS

324 GIMNOSPÉRMICAS

328 ANGIOSPÉRMICAS

390 ASCOMICETOS

402 BASIDIOMICETOS

PREFÁCIO

A biodiversidade, um dos recursos mais preciosos e essenciais do nosso planeta, contempla a grande variedade de formas de vida que existem na Terra, desde os genes invisíveis a olho nu, aos majestosos animais silvestres, habitats e ecossistemas.

O Município de Oeiras, apesar de marcadamente urbano, dispõe de uma infraestrutura verde e azul de referência, o que, associado às suas características biogeográficas, permite a existência de uma elevada biodiversidade no seu território. A conservação dos ecossistemas e seus serviços é essencial para garantir a qualidade de vida, saúde e bem-estar dos cidadãos, a sustentabilidade ambiental e económica, e a resiliência urbana face às alterações climáticas.

Neste sentido, o Município tem vindo a promover cada vez mais projetos de caracterização, monitorização e conservação da biodiversidade, frequentemente com o apoio de diferentes entidades científicas, assim como atividades de sensibilização e capacitação, apostando fortemente na ciência cidadã, enquanto ferramenta valiosa para o aumento da literacia e sentido de pertença dos munícipes relativamente a esta temática.

Para mim é extraordinariamente reconfortante acompanhar o estado actual do potencial de biodiversidade do Concelho, porque não posso deixar de fazer comparação com o que encontrei em 1986, quando da minha primeira eleição. Nessa época, era muito escasso o património arbóreo e arbustivo e deficiente a existência de árvores em meio urbano. As linhas de água eram esgotos a céu aberto e a fauna e flora hídricas em definhamento ou mesmo inexistentes. A poluição e os seus efeitos campeavam. Ao longo das últimas 4 décadas os progressos são enormes e visíveis a qualquer observador, mesmo distraído. O sistema de saneamento com atendimento no esgoto, a 100%. Os novos jardins, parques e outros espaços verdes, as milhares de árvores plantadas transformaram a paisagem, despoluíram-se as ribeiras e assim foi possível o regresso de uma fauna e flora riquíssimas que caracterizam hoje o nosso território.

Este trabalho é agora apresentado porque as políticas públicas ambientais foram acertadas e persistentes. Os funcionários do Município foram os heróis desta transformação que beneficia todos:

O Planeta, o País, a Comunidade de Oeiras e os seus Cidadãos.

Boas leituras e bons passeios!

O Presidente da Câmara

Isaltino Morais

APRESENTAÇÃO

A elaboração do Guia Oeiras tem Vida surgiu da necessidade e vontade do Município dar a conhecer o seu vasto património natural. Há muito que o Município assenta a sua ação no manifesto "Quem ama, cuida. Quem conhece, preserva." Pretende-se que este guia seja uma ferramenta de promoção do conhecimento sobre a biodiversidade municipal, tendo sido elaborado com fotografias reais para auxiliar na identificação das espécies. A sua estrutura divide-se em três capítulos, sendo o primeiro dedicado ao enquadramento teórico, o segundo consiste no catálogo de espécies, e o terceiro é um complemento para quem pretende saber mais. Pode ser consultado no campo ou no conforto do lar; o importante é que desfrute e descubra a diversidade de seres vivos que nos rodeia e contribui para a nossa qualidade de vida.

"QUEM AMA, CUIDA. QUEM CONHECE, PRESERVA"

A BIODIVERSIDADE É FASCINANTE E, GRAÇAS À SUA VARIEDADE DE FORMAS, TEM CONSTITUÍDO DESDE SEMPRE MOTIVO DE CONTEMPLAÇÃO.

NOTA DE ABERTURA

O tema da Biodiversidade tem merecido um investimento e esforço crescente por parte do Município. A consciência do valor da biodiversidade e da crise que esta enfrenta à escala global têm-se consolidado, e desencadeado a necessidade de encontrar soluções que permitam a sua recuperação e conservação.

A nível mundial, as populações de espécies selvagens diminuíram em média 60% em menos de meio século, marcando o mais elevado número de espécies ameaçadas de extinção desde os primórdios da existência humana. Não assistimos apenas a um aumento notável no número de espécies e habitats em perigo, mas também um aumento significativo na velocidade com que esses elementos atingem níveis críticos de ameaça.

O ser humano é uma parte intrínseca do delicado equilíbrio proporcionado pela biodiversidade, dependendo profundamente dela para suprir as suas necessidades básicas. Desde a utilização de genes e espécies para avanços na medicina, aos polinizadores que garantem a produção e qualidade de grande parte dos nossos alimentos, até a preservação de florestas e oceanos saudáveis que desempenham um papel crucial na produção de oxigénio, armazenamento de dióxido de carbono e na regulação da temperatura e dos ciclos da água, a preservação da biodiversidade é fundamental. Enquanto comunidade global, torna-se mais imperativo que nunca agir para prevenir a sua perda. É essencial apostar numa abordagem integrativa, multidisciplinar e colaborativa, em que as cidades se tornam comunidades multi-espécie e o Homem passa a ser membro dessa comunidade, coexistindo e respeitando as outras espécies.

O conhecimento e a sensibilização ambiental são ferramentas poderosas para inspirar a ação. Neste sentido, o Município apresenta uma compilação das espécies mais comuns e emblemáticas que existem no território, com o objetivo de dar a conhecer a incrível biodiversidade local, promovendo uma conexão e respeito pelas espécies que, tal como nós, habitam o meio urbano.

Porque Oeiras tem Vida, ajude-nos a preservá-la.

MENSAGEM DO AUTOR

Observar a biodiversidade é muito mais do que admirar as suas formas, identificar as espécies ou distinguir os diferentes habitats. A biodiversidade é o pilar do nosso planeta. Sem ela, a Terra seria uma esfera rochosa à semelhança de Marte. É por isso importante compreender que o ser humano depende de todos os animais, plantas, fungos, bactérias, e outros organismos.

A região de Oeiras é rica em biodiversidade devido à variedade de ecossistemas que apresenta e que a envolve, desde florestas, campo aberto, vales, matos, zonas costeiras, e um vasto oceano. Percorrer os diferentes espaços verdes transporta o observador por uma viagem natural, uma verdadeira aula de biodiversidade e de ciências naturais que lhe permite conhecer o que o rodeia, mas também ajudar a antever o resultado de atividades de recuperação ou destruição da paisagem, ou ainda da influência do clima em cada local.

Naturalmente, sendo a biodiversidade a real protagonista deste guia, é através da sua observação por este complexo mosaico de espaços, que a paisagem se concretiza. Um olhar mais atento saberá distinguir as diferentes espécies de plantas que povoam um determinado espaço, e descobrir todos os animais que o mesmo alberga.

Este guia, elaborado no âmbito do Oeiras tem Vida, vem assim contribuir para a fascinante descoberta do mundo que alberga a nossa "casa". Ajudar-nos-á, certamente, a compreender melhor a nossa terra e a ter mais argumentos na luta pela defesa do ambiente, da biodiversidade e na adaptação às alterações climáticas.

Diogo Oliveira

CONCELHO DE OEIRAS

O CONCELHO

O concelho de Oeiras possui uma área aproximada de 46 km^2, pertence à Região de Lisboa e Vale do Tejo e à Área Metropolitana de Lisboa. Localiza-se na margem norte do rio Tejo, e encontra-se delimitado a nascente pelos concelhos de Lisboa e da Amadora, enquanto a norte e poente está delimitado pelos concelhos de Sintra e Cascais. Possui uma frente ribeirinha com mais de 9 km de extensão, onde foi construído um passeio marítimo que faz as delícias dos moradores.

Atualmente existem cinco freguesias em Oeiras, organizadas nas seguintes Juntas e Uniões de Freguesia: União de Freguesias de Algés, Linda-a-Velha e Cruz-Quebrada/Dafundo; Junta de Freguesia de Barcarena; União de Freguesias de Carnaxide e Queijas; União de Freguesias de Oeiras e São Julião da Barra, Paço de Arcos e Caxias; Junta de Freguesia de Porto Salvo.

HISTÓRIA E MONUMENTOS

Vários fatores foram determinantes para a fixação da população neste local desde a pré-história, passando pelos romanos e árabes, até aos tempos modernos: o seu clima ameno, ligeiramente influenciado pelo oceano Atlântico, a abundância de água, evidenciada pela presença de diversos rios e ribeiras, que juntamente com a elevada qualidade dos solos, determinou a exploração agrícola e, finalmente, a sua localização privilegiada na zona ribeirinha do estuário do rio Tejo.

Encontra-se aqui um valioso património arquitetónico que é estimado e preservado. Deste, destaca-se o Palácio do Marquês de Pombal (séc. XVIII), a Capela de Santo Amaro (reconstruída e remodelada no séc. XVIII), a Igreja Matriz de Oeiras (séc. XVI), o Pelourinho de Oeiras (séc.

XVIII), a Fortaleza de S. Lourenço da Cabeça Seca (séc. XVI), o Forte de S. Julião da Barra (séc. XVI), o Forte da Giribita (séc. XVII), o Forte de S. João das Maias, o Forte de S. Bruno de Caxias (séc. XVII), o Forte de Catalazete (séc. XVIII) e o Forte de Sto. Amaro (séc. XVII).
Durante o período das descobertas, Oeiras desempenhou o papel de celeiro e centro industrial de Lisboa. Foram construídas a Fábrica da Pólvora Negra de Barcarena, diversos fornos de cal em Paço de Arcos e, ainda, fortificações ao longo da orla marítima. Atualmente, existem diversos parques empresariais instalados em Oeiras, albergando empresas multinacionais e institutos de investigação científica do mais alto nível. Do ponto de vista industrial existem diversas metalúrgicas, fábricas de material de transporte e maquinaria, de produtos químicos e de artigos de plástico. A hotelaria tem, também, desempenhado um papel determinante em Oeiras.

TRADIÇÕES, LENDAS E CURIOSIDADES

Em Oeiras são realizados diversos eventos sociais e culturais, procurando-se oferecer uma elevada qualidade de vida para a população. Existem ainda diversos destaques no artesanato, como a olaria, a cerâmica, a azulejaria, os cestos em vime, e os cobres. O feriado municipal é festejado a 7 de junho.
Realizam-se algumas festas no concelho, como a de Nosso Senhor Jesus dos Navegantes (última semana de agosto e primeira de setembro), em Paço de Arcos, a de Nossa Senhora da Rocha (última semana de maio e primeira de junho), em Carnaxide, a de S. Miguel de Queijas (29 de setembro a 4 de outubro), a de S. Romão (domingo de Pascoela), em Carnaxide, a da Senhora da Conceição da Rocha, em Carnaxide, e a de Santo António (fim de semana mais próximo ao dia 13 de junho), em Barcarena.

MAPA DO CONCELHO DE OEIRAS

LIMITES

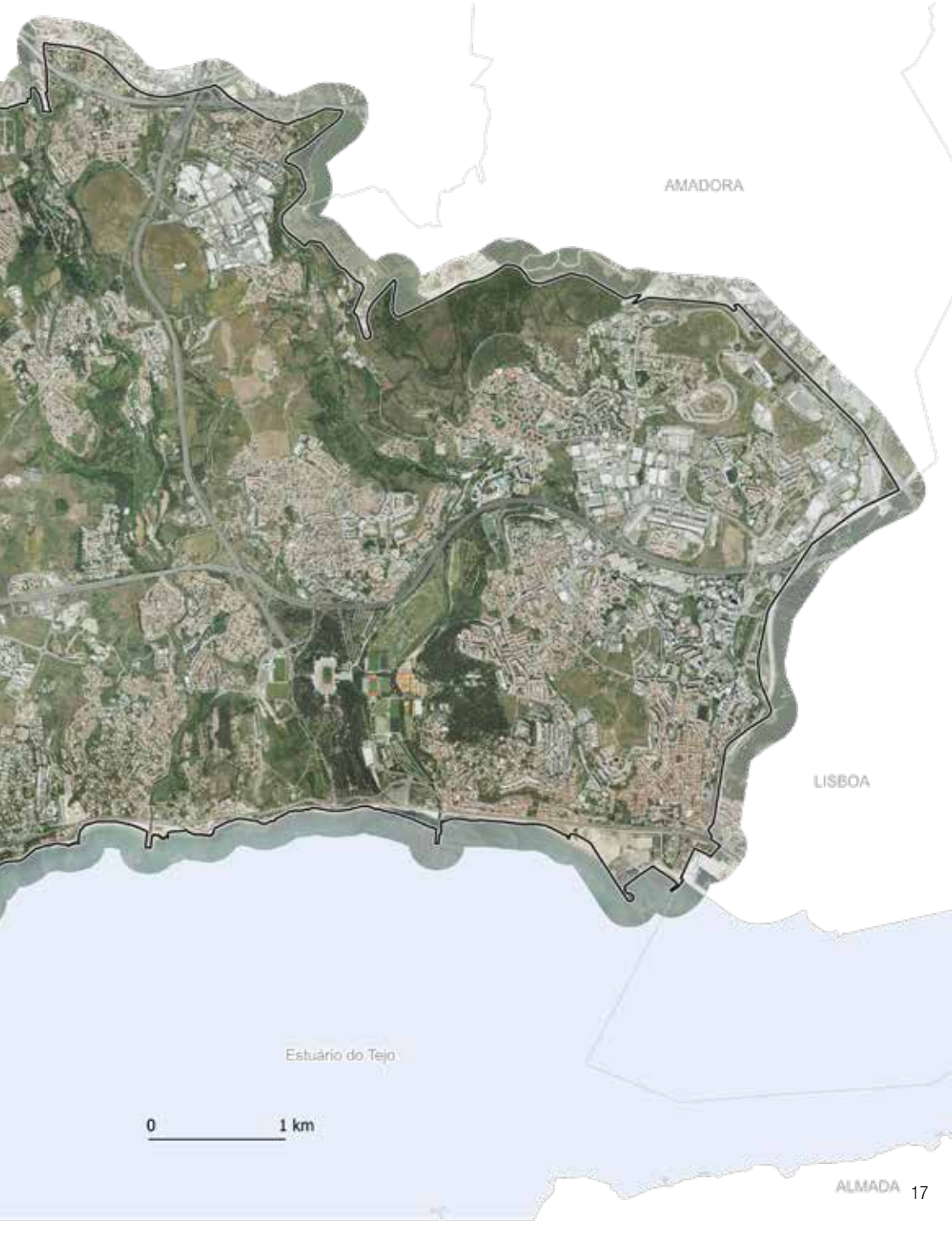
O concelho de Oeiras pertence ao distrito de Lisboa e localiza-se na margem direita do rio Tejo, ficando a cerca de sete quilómetros da capital. Encontra-se delimitado pelos concelhos de Cascais, Sintra, Amadora e Lisboa, a oste, norte, nordeste e este respetivamente, e ainda pelo rio Tejo a sul.

Ao longo dos seus 46 km^2 existem diversas unidades ou elementos paisagísticos, como a serra de Carnaxide, e os quatro altos principais: Mama Sul, Montijo, Barronhos e Confeiteiras. Possui uma extensa linha de costa, frequentada por muitos oeirenses, que aproveitam o passeio marítimo para realizar as suas caminhadas e passeios. Durante o verão são muitos os munícipes e visitantes que aproveitam as diversas praias para desfrutar de banhos de sol e de mar.

COMO CHEGAR

Para os que se deslocam de carro, podem chegar a Oeiras através do sistema rodoviário. As entradas principais são a Avenida Marginal, a Autoestrada da Costa do Estoril, mais conhecida como A5, e a Radial de Sintra, mais conhecida como IC19 ou A37.

Existe uma rede metropolitana de transportes públicos, acessível a todos os cidadãos. Toda a linha costeira encontra-se servida pelo comboio da CP, com diversas estações. A partir destas é possível apanhar autocarros com diferentes destinos.


AMADORA
LISBOA
Estuário do Tejo
0
1 km
ALMADA

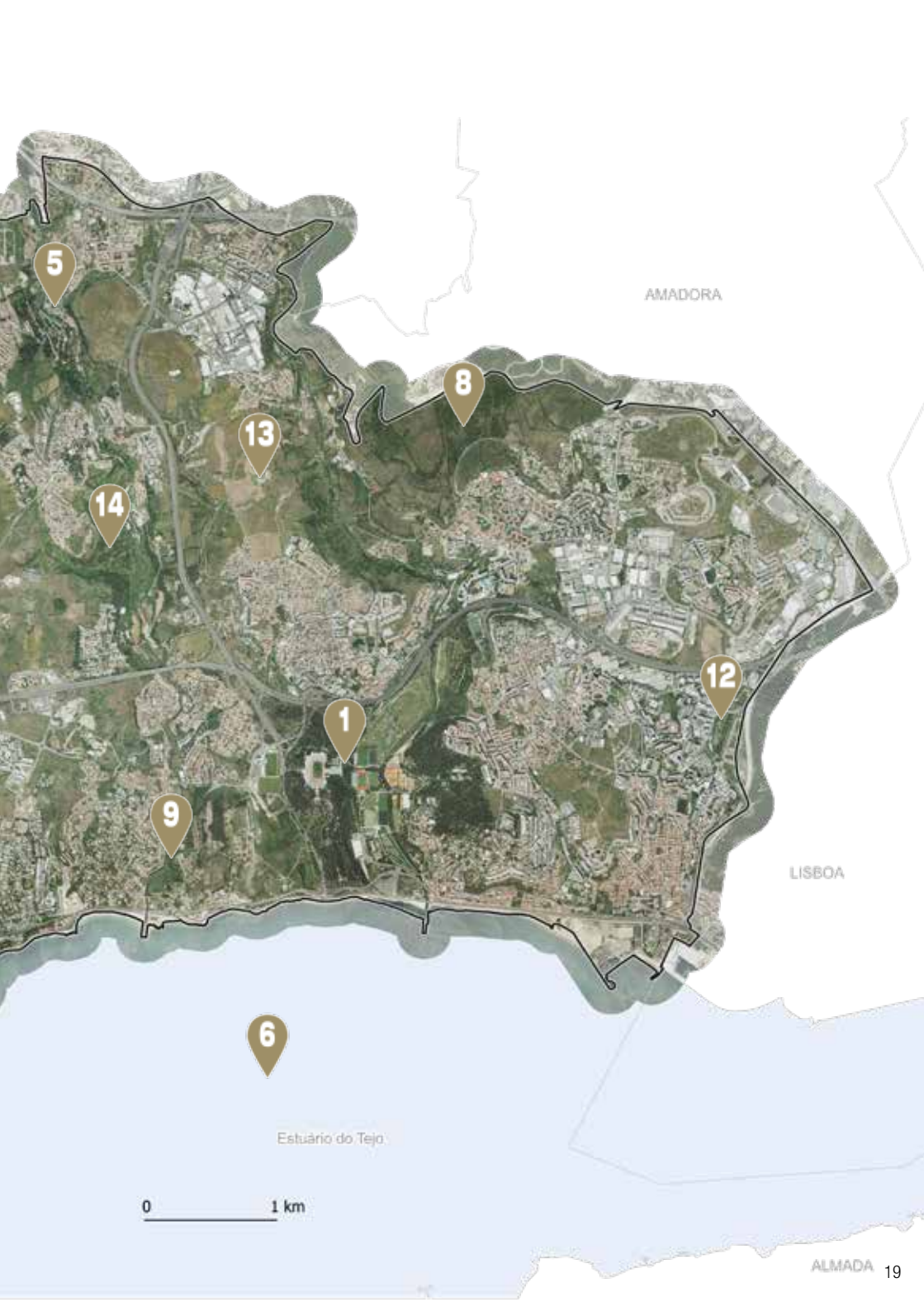
HOTSPOTS DE OEIRAS

HOTSPOTS

Na ecologia e conservação da natureza, *hotspots* de biodiversidade são áreas que abrigam uma grande variedade de espécies vegetais e animais, algumas das quais endémicas e/ou ameaçadas de extinção.
Para facilitar a procura e observação das espécies presentes neste guia, foram identificados diversos *hotspots* e criado um símbolo para identificar cada um deles. Nas fichas pode consultar em que *hotspots* podem ser observadas as espécies.

LISTA DE *HOTSPOTS*

1. Centro Desportivo Nacional do Jamor
2. Quinta de Recreio dos Marqueses de Pombal
3. Parque dos Poetas
4. Jardim do Palácio do Marquês de Pombal
5. Jardins e Parque Urbano da Fábrica da Pólvora de Barcarena
6. Linha de Costa
7. Passeio Marítimo de Oeiras
8. Serra de Carnaxide
9. Jardim da Quinta Real de Caxias
10. Lagoas Park
11. Taguspark
12. Parque Urbano de Miraflores
13. Alto do Paimão
14. Vale de Leceia


5
8
13
14
12
1
9
6
AMADORA
LISBOA
ALMADA
Estuário do Tejo
0
1 km

LOCAIS DE INTERESSE A VISITAR

Palácio do Marquês de Pombal

GPS: 38°41'33.0"N 9°18'52.6"O

Localização: Oeiras

Website: www.oeiras.pt/palacio-do-marques

Visitar o Palácio do Marquês de Pombal é ter a oportunidade de contemplar um dos melhores conjuntos decorativos do período pombalino, rico em estuques e azulejos. Também se destaca o Fogão de Sala da Casa Maison Fourdinois, na sala de entrada do Palácio.

Nos jardins, destacam-se várias peças de estatuária e bustos de mármore, bem como os vários muretes e escadarias revestidas de azulejos.

© CMO

Parque dos Poetas

GPS: 38°42'09.0"N 9°18'08.6"O

Localização: Oeiras

Website: http://parquedospoetas.cm-oeiras.pt/

O Parque dos Poetas é um local único, situado em Oeiras e cujas circunstâncias geográficas, ambientais e culturais o transformam num dos maiores e mais belos parques do país. É uma grande metáfora a céu aberto, a matéria-prima de um grande poema cujos versos foram tecidos e escritos no diálogo perfeito entre paisagem, poesia e escultura.

© CMO

© CMO

Centro Desportivo Nacional do Jamor

GPS: 38°42'16.9"N 9°15'24.1"O

Localização: Algés

Website: https://jamor.ipdj.pt/

Inaugurado a 10 de junho de 1944, o Centro Desportivo Nacional do Jamor (CDNJ) é um complexo de infraestruturas desportivas públicas que se encontra localizado no vale do rio Jamor, em Oeiras, Portugal.

O CDNJ disponibiliza aos seus utentes diversas instalações desportivas, bem como um parque urbano e uma extensa zona de mata, sendo um espaço privilegiado para o apoio ao desenvolvimento da prática desportiva a todos os níveis, desde o desporto de alto rendimento ao desporto federado e ao desporto de lazer.

© CMO

Estádio Nacional do Jamor

GPS: 38°42'32.6"N 9°15'39.1"O

Localização: Algés

Website: https://jamor.ipdj.pt/

Projetado por Miguel Jacobetty Rosa, em 1939, o Estádio Nacional foi inaugurado a 10 de junho de 1944, por António de Oliveira Salazar.

Desde então o estádio, que tem hoje uma lotação para cerca de 37.500 espetadores, tem sido palco de inúmeros acontecimentos desportivos, espetáculos musicais e diversos tipos de eventos.

É habitualmente o palco da final da Taça de Portugal, considerada a prova rainha do futebol português.

LOCAIS DE INTERESSE A VISITAR

Aquário Vasco da Gama

GPS: 38°41'56.9"N 9°14'16.5"O

Localização: Dafundo, Cruz Quebrada
Website: https://ccm.marinha.pt/pt/aquariovgama

O Museu é conhecido pelos espécimes associados a D. Carlos I, considerado por muitos, o pai da moderna oceanografia portuguesa; o Aquário caracteriza-se pelo destaque dado à diversidade da fauna marinha que ocorre em Portugal Continental e nos Arquipélagos dos Açores e da Madeira.

Fábrica da Pólvora de Barcarena

GPS: 38°44'26.2"N 9°17'03.6"O

Localização: Barcarena
Website: www.oeiras.pt/fábrica-da-pólvora-de-barcarena

5

As primeiras referências à ocupação deste vale indicam a instalação de ferrarias, em 1487, para o fabrico de armas. Só no século XVII, cerca de 1618-19, terá funcionado a primeira oficina para o fabrico da pólvora negra. As ferrarias acabariam por encerrar no final do século XVII. A oficina de pólvora foi-se adaptando e ajustando aos vários tipos de pólvoras, às novas maquinarias e às diversas fontes de energia, até ao seu encerramento em 1988.

Parque Urbano Municipal Serra de Carnaxide

GPS: 38°43'51.7"N 9°14'23.6"O

Localização: Carnaxide
Website: www.oeiras.pt/espaço-verdes

8

Foram criados três trilhos para a prática da atividade física e desportiva em contacto com a natureza: o "Trilho do Bosque" e "Trilho do Prado", de intensidade fácil e com cerca de um quilómetro, e o "Trilho da Biodiversidade", de intensidade média com um quilómetro e meio de extensão.

Jardim Municipal de Oeiras

GPS: 38°41'22.0"N 9°18'53.8"O

Localização: Oeiras
Website: www.oeiras.pt/espaço-verdes

O jardim está dividido ao meio pela ribeira da Laje e surge da junção de duas quintas, a Quinta do Arriaga, conhecida pelo seu bosque, tanques e arcos, e a Quinta do Proença, com tanques de rega e o jardim das laranjeiras. Existe ainda um parque de merendas e um parque canino.

Quinta Real de Caxias

GPS: 38°41'59.9"N 9°16'29.1"O

Localização: Oeiras
Website: www.oeiras.pt/quinta-real-de-caxias

9

A Quinta Real de Caxias é uma extensão dos jardins do Palácio de Queluz; foi projetada e concebida especificamente como quinta de recreio. Esta organização enquadra-se nas regras do jardim francês (*à la française*), composto por longas alamedas, agrupadas por lagos e animados jogos de água. Estes jardins e cascatas são compostos por elementos escultóricos em terracota, da autoria de Machado de Castro, cuja personagem principal é a deusa mitológica Diana, Deusa da Caça.

© CMO

Parque Urbano de Miraflores

GPS: 38°42'42.2"N 9°13'28.3"O

Localização: Algés
Website: www.oeiras.pt/espaço-verdes

12

Parque urbano verdejante com cerca de quatro hectares e agradável para passear. Dispõe de um percurso pedonal, um circuito de manutenção, uma ciclovia e um campo de minigolfe.

Passeio Marítimo de Oeiras

GPS: 38°40'37.8"N 9°19'06.3"O

Localização: Oeiras

Website: www.oeiras.pt/passeio-marítimo

Atualmente com uma extensão total de 5.500 metros, o Passeio Marítimo é um local de referência do Concelho de Oeiras, onde se pode correr, caminhar, andar de bicicleta, patinar ou simplesmente desfrutar da vista para o mar.

O objetivo do Município será dotar de passeio marítimo toda a orla ribeirinha do concelho, sendo certo que a requalificação litoral deve ser entendida como um todo. Este objetivo tem sido desenvolvido por fases, através de projetos de intervenção urbanística enquadrados em princípios de sustentabilidade, respeitando o ambiente e as especificidades do local onde se inserem.

© CMO

© CMO

Forte de São Julião da Barra

GPS: 38°40'31.4"N 9°19'31.6"O

Localização: Cruz Quebrada

Website: www.oeiras.pt/forte-são-julião-da-barra

Construído em local estratégico que domina a entrada da Barra, é uma das mais importantes construções militares do país. Embora não seja possível precisar a época em que se iniciaram as obras da Fortaleza de São Julião, as opiniões dividem-se entre os anos de 1553 e 1556.

© CMO

Estação Arqueológica de Leceia

GPS: 38°43'41.1"N 9°16'53.9"O

Localização: Dafundo, Cruz Quebrada
Website: www.oeiras.pt/povoado-pré-histórico-de-leceia

Os primeiros trabalhos arqueológicos relativos a este povoado fortificado tiveram início no decurso do século XIX. Foram encontradas estruturas habitacionais e defensivas de épocas diversas. As mais antigas remontam ao Neolítico Final da Estremadura, situando-se entre cerca de 3.300 e 2.900 anos a.C..

Centro Cultural Palácio do Egipto

GPS: 38°41'31.5"N 9°18'40.8"O

Localização: Oeiras e São Julião Barra
Website: www.oeiras.pt/palácio-do-egipto

Foi mandado construir pela família Rebello de Andrade e estava, então, integrado na Quinta de Recreio Nossa Senhora do Egipto. É um espaço cultural com uma oferta de programações expositivas de inegável qualidade.

Centro de Arte Contemporânea

GPS: 38°41'59.3"N 9°13'49.0"O

Localização: Algés
Website: www.camb.pt/

O Palácio Anjos tem como missão sensibilizar e estimular o interesse do público para a arte Moderna e Contemporânea, promovendo a reflexão e o debate sobre os diferentes aspetos da criação cultural, sendo um fator de desenvolvimento sociocultural da comunidade e do país.

© CMO

ESTATUTOS DE CONSERVAÇÃO

ESTATUTOS

Os estatutos de conservação das espécies servem para fornecer informações sobre o grau de preservação e de abundância das suas populações na natureza. A entidade responsável pela avaliação dos estatutos de conservação é a Lista Vermelha das Espécies Ameaçadas de Extinção (IUCN-Red List) da União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN), estando em Portugal representada pela figura do Instituto da Conservação da Natureza e Florestas (ICNF).

AMEAÇAS

Na maioria dos casos, a principal ameaça às espécies é a ação antrópica, desde a agricultura, à expansão das áreas metropolitanas, à construção de estradas ou linhas ferroviárias, à expansão das linhas elétricas, à construção de barragens hidroelétricas, à introdução de espécies exóticas invasoras, entre outras ações desenvolvidas pelo ser humano com danos diretos ou indiretos para a biodiversidade.

CONSERVAÇÃO

O estudo das populações permite acompanhar o seu estado de conservação e quais as medidas a aplicar. De forma a proteger as diversas espécies, a sua conservação depende de diversas medidas criadas pelos diversos países e pela adoção de legislação europeia, como a Rede Natura 2000. Em Portugal, a entidade responsável pela fiscalização do cumprimento destas medidas é o ICNF.

CATEGORIAS

Foram criadas nove categorias (a sua abreviação é, por convenção, da denominação em inglês) para classificar a população de cada espécie. Os critérios foram criados para aumentar a objetividade das avaliações do índice de ameaça de cada uma das espécies avaliadas, de forma a serem aplicáveis à maioria dos organismos. As espécies são separadas numa de três categorias de ameaça, caso se encaixem nos limiares quantitativos especificados para cada uma delas: tamanho da população, subpopulações, número de indivíduos maduros, tempo de geração, declínio contínuo, flutuações extremas, fragmentação das populações, extensão de ocorrência, área de ocupação, localidade e análise quantitativa. As espécies são classificadas segundo as seguintes categorias, começando da com menor risco de extinção até à com maior risco de extinção:

Espécies que não possuem dados suficientes ou que não foram avaliadas:

Não avaliada
(do inglês, Not Evaluated)

Informação insuficiente
(do inglês, Data Deficient)

Espécies com baixo risco de extinção:

Pouco preocupante
(do inglês, Least Concern)

Quase ameaçada
(do inglês, Near Threatened)

Espécies em risco de extinção:

Vulnerável
(do inglês, Vulnerable)

Em perigo
(do inglês, Endangered)

Criticamente em perigo
(do inglês, Critically Endangered)

Espécies sem registos na natureza:

Extinta na natureza
(do inglês, Extinct in the Wild)

Extinta
(do inglês, Extinct)

ORGANIZAÇÃO DAS ESPÉCIES

ORDEM TAXONÓMICA

A ordem implementada no guia seguiu algumas das regras internacionais, tendo por base a nomenclatura binomial e a classificação biológica. A taxonomia é a disciplina biológica que faz a conceção, nomeação e classificação dos diversos grupos de organismos. Os "taxa" são designados de uma forma latinizada, escolhida por ser uma língua morta, que não evolui e "logo" o significado das palavras não se altera. A designação é feita através de um sistema de nomenclatura binomial, proposto por Linnaeus, utilizando duas palavras em latim e que devem vir sempre em itálico, seguidas pelo autor ou autores da descrição (usualmente referido como a “autoridade”). Uma representa o género, escrita com inicial maiúscula, e a outra representa a espécie, o epíteto específico. Este nome é único, de uso universal, independente da língua de trabalho, evitando erros e problemas na tradução, pois nenhuma outra espécie terá um nome composto pelos mesmos complementos. A criação desta nomenclatura internacional conseguiu uniformizar as designações dadas aos seres vivos, recorrendo às diferentes regras de nomenclatura que foram criadas. A adoção deste sistema facilitou a comunicação científica, uma vez que o nome da espécie passou a ser internacional.

No entanto, a taxonomia não investiga as relações entre os diversos grupos taxonómicos, sendo necessário recorrer à classificação biológica. A ordem taxonómica foi criada por Carl von Linné (Linnaeus), criando um sistema hierárquico começando no que agrupa mais espécies até ao menor: Domínio, Reino, Filo, Classe, Ordem, Família, Género e Espécie. A ordem pela qual as fichas foram organizadas e os nomes científicos adotados está de acordo com sistemas adotados pelas várias entidades. Atualmente muitas das relações e classificações são elaboradas com base em resultados de análises filogenéticas, tendo por base dados de sequências de ADN (ácido desoxirribonucleico).

Existem regras de nomenclatura que devem ser seguidas. Os nomes científicos devem ser representados por extenso na primeira ocorrência e sempre que diferentes espécies do mesmo género estejam a ser discutidas no mesmo documento. Apenas o género pode ser abreviado à inicial, seguida de um ponto. Quando o nome da espécie não pode ou não interessa ser mencionado, pode utilizar-se a abreviatura “sp.” (singular) ou “spp.” (plural) logo a seguir ao género. Existem duas organizações internacionais que determinam as regras de nomenclatura, uma para a zoologia (animais) e outra para a botânica (plantas), existindo ligeiras diferenças entre ambas.

REINO ANIMALIA

A ordem pela qual as fichas foram organizadas e os nomes científicos adotados está de acordo com sistemas adotados pelas várias entidades: para as aves seguiu-se o sistema da *Sociedad Española de Ornitología* (SEO/BirdLife), através da *Lista de las aves de España*, atualizada em 2020; para os mamíferos adotou-se a sistemática na *Lista Patrón de los mamíferos terrestres de España*, atualizada em 2017, incluída no livro *Atlas de los Mamíferos Terrestres de España*; no caso dos anfíbios e répteis, foi seguida a sistemática adoptada pela *Asociación Herpetológica Española*, na *Lista patrón de los anfibios y reptiles de España*, atualizada em 2020; para os peixes adotou-se a sistemática da *Sociedad Ibérica de Ictiología* (SIBIC), na *Lista Patrón de los peces de España*, atualizado em 2020; para as espécies marinhas adotou-se o sistema do *Grupo expertos coordinados por MITECO* (CSIC, IEO, Universidades, CCAA) de Espanha, atualizado em 2020. No caso dos nomes comuns em português, estes foram escolhidos consoante o Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal (editado em 2005), com exceção de algumas espécies cujo táxon foi revisto em anos mais recentes, onde se adotou uma nomenclatura mais atual, e ainda com o Livro Vermelho dos Invertebrados de Portugal.

REINO PLANTAE

Neste reino, seguiu-se a nomenclatura constante no Guia da Flora de Portugal Continental, por se tratar da obra mais recente que compila todas as plantas vasculares ocorrentes em Portugal Continental. Sobre esta base, efetuaram-se algumas alterações, em alguns géneros e famílias, optou-se por uma abordagem divergente devido a alterações taxonómicas e nomenclaturais, entretanto, publicadas. Na compilação dos nomes comuns aqui apresentados foram consultadas diversas obras e websites. A ordem pela qual as fichas foram organizadas está de acordo com o sistema da *Real Jardín Botánico* (CSIC) - *Sociedad Española de Biología de la Conservación de Plantas* (SEBICOP), da Flora-on e do Livro Vermelho da Flora Vascular de Portugal Continental, atualizados em 2020.

REINO FUNGI

A ordem pela qual as fichas foram organizadas e os nomes científicos adotados está de acordo com a base de dados da "NCBI Taxonomy Database". Os nomes comuns adotados tiveram por base diversas publicação e a plataforma online de ciência cidadã "iNaturalist".

ONDE PROCURAR A BIODIVERSIDADE

É possível encontrar animais, plantas ou fungos em qualquer local do concelho de Oeiras e em qualquer tipo de habitat. Assim, para quem está a começar na identificação de espécies, sugere-se que comece por procurar perto do seu local de residência. Nos parques e jardins que se encontram mais perto, comece por explorar estes locais que pode visitar com regularidade para ir descobrindo e identificando as espécies mais comuns que lá ocorrem. Finalmente, pode ainda explorar alguns dos *hotspots* que foram assinalados para o concelho de Oeiras. Em geral, locais que possuam maior quantidade e diversidade de vegetação acabam por atrair mais espécies de animais e também apresentam maior quantidade de fungos, assim como locais com água onde os animais possam saciar a sede. As zonas costeiras são também um bom local para explorar, pois existem muitas espécies registadas e a possibilidade de encontrar outras nunca registadas para o Concelho de Oeiras.

Uma vez explorados os locais mais próximos da sua residência, pode alargar a procura e explorar outros locais e outros habitats. A lista de *hotspots* é um bom ponto de partida para ajudar nesta exploração, e que poderá ser consultada nas páginas anteriores. Para encontrar o maior número de organismos deve visitar locais com diferentes habitats, diferentes plantas, e diferentes composições. Desta forma vai aumentar as hipóteses de encontrar outras espécies. No Concelho de Oeiras existem diversos habitats que pode visitar, como florestas, bosques, terrenos agrícolas, prados, pastagens, grutas, galerias ripícolas, rios, ribeiras, lagos, lagoas, serras, escarpas, praias e ainda o mar aberto.

Deve ainda considerar o que irá procurar, pois uma ave é diferente de um anfíbio, e uma planta é diferente de uma alga. Algumas aves apenas podem ser observadas no verão, outras no inverno. Os anfíbios preferem sair de noite, e os répteis durante o dia. Pode procurar por peixes de água doce ou peixes de água salgada. Saiba quando as plantas estão a florir, ou quando se podem observar os seus frutos. Procure locais húmidos para observar cogumelos. Pode ainda observar os líquenes que crescem em paredes, muros, postes ou árvores. A natureza encontra-se um pouco por todo o lado, e não é necessário sair da cidade para a observar. Todas estas informações encontram-se nas fichas de cada espécie ou na caracterização dos grupos que antecede a primeira ficha. Poderá ainda participar em saídas de observação de biodiversidade, que são organizadas pelo Município para todos (carece de consulta da agenda mensal disponibilizada no website da Câmara Municipal de Oeiras).

A observação de biodiversidade permite ainda compreender e avaliar a saúde dos ecossistemas. Todos os registos são importantes para a ciência e permitem abarcar a evolução das populações em determinado local ao longo dos anos. As suas observações são por isso muito importantes para nós. Sempre que estiver a passear, registe todos os animais, plantas e fungos que encontrar.

RECOMENDAÇÕES E BOAS PRÁTICAS PARA A CONSERVAÇÃO DA NATUREZA

A natureza deve ser respeitada e preservada; por isso, é importante relembrar algumas regras para quando estiver a explorar o meio natural. Deve manter-se nos trilhos e caminhos existentes e marcados, de forma a preservar e não danificar a vegetação. Todo o lixo que produzir deve ser colocado num saco e transportado para o contentor do lixo mais próximo. Não alimente nem perturbe os animais silvestres. Mantenha cães sempre com trela. Evite colher plantas e cogumelos. Não introduza espécies não nativas na natureza. Caso se desloque para locais isolados, deve avisar familiares ou amigos.
Leve este guia consigo nas suas aventuras e aprecie as diversas formas que plantas, fungos e animais podem apresentar, preste atenção aos seus detalhes, às suas cores e aos cheiros que emanam. Aproveite para desfrutar da biodiversidade que o rodeia.

Quando for passear não se esqueça de levar:

- O Guia de Biodiversidade de Oeiras;
- Água
- Barritas energéticas;
- Chapéu;
- Protetor solar;
- Roupa e calçado apropriado para a época do ano;
- Estojo de primeiros socorros;
- Lupa ou binóculos;
- Caderno de notas e lápis;
- Máquina fotográfica.

NOTA IMPORTANTE

É importante referir que é proibido manusear, capturar e transportar espécies com interesse para a conservação. Estas ações carecem de parecer prévio do ICNF e estão sujeitas a contraordenação com coima.

PROPOSTA

Qualquer cidadão pode participar em plataformas de ciência cidadã, registando as suas observações e ajudando os cientistas. A lista de espécies presente neste guia recorreu a estas plataformas. Por isso, o nosso obrigado a todos os que registam as suas observações.

Registe as suas observações nas seguintes plataformas:

https://www.biodiversity4all.org/ ou https://www.inaturalist.org/
https://ebird.org/portugal/home

Pode fazê-lo através do seu telemóvel instalando as aplicações:

iNaturalist app
eBird by Cornell Lab app

Websites com informações úteis:

http://www.mitra-nature.uevora.pt
https://www.museubiodiversidade.uevora.pt
http://www.flora-on.pt
https://jb.utad.pt
http://www.naturdata.pt
http://www.omare.pt/pt/

COMO UTILIZAR ESTE GUIA

O GUIA

De forma a determinar e observar o vasto património natural que o Concelho de Oeiras apresenta, foi criado este guia de biodiversidade. Para facilitar a sua leitura no campo, o guia foi dividido em três partes: a primeira é onde se incluem o prefácio, introdução, informações sobre o Concelho de Oeiras, o mapa, a lista de *hotspots*, os estatutos de conservação, organização taxonómica, recomendações e boas práticas para a conservação da natureza e as explicações de como utilizar o guia; a segunda é a parte das fichas de cada uma das espécies; no fim do guia surge a parte 'Descubra Mais' onde se encontram o glossário, o índice, as listas onde se podem marcar as espécies observadas, as referências bibliográficas e os agradecimentos.

O intuito desta obra é ser utilizada como um guia de identificação e tem como objetivo ajudar os leitores a conseguirem identificar corretamente as espécies mais comuns que podem ser encontradas no município.

No total foram registadas mais de 1.700 espécies, separadas pelos diferentes reinos e famílias. As espécies de ocorrência regular foram as principais visadas para figurar neste guia. Para cada uma foi criada uma ficha individual, que inclui os seguintes elementos e que se encontra descrita detalhadamente nas próximas páginas: uma a três fotografias, ilustrando a espécie em diferentes ângulos, estágios, plumagens, idades, sexos, ou ilustrando diferentes características; um texto explicativo, no qual se encontram indicadas as biometrias, a longevidade, o substrato, o tipo de ocorrência, o calendário de observação, reprodução, floração ou frutificação, as espécies similares e dois parágrafos sobre a biologia e a morfologia da espécie; um conjunto de símbolos para ajudar na leitura da informação (pode ser consultado nas próximas páginas).

No final do guia encontrará uma lista das espécies presentes, por ordem científica, onde poderá registar as espécies que observou. Poderá visualizar os índices remissivos: um com os nomes comuns em português, um com os nomes científicos e outro com ambos, o nome comum mais utilizado e o nome científico.

ESCOLHA DAS ESPÉCIES

O guia de biodiversidade inclui os seguintes reinos: Animalia, Plantae (*sensu lato*) e Fungi, correspondendo aos vertebrados e invertebrados, às plantas e algas, e aos fungos respetivamente. Para cada um destes reinos foi feita uma pequena abordagem generalizada, imediatamente antes da primeira ficha, explicando algumas propriedades de cada um deles, nomeadamente a biologia e ecologia, porque é que são importantes, alguns números interessantes sobre cada um, e por fim, as relações entre os diferentes grupos biológicos.

COMO UTILIZAR ESTE GUIA

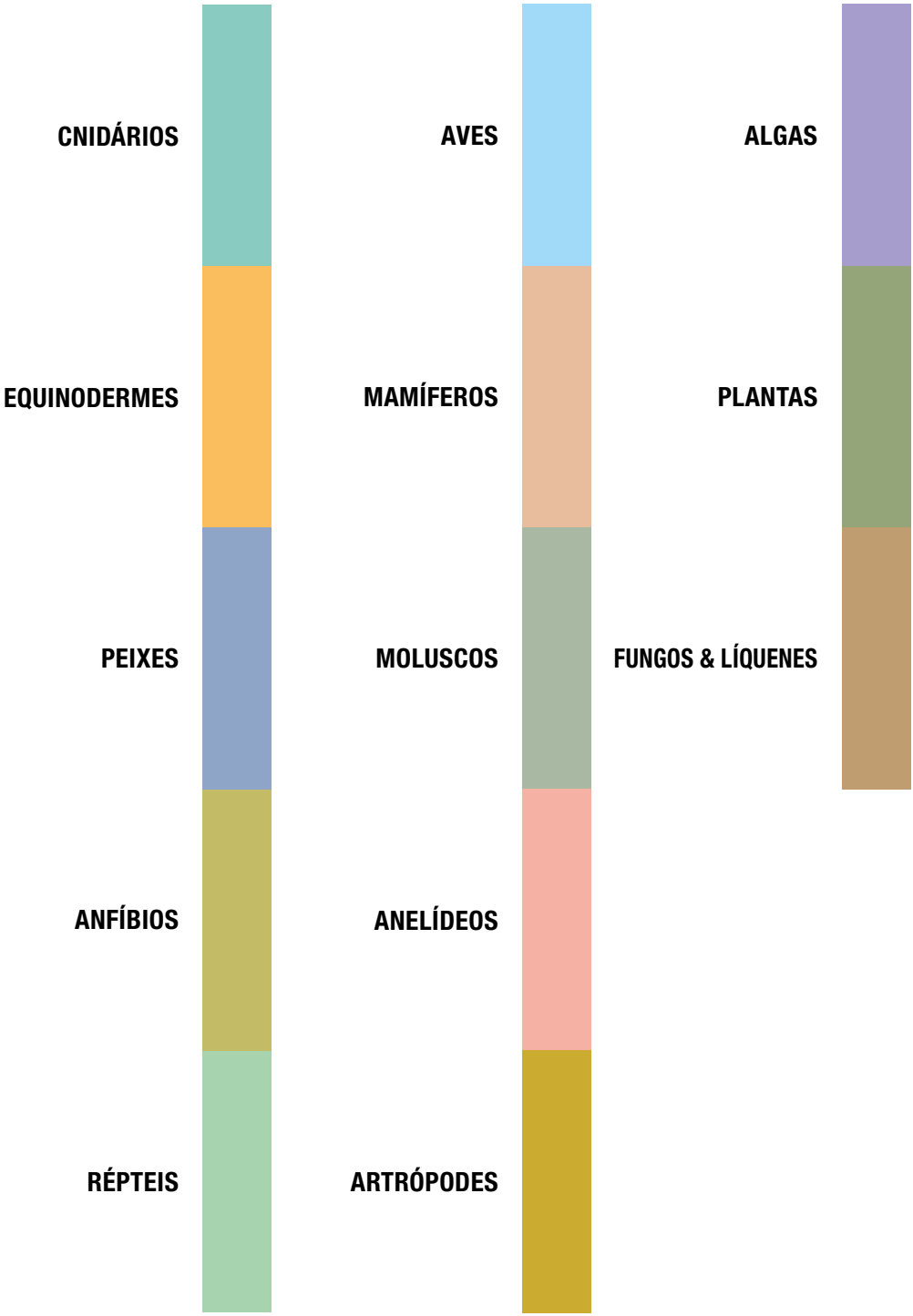
Do total de espécies presentes em Oeiras, e que abrange a totalidade da sua biodiversidade, foi selecionado um conjunto de espécies que se considera representativo dos três reinos escolhidos. Foram ainda tidos em conta as diferentes filos, classes e famílias, as diferentes características e os diferentes habitats na seleção das espécies que constam neste guia. Algumas são raras, outras podem ser observadas em todo o território, estando disponível a informação sobre quais os *hotspots* onde podem ser observadas. Algumas espécies são fáceis de observar e identificar, e outras mais difíceis de detetar ou com características mais difíceis de identificar ou distinguir de outras muito semelhantes.
Para os grupos dos invertebrados e plantas foram excluídas as espécies presentes no "Guia de Campo de Insetos e Plantas de Oeiras", de forma a evitar espécies em duplicado e assim escolhendo outras espécies que também merecem o seu destaque.

FOTOGRAFIAS

As fotografias são parte fundamental do guia, pois permitem melhorar a identificação das espécies observadas, e por isso, a sua escolha foi cuidadosa, de forma a salientarem as principais características de cada espécie, por forma a facilitar a sua posterior identificação no campo. Para determinadas espécies foi ainda possível evidenciar diferentes características anatómicas, o dimorfismo sexual, ou seja, a diferença entre sexos, e também as diferenças entre indivíduos adultos e juvenis da mesma espécie; para cada uma delas foram escolhidas as fotografias que proporcionam e aumentam o grau de confiança na identificação da espécie observada.
O guia é composto por mais de mil fotografias das diferentes espécies nele presente. Estas são, na sua maioria, da autoria do autor Diogo Oliveira. Foram incluídas cerca de 13 fotografias de outros autores, que gentilmente nos cederam as suas fotografias para melhor ilustrar este trabalho e aos quais agradecemos. O nome do autor da fotografia cedida encontra-se referido junto à mesma, sob a forma de legenda.

SISTEMA DE CORES

Num guia tão completo como este, havia uma questão pertinente que necessitava de solução: como ajudar o leitor a orientar-se e a descobrir o grupo que pretende. A solução encontrada foi a criação de um sistema de coloração para os grupos mais importantes. Separando-os pelo seu filo dentro de cada um dos reinos, sendo que no caso dos vertebrados foram ainda separados pelas classes mais conhecidas: peixes, anfíbios, répteis, aves e mamíferos.


CNIDÁRIOS
EQUINODERMES
PEIXES
ANFÍBIOS
RÉPTEIS
AVES
MAMÍFEROS
MOLUSCOS
ANELÍDEOS
ARTRÓPODES
ALGAS
PLANTAS
FUNGOS & LÍQUENES

SIMBOLOGIA

Com o intuito de facilitar a utilização do guia, foram criados diversos ícones para auxiliar na interpretação de algumas informações. Estes são alterados consoante o reino, ou outras características importantes. Foram criados ícones para os estatutos de conservação (ver págs. 26 e 27), a distribuição global, medidas de proteção, o calendário, aspetos morfológicos, o tipo de alimentação, os habitats que frequentam, o porte no caso das plantas, o substrato no caso das algas e fungos, algumas observações e finalmente os *hotspots* onde podem ser observadas.

DISTRIBUIÇÃO GLOBAL

As espécies deste guia foram enquadradas em sete categorias, de forma a ser possível compreender a sua distribuição predominante. As categorias respeitam as áreas com habitats semelhantes, ou com características geográficas que limitem a expansão ou distribuição de determinada espécie. As espécies exóticas não foram incluídas neste guia.

Endemismo Lusitânico
Espécies que só existem em Portugal Continental.

Endemismo Ibérico
Espécies que só existem na Península Ibérica.

Predominantemente Ibero-Magrebino
Espécies que ocorrem na área geográfica da Península Ibérica e Noroeste de África.

Predominantemente Mediterrânica
Espécies com distribuição mediterrânica (sul da Europa, norte de África e oeste da Ásia)

Predominantemente Europeia
Espécies que ocorrem principalmente em território europeu, embora possam surgir em regiões limítrofes

Plurirregional ou Subcosmopolita
Espécies que possuem uma distribuição por diversas regiões, distribuição quase global (subcosmopolita) ou uma distribuição global (cosmopolita)

Oceano Atlântico & Mar Mediterrâneo
Espécies com uma distribuição por todo o oceano Atlântico e pelo mar Mediterrâneo.

PROTEÇÃO

O estatuto de proteção das espécies é realizado através de diversos mecanismos legais, como diversas diretivas europeias, diferentes convenções e regulamentos. As espécies totalmente protegidas encontram-se na convenção de Berna e/ou na convenção de Bona. As espécies parcialmente protegidas encontram-se protegidas segundo a Diretiva Aves e Diretiva Habitats, e/ou pela convenção de Washington (CITES).

Espécie Protegida

Espécie Parcialmente Protegida

CALENDÁRIO

O calendário é muito importante para ajudar a identificar as espécies, já que nem todas são observáveis durante todo o ano. Algumas são migradoras de passagem, outras são estivais ou invernantes. E o calendário permite também determinar quando se reproduzem, ou, no caso das plantas, quando é o período de floração e de frutificação.

Calendário de Observação

Calendário de Reprodução

Calendário de Floração e Frutificação

ASPETOS MORFOLÓGICOS

Em algumas espécies é possível distinguir entre indivíduos adultos e juvenis, e noutras verifica-se a existência de dimorfismo sexual, evidenciando as diferenças entre os géneros, ou seja, entre machos e fêmeas.

AD Indivíduo Adulto

JU Indivíduo Juvenil

Fêmea

Macho

SIMBOLOGIA

HABITAT

O habitat é a área ecológica que é habitada por determinada espécie de animal, planta, fungo, alga ou outro organismo. Este encontra-se relacionado com o ambiente físico onde as espécies vivem e onde encontram alimento, refúgio e outros da mesma espécie, ou uma população de determinada espécie. Os habitats possuem diferentes fatores físicos, como solo, humidade, temperaturas e fotoperíodo; e diferentes fatores biológicos, como a disponibilidade alimentar e a presença ou ausência de predadores. Por isso, as espécies possuem as suas necessidades relativamente ao habitat, prosperando caso existam as condições ideais.

Agrícolas

Aquáticos

Praias

Quintas, Pomares e Hortas

Estuário do Tejo

Litoral Costeiro

Pecuária

Albufeiras, Lagoas e Represas

Pelágico

Florestas

Rios e Ribeiras de Água Doce

Grutas e Minas

Bosques

Charcos Temporários

Subterrâneos

Montados

Poços, Tanques, Fontes e Minas

Paisagem Degradada ou Urbanizada

Campo Aberto

Afloramentos Rochosos

Jardins e Parques Urbanos

Prados

Muros

Edifícios Abandonados

Matos

Falésias Rochosas

Galerias Ripícolas

Dunas

ALIMENTAÇÃO

Os animais necessitam de se alimentar para sobreviverem. Eles também desempenham uma função nos ecossistemas, e necessitam de energia para sustentarem a sua estrutura corporal. E por isso, as espécies possuem diferentes dietas alimentares. As dietas são separadas em três grupos: os carnívoros, aqueles que se alimentam de outros animais; os herbívoros, as espécies que se alimentam de matéria vegetal; e os omnívoros, que são mais oportunistas e tem a capacidade de se alimentarem de outros animais ou de matéria vegetal.

Herbívora

Herbívora - Algas

Herbívora - Fitoplâncton

Herbívora - Folhas

Herbívora - Frutos

Herbívora - Sementes

Herbívora - Manta Morta

Herbívora - Néctar

Herbívora - Seiva

Herbívora - Vegetação Aquática

Omnívora

Omnívora - Restos e Detritos

Carnívora

Carnívora - Aves

Carnívora - Anelídeos

Carnívora - Bivalves e Crustáceos

Carnívora - Esponjas

Carnívora - Artrópodes

Carnívora - Necrófaga

Carnívora - Moluscos

Carnívora - Peixes

Carnívora - Roedores

Carnívora - Zooplâncton

SIMBOLOGIA

PORTE

As plantas possuem diferentes aparências, isto é, diferentes portes. O porte é definido pelo caule da planta, que possui uma forma e estrutura característicos e lhe fornecem determinada aparência. Esta pode ser bastante variável e utilizada para agrupar as diferentes espécies.

Arbóreo

Herbáceo

Arbustivo

Trepador

SUBSTRATO

As espécies marinhas necessitam de um substrato para se agarrarem, quer seja um bloco de pedras, outros animais ou materiais.

Habitats aquáticos

Rochas

Areia

Habitats terrestres

Árvores

Solo

Raízes

Materiais

Troncos e Cepos

Rochas

Ramos e Galhos

OBSERVAÇÕES

As espécies apresentadas neste guia possuem diversas características comuns umas às outras, ou cuja informação pode ser disponibilizada em forma de símbolos, como o seu tipo de atividade (diurno, noturno ou ambos), como a sua perigosidade, ou a necessidade de lavar as mãos depois de serem manuseadas e ainda as suas utilizações mais comuns. A sua utilização resulta da compilação do conhecimento popular e de diversas pesquisas bibliográficas, tendo sido escolhidos os mais populares.

Alimentação

Essências / Industrial

Forrageira e Sideração

Materiais e Estruturas

Medicinal

Melífera

Ornamental

Social

Lavar as Mãos Depois de Manusear

Evitar Manusear

Pesca Permitida

Espécie Cinegética

Diurno

Diurno e Noturno

Noturno

Crepuscular

Bioativo

Bioacumuladores

Totalmente Inofensiva

Sem Veneno

Tóxica

Venenosa

Pesca Proibida

SIMBOLOGIA

HOTSPOTS

Como mencionado anteriormente foram criados diferentes *hotpots* para ajudar os leitores a visitar e explorar o Concelho de Oeiras, procurando observar a sua rica biodiversidade. Para cada uma das fichas é apresentado o número correspondente ao *hotspot* respetivo, que poderá encontrar no mapa.

Complexo Desportivo Nacional do Jamor

Quinta de Recreio dos Marqueses de Pombal

Parque dos Poetas

Jardim do Palácio do Marquês de Pombal

Jardins e Parque Urbano da Fábrica da Pólvora de Barcarena

Linha de Costa

Passeio Marítimo de Oeiras

Serra de Carnaxide

Jardim da Quinta Real de Caxias

Lagoas Park

Taguspark

Parque Urbano de Miraflores

Alto do Paimão

Vale de Leceia

FICHA DAS ESPÉCIES

BIOMETRIAS

Informação sobre as diferentes características físicas e comportamentais da espécie em cada uma das fichas, as características escolhidas variam entre o comprimento, a profundidade, o peso, a altura, a variação de altitude, a altura do caule e o diâmetro do chapéu.

TIPO DE OCORRÊNCIA

Os animais podem deslocar-se entre locais, e por isso, nem sempre é possível observá-los. Esta característica ao combinar-se com o calendário, permite revelar as épocas de reprodução das espécies.

CICLO DE VIDA

No caso das plantas o seu ciclo de vida varia com as estações do ano, mas também entre anual ou perene. As árvores podem perder as suas folhas no inverno (folha caduca) ou mantê-las o ano todo (folha persistente).

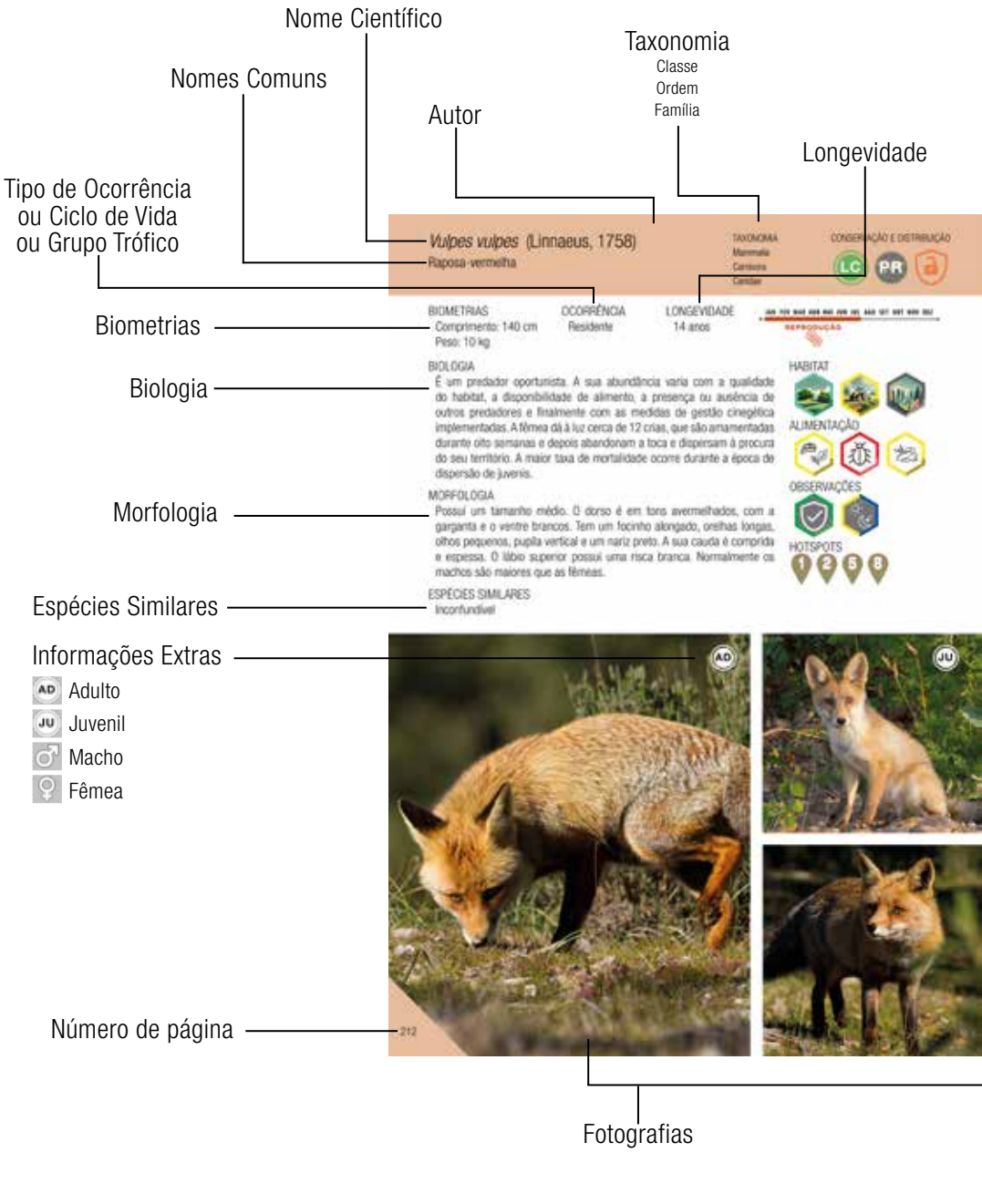
GRUPO TRÓFICO

No reino dos fungos as espécies podem ser separadas pelo seu grupo trófico, dependendo da sua forma de obtenção de energia. Esta denominação ajudará a compreender porque cada espécie surge num determinado tipo de substrato. M - Micorrízico; S - Sapróbio; P - Parasita; B- Biotrófico.

LONGEVIDADE

É o período de vida de determinada espécie. Para algumas não foi possível determinar este período pela falta de dados científicos.

PÁGINA DE EXEMPLO



Sistema de Cor

Estatutos de Conservação (ver pág. 26)

Distribuição Global (ver pág. 38)

Proteção (ver pág. 39)

Calendário
Observação
Reprodução
Floração e Frutificação

Habitat

Alimentação
ou Porte
ou Substrato

Observações

Hotspots

Viburnum tinus L.

Folhado, loureiro-do-jardim, milfolhado, laurestim

TAXONOMIA
Dicotyledons
Dipsacales
Caprifoliaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO
NE MD

BIOMETRIAS
Altura: 6 m
Var. Alt.: 20-600 m

CICLO DE VIDA
Folha persistente

LONGEVIDADE
150 anos

FLOR FRUTO

BIOLOGIA

Encontrada frequentemente como espécie ornamental por dar flor em pleno inverno. As folhas e os frutos foram em tempos utilizados na medicina para o tratamento da febre e para a hidropisia. Não devem ser ingeridos pois são tóxicos e provocam náuseas e vómitos. Prefere locais abrigados, húmidos e sombrios.

MORFOLOGIA

A sua folhagem esverdeada é densa, com as folhas em disposição oposta, com margem inteira e alguns aglomerados de pelos nas axilas das nervuras, sendo mais escura na página superior. As flores hermafroditas em tons esbranquiçados ou rosados, encontram-se dispostas em cimeiras corimbiformes. O fruto é uma drupa em tons azuis-metálicos quando carnudos.

ESPÉCIES SIMILARES

Viburnum lantana; Rhododendron ponticum, Laurus nobile

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 3 4 5 6 7 9 12

347

ANIMAIS

O QUE É?

O reino Animalia é constituído pelos seres vivos que possuem tecidos nervosos, isto é, seres pluricelulares, eucariontes e heterotróficos, e cujas células formam tecidos biológicos que respondem ao ambiente que os envolve. Englobam diversos organismos, como esponjas, medusas, insetos e mamíferos, onde se inclui o ser humano. A zoologia é a ciência que estuda os animais. O termo "animal" deriva da palavra em latim "anima", cujo significado é fôlego vital. "Animalia" é o plural desta palavra.

Existem mais de um milhão e duzentas mil espécies de animais descritas, num total de cinquenta e quatro filos. Embora a grande maioria dos animais possa ser observada a olho nu, existem alguns que apenas podem ser observados ao microscópio. Uma das divisões mais comuns, é a separação entre os animais vertebrados e os invertebrados, ou seja, de acordo com a ausência ou a presença de uma coluna vertebral.

NÚMEROS INTERESSANTES

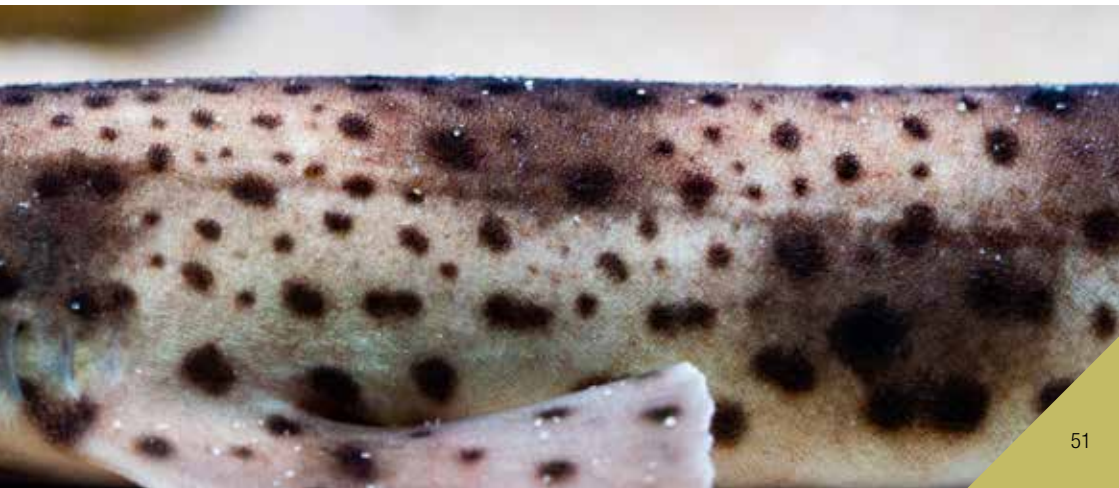
No Concelho de Oeiras encontram-se registados mais de 1020 espécies de animais, distribuídas pelos diversos filos. Destacam-se as 266 espécies de cordados (filo Chordata) e as 669 espécies de artrópodes (filo Arthropoda). Estão ainda registadas 61 espécies de moluscos (filo Mollusca), 8 espécies de equinodermes (filo Echinodermata), 6 espécies de cnidários (filo Cnidaria) e 6 espécies de anelídeos (filo Annelida). Algumas espécies são comuns e fáceis de observar, outras são raras e requerem algum esforço para serem descobertas. A zona costeira apresenta uma riqueza faunística elevada, que ainda necessita de uma maior exploração. Por essa razão, o número total de espécies pode ser superior ao aqui apresentado. Existem espécies que desempenham papéis importantes nos ecossistemas e que acabam por beneficiar de forma direta ou indireta o bem-estar das populações urbanas. Outras espécies encontram-se protegidas por lei, como é o

caso dos morcegos e dos peixes de água doce e, por isso, devem ser vigiados com maior cuidado.

PORQUE SÃO IMPORTANTES?

A vida animal parece dominar a biodiversidade na Terra, mas isso deve-se à sua abundância, tamanho e grande diversidade. No entanto, todos os animais são consumidores, ou seja, não conseguem produzir o seu próprio alimento e, por isso, precisam de se alimentar de outras formas de vida para conseguirem obter os nutrientes e energia necessários para a sua sobrevivência. A grande diversidade de animais enriquece todos os ecossistemas, e nós, humanos, beneficiamos desta variedade de formas de vida. Quer seja de forma direta ou indireta, todos os animais contribuem para o nosso bem-estar, ao desempenharem diversos serviços de ecossistemas. A diversidade animal é fundamental para que os ecossistemas se mantenham estáveis, pois formam um sistema ecológico complexo e interligado que é muito suscetível a desequilíbrios, uma vez que a maioria das espécies animais encontra-se interligada através de diversas interações com outras espécies e ainda as interações destas com o meio ambiente, originando um fluxo de energia que vai atravessando as cadeias alimentares. A extinção de uma espécie pode criar um efeito cascata nas restantes espécies.

De forma a sobreviver, cada espécie animal desenvolveu características específicas em relação à sua alimentação e ao habitat onde vive, levando ao aparecimento de especialistas, que possuem uma dieta limitada e requisitos de habitat muito específicos, embora continuemos a observar as espécies mais generalistas, que conseguem alimentar-se de uma grande variedade de alimentos e sobreviver em diferentes habitats. Isto possibilita a coexistência de uma grande variedade de espécies, de diferentes filos.



RELAÇÕES ENTRE GRUPOS BIOLÓGICOS

O grupo dos animais é dos que apresenta as relações ecológicas mais percetíveis para o ser humano, sendo que algumas são benéficas e outras prejudiciais para os envolvidos. Sendo classificadas como positivas ou negativas, ou seja, quando existe um ganho para um dos envolvidos ou para ambos ou quando existe prejuízo para pelo menos um dos envolvidos respetivamente.

Existem algumas relações entre seres vivos de diferentes espécies que se podem destacar. A cooperação, quando os envolvidos cooperam entre si, por exemplo, os peixes que realizam a limpeza dos parasitas de outras espécies de peixes, um ganha alimento e outro limpeza. Ambos beneficiam, mas não dependem disso para sobreviver. O ato de partilhar alimento entre todos os membros do grupo, é denominado comensalismo, como no caso de algumas aves durante o inverno. Já o parasitismo é uma relação em que um animal tira proveito de outro, prejudicando-o. Um exemplo deste tipo de relação são as carraças que se instalam no exterior do corpo. Finalmente as duas relações mais notórias, os herbívoros e os predadores. Os primeiros, são os animais que se alimentam apenas de plantas. Predação é a relação que existe entre o predador e a presa, que será o alimento, como é o caso das raposas e dos roedores.

Alguns formam grandes colónias de organismos que trabalham em conjunto, sendo extremamente organizados e cada um desempenha uma função diferenciada, em prol da colónia.

Finalmente, pode verificar-se uma competição entre diferentes seres vivos, por territórios, por alimento, por água, pela oportunidade de se reproduzirem, pelos melhores locais para construírem os seus ninhos, entre outras.

Estas relações são extremamente importantes, garantindo a sobrevivência das diferentes espécies de seres vivos e ajudando a combater a densidade populacional de cada espécie, favorecendo um equilíbrio ecológico, facilmente quebrado pelas atividades humanas.

De todas as espécies que ocorrem no Concelho de Oeiras, foi feita uma seleção das espécies mais comuns que podem ser observadas. A escolha recaiu para os filos mais comuns e conhecidos, de forma a apresentar ao leitor as espécies que poderá observar e identificar nos seus passeios. Foram escolhidas espécies dos filos Cnidaria, Echinodermata, Chordata, Mollusca, Annelida e Arthropoda, que foram ordenados taxonomicamente.

Filo Cnidaria

Págs. 60 a 65

Número de espécies no guia: 6
Número de espécies em Oeiras: +7

Os cnidários podem surgir em diferentes formas. Geralmente apresentam simetria radial, ostentam uma cavidade interna ou gastrovascular e que comunica com o exterior por um único orifício geralmente rodeado por tentáculos. Este orifício atua como boca e ânus. Os cnidários podem ser livres ou fixos, simples ou coloniais. Podem ser observados em dois tipos morfológicos, o pólipo e a medusa, sendo comum existirem os dois tipos no ciclo de vida de uma espécie. Pode ou não possuir um esqueleto calcário ou córneo. O seu corpo é composto por duas camadas de células, a epiderme (revestimento externo) e a gastroderme (interno). Ostentam células venenosas, os nematoblastos ou cnidoblastos, que contêm os nematocistos que utilizam para capturar as suas presas. Não possuem aparelho circulatório, aparelho respiratório, nem órgãos excretores.

Filo Echinodermata

Págs. 68 a 73

Número de espécies no guia: 6
Número de espécies em Oeiras: +7

Os equinodermes possuem geralmente simetria pentarradiada, ao redor de um eixo definido pelos pontos centrais das faces oral (local onde se encontra a boca) e aboral (localização do ânus). Não possuem uma cabeça diferenciada e não apresentam segmentos. O corpo está coberto de placas calcárias que formam um esqueleto rígido, mas flexível, apresentando algumas espécies espinhos externos. Apresentam um aparelho digestivo simples, mas quase sempre completo. O seu aparelho circulatório é reduzido. Deslocam-se utilizando pés ambulacrários, que são pequenos tubos com uma ventosa na ponta externa; esta estende-se devido à pressão da água no seu interior e recorrem a músculos longitudinais para os contrair. A sua respiração é realizada por brânquias, pápulas, pelos pés ambulacrários ou por órgãos cloacais arborescentes. Possuem um sistema nervoso formado por um anel oral e diversos nervos radiais. Apresentam os sexos separados. A fecundação é realizada externamente, com os óvulos e espermatozoides a espalharem-se pelas águas. Existem espécies vivíparas e outras com a capacidade de se reproduzirem assexuadamente. Têm a capacidade de regenerar partes do seu corpo com facilidade.

Filo Chordata

Págs. 76 a 219

Número de espécies no guia: 143
Número de espécies em Oeiras: +310

Este é o filo que possui as espécies mais conhecidas, isto é, as aves, os mamíferos, os anfíbios, os répteis e os peixes. São caracterizados por apresentarem uma simetria bilateral e uma segmentação primária. Possuem notocorda que se encontra revestida pelo cordão nervoso dorsal. Ostentam um sistema digestivo completo, com a parte superior interligada ao sistema respiratório. Possuem fendas branquiais e ainda uma cauda pós-anal. Os cordados possuem diversas adaptações, tendo conseguido colonizar a maioria dos habitats do planeta, estando assim adaptados à vida na água, na terra, no subsolo e no ar. Este filo foi separado pelas diferentes classes, que albergam

então os grupos mais conhecidos de animais: Classe Actinopterygii – animais com nadadeiras suportadas por "raios"; esqueleto interno calcificado; aberturas branquiais protegidas por um opérculo ósseo; Classe Chondrichthyes – são os peixes que apresentam um esqueleto totalmente formado por cartilagem, possuem 5 a 7 fendas branquiais, fiadas de dentes de substituição ou transformados em placas; Classe Amphibia – animais com um ciclo de vida dividido em duas fases, uma aquática e outra terrestre, apesar de existirem exceções, pele seca ou húmida; Classe Reptilia – animais de pele seca, cobertos por escamas ou escudos; Classe Aves – animais com o corpo coberto de penas, bico sem dentes, colocam ovos de casca rígica; Classe Mammalia – animais com a pele revestida de pelos (que podem reduzir-se), sangue quente, os jovens alimentam-se de leite materno.

Filo Mollusca

Págs. 222 a 239

Número de espécies no guia: 18
Número de espécies em Oeiras: +60

Os moluscos possuem simetria bilateral, mas não apresentam o corpo segmentado. Possuem o corpo coberto por um manto que segrega uma concha com uma, duas ou oito partes. Esta concha pode cobrir a totalidade do seu corpo ou uma parte deste; pode ser interna, pode ser bastante reduzida e nalguns casos pode até desaparecer. Ostentam um pé ventral musculoso e modificado para que o animal possa rastejar, nadar ou enterrar-se. Possuem um aparelho digestivo completo, com uma boca geralmente com dentes quitinosos (com exceção dos bivalves), uma cavidade paleal (ânus), ostentando uma glândula digestiva (fígado) bem desenvolvida, algumas espécies possuem ainda glândulas salivares. O seu aparelho circulatório ostenta coração dorsal, aorta e outros vasos. A respiração é realizada por uma ou mais brânquias, nalgumas espécies

é realizada através de um "pulmão" localizado na cavidade paleal ou por respiração cutânea. Possuem um sistema nervoso constituído por um par de gânglios cerebróides, um par de gânglios pedálicos e um par de gânglios viscerais, que se encontram unidos por diversos cordões nervosos. Algumas espécies possuem órgãos dos sentidos, como o tacto, gosto, olfato, vista e equilíbrio. Os sexos estão normalmente separados, embora existam algumas espécies hermafroditas. A fecundação pode ser interna ou externa. O desenvolvimento pode ser direto ou com uma fase larvar. Não se verifica a existência de reprodução assexuada.

Filo Annelida

Págs. 242 a 245

Número de espécies no guia: 3
Número de espécies em Oeiras: +8

Os anelídeos apresentam o corpo segmentado e possuem uma simetria bilateral. Apresentam apêndices laterais em cada segmento, com sedas quitinosas. Ostentam aparelho digestivo completo que se estende por todo o corpo. O seu aparelho circulatório é fechado, e encontra-se composto por vasos longitudinais que ramificam lateralmente em cada segmento. Possuem uma respiração cutânea ou realizada por brânquias. Ostentam um sistema nervoso constituído por um par de gânglios cerebróides, interligados a um cordão ventral que possui nervos laterais em cada um dos segmentos. Verifica-se a presença de órgãos sensoriais. Possuem ambos os sexos no mesmo individuo. Pode ocorrer reprodução assexuada.

Filo Arthropoda

Págs. 248 a 292

Número de espécies no guia: 45
Número de espécies em Oeiras: +686

Os artrópodes são o grupo com mais espécies conhecidas, pois englobam os insetos, os aracnídeos, os crustáceos, entre outros. Os membros deste filo são caracterizados por apresentarem um corpo geralmente segmentado, dividido em cabeça, tórax e abdómen (que por vezes se encontram fundidos) e ostentam apêndices articulados. Apresentam simetria bilateral, e um exoesqueleto rígido constituído por quitina. A sua musculatura é complexa. Apresentam aparelho digestivo completo. O seu aparelho circulatório é lacunar. Respiram através de brânquias, traqueias e outros mecanismos. Ostentam um sistema nervoso constituído por gânglios dorsais que se encontram interligados ao par de cordões ventrais. Possuem órgãos de sentidos, que se encontram exibidos pelas antenas, sedas, olhos, estatocistos e outros. Geralmente apresentam os sexos separados. O seu desenvolvimento é realizado com recurso a estados larvares e a metamorfoses.

CNIDÁRIOS

Catostylus tagi (Haeckel, 1869)

Medusa-do-Tejo, alforreca

TAXONOMIA
Scyphozoa
Rhizostomeae
Catostylidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 50 cm
Profundidade: 0-30 m

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
Sem dados

BIOLOGIA

É a espécie de medusa mais comum na costa portuguesa, sendo facilmente observada a vaguear nos rios Tejo e Sado. Embora não seja das espécies mais perigosas, os seus tentáculos são ligeiramente urticantes, pelo que se deve evitar tocar-lhes. Nada ao sabor das correntes, capturando as suas presas com os seus tentáculos.

MORFOLOGIA

É uma medusa de grandes dimensões. Apresenta tons esbranquiçados, acastanhados ou azulados em todo o seu corpo. Ostenta oito tentáculos de grandes dimensões com as excrescências e as fissuras em tons avermelhados ou acastanhados. As gónadas têm uma forma característica lembrando um "x".

ESPÉCIES SIMILARES

Pelagia noctiluca

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Velella velella (Linnaeus, 1758)

Veleiro

TAXONOMIA
Hydrozoa
Anthoathecata
Porpitidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 6 cm
Profundidade: 0 m

OCORRÊNCIA
Migrador

LONGEVIDADE
5 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ

BIOLOGIA

Trata-se de uma colónia de diversos indivíduos. O alimento é partilhado entre toda a colónia através de um sistema de canais. Cada colónia tem apenas um sexo, macho ou fêmea, pois possui apenas um pólipo que se multiplica em pólipos idênticos. Cada pólipo tem diferentes funções para que a colónia consiga sobreviver e reproduzir-se. As funções mais evidentes são: alimentação, reprodução, proteção e digestão, embora existam outras funções desempenhadas. É inofensiva para o ser humano.

MORFOLOGIA

É uma espécie flutuadora, que na realidade é uma colónia de múltiplos pequenos indivíduos. Captura o seu alimento com recurso aos tentáculos pendentes que se localiza abaixo da colónia. Cada tentáculo possui diversos cnidócitos que injetam toxinas paralisantes quando algum animal lhes toca.

ESPÉCIES SIMILARES

Physalia physalis

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

6 7

Physalia physalis (Linnaeus, 1758)

Caravela-portuguesa

TAXONOMIA
Hydrozoa
Siphonophorae
Physaliidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 30 cm
Profundidade: 0 m

OCORRÊNCIA
Migrador

LONGEVIDADE
1 ano

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

É uma espécie oceânica, por vezes surgindo junto à costa. Prefere a zona de mar aberta, onde se desloca utilizando as correntes, as marés e os ventos, sendo por vezes arrastado para zonas costeiras ou praias. Recorre a células urticantes para imobilizar as suas presas, por vezes, matando-as imediatamente. É perigosa ao toque, podendo causar fortes dores e riscas avermelhadas nas zonas de contacto.

MORFOLOGIA

É uma colónia flutuante, constituída por diferentes organismos com diferentes especializações, designados pólipos. O flutuador ou pneumatóforo é a estrutura mais fácil de identificar pois relembra uma vesícula em forma de crista, de tons azulados, rosados ou violetas. Existem ainda pólipos especializados na captura de presas, os tentáculos contrácteis com células urticantes, pólipos para realizar a digestão e a reprodução.

ESPÉCIES SIMILARES

Velella velella

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

6 7

Anemonia viridis (Forskål, 1775)

Anémona-do-mar, anémona-verde

TAXONOMIA
Hexacorallia
Actiniaria
Actiniidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 15 cm
Profundidade: 1-12 m

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
10 anos

BIOLOGIA

Pode ser facilmente encontrada nas poças de maré nas zonas entremarés. Embora prefira ficar submersa durante o período da maré vazia, por vezes encontram-se indivíduos totalmente fora de água. Alguns animais vivem numa relação simbiótica com ela, ficando protegidos dos predadores, mas também protegendo a anémona. O seu toque é ligeiramente urticante, embora não seja perigoso para o ser humano.

MORFOLOGIA

Relativamente grande. Possui tentáculos ondulados, grandes, resistentes e flexíveis em tons cinzento-acastanhados ou de um verde-vivo. A ponta dos tentáculos é mais pálida nos indivíduos acastanhados e em tons roxos-vivos nos indivíduos verdes. A base é mais larga que a coluna, que é em tons avermelhados ou cinzento-acastanhados. Raramente recolhe os tentáculos na coluna.

ESPÉCIES SIMILARES

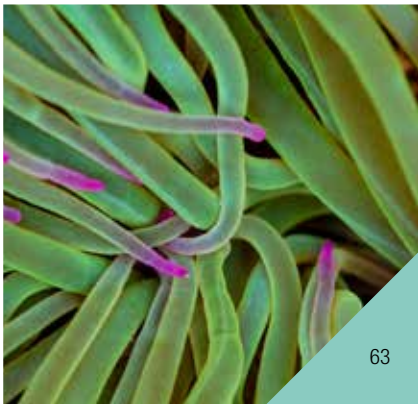
Aiptasia mutabilis; Calliactis parasitica

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS



Actinia fragacea (Tugwell, 1856)

Anémona-morango

TAXONOMIA
Hexacorallia
Actiniaria
Actiniidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE AM

BIOMETRIAS
Comprimento: 14 cm
Profundidade: 0-10 m

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
10 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ

BIOLOGIA

Pode ser observada nas zonas entremarés, em especial zonas mais rochosas. Procura substratos duros como rochas, pedras ou outros onde se consegue fixar e filtrar alimento, preferindo locais com alguma corrente. Alimenta-se principalmente durante a maré cheia, seja noite ou dia. Durante o período da maré vazia, caso acabe por permanecer fora de água, mantém os tentáculos retraídos, ficando apenas visível a coluna avermelhada.

MORFOLOGIA

Pequena anémona, em tons avermelhados, com a base e coluna coberta de pequenos pontos esverdeados, conferindo-lhe a aparência de um morango. Os tentáculos ondulantes são pequenos e em tons avermelhados pálidos. Tem a capacidade de recolher os tentáculos na coluna.

ESPÉCIES SIMILARES

Actinia equina

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

6 7

Actinia equina (Linnaeus, 1758)

Tomate-do-mar, rosa-do-mar

TAXONOMIA
Hexacorallia
Actiniaria
Actiniidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 7 cm
Profundidade: 0-10 m

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
10 anos

BIOLOGIA

Procura substratos duros como zonas rochosas, pedras ou outros para se fixar, especialmente na zona entremarés. Durante o período em que fica submersa, aproveita para filtrar o alimento. Resiste a ficar fora de água, mantendo os tentáculos retraídos, ficando apenas visível a coluna avermelhada.

MORFOLOGIA

Pequena anémona. Usualmente em tons avermelhados, no entanto, podem ser encontrados indivíduos com tons castanhos-escuros, esverdeados ou alaranjados. A coluna é totalmente lisa e sem manchas. Os tentáculos ondulantes são pequenos e dispostos em seis ciclos, ultrapassando os 100, sendo ligeiramente mais pálidos que a coloração da coluna. Tem a capacidade de recolher os tentáculos na coluna.

ESPÉCIES SIMILARES

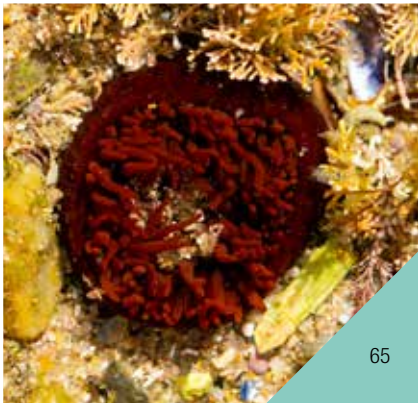
Actinia fragacea

HABITAT

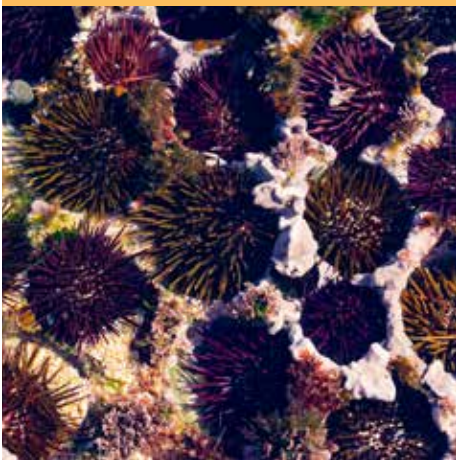
ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS



EQUINODERMES



Marthasterias glacialis (Linnaeus, 1758)

Estrela-do-mar-de-espinhos, estrela-do-mar-verde

TAXONOMIA
Asteroidea
Forcipulatida
Asteriidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 35 cm
Profundidade: 0-200 m

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
13 anos

BIOLOGIA

É a maior estrela-do-mar da costa portuguesa. Pode ser observada na zona interdital em poças-de-maré e entre fendas formadas pelas rochas. São predadores oportunistas, usando os seus pés ambulacrários para capturar e manipular as suas presas. É uma espécie hermafrodita que pode reproduzir-se tanto sexuadamente, como assexuadamente em condições ambientais desfavoráveis ou em situações de elevado stress.

MORFOLOGIA

Apresenta um disco central que serve como o ponto de origem para cinco braços longos e robustos. A superfície dorsal é coberta por pequenos espinhos cónicos, que desempenham um papel importante na proteção contra predadores. A coloração varia entre tons acastanhados, castanho-amarelados e cinza-esverdeados com alguns apontamentos roxos na ponta dos braços. A parte ventral é caracterizada por uma série de pés ambulacrários, estruturas tubulares que auxiliam na locomoção, na captura de presas e na aderência às superfícies.

ESPÉCIES SIMILARES

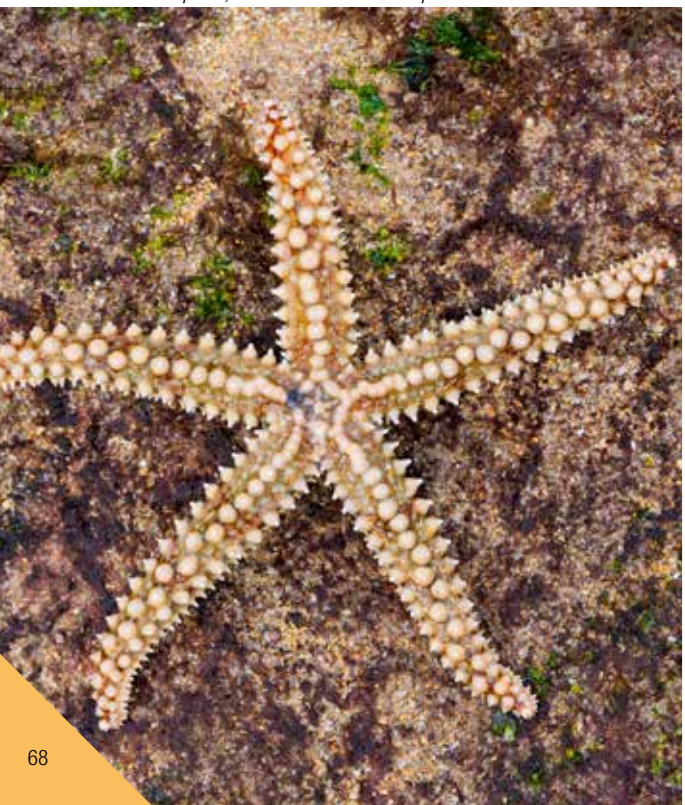
Asterias rupens; Coscinasterias tenuispina

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS



Asterina gibbosa (Pennant, 1777)

Estrela-do-mar-corcunda, estrela-do-mar-pentagonal

TAXONOMIA
Asteroidea
Valvatida
Asterinidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 6 cm
Profundidade: 0-125 m

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
7 anos

BIOLOGIA

Pode ser facilmente encontrada na zona entremarés debaixo de pedras uma vez que é relativamente sensível à luz solar e às oscilações de temperatura. É um necrófago oportunista que se alimenta maioritariamente de organismos microscópicos (bactérias e diatomáceas) presentes nas superfícies rochosas e de detritos e matéria em decomposição. É uma espécie hermafrodita protândrica, isto é, nascem machos e com a idade e aumento do tamanho transformam-se em fêmeas.

MORFOLOGIA

Possui um corpo pentagonal e espesso com 5 braços relativamente curtos, sendo raramente avistada com 4 ou 6 braços. O dorso possui tons esverdeados ou castanho-alaranjado que lhe permitem uma boa camuflagem no seu habitat. Apresentam espinhos curtos que lhe conferem alguma proteção contra predadores. Ostenta diversos pés ambulacrários localizados ao longo das ranhuras existentes na parte inferior de cada braço.

ESPÉCIES SIMILARES

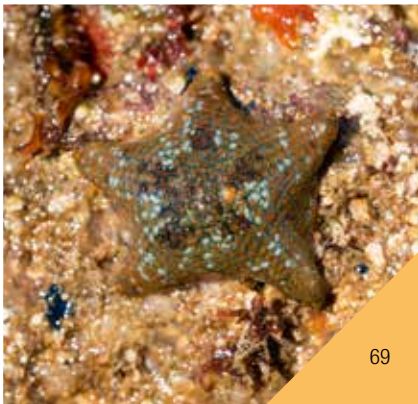
Inconfundível

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS



Holothuria forskali Delle Chiaje, 1823

Pepino-do-mar-negro, pepino-do-mar, holotúria

TAXONOMIA
Holothuriodea
Aspidochirotida
Holothuriidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC AM

BIOMETRIAS
Comprimento: 30 cm
Profundidade: 1-50 m

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
5 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Pode ser observado sobre superfícies rochosas, especialmente em faces verticais, próximo de locais arenosos. A sua alimentação consiste na ingestão e filtração de areias onde digere as partículas orgânicas que se encontram entre os grãos, regurgitando a areia filtrada. O adulto chega a filtrar mais de vinte quilos de sedimentos todos os anos, contribuindo para a limpeza das areias e sedimentos. Como estratégia de defesa, esta espécie pode expelir através do ânus uns filamentos brancos extremamente pegajosos que imobilizam o predador.

MORFOLOGIA

Possui um corpo cilíndrico, em tons escuros, embora por vezes possam surgir indivíduos acastanhados ou beges. Ostenta diversas papilas sensoriais de extremidade esbranquiçada ou azulada no dorso. Ao largo da boca apresenta cerca de 20 pequenos tentáculos bucais. Apresentam uma zona ventral clara, amarela ou castanha, onde possui três a quatro fiadas de pés ambulacrários.

ESPÉCIES SIMILARES

Holothuria arguinensis; Holothuria mammata

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

6 7

Ophiocomina nigra (Abildgaard, in O.F. Müller, 1789)

Ofiúro-negro, ofiurídeo-negro

TAXONOMIA
Ophiuroidea
Ophiacanthida
Ophiotomidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE AM

BIOMETRIAS
Comprimento: 15 cm
Profundidade: 0-100 m

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
14 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Esta espécie pode ser observada em grupos, por vezes grandes (até 100 indivíduos por m^2) com outras espécies de ofiúros. São relativamente sensíveis à luz solar pelo que permanecem escondidos debaixo de pedras ou por entre as algas, saindo durante noite para procurar alimento. Alimenta-se de partículas orgânicas e detritos encontrados no fundo do mar. Apresenta uma capacidade regenerativa elevada dos seus braços que liberta como mecanismo de defesa contra predadores.

MORFOLOGIA

Tem um disco central circular pequeno e cinco braços longos e finos. Tem 5 a 7 fileiras de espinhos cilíndricos em cada braço que têm a funcionalidade de proteção. Exibe uma tonalidade negra ou marrom escuro e, em casos raros, pode ter uma coloração cinzenta ou rosada. Suspeita-se que a sua coloração esteja associada à profundidade, sendo os indivíduos mais escuros encontrados a profundidades menores.

ESPÉCIES SIMILARES

Ophiothrix fragilis

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

6 7

Paracentrotus lividus (Lamarck,1816)

Ouriço-do-mar

TAXONOMIA
Echinoidea
Camarodonta
Parechinidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE AM

BIOMETRIAS
Comprimento: 7 cm
Profundidade: 0-30 m

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
8 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

É a espécie de ouriço-do-mar mais comum da costa portuguesa. Pode ser encontrado em locais rochosos, arenosos e por vezes em pradarias marinhas. Procura pequenas fendas esculpidas nas rochas para se refugiar. É uma espécie gregária que às vezes cobre a totalidade de poças de maré. É maioritariamente herbívora, mas pode alimentarem-se de animais incrustantes como as esponjas do mar. Possui pés ambulacrários que utilizam para se movimentarem. A sua armadura espinhosa confere-lhe uma proteção extra contra predadores, e contra a radiação solar.

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

6 7

MORFOLOGIA

Possui uma forma arredondada ligeiramente achatada na zona ventral. A sua concha é revestida por espinhos com cerca de 3cm com a exceção da região bocal. A grande maioria dos indivíduos possui uma cor arroxeada (espinhos), no entanto existe uma grande variedade de cores, podendo exibir uma coloração acastanhada, esverdeada ou avermelhada. A concha apresenta tons pálidos e cinzentos.

ESPÉCIES SIMILARES

Arbacia lixula; Psammechinus miliaris

Sphaerechinus granularis (Lamarck, 1816)

Ouriço-violeta, ouriço-de-espinhos-curtos, ouriço-do-mar

TAXONOMIA
Echinoidea
Temnopleuroida
Toxopneustidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 15 cm
Profundidade: 0-120 m

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
16 anos

BIOLOGIA

Pode ser observado na zona entremarés refugiados normalmente debaixo de rochas ou entre camadas de algas. Têm preferência pela zona do infralitoral, podendo ocasionalmente ser observado na região do mediolitoral. Alimenta-se maioritariamente de algas, mas pode também consumir alguns animais incrustantes como esponjas do mar. É uma espécie solitária e bastante mais rara que *Paracentrotus lividus* (pág. anterior).

MORFOLOGIA

Ouriço-do-mar de grandes dimensões, achatado dorsalmente. Os espinhos são pequenos (2 cm) e arredondados nas extremidades e encontram-se dispostos de forma ordenada. Apresenta duas colorações distintas, uma forma com o corpo e espinhos em tons roxos, e a outra forma com o corpo em tons roxos e os espinhos em tons esbranquiçados.

ESPÉCIES SIMILARES

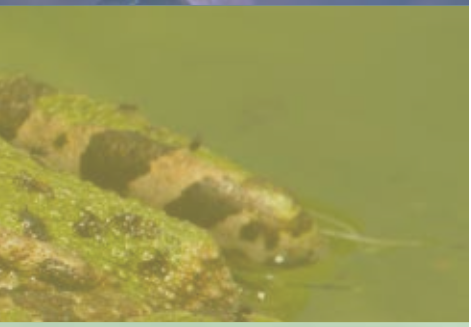
Echinus esculentus; Psammechinus miliaris

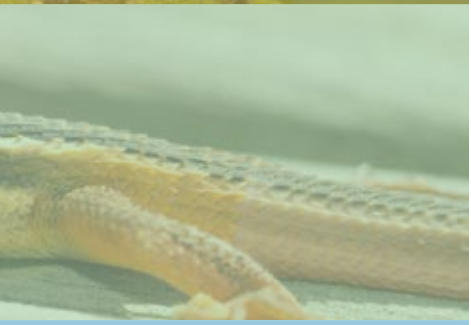
HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS





VERTEBRADOS

PEIXES

ANFÍBIOS

RÉPTEIS

AVES

MAMÍFEROS

Scyliorhinus canicula (Linnaeus, 1758)

Pata-roxa, gata, caneja

TAXONOMIA
Chondrichthyes
Carcharhiniformes
Scyliorhinidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 70 cm
Peso: 950 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
12 anos

BIOLOGIA

É o tubarão mais comum da nossa costa. Por norma é solitário e se formar cardumes, estes são de apenas um sexo. Vive entre os 10 e os 750 metros de profundidade. É ovíparo, depositando os seus ovos envolvidos por uma cápsula com longos tentáculos que utiliza para os fixar em algas nas águas costeiras. É uma espécie oportunista, no entanto, a sua dieta varia com a idade e o tamanho do tubarão. A alimentação aumenta no verão devido a uma maior abundância de presas.

MORFOLOGIA

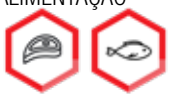
Pequeno tubarão, com o corpo esguio e uma cabeça romba. Possui a parte superior coberta de pequenas manchas acastanhadas escuras sobre um fundo acastanhado mais claro. O ventre é esbranquiçado. Possui narinas contíguas. As suas barbatanas dorsais alinham-se com a barbatana caudal. A sua pele possui uma textura áspera, semelhante a uma lixa.

ESPÉCIES SIMILARES

Inconfundível

HABITAT

ALIMENTAÇÃO



OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Anguilla anguilla (Linnaeus, 1758)

Enguia-europeia, eiró, iró, meixão, enguia-de-vidro, angula

TAXONOMIA
Actinopterygii
Anguilliformes
Anguillidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

EN EU

BIOMETRIAS
Comprimento: 80 cm
Peso: 3 kg

OCORRÊNCIA
Migrador catádromo, nativo

LONGEVIDADE
20 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Vive a maioria da sua vida em águas continentais de rios e ribeiras, migrando para o oceano para se reproduzir, chegando a percorrer mais de 6000 km nas suas migrações. Reproduz-se apenas uma vez na vida, no chamado Mar dos Sargaços. Possui duas fases, uma de enguia-amarela passada em águas continentais, sofrendo uma metamorfose para dar origem à enguia-prateada iniciando a migração para o local de reprodução. Consegue esconder-se na areia.

MORFOLOGIA

Corpo liso castanho-esverdeado, com uma quantidade elevada de muco e que as torna escorregadias. Possui um corpo alongado e cilíndrico. Os olhos são pequenos. A boca possui dentes pequenos. As fendas branquiais são verticais e pequenas. As barbatanas peitorais encontram-se bem desenvolvidas. As barbatanas dorsal e anal convergem com a barbatana caudal, dando uma continuidade entre todas as barbatanas.

ESPÉCIES SIMILARES

Lampetra fluviatilis; Lampetra planeri

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 4 5 6 7

Iberochondrostoma lusitanicum (Collares-Pereira, 1980)

Boga-portuguesa, pardelha

TAXONOMIA
Actinopterygii
Cypriniformes
Cyprinidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

EN LU

BIOMETRIAS
Comprimento: 16 cm
Peso: 17 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
4 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Prefere cursos de água pequenos, com alguma vegetação subaquática e de fraca corrente, localizados nas zonas inferiores das bacias hidrográficas. Verifica-se uma fragmentação populacional ao longo de toda a sua distribuição restrita a Portugal. Pode hibridar com outras espécies em zonas de simpatria.

MORFOLOGIA

Possui o corpo em forma fusiforme com escamas de tamanho médio. A coloração é em tons castanho-esverdeados na zona dorsal e flancos. Apresenta uma linha lateral bem marcada. O ventre possui tons esbranquiçados. A cabeça é pequena e não apresenta escamas. A boca é subterminal e arqueada. As barbatanas dorsais e pélvicas encontram-se alinhadas no plano vertical.

ESPÉCIES SIMILARES

Pseudochondrostoma willkommii; Chondrostoma polylepis; Pseudochondrostoma duriense; Iberochondrostoma olisiponensis; Iberochondrostoma lemmingii; Iberochondrostoma almacai; Anaecypris hispanica

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 4 5

Squalius pyrenaicus (Günther, 1868)

Escalo-do-sul, escalo, bordalo

TAXONOMIA
Actinopterygii
Cypriniformes
Cyprinidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

VU IB

BIOMETRIAS
Comprimento: 25 cm
Peso: 30 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
9 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Procura zonas de corrente moderada ou pegos, nos períodos secos, de rios e ribeiras das bacias hidrográficas. Prefere corpos de água estreitos e pouco profundos, com o fundo em cascalho e bem oxigenados. Possui uma elevada capacidade de adaptação e resiliência, sobrevivendo em diferentes tipos de habitat e resistindo a variações repentinas e imprevisíveis das condições externas.

MORFOLOGIA

Possui um corpo fusiforme, com escamas de tamanho médio e uma linha lateral completa. Apresenta tons cinzentos a dourados, com ligeiros reflexos prateados. As escamas possuem manchas negras nas bordas. A cabeça não possui escamas, e tem um focinho arredondado e pontiagudo. A boca é terminal e súpera. As barbatanas peitorais são curtas. A barbatana dorsal encontra-se a meio das pélvicas.

ESPÉCIES SIMILARES

Squalius aradensis; Squalius cephalus; Squalius torgalensis

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 4 5

Cobitis paludica (F. de Buen, 1930)

Verdemã-comum, verdemã, pardelha

TAXONOMIA
Actinopterygii
Cypriniformes
Cobitidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC IB

BIOMETRIAS
Comprimento: 15 cm
Peso: 10 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
7 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Prefere ficar junto ao fundo à procura de alimento (comportamento bentónico). Procura zonas com pouca ou alguma corrente, de preferência com vegetação aquática e areia no fundo. Nas albufeiras apenas aparece em locais com vegetação aquática. A fêmea é ligeiramente maior que o macho.

MORFOLOGIA

Possui um corpo esguio e alongado, coberto de escamas muito pequenas, praticamente invisíveis. Observam-se quatro bandas longitudinais ao longo do corpo, com diferentes manchas arredondadas criando um padrão único. As barbatanas possuem pequenas manchas escuras. A boca subterminal é pequena. Apresenta três pares de barbilhos. Os seus olhos são pequenos. Ostenta as barbatanas peitorais numa zona mais inferior.

ESPÉCIES SIMILARES

Cobitis vettonica; Cobitis calderoni

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

2 4 5

Gobius cruentatus (Gmelin, 1789)

Caboz-de-boca-vermelha

TAXONOMIA
Actinopterygii
Gobiiformes
Gobiidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 18 cm
Profundidade: 5-40 m

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
10 anos

BIOLOGIA

Prefere viver a maior parte do tempo no fundo marinho (demersal), especialmente em locais com fundos rochosos, arenosos ou em pradarias marinhas, onde procura alimento e refúgio. Ao mínimo sinal de perigo refugia-se em pequenos buracos ou permanece imóvel por entre algas ou pequenas saliências rochosas.

MORFOLOGIA

Possui um corpo alongado e de formato cilíndrico, em tons cinzento-avermelhados com manchas acastanhadas nas laterais. A sua cabeça é larga e com os olhos localizados na parte superior da cabeça. As suas barbatanas peitorais são largas e arredondadas, em tons alaranjados, no entanto, as barbatanas pélvicas encontram-se modificadas em forma de ventosa.

ESPÉCIES SIMILARES

Parablennius ruber; Tripterygion delaisi; Gobius gasteveni; Gobius niger; Gobius xanthocephalus; Gobius paganellus

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

© João Miranda

Parablennius gattorugine (Linnaeus, 1758)

Marachomba-babosa, marachomba, caboz

TAXONOMIA
Actinopterygii
Perciformes
Blenniidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 30 cm
Profundidade: 3-30 m

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
5 anos

BIOLOGIA

É muito territorial, escolhendo um buraco num recife rochoso para viver defendendo a zona envolvente. O macho defende afincadamente o seu território. Embora prefira zonas mais profundas, por vezes, pode ser observado em poças entre marés. O macho fica responsável por guardar os ovos, presos ao substrato por um filamento adesivo.

MORFOLOGIA

Grande, com o corpo alongado, grande cabeça e grandes olhos. Possui tons acastanhados, no entanto, surgem indivíduos com outros tons. Apresenta diversas riscas verticais escuras ao longo do corpo. Possui um par de apêndices ramificados acima dos olhos. Ostenta uma só barbatana dorsal que possui um recorte bem demarcado entre a porção de raios moles e a porção de raios espinhosos.

ESPÉCIES SIMILARES

Blennius ocellaris; Coryphoblennius galerita; Lipophrys pholis; Parablennius pilicornis

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Chelon labrosus (Risso, 1827)

Tainha-negrão

TAXONOMIA
Actinopterygii
Mugiliformes
Mugilidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE AM

BIOMETRIAS
Comprimento: 75 cm
Profundidade: 1-20 m

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
10 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Pode ser observada em pequenos cardumes que se formam perto da costa. Prefere viver na zona sublitoral, procurando e entrando em estuários, pequenos rios, e, por vezes, esgotos onde acabam por procurar alimento e refúgio dos predadores. Procura zonas com algas e rochas, que tenham bons locais para se refugiar no caso de avistar um predador.

MORFOLOGIA

Possui um corpo alongado e quase cilíndrico. Ostenta tons cinzentos-azulados no dorso. Os flancos são acinzentados e possuem 6 a 8 riscas longitudinais acastanhadas, mais visíveis as riscas dorsais que as ventrais. O ventre possui tons prateados. Possui uma boca pequena, sendo o lábio superior espesso e bem visível. As barbatanas são escuras, com exceção das barbatanas peitorais que são mais pálidas.

ESPÉCIES SIMILARES

Liza aurata; Liza richardsonii; Liza saliens; Mugil cephalus

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 6 7

Atherina boyeri (Risso, 1810)

Peixe-rei-do-mediterrâneo, peixe-rei, verdugo, piarda

TAXONOMIA
Actinopterygii
Atheriniformes
Atherinidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 15 cm
Peso: 4 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
2 anos

BIOLOGIA

Pode ser observado em rios ou ribeiras, recorrendo a zonas sem ou com pouca corrente para procurar alimento, preferencialmente locais que tenham vegetação para se esconder. Forma grandes cardumes. É uma espécie generalista e oportunista, alimentando-se um pouco de tudo. Tem a capacidade de tolerar baixa salinidade e, por isso, pode ser observada também em ambientes de água salobra e ambientes marinhos.

MORFOLOGIA

É pequeno, de corpo alongado e coberto de escamas grandes e visíveis. Apresenta tons prateados, com reflexos azuis ou acinzentados no dorso. Nos flancos possui uma banda prateada, alguns indivíduos apresentam ainda uma banda escura. Ostenta uns olhos grandes. Apresenta duas barbatanas dorsais, separadas entre si.

ESPÉCIES SIMILARES

Inconfundível

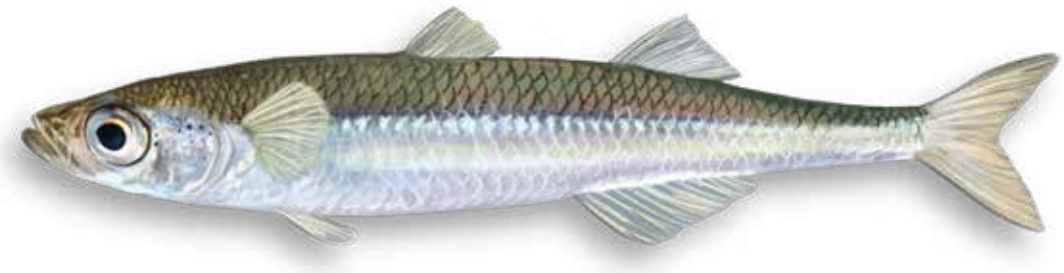
HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

© Davina Falcão



Platichthys flesus (Linnaeus, 1758)

Solha-das-pedras

TAXONOMIA
Actinopterygii
Pleuronectiformes
Pleuronectidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

DD AM

BIOMETRIAS
Comprimento: 30 cm
Profundidade: 0-80 m

OCORRÊNCIA
Migradora

LONGEVIDADE
15 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Pode ser observado ao longo da zona costeira. Procura por locais arenosos e lodosos perto da costa, embora prefira zonas com grande acumulação de depósitos de areia, pois possui a capacidade de se enterrar na areia para escapar dos predadores, ficando apenas com os olhos de fora. No inverno os adultos migram para águas mais profunda e quentes, desovando durante a primavera.

MORFOLOGIA

Possui o corpo oval, assemelhando-se a um losango. Os olhos encontram-se localizados no lado direito do corpo. O dorso possui tons castanho-esverdeados. A barbatana dorsal inicia-se logo acima dos olhos. Apresenta uma fiada de tubérculos ósseos localizados na base das barbatanas dorsal e anal.

ESPÉCIES SIMILARES

Pleuronectes platessa; Solea solea

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

6 7

© João Miranda

Solea solea (Linnaeus, 1758)

Linguado, linguado-legítimo

TAXONOMIA
Actinopterygii
Pleuronectiformes
Soleidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

DD AM

BIOMETRIAS
Comprimento: 70 cm
Profundidade: 0-200 m

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
25 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Recorre ao mimetismo para se proteger dos predadores, mas também para conseguir emboscar as suas presas. Prefere fundos com grande acumulação de areias ou lodo, usualmente junto à costa. Embora o adulto apresente assimetria facial, o alevim, após a eclosão, possui a cabeça simétrica e um olho de cada lado. Com o desenvolvimento, ocorre uma metamorfose entre as fases larvar e juvenil, em que um dos olhos acaba por migrar para o lado oposto.

MORFOLOGIA

Possui um corpo achatado e em formato oval. A cabeça é assimétrica, tendo ambos os olhos num dos lados da parte superior do corpo. Possui tons castanho-acinzentados na zona dorsal, ostentando manchas acastanhadas e criando um padrão a imitar o fundo dos locais onde vivem. Apresenta tons esbranquiçados na zona do ventre.

ESPÉCIES SIMILARES

Pegusa lascaris; Solea senegalensis

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

6 7

Scomber colias (Gmelin, 1789)

Cavala

TAXONOMIA
Actinopterygii
Scombriformes
Scombridae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 64 cm
Profundidade: 0-300 m

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
5 anos

BIOLOGIA

Distribui-se pela zona costeira pelágica, ocupando toda a plataforma continental e montes submarinos, habitando águas quentes a temperadas do oceano Atlântico. Forma grandes cardumes para procurar alimento e como proteção contra os predadores, movendo-se sincronicamente. Durante o dia prefere permanecer perto do fundo, deslocando-se para perto da superfície durante o período noturno para se alimentar. Tem uma elevada importância comercial.

MORFOLOGIA

Possui um corpo fusiforme coberto com escamas de tamanho médio. Apresenta tons azuis-esverdeados na zona dorsal com um padrão de riscas escuras ao longo do corpo. Verifica-se um grande contraste entre o dorso e o ventre prateado, criando uma linha nos flancos. O ventre possui algumas manchas escuras e irregulares.

ESPÉCIES SIMILARES

Scomber scombrus; Sardina pilchardus

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Devido às dificuldades encontradas em fotografar esta espécie, foi necessário recorrer a animais capturados.

Diplodus sargus (Linnaeus, 1758)

Sargo-legítimo

TAXONOMIA
Actinopterygii
Spariformes
Sparidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 30 cm
Profundidade: 0-150 m

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
10 anos

BIOLOGIA

Prefere fundos rochosos ou pouco arenosos onde procura alimento e refúgio, por vezes, associando-se a outros peixes, como salmonetes. Forma grandes cardumes, abrigando-se perto de zonas costeiras. Os juvenis podem ser encontrados em praias rochosas. Consegue esmagar conchas e corais recorrendo às suas fortes maxilas e dentes.

MORFOLOGIA

Possui um corpo oval e comprimido dorso-ventralmente. Possui tons cinzento-prateados com um padrão de bandas verticais escuras nos flancos, dispostas alternadamente entre bandas largas e estreitas. Apresenta uma mancha escura junto à barbatana caudal. O ventre é esbranquiçado. A boca é protráctil.

ESPÉCIES SIMILARES

Diplodus annularis; Diplodus cervinus; Diplodus puntazzo; Diplodus vulgaris

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Sarpa salpa (Linnaeus, 1758)

Salema

TAXONOMIA
Actinopterygii
Spariformes
Sparidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE AM

BIOMETRIAS
Comprimento: 30 cm
Profundidade: 2-100 m

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
11 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Forma cardumes numerosos, densamente agrupados e que ao mínimo sinal de perigo efetuam uma manobra de fuga, movendo-se de forma coordenada e em uníssono. Pode ser encontrado em poças entremarés, pastando nas rochas ou por entre plantas aquáticas. Em juvenil tem uma dieta carnívora, no entanto, o adulto altera a sua dieta para herbivoria (algas). Tem a capacidade para suportar águas pouco oxigenadas e salobras.

MORFOLOGIA

Possui o corpo oval e lateralmente comprimido. Apresenta tons cinzento-azulados com 10 riscas longitudinais de tons dourados com reflexos alaranjados. Ostenta uma risca escura na lateral e bem visível. O ventre possui tons esbranquiçados sem riscas. As barbatanas peitorais e a barbatana caudal bifurcada possuem uma pequena mancha escura na zona superior.

ESPÉCIES SIMILARES

Inconfundível

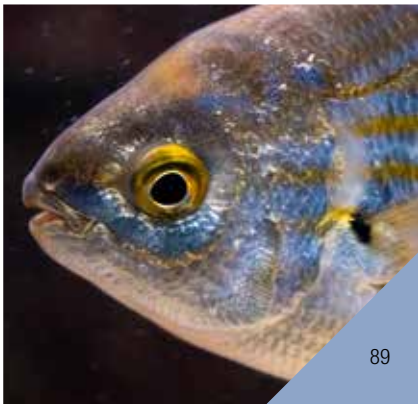
HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

6 7



Balistes capriscus (Gmelin, 1789)

Peixe-porco

TAXONOMIA
Actinopterygii
Tetraodontiformes
Balistidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

DD PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 40 cm
Profundidade: 10-100 m

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
13 anos

BIOLOGIA

Prefere águas quentes a temperadas do oceano Atlântico. Vive em pequenos grupos, procurando fundos rochosos e destroços flutuantes para procurar alimento, podendo aproximar-se de zonas costeiras rochosas. Quando se sente ameaçado procura um buraco nas rochas para se esconder. Pode mostrar-se curioso para com mergulhadores, chegando a ficar bastante perto, raramente chegando a morder.

MORFOLOGIA

Possui o corpo alto e achatado lateralmente. A sua pele é rígida e coberta de pequenas escamas, formando uma armadura. Apresenta tons acinzentados e com as escamas a formar um padrão em tons azulados, esverdeados ou amarelados. Pode apresentar manchas irregulares nos flancos. A sua boca é pequena e o bico apresenta lábios carnudos, com fortes dentes para perfurarem a carapaça das suas presas. Possui barbatanas peitorais curtas e arredondadas.

ESPÉCIES SIMILARES

Inconfundível

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Lissotriton maltzani (Boettger, 1879)

Tritão-de-ventre-laranja-meridional, tritão-de-Monchique

TAXONOMIA
Amphibia
Caudata
Salamandridae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC LU

BIOMETRIAS
Comp.: 8 cm (A) 3 cm (L)
Peso: 0,4-0,8g (A)

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
6 a 8 anos

BIOLOGIA

Possui duas fases: fase terrestre com atividade noturna; e uma fase aquática durante a época de reprodução e com atividade diurna e noturna. A época de reprodução está interligada com as chuvas. Durante esta época a cauda do macho desenvolve uma pequena membrana que lhe ajuda a nadar e um filamento caudal branco que utiliza para atrair as fêmeas. Cada ovo é individual e cuidadosamente colocado em plantas aquáticas, folhas ou objetos que se encontrem nos habitats aquáticos. A larva demora até dois meses para realizar a metamorfose.

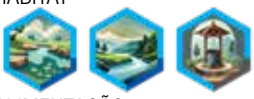
MORFOLOGIA

Possui uma cabeça arredondada com olhos pequenos. A cauda é robusta durante a fase terrestre tornando-se achatada na época de reprodução. Pele rugosa na fase terrestre, tornando-se lisa no meio aquático. Coloração acastanhada ou esverdeada, com pequenas manchas negras. Tem a barriga com coloração alaranjada, com pintas escuras. A larva tem uma crista dorso-caudal, coloração amarelada ou castanha, dedos curtos e brânquias visíveis de pequenas dimensões.

ESPÉCIES SIMILARES

Lissotriton boscai; Lissotriton helveticus

HABITAT



ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

2 5 8 11

Salamandra salamandra (Linnaeus, 1758)

Salamandra-de-pintas-amarelas, salamandra-de-fogo, salamandra-comum, saramela, saramaganta

TAXONOMIA
Amphibia
Caudata
Salamandridae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC EU

BIOMETRIAS
Comprimento: 20 cm
Peso: 50 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
20 anos

BIOLOGIA

Possui maior atividade nos períodos mais húmidos do ano, saindo dos refúgios ao cair da noite para procurar alimento. É totalmente terrestre e apresenta uma locomoção lenta. Utiliza as massas de água apenas para se reproduzir. É ovovivíparas e chega a depositar até 40 larvas em charcos temporários ou massas de água. A sua intensa coloração serve de alerta para os predadores, sendo este mecanismo de defesa desenvolvido por estar impossibilitada de fugir dos mesmos devido à sua reduzida mobilidade.

MORFOLOGIA

Apresenta uma cabeça grande e arredondada, com olhos sobressaídos. A pele é lisa e brilhante. No dorso predomina uma coloração negra com pintas amarelas; por vezes tem pontuações vermelhas. A larva nasce já com os quatro membros e duas brânquias plumosas, de cor acinzentada ou castanho-clara com uma cauda que termina numa ponta arredondada.

ESPÉCIES SIMILARES

Inconfundível

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Triturus pygmaeus (Wolterstorff, 1905)

Tritão-marmoreado-pigmeu, tritão-pigmeu, tritão-verde

TAXONOMIA
Amphibia
Caudata
Salamandridae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NT IB

BIOMETRIAS
Comprimento: 11 cm
Peso: 5 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
10 anos

BIOLOGIA

Possui duas fases, uma terrestre e uma durante a época de reprodução quando regressa aos ambientes aquáticos. Ágil nadador, embora desajeitado em terra. O macho é o primeiro a chegar aos locais de reprodução, charcos ou ribeiras com pouca corrente, mas com muita vegetação aquática. O acasalamento é feito dentro de água e a fêmea deposita cerca de 400 ovos, que envolvem individualmente nas folhas de plantas aquáticas.

MORFOLOGIA

Apresenta uma cabeça achatada e arredondada. Pele granulosa na fase terrestre e lisa na aquática. Coloração esverdeada com pequenas manchas escuras. O ventre é claro podendo ser esbranquiçado, rosado ou acinzentado pontilhado por pequenos pontos brancos e pretos. Na época de reprodução o macho desenvolve uma crista dorsal alta com riscas escuras e douradas; a fêmea possui uma linha dorsal avermelhada. A larva possui uma crista dorsal da cabeça à ponta da cauda, dedos finos e compridos.

ESPÉCIES SIMILARES

Triturus marmoratus

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

2 5 8

Bufo spinosus (Daudin, 1803)

Sapo-comum-ibérico, sapo-comum, sapo-alcandarês

TAXONOMIA
Amphibia
Anura
Bufonidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 6-15 cm
Peso: 60-400 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
15 anos

BIOLOGIA

É o maior sapo da fauna portuguesa. No período de reprodução os adultos deslocam-se para as massas de água, realizando longas migrações para regressar aos locais que utilizaram em anos anteriores. O amplexo é axilar, e ocorre dentro de água, e pode envolver uma fêmea e diversos machos, que se agarram a ela utilizando as calosidades nupciais. A fêmea deposita até 11000 ovos num grande cordão gelatinoso. Se ameaçado, incha o corpo e ergue-se sobre as patas.

MORFOLOGIA

A fêmea chega a ser duas vezes maior que o macho. Corpo robusto, cabeça grande e arredondada. Olhos grandes, com pupila horizontal e iris amarela ou avermelhada. Membros curtos e robustos. Pele verrugosa, com dorso acastanhado e ventre mais amarelado, com manchas escuras. O girino é escuro, com pequenos pontos dourados.

ESPÉCIES SIMILARES

Epidalea calamita

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Pelophylax perezi (Seoane, 1885)

Rã-verde, rã-verde-ibérica, rã-comum, rã-dos-poços

TAXONOMIA
Amphibia
Anura
Ranidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 11 cm
Peso: 140 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
10 anos

BIOLOGIA

É o anfíbio mais comum em Portugal. Facilmente a conseguimos observar a tomar banhos de sol nas margens ou sobre plantas aquáticas de lagos e albufeiras. Durante a época de reprodução, o macho é ruidoso nos seus cantos para atrair a fêmea. O amplexo é axilar, ocorre durante dentro de água. A fêmea deposita até 7000 ovos, em grandes aglomerados. A larva pode demorar cerca de quatro meses a ficar totalmente desenvolvida.

MORFOLOGIA

Tem uma pele lisa e sem rugas. Olhos grandes e proeminentes, com um tímpano grande e visível. Os membros posteriores são mais compridos e musculosos que os membros anteriores, que são proporcionalmente mais robustos. No dorso pode ostentar uma coloração esverdeada, acastanhada ou acinzentada, pode apresentar uma linha dorsal esverdeada. O ventre é esbranquiçado.

ESPÉCIES SIMILARES

Rana iberica; Discoglossus galganoi

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Mauremys leprosa (Schweigger, 1812)

Cágado-mediterrânico, cágado-mourisco

TAXONOMIA
Reptilia
Testudines
Geoemydidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC IM

BIOMETRIAS
Comprimento: 23 cm
Peso: 1000 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
35 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Escolhe zonas de fraca corrente, coberta de vegetação aquática e com alguma vegetação nas margens, aproveitando espaços abertos para tomarem banhos de sol. A cópula ocorre dentro de água. Para colocarem os ovos a fêmea escava um buraco com cerca de 10 cm de profundidade, perto das zonas húmidas onde vive, onde enterra um a treze ovos.

MORFOLOGIA

Apresenta uma carapaça oval, de coloração cinzento-esverdeada ou acastanhada com manchas claras. O pescoço e patas anteriores possuem diversas linhas alaranjadas. Na cabeça possui uma pequena mancha amarela arredondada que vai desaparecendo com a idade. O ventre é esverdeado com manchas pretas. Os membros são robustos, o que lhe permite trepar com alguma facilidade, por exemplo margens rochosas.

ESPÉCIES SIMILARES

Emys orbicularis; Trachemys scripta

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

2 5

Tarentola mauritanica (Linnaeus, 1758)

Osga-moura, osga-comum

TAXONOMIA
Reptilia
Squamata
Gekkonidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC MD

BIOMETRIAS
Comprimento: 19 cm
Peso: 7 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
10 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Durante o dia podemos observá-la a tomar banhos de sol. Possui uma agilidade única, conseguindo deslocar-se em paredes lisas, verticais e até mesmo no tecto. Os melhores territórios de reprodução são disputados através de lutas pelos machos. A fêmea esconde um a dois ovos debaixo de pedras ou em buracos. A incubação varia consoante a temperatura ambiente. No caso de ser atacada por predadores pode realizar a autotomia da cauda.

MORFOLOGIA

Apresenta um aspeto robusto e o corpo coberto de rugas. O dorso possui uma coloração acastanhada ou acinzentada com diversas manchas escuras. As escamas esbranquiçadas do ventre são hexagonais e lisas. Nas curtas patas apresentam cinco dedos, sendo que as unhas do terceiro e quarto são que se apresentam mais desenvolvidas.

ESPÉCIES SIMILARES

Hemidactylus turcicus; Podarcis sp.

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 3 4 5 6 8 9 10 11 12 13 14

Podarcis virescens Geniez, Sá-Sousa, Guillaume, Cluchier & Crochet, 2014

Lagartixa-verde, lagartixa-ibérica, lagartixa-esverdeada, sardanisca

TAXONOMIA
Reptilia
Squamata
Lacertidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC IB

BIOMETRIAS
Comprimento: 6 cm
Peso: 3 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
3 anos

BIOLOGIA

Possui um corpo achatado, permitindo-lhe viver em montes de pedras, muros ou rochas com pequenas fendas onde se consegue refugiar dos predadores. Quando se encontra ativa a sua temperatura corporal varia entre os 26 e os 41 °C. Recorre a rochas e edifícios para se aquecer, preferindo sair apenas em dias cuja temperatura máxima seja superior a 13 °C. A fêmea deposita até cinco ovos, realizando por vezes duas posturas por ano. Quando ameaçada por predadores pode realizar a autotomia da cauda.

MORFOLOGIA

Corpo e cabeça achatados, com uma coloração que varia desde tons acastanhados até esverdeados, com pequenas manchas negras dispersas pelo corpo. O macho possui um reflexo verde no dorso e a fêmea é mais pardacenta. O flanco é acastanhado, enquanto o ventre é amarelado, ambos os sexos apresentam manchas negras nas bordas laterais que chegam à zona da garganta.

ESPÉCIES SIMILARES

Podarcis bocagei; Podarcis carbonelli

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Psammodromus algirus (Linnaeus, 1758)

Lagartixa-do-mato-comum, sardanisca-do-mato, sardanisca-algerina

TAXONOMIA
Reptilia
Squamata
Lacertidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC MD

BIOMETRIAS
Comprimento: 30 cm
Peso: 9 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
7 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Esta lagartixa procura ativamente pelas suas presas, quer no solo ou por entre a vegetação, revirando folhas e galhos. Recorre à vegetação para se refugiar e para regular a sua temperatura corporal, que varia entre os 27 e os 35 °C quando está ativa. A fêmea chega a fazer três posturas por ano e podem colocar cerca de onze ovos por postura. Quando é atacada por predadores pode realizar a autotomia da cauda, conseguindo enganar os predadores.

MORFOLOGIA

Tem um corpo robusto. O dorso e o pescoço possuem escamas imbricadas e carenadas. É acastanhada no dorso e flancos, com duas linhas dorso-laterais de tons amareladas. O ventre é esbranquiçado. O macho possui manchas azuladas nas axilas e ostentam uma cabeça e garganta alaranjadas durante a época de reprodução.

ESPÉCIES SIMILARES

Psammodromus occidentalis; Podarcis virescens

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 5 6 7 8 14

Timon lepidus (Daudin, 1802)

Sardão, lagarto-ocelado, lagarto-verde

TAXONOMIA
Reptilia
Squamata
Lacertidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC MD

BIOMETRIAS
Comprimento: 70 cm
Peso: 345 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
10 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

É o maior lagarto da nossa fauna. Esquivo e muito tímido, levantando a cabeça e abrindo a boca quando se encontra encurralado. Está ativo durante os meses mais quentes, e hiberna durante o inverno. Trepa com facilidade, quer para fugir quer para se alimentar. Para fugir dos predadores ou das condições ambientais adversas utiliza cavidades naturais ou escava tocas. Na época de reprodução o macho é territorial e agressivo. A fêmea esconde debaixo de pedras, troncos ou manta morta cerca de 22 ovos.

MORFOLOGIA

Possui um aspeto robusto e uma cabeça grande. A cauda possui quase duas vezes o tamanho do corpo. O ventre é esbranquiçado e contrasta com o dorso esverdeado. Tem um desenho reticulado no dorso que varia com o crescimento. Nos flancos possui ocelos (pequenas manchas circulares) azulados com rebordo preto, que vão abrindo com a idade. O juvenil tem muitos ocelos amarelados que se vão tornando azuis com o crescimento.

ESPÉCIES SIMILARES

Lacerta schreiberi

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 5 6 7 8 14

Chalcides striatus (Cuvier, 1829)

Cobra-de-pernas-tridáctila, fura-pastos, cobra-de-três-dedos, eslizão

TAXONOMIA
Reptilia
Squamata
Scincidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC MD

BIOMETRIAS
Comprimento: 40 cm
Peso: 7 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
10 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

A sua configuração serpentiforme leva a confundi-lo com uma cobra, no entanto, trata-se de um lagarto que desliza por entre as ervas, como que nadando por entre a vegetação. Procura locais com uma boa exposição solar para manter a sua temperatura corporal. Quando ameaçado pode realizar a autotomia da cauda, escapando aos predadores. É vivíparo, ou seja, a fêmea dá à luz cerca de quinze crias já desenvolvidas e capazes de se alimentarem sozinhas.

MORFOLOGIA

Possui um corpo alongado e semelhante ao de uma cobra. A cabeça pouco diferenciada do corpo, semelhante à de uma lagartixa. As patas são pequenas, com três dedos, que utiliza para se movimentar por entre a vegetação. A cauda e corpo possuem o mesmo tamanho. Apresenta escamas lisas e brilhantes, com reflexos metálicos de tons acastanhados e com nove bandas longitudinais no dorso; o ventre é esbranquiçado.

ESPÉCIES SIMILARES

Chalcides bedriagai; Anguis fragilis

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

2 5 8 14

Blanus cinereus (Vandelli, 1797)

Cobra-cega, licranço

TAXONOMIA
Reptilia
Squamata
Amphisbaenidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC IB

BIOMETRIAS
Comprimento: 25 cm
Peso: 6 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
Sem dados

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Não é uma cobra, mas sim um anfisbénido, que significa "vaivém", isto porque é capaz de se mover em ambas as direções. Possui hábitos subterrâneos e raramente se desloca à superfície, escavando longos túneis onde vive. Para se aquecer refugia-se debaixo de pedras com diferentes tamanhos ou escava a diferentes profundidades, de forma a atingir a sua temperatura corporal ótima. Está mais ativo na primavera e verão, devido ao aumento de presas. Alguns aspetos da sua biologia continuam um mistério para os cientistas.

MORFOLOGIA

Não possuem membros, assemelhando-se a uma cobra, embora o aspeto seja mais parecido a uma minhoca. Possui tons rosa ou acinzentados. Tem focinho arredondado. Apresenta um sulco transversal que separa a cabeça do resto do corpo. Possui dois olhos atrofiados e cobertos por escamas. Tem um aspeto segmentado devido à disposição das escamas do corpo.

ESPÉCIES SIMILARES

Blanus vandellii; Blanus rufus

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

2 5 8 14

Malpolon monspessulanus (Hermann, 1804)

Cobra-rateira, cobra-de-colchete

TAXONOMIA
Reptilia
Squamata
Lamprophiidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 230 cm
Peso: 3 kg

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
25 anos

BIOLOGIA

É a maior cobra da nossa fauna, no entanto é muito ágil no solo, com capacidade de trepar a árvores, quer para fugir ou para caçar. A fêmea esconde debaixo de pedras ou tocas de coelho ou de micromamíferos os cerca de 11 ovos de cada postura. É opistóglifo, embora o seu veneno neurotóxico seja forte, é inofensiva para o ser humano.

MORFOLOGIA

Possui uma coloração dorsal esverdeada ou acastanhada, e o ventre amarelado com manchas escuras. Com olhos grandes, e escamas supraoculares proeminentes. A escama frontal é estreita e alongada. A fêmea pode manter a coloração e desenho do juvenil, isto é, uma coloração esverdeada com um complexo desenho manchas escuras e claras.

ESPÉCIES SIMILARES

Natrix astreptophora; Hemorrhois hippocrepis

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Hemorrhois hippocrepis (Linnaeus, 1758)

Cobra-de-ferradura, cobra-escaropão, escaropão

TAXONOMIA
Reptilia
Squamata
Colubridae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC IM

BIOMETRIAS
Comprimento: 180 cm
Peso: 675 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
20 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Cobra veloz e ágil, quer quando caça no solo ou por entre a vegetação. Possui uma caça ativa, procurando por presas no solo, inspecionando buracos, fendas, ranhuras e tocas. No verão prefere caçar de noite para evitar o calor extremo. A fêmea esconde cerca de 10 ovos debaixo de pedras, de troncos ou dentro de antigas tocas de roedores. É áglifa, podendo demonstrar muita agressividade.

MORFOLOGIA

Tem um corpo robusto, cabeça pequena e larga. Olhos grandes, de pupila arredondada e íris acastanhada. O dorso é esbranquiçado com grandes manchas escuras e arredondadas, ficando mais escuro com a idade. Os flancos têm pequenas manchas escuras que alternam com as do dorso. Na cabeça possui uma mancha escura em forma de ferradura. O ventre é avermelhado ou alaranjado.

ESPÉCIES SIMILARES

Malpolon monspessulanus

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 5 6 7 8 11 14

Natrix maura (Linnaeus, 1758)

Cobra-d'água-viperina, cobra-d'água

TAXONOMIA
Reptilia
Squamata
Colubridae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC IM

BIOMETRIAS
Comprimento: 90 cm
Peso: 200 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
20 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Tem hábitos aquáticos e terrestres, sendo pouco ágil em terra, e preferindo caçar dentro de água. A sua temperatura corporal varia entre os 21 e os 28 °C. Nos meses mais quentes prefere caçar de noite para evitar o calor extremo. A fêmea coloca cerca de 32 ovos, que podem ter sido fecundados por machos diferentes, escondidos debaixo de pedras, entre raízes de arbustos ou entre material em decomposição. A incubação demora cerca de três meses, eclodindo no período de maior calor.

MORFOLOGIA

Tem um focinho arredondado. As suas escamas são carenadas. É a espécie que possui a maior variação da coloração entre as que ocorrem em Portugal, entre acastanhada (escura ou clara), amarelada, esverdeada, acinzentada, alaranjada e mesmo avermelhada. O ventre é em tons esbranquiçados ou amarelados, com manchas escuras.

ESPÉCIES SIMILARES

Natrix astreptophora; Vipera latastei

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 4 5 9 10 12

Zamenis scalaris (Schinz, 1822)

Cobra-de-escada, cobra-riscadinha

TAXONOMIA
Reptilia
Squamata
Colubridae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC MD

BIOMETRIAS
Comprimento: 165 cm
Peso: 715 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
20 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

É uma cobra ágil e rápida. Facilmente trepa às árvores para procurar alimento, tomar banhos de sol ou escapar aos predadores. Procura ativamente as suas presas, e recorre à constrição para as matar. A sua temperatura corporal pode variar entre os 10 e 32 °C. Nos meses de verão prefere caçar durante a noite, de forma a evitar o calor. A fêmea esconde até 15 ovos debaixo de pedras, em tocas abandonadas de roedores ou em buracos que elas próprias escavam. É áglifa.

MORFOLOGIA

Possuem uma cabeça larga, com olhos grandes, pupila arredondada e íris acastanhada. No dorso ostenta tons acastanhados e duas linhas longitudinais escuras. A cabeça possui algumas manchas escuras. E o ventre é esbranquiçado. O juvenil tem as linhas longitudinais ligadas por linhas transversais, formando o desenho de uma escada.

ESPÉCIES SIMILARES

Malpolon monspessulanus; Coronella girondica

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 5 6 7 8 14

Alectoris rufa (Linnaeus, 1758)

Perdiz-vermelha, perdiz-comum, morena, perdiz

TAXONOMIA
Aves
Galliformes
Phasianidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 35 cm
Peso: 550 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
6 anos

BIOLOGIA

É colorida e chamativa, embora bastante evasiva. Prefere caminhar pelo solo, correndo por entre a vegetação para se esconder. No entanto, ao avistar um predador pode levantar voo, o qual é curto, pesado, rápido e direto. A fêmea coloca cerca de 20 ovos. As crias ao nascerem são capazes de acompanhar os progenitores para todo o lado, caminhando lentamente por entre a vegetação alta. Os juvenis passam dois meses com os progenitores.

MORFOLOGIA

Ave de porte médio, com asas e cabeça pequenas. O dorso possui tonalidades acastanhadas, que contrasta com o ventre acinzentado preenchido com riscas pretas e castanhas. A cabeça é acinzentada, possuindo uma faixa branca e uma zona preta em redor do olho. O bico é avermelhado. A cauda é curta e acastanhada.

ESPÉCIES SIMILARES

Inconfundível

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Apus apus (Linnaeus, 1758)

Andorinhão-preto, aivão, catavento, ferreiro, gaivão, guincho, zilro, zirro

TAXONOMIA
Aves
Apodiformes
Apodidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 18 cm
Peso: 50 g

OCORRÊNCIA
Migrador
Nidificante

LONGEVIDADE
10-15 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Exímio voador, atravessando por entre prédios a alta velocidade. Passa a maioria da sua vida a voar, inclusivamente dormindo em voo. Plana por longos períodos, atravessando os céus completamente imóvel, por vezes, batendo freneticamente as asas por poucos segundos para logo de seguida voltar a planar. Recorre a fendas e fissuras para construir o ninho, onde coloca cerca de 3 ovos. Os juvenis são independentes assim que saem do ninho.

MORFOLOGIA

Possui asas delgadas e longas, em forma de foice (meia-lua), denominadas falciformes, e de coloração escura. A cauda é bifurcada e curta. O dorso e ventre possui tons escuros, com uma pequena mancha esbranquiçada na garganta. Não se verifica diferença entre os tons do ventre e das asas.

ESPÉCIES SIMILARES

Apus pallidus; Apus unicolor

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 3 4 5 6 8
9 10 11 12 13 14

Apus pallidus (Shelley, 1870)

Andorinhão-pálido

TAXONOMIA
Aves
Apodiformes
Apodidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 16 cm
Peso: 42 g

OCORRÊNCIA
Migrador
Nidificante

LONGEVIDADE
10-15 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Uma das aves mais ágeis que cruzam os nossos céus. Os batimentos de asas são lentos, e consegue planar por longas distâncias. Está constantemente a voar, chegando a dormir em voo, apenas pousando durante a época de reprodução. Recorre a cavidades em edifícios ou em falésias para construir o ninho, regressando ano após ano ao mesmo local. A fêmea coloca até 3 ovos. Para abandonar o ninho os juvenis têm de conseguir voar, tornando-se independentes quando o fazem.

MORFOLOGIA

Tem um corpo arredondado. O dorso e ventre possui tons acastanhados. As asas apresentam uma tonalidade mais pálida, distinguível da coloração do dorso. Apresenta uma pequena mancha branca na garganta. Esta espécie possui as asas, cabeça e pescoço mais largos que o andorinhão-preto (*Apus apus*, página anterior).

ESPÉCIES SIMILARES

Apus apus; Apus unicolor

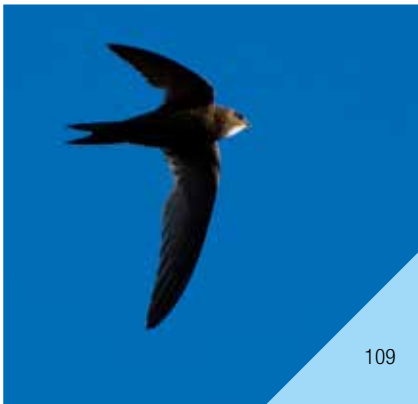
HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 3 4 5 6 7
8 9 10 11 12 14



Columba livia (Gmelin, 1789)

Pombo-doméstico, pombo-comum

TAXONOMIA
Aves
Columbiformes
Columbidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

DD PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 35 cm
Peso: 370 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
5 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Um dos habitantes mais comuns nas nossas cidades, pois as variedades domésticas e ferais derivaram do pombo-das-rochas. Por viver em bando, assim que um deteta alimento, os restantes vão ao seu encontro. Constrói o ninho nas mais variadas saliências, quer em edifícios, pontes, chaminés, varandas, entre outros. Recorre a todo o tipo de material que consiga carregar, ficando um ninho desarrumado e negligente. A fêmea coloca dois ovos por cada ninhada.

MORFOLOGIA

A plumagem pode ser de tons variados e com diferentes intensidades, desde branco, castanho ou acinzentados. Podem ser malhados ou lisos. Os de tons cinzentos apresentam uma mancha brilhante esverdeada na zona do pescoço. O seu bico é escuro, as patas avermelhadas com unhas pretas, e os olhos são alaranjados.

ESPÉCIES SIMILARES

Columba palumbus

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 3 4 5 6 8
9 10 11 12 13 14

Columba palumbus (Linnaeus, 1758)

Pombo-torcaz, pombo-bravo, pombo-trevo

TAXONOMIA
Aves
Columbiformes
Columbidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 43 cm
Peso: 550 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
15 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Um grande e bonito pombo, algo tímido e difícil de observar. Em parques e jardins permite maior aproximação, procurando alimento no solo mesmo com pessoas a passear. Quando em voo, pode ser confundido com algumas aves de rapina, embora com um diferente tipo de voo. Procura bosques, parques e jardins para construir o seu ninho, mesmo no centro de grandes cidades. O ninho é muito simples: uma plataforma construída com galhos secos na copa das árvores.

MORFOLOGIA

É grande e pesado. Possui tons acinzentados no dorso e acastanhados no ventre. A cabeça é acinzentada, apresentando uma característica mancha branca de ambos os lados da garganta. O bico e as patas são avermelhados. Tem uma cauda longa, com uma barra preta na ponta. As asas são acinzentadas com as pontas pretas. Os olhos são amarelados.

ESPÉCIES SIMILARES

Columba livia

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 3 4 5 6 7
8 9 10 11 12 14

Streptopelia turtur (Linnaeus, 1758)

Rola-brava, rola-comum

TAXONOMIA
Aves
Columbiformes
Columbidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NT PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 27 cm
Peso: 180 g

OCORRÊNCIA
Migrador
Nidificante

LONGEVIDADE
10 anos

BIOLOGIA

É das espécies mais tímidas, preferindo ficar escondida na copa das árvores. Está sujeita a grande pressão cinegética durante a sua migração pós-nupcial para a África subsaariana. É muito sensível à perturbação enquanto procura por alimento. O seu voo é rápido e enérgico, e os batimentos das asas são pouco ruidosos. Constrói o ninho a baixa altura, em árvores ou arbustos, recorrendo a ramos secos entrelaçados. A fêmea coloca dois ovos por postura, e ambos os progenitores cuidam dos pintos.

MORFOLOGIA

Tem um corpo pequeno e delgado. O dorso possui tons acastanhados com as penas centrais a apresentarem um contorno preto. Apresenta uma mancha com riscas brancas e pretas na lateral do pescoço. O ventre é esbranquiçado, a cauda é mais escura. As patas são avermelhadas, o bico acinzentado e o olho é alaranjado.

ESPÉCIES SIMILARES

Streptopelia decaocto

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Streptopelia decaocto (Frivaldszky, 1838)

Rola-turca, rola-de-colar

TAXONOMIA
Aves
Columbiformes
Columbidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 34 cm
Peso: 240 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
10 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Tem um voo arrebatado com batimentos rítmicos, quase como uma melodia. A sua vocalização é característica e fácil de identificar, usualmente cantada a partir de estruturas humanas ou árvores altas. Pode ser observada no solo à procura de alimento ou em fontes de jardins a beber água. Constrói o ninho em árvores, nas forquilhas dos ramos, com ramos secos e raízes. A fêmea coloca 2 ovos por postura. Não fica incomodada com a presença humana.

MORFOLOGIA

É uma ave de dimensão média, com uma esbelta plumagem acinzentada que lhe cobre todo o corpo. Apresenta um colar negro delimitado a branco nas laterais do pescoço, com um espaço na garganta. As patas são rosadas, e possui olhos avermelhados escuros. O juvenil não apresenta o colar negro na garganta.

ESPÉCIES SIMILARES

Streptopelia turtur; Columba livia; Falco tinnunculus

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 3 4 5 6 8 9 10 11 12 13 14

Anas platyrhynchos (Linnaeus, 1758)

Pato-real, adem, alavanco

TAXONOMIA
Aves
Anseriformes
Anatidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 60 cm
Peso: 1,5 kg

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
25 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Pode formar grandes bandos durante o inverno, procurando refúgio e alimento em pequenas albufeiras. Alguns bandos escolhem lagos de jardins de grandes cidades para sobreviverem ao inverno, aproveitando o alimento fornecido pelos visitantes. O local de nidificação é de preferência o local onde a fêmea nasceu. A fêmea coloca até 13 ovos, cuidando das crias até estas serem independentes. O sucesso reprodutivo depende das capacidades da fêmea.

MORFOLOGIA

Verifica-se dimorfismo sexual. O macho tem a cabeça esverdeada e brilhante com um colar branco no pescoço, o peito acastanhado, a cauda preta e o corpo acinzentado. O bico e as patas são amarelo-alaranjados. A fêmea é acastanhada com pintas e listras pretas, a cauda esbranquiçada e o bico acastanhado.

ESPÉCIES SIMILARES

Spatula clypeata; Mareca strepera

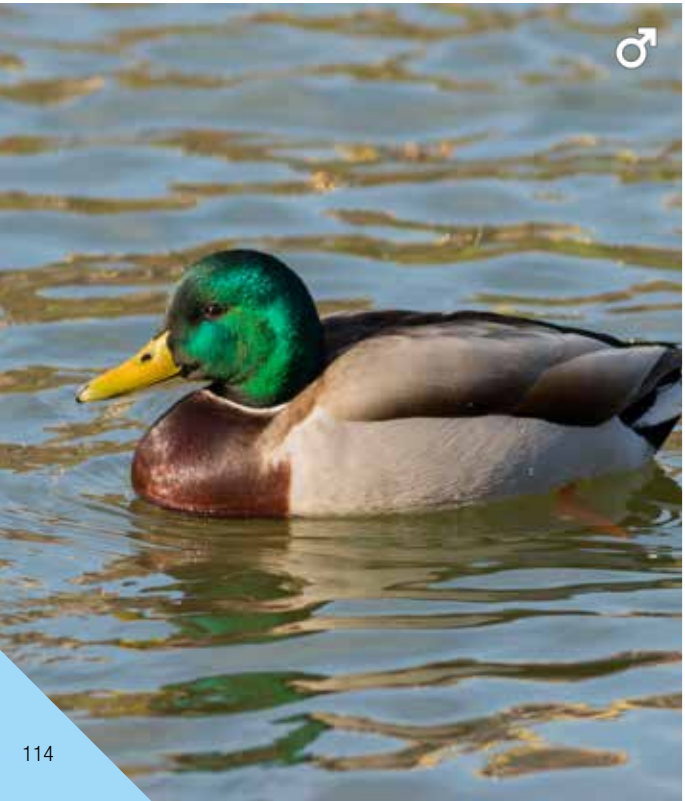
HABITAT

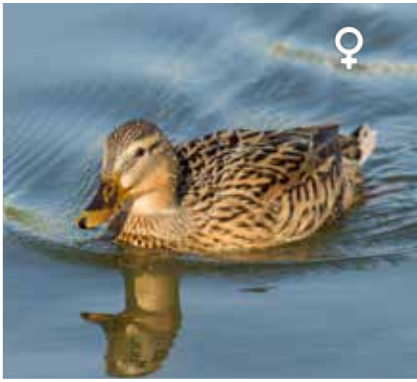
ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 3 4 5 6 7 9 10 11 12 14





Gallinula chloropus (Linnaeus, 1758)

Galinha-d'água, franga-do-rio, rabia, rabo-de-coelha

TAXONOMIA
Aves
Gruiformes
Rallidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 35 cm
Peso: 420 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
11 anos

BIOLOGIA

É uma ave tímida e assustadiça, que quando é ameaçada procura refúgio por entre a vegetação e pode inclusivamente mergulhar e nadar. Procura alimento nas zonas com vegetação, evitando águas abertas. Ao nadar à superfície inclina a cabeça, movendo-a para trás e para a frente, assim como a cauda, onde se consegue observar uma mancha branca na zona inferior. Em parques e jardins citadinos pode deixar-se observar durante alguns minutos e, inclusive, virem pedir comida (que não deve ser fornecida).

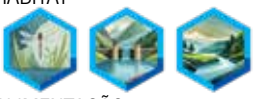
MORFOLOGIA

Apresenta o dorso escuro com pequenas estrias brancas nos flancos. As coberturas interiores da cauda são brancas. As patas são esverdeadas. O bico é avermelhado com a ponta amarela. Os olhos são avermelhados. Os juvenis não apresentam tanta cor, sendo mais acastanhados e com o bico escuro.

ESPÉCIES SIMILARES

Inconfundível

HABITAT



ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Fulica atra (Linnaeus, 1758)

Galeirão-comum, galeirão, galo, negra, viúva

TAXONOMIA
Aves
Gruiformes
Rallidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 38 cm
Peso: 800 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
9 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Defende corajosamente o seu território de qualquer intruso, nadando de forma ameaçadora e atacando. Tem a capacidade de mergulhar para procurar alimento, por vezes, fazendo o pino para alcançar o alimento em águas menos profundas. No inverno forma grandes bandos para proteção e procura de alimento. Para fugir do perigo corre sobre a água até um esconderijo, ao invés de levantar voo.

MORFOLOGIA

Ave rechonchuda. Possui a cabeça redonda e a cauda curta. O bico possui uma placa até à testa e é esbranquiçado. O corpo apresenta tons acinzentados escuros, sendo a região da cabeça em tons mais escuros a pretos. As patas são cinzento-esverdeadas e com dedos compridos.

ESPÉCIES SIMILARES

Fulica cristata; Gallinula chloropus

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 11

Tachybaptus ruficollis (Pallas, 1764)

Mergulhão-pequeno, funjudo, pato-mergulhador, alçacu

TAXONOMIA
Aves
Podicipediformes
Podicipedidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 29 cm
Peso: 190 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
10 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

É muito tímido, mergulhando ou fugindo ao mínimo sinal de perigo, procurando refúgio na vegetação até se sentir seguro. No inverno pode agrupar-se com outros indivíduos da mesma espécie, como forma de proteção e para procurar alimento. Usualmente ocorre em corpos de água abrigados e com vegetação aquática nas margens. Mergulha para capturar as suas presas, dependendo do tamanho pode consumi-las no local ou arrastá-las para um local mais abrigado para as consumir em segurança e proteção.

MORFOLOGIA

É pequeno, com pescoço curto e cauda tipo 'pompom', O bico é pequeno e escuro. No verão apresenta tons castanho-avelã nas laterais do pescoço, que ficam castanhos-pálidos durante o inverno. O dorso possui tons acastanhados, mais escuros no verão e pálidos no inverno. As patas são curtas e utilizadas para nadar.

ESPÉCIES SIMILARES

Podiceps cristatus; Podiceps nigricollis

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2

Haematopus ostralegus (Linnaeus, 1758)

Ostraceiro, passa-rios, pega-do-mar, pilha

TAXONOMIA
Aves
Charadriiformes
Haematopidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 44 cm
Peso: 480 g

OCORRÊNCIA
Invernante

LONGEVIDADE
16 anos

BIOLOGIA

Procura zonas entre marés ao longo da linha costeira para se alimentar ou outros terrenos abertos junto ao mar, de preferência em zonas rochosas ou pequenas ilhas. No inverno forma bandos e dormitórios que podem chegar às centenas de indivíduos. O voo possui batimentos rápidos, assemelhando-se a um pato. É bastante audível, em especial quando permanece em bando.

MORFOLOGIA

Grande e compacto. Ostenta um bico vermelho-alaranjado, que é robusto e comprido, espalmado como uma lâmina e adaptado para abrir conchas. A sua plumagem é preta e branca, com uma barra esbranquiçada nas asas observada em voo. O peito é branco e o dorso preto, no inverno possui ainda uma listra esbranquiçada no pescoço. As patas são vermelho-rosadas. Os olhos são vermelhos.

ESPÉCIES SIMILARES

Inconfundível

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

6 7

Vanellus vanellus (Linnaeus, 1758)

Abibe

TAXONOMIA
Aves
Charadriiformes
Charadriidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 31 cm
Peso: 220 g

OCORRÊNCIA
Invernante

LONGEVIDADE
10 anos

BIOLOGIA

É uma das espécies mais fáceis de identificar, mesmo por observadores inexperientes. Possui uma vocalização característica, sendo bastante audível durante a noite. No inverno forma bandos com centenas de indivíduos em terrenos agrícolas ou relvados, enquanto procura por alimento. Ao final do dia juntam-se para formar um dormitório com diversos bandos. Os seus ovos eram uma iguaria na era Vitoriana.

MORFOLOGIA

Possui uma plumagem muito característica, em tons pretos e brancos. Ostenta uma crista comprida e fina. O dorso possui tons escuros, que visto de perto apresenta reflexos verdes e roxos. O ventre é esbranquiçado. A base da cauda apresenta tons acastanhados e a ponta escura. Em voo as pontas das asas são arredondadas.

ESPÉCIES SIMILARES

Inconfundível

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

2 11

Charadrius hiaticula (Linnaeus, 1758)

Borrelho-grande-de-coleira, colado, fradinho, guleira

TAXONOMIA
Aves
Charadriiformes
Charadriidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 19 cm
Peso: 64 g

OCORRÊNCIA
Invernante

LONGEVIDADE
6 anos

BIOLOGIA

Possui uma forma particular de se movimentar, sendo observado a dar pequenos e rápidos passos enquanto procura por alimento, permanecendo imóvel por alguns instantes. Prefere praias extensas, surgindo em pequeno número em zonas rochosas, fazendo-se acompanhar de pilritos. Possui um voo rápido recorrendo a batimentos de asas mais soltos. Pode formar bandos fora da época de reprodução, especialmente se existir alimento com abundância.

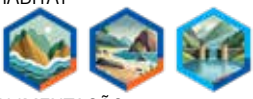
MORFOLOGIA

Borrelho compacto, rechonchudo e com um peito grande. Patas e bico em tons alaranjados. O ventre é esbranquiçado e o dorso acastanhado. A face apresenta um padrão branco e preto nos machos durante o verão, mais pálido durante o inverno e nas fêmeas. Ostenta um colar esbranquiçado bem demarcado, com um babete preto.

ESPÉCIES SIMILARES

Charadrius dubius; Charadrius alexandrinus

HABITAT



ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 6 7

Anarhynchus alexandrinus (Linnaeus, 1758)

Borrelho-de-coleira-interrompida, areeiro, corrição, curo-curo, pássaro-das-areias

TAXONOMIA
Aves
Charadriiformes
Charadriidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

VU PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 17 cm
Peso: 42 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
6 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Pode ser observado a procurar alimento ao longo do areal, ou nas margens, correndo rapidamente para de seguida ficar imóvel durante uns instantes. Escolhe locais que fiquem a descoberto nos períodos de maré baixa para procurar alimento, aventurando-se quando as ondas recuam. Quando se sente ameaçado levanta voo e pousa uns metros mais à frente. Possui um voo forte e direto. O ninho é construído no solo nu, em dunas ou salinas, por vezes, em estradas de terra batida.

MORFOLOGIA

Pequeno borrelho, com patas compridas e o bico curto. Ostenta pequenas manchas escuras na lateral do peito, sem fecharem num colar. O bico e as patas são em tons pretos. Em voo observa-se as barras alares esbranquiçadas. No verão o macho ostenta manchas escuras na cabeça e tons acastanhados na nuca.

ESPÉCIES SIMILARES

Charadrius dubius; Charadrius hiaticula

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

6 7

Numenius phaeopus (Linnaeus, 1758)

Maçarico-galego, meio-maçarico, sovela

TAXONOMIA
Aves
Charadriiformes
Scolopacidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NT PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 45 cm
Peso: 360 g

OCORRÊNCIA
Invernante

LONGEVIDADE
15 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
OBSERVAÇÃO

BIOLOGIA

Pode ser observado a procurar alimento na zona entre marés. Tímido, mantém uma distância de segurança. No entanto, quando caminha por entre as rochas esconde-se ou procura ficar fora de vista, surgindo no topo das rochas e descendo do lado oposto. Prefere alimentar-se isoladamente ou formando pequenos grupos durante o inverno. Procura por alimento em zonas lamacentas ou rochosas, recorrendo ao seu longo bico. Em terra firme procura por insetos no solo.

MORFOLOGIA

Limícola de grandes dimensões. Dorso acastanhado com padrão esbranquiçado. O ventre é mais esbranquiçado e com padrão escuro. Bico comprido com pequena curvatura para baixo. Possui duas riscas escuras na coroa, com um padrão bem demarcado na cabeça. Em voo verifica-se um 'V' branco nas costas, com as patas pouco projetadas para lá da cauda.

ESPÉCIES SIMILARES

Numenius arquata; Limosa lapponica

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

6 7

Limosa lapponica (Linnaeus, 1758)

Fuselo, galego, parda

TAXONOMIA
Aves
Charadriiformes
Scolopacidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 41 cm
Peso: 290 g

OCORRÊNCIA
Invernante

LONGEVIDADE
5 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
OBSERVAÇÃO

BIOLOGIA

Recorre ao seu longo bico curvo para procurar alimento em zonas lamacentas de águas pouco profundas em zonas costeiras. Prefere habitats marinhos, embora possa ser observado em estuários e salinas. Durante a migração é comum nas zonas costeiras. Nidifica no ártico, realizando grandes migrações para os seus locais de invernada. Em Portugal surge como migrador de passagem e alguns indivíduos acabam por invernar no nosso território.

MORFOLOGIA

Grande limícola. Bico comprido com curvatura para cima, em tons escuros na ponta e rosado na base. Patas em tons escuros. Dorso com padrão estriado escuro sobre tons cinzento-acastanhados pálidos. A cauda possui um padrão riscado. O ventre e pescoço é esbranquiçado e liso. As asas são lisas e não possuem nenhuma barra alar.

ESPÉCIES SIMILARES

Numenius phaeopus; Limosa limosa

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

6 7

Arenaria interpres (Linnaeus, 1758)

Rola-do-mar, pírula, rolinha, vira-pedras

TAXONOMIA
Aves
Charadriiformes
Scolopacidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 24 cm
Peso: 115 g

OCORRÊNCIA
Invernante

LONGEVIDADE
10 anos

BIOLOGIA

Prefere o litoral rochoso, mas também estuários e salinas. Pode ser observada a procurar alimento sozinha, embora no inverno forme pequenos grupos. Raramente se aventura para longe da linha de costa. Recorre ao seu bico para revirar pedras ou outros objetos, onde procura presas escondidas, embora também procure por alimento nas superfícies rochosas. Tem a capacidade de abrir conchas para chegar ao seu interior. Evita zonas frequentadas por muitas pessoas, em especial zonas onde existam cães à solta.

MORFOLOGIA

Limícola de tamanho médio. Bico pontiagudo, em formato cuneiforme e em tons escuros. As patas são em tons alaranjados. Possui o dorso em tons castanho-acinzentados escuros, que contrastam com o esbranquiçado do ventre. O peito possui um padrão escuro e largo.

ESPÉCIES SIMILARES

Calidris maritima

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Calidris alba (Pallas, 1764)

Pilrito-das-praias, pilrito-d'areia, pilrito-sanderlingo

TAXONOMIA
Aves
Charadriiformes
Scolopacidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 21 cm
Peso: 52 g

OCORRÊNCIA
Invernante

LONGEVIDADE
13 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
OBSERVAÇÃO

BIOLOGIA

Muito ativo na procura por alimento, durante o inverno forma pequenos bandos que levantam voo em conjunto para mudar de local de alimentação. Quando nas praias, corre com rapidez ao longo da zona de rebentação, procurando alimento quando as ondas recuam para voltar a fugir das mesmas. Gosta de calcorrear as zonas rochosas ao longo da costa para trás e para a frente, em especial durante os períodos de maré baixa.

MORFOLOGIA

Plumagem lisa, em comparação com o padrão que adquire durante o verão. O dorso apresenta tons acinzentados, algo pálidos, que contrastam com o branco do resto do corpo. O ventre é esbranquiçado. O bico é pequeno, grosso e em tons pretos. As patas são pretas e não possuem polegar.

ESPÉCIES SIMILARES

Calidris alpina; Calidris maritima; Calidris ferruginea

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 6 7

Calidris maritima (Brünnich, 1764)

Pilrito-escuro

TAXONOMIA
Aves
Charadriiformes
Scolopacidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 22 cm
Peso: 65 g

OCORRÊNCIA
Invernante

LONGEVIDADE
10 anos

BIOLOGIA

Prefere alimentar-se nas zonas rochosas de praias costeiras ou em estruturas artificiais (como molhes ou pontões) expostas ao oceano, sendo especialista neste tipo de habitat durante o inverno. Procura ficar sempre em zonas de sombra enquanto se alimenta, de forma a evitar ser descoberto por predadores, e assim dificultando a sua observação. Quando se encontra fora do seu habitat habitual prefere agrupar-se com outros pilritos, para procurar alimento e aproveitando o grupo como proteção contra predadores.

MORFOLOGIA

O mais escuro dos pilritos. O seu bico é alaranjado na base e preto na ponta, sendo ligeiramente curvo para baixo. No dorso apresenta um padrão acinzentado escuro que se estende até à cabeça, na garganta os cinzentos dão gradualmente lugar a tons esbranquiçados. O ventre é esbranquiçado. As patas possuem tons laranjas vivos.

ESPÉCIES SIMILARES

Calidris alba; Arenaria interpres

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Actitis hypoleucos (Linnaeus, 1758)

Maçarico-das-rochas, lava-cu, lavandeira

TAXONOMIA
Aves
Charadriiformes
Scolopacidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 20 cm
Peso: 40 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
8 anos

BIOLOGIA

Quando em repouso ou em alimentação balança repetidamente a parte traseira do corpo, mais notório quando pousa ou realiza movimentos bruscos. O seu voo é direto e rente à água, com movimentos de asas pouco acentuados, intercalados com pequenos deslizes quase imperceptíveis. Usualmente alimenta-se solitariamente, embora no inverno possa formar pequenos grupos. Procura alimento no solo ou em águas pouco profundas, por vezes, capturando insetos em voo.

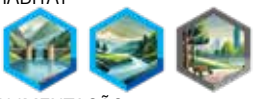
MORFOLOGIA

É uma ave pequena, normalmente com uma postura meio agachada. O pescoço e as patas são curtos, mas visíveis. A cauda é longa e sempre a abanar. O dorso apresenta tons acastanhados com um padrão de pintas brancas. Apresenta uma mancha esbranquiçada na lateral do pescoço bem demarcada, que ajuda a identificá-lo. O ventre é esbranquiçado e sem manchas (liso).

ESPÉCIES SIMILARES

Tringa ochropus; Tringa glareola

HABITAT



ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Chroicocephalus ridibundus (Linnaeus, 1766)

Guincho-comum, calhapeta, garragina, garrincho

TAXONOMIA
Aves
Charadriiformes
Laridae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 39 cm
Peso: 400 g

OCORRÊNCIA
Invernante

LONGEVIDADE
11 anos

BIOLOGIA

É uma das gaivotas mais comuns que pode ser observada. Forma grandes bandos que podem chegar às centenas de indivíduos, especialmente ao final do dia quando se deslocam para os dormitórios. Na época de reprodução, prefere ficar em casal e proteger o seu território dentro da colónia de nidificação. Possui diversas fases imaturas intermédias até atingir a plumagem de adulto. Fazem apenas uma postura por ano.

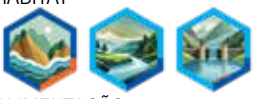
MORFOLOGIA

Possui as primárias externas em tons brancos. Quando em voo observa-se o bordo anterior branco. No verão, o adulto apresenta um capuz acastanhado, que se transforma numa pinta auricular atrás do olho no inverno. Bico e patas em tons avermelhados. Possui tonalidades cinza-claras nas partes superiores.

ESPÉCIES SIMILARES

Ichthyaetus melanocephalus; Chroicocephalus genei; Hydrocoloeus minutus

HABITAT



ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 3 6 7 9 11

Ichthyaetus melanocephalus (Temminck, 1820)

Gaivota-de-cabeça-preta, gaivota-de-bico-vermelho, gaivota-do-Mediterrâneo

TAXONOMIA
Aves
Charadriiformes
Laridae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 40 cm
Peso: 260 g

OCORRÊNCIA
Invernante

LONGEVIDADE
15 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
OBSERVAÇÃO

BIOLOGIA

É uma espécie gregária durante o inverno, quer para se alimentar quer para descansar, preferindo manter-se afastada de outras gaivotas. Utiliza a orla costeira para repousar, sendo observada em praias, portos de pesca, estuários e salinas. Percorre as zonas costeiras à procura de alimento, mas pode aventurar-se até ao limite da plataforma continental, não entrando em alto mar. É bastante audível, especialmente na época de reprodução e em colónia.

MORFOLOGIA

O juvenil apresenta um padrão acinzentado, com patas e bico escuros. Este padrão vai gradualmente dando lugar à plumagem de adulto. Este, possui o ventre e garganta esbranquiçados. O dorso em tons acinzentados pálidos. A cabeça é preta até ao pescoço. O bico é avermelhado com mancha preta. As patas são avermelhadas.

ESPÉCIES SIMILARES

Chroicocephalus ridibundus; Larus argentatus

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 6 7

Larus michahellis (Naumann, 1840)

Gaivota-de-patas-amarelas, gaivota-argêntea, gaivota-de-manto-cinzento, gaivota-de-prata

TAXONOMIA
Aves
Charadriiformes
Laridae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 58 cm
Peso: 1,6 kg

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
30 anos

BIOLOGIA

É uma das gaivotas mais comuns. Escolhe ilhas isoladas para fazer dormitórios e para nidificar. Nas cidades costeiras prefere telhados para construir ninhos e para descansar. O aumento das suas populações deve-se à disponibilidade de alimento fácil associado às atividades humanas. O ninho é construído no solo, com recurso a ervas e galhos. A fêmea coloca dois ovos por postura.

MORFOLOGIA

Existem diferentes grupos etários. A cabeça, pescoço e ventre são esbranquiçados, que contrasta com o cinzento do dorso e das asas. Na ponta das asas possui tons pretos com manchas brancas. Possui tons amarelados nas patas, bico e região ao redor do olho. Apresenta uma pinta avermelhada no bico. Os juvenis têm um padrão acinzentado, que passa por vários estágios até ganhar a coloração dos adultos.

ESPÉCIES SIMILARES

Larus fuscus; Larus marinus

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Larus fuscus (Linnaeus, 1758)

Gaivota-d'asa-escura, gaivota-das-asas-negras, gaivota-escura, galfoeira, pardo

TAXONOMIA
Aves
Charadriiformes
Laridae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 56 cm
Peso: 750 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
15 anos

BIOLOGIA

Gosta de viver perto do ser humano, alimentando-se de tudo o que encontra, e roubando alimento a outras aves. Realiza migrações desde os seus locais de nidificação no norte da Europa para regiões mais temperadas. Nidifica em colónias perto de zonas costeiras, quer em arribas, lagos ou prédios, por vezes em conjunto com outras gaivotas. Ocorre hibridação com outras espécies de gaivotas.

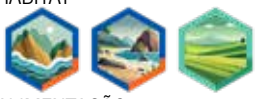
MORFOLOGIA

Gaivota grande, com diferentes grupos etários. O juvenil ostenta um padrão acinzentados que vai ficando gradualmente semelhante ao adulto. O adulto apresenta a cabeça esbranquiçada. O bico é amarelo-alaranjado com uma mancha vermelha na mandíbula inferior. O ventre é esbranquiçado. O dorso apresenta tons cinzento-ardósia. As patas são amareladas.

ESPÉCIES SIMILARES

Larus michahellis; Larus marinus; Chroicocephalus ridibundus; Ichthyaetus melanocephalus

HABITAT



ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Larus marinus (Linnaeus, 1758)

Gaivotão-real

TAXONOMIA
Aves
Charadriiformes
Laridae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 74 cm
Peso: 2 kg

OCORRÊNCIA
Invernante

LONGEVIDADE
20 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
OBSERVAÇÃO

BIOLOGIA

Gaivota oportunista e muito curiosa, tendo um comportamento predatório mais semelhante a uma águia do que a uma gaivota. Engole as suas presas inteiras, a menos que sejam muito grandes e aí tenta parti-las em pedaços mais pequenos recorrendo ao bico forte. Descansa juntamente com outras gaivotas no areal, em zonas rochosas ou em portos de pesca.

MORFOLOGIA

É a maior gaivota que pode ser observada, com um corpo volumoso. Existem 4 grupos etários. O juvenil pode ser confundido com outras espécies pois também apresenta tons acinzentados. Possui um bico grande e pesado em tons amarelados. Tem a cabeça, pescoço e ventre esbranquiçado. O dorso possui tons acinzentados escuros, com uma margem branca e larga nas asas. A cauda é esbranquiçada.

ESPÉCIES SIMILARES

Larus fuscus

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 6 7 9

Morus bassanus (Linnaeus, 1758)

Ganso-patola, alcatraz

TAXONOMIA
Aves
Suliformes
Sulidae

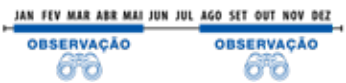
CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 97 cm
Peso: 3 kg

OCORRÊNCIA
Invernante

LONGEVIDADE
20 anos



BIOLOGIA

As colónias de nidificação localizam-se ao longo da costa rochosa e em ilhas inacessíveis no norte da Europa. Durante o resto do ano raramente poisa em terra, permanecendo sempre em alto-mar. Pode ser observado sozinho ou em pequenos grupos, no entanto, quando existe alimento em abundância pode formar grandes bandos. Bastante oportunista e adapta-se com facilidade, não descartando as rejeições produzidas pelas embarcações de pesca.

MORFOLOGIA

Fácil de identificar devido ao seu tamanho e batimento de asas. A cabeça e a cauda são longas. O adulto possui uma coloração branca no dorso e ventre. A cabeça ostenta tons amarelados e as asas possuem as pontas pretas. O juvenil e o imaturo possui um padrão preto e branco apenas chegando à plumagem de adulto a partir do 5º inverno.

ESPÉCIES SIMILARES

Sula leucogaster, Calonectris diomedea

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

6 7

Phalacrocorax carbo (Linnaeus, 1758)

Corvo-marinho-de-faces-brancas, corvo-marinho

TAXONOMIA
Aves
Suliformes
Phalacrocoracidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 94 cm
Peso: 3,5 kg

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
10 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Tem a habilidade de mergulhar a alguma profundidade para capturar a sua presa favorita, peixes, embora em alguns habitats possa ter uma dieta mais generalista. Não consegue impermeabilizar as suas penas, e por isso, necessita de ficar ao sol de asas abertas para as secar, fazendo-se acompanhar de mais indivíduos. Ao final do dia agrupa-se em dormitórios que podem chegar às centenas de indivíduos. Raramente se aventura para mar-alto.

MORFOLOGIA

Ave de grandes dimensões e com um pescoço comprido. O bico é forte e amarelado na base. Apresenta tons negros ao longo do corpo, com reflexos azulados e esverdeados. O pescoço é ligeiramente esbranquiçado. Na época de reprodução fica mais esbranquiçado no pescoço e peito. Os olhos são esverdeados.

ESPÉCIES SIMILARES

Gulosus aristotelis

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 4 5 6 7 9 11

Nycticorax nycticorax (Linnaeus, 1758)

Garça-noturna, goraz

TAXONOMIA
Aves
Pelecaniformes
Ardeidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 65 cm
Peso: 800 g

OCORRÊNCIA
Migrador
Nidificante

LONGEVIDADE
10 anos

BIOLOGIA

É a única garça noturna em Portugal. Pesca nas margens de corpos de água, chegando a percorrer mais de vinte quilómetros em busca de alimento. Durante o dia esconde-se por entre a vegetação, usualmente perto dos locais de alimentação. Na época de reprodução forma colónias apenas da sua espécie e raramente com outras garças em grandes colónias barulhentas. A fêmea coloca até 5 ovos. Quando chega o inverno migra para África, regressando na primavera seguinte.

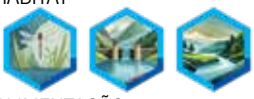
MORFOLOGIA

Possui uma coloração acinzentada, com o dorso e o topo da cabeça com uma coloração preta e bem distinta da restante. O pescoço e ventre possuem tons mais claros e esbranquiçados. Tem duas ou três longas plumas no topo da cabeça. Os olhos possuem uma pupila avermelhada no adulto e alaranjada no juvenil. O bico é acinzentado.

ESPÉCIES SIMILARES

Inconfundível

HABITAT



ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Ardea ibis (Linnaeus, 1758)

Garça-boieira, carraceiro, cata-bois, espulga-bois, garça-da-berbéria, garça-vaqueira

TAXONOMIA
Aves
Pelecaniformes
Ardeidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

VU PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 52 cm
Peso: 390 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
10 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Percorre grandes distâncias entre os dormitórios e os locais de alimentação. Procura alimento ao início do dia. Ao final do dia agrupam-se em grandes bandos para se deslocarem até aos dormitórios, formando grandes colónias. É oportunista, consumindo presas consoante a disponibilidade alimentar. Gosta de acompanhar manadas de gado, caminhando por entre as patas dos mesmos, e capturando insetos espantados. Forma colónias mistas durante a época de reprodução.

MORFOLOGIA

Possui tons esbranquiçados no dorso e ventre. As patas e bico são amarelo-alaranjados. Na época de reprodução fica com plumagem nupcial, isto é, apresenta algumas penas alaranjadas na cabeça, nuca, peito e dorso. Fora da época de reprodução é totalmente esbranquiçada. O juvenil possui o bico e patas escuros, ficando gradualmente laranjas.

ESPÉCIES SIMILARES

Egretta garzetta

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 3 4 5 6 8 9 10 11 13 14

Egretta garzetta (Linnaeus, 1766)

Garça-branca-pequena, garça-branca, garça-ribeirinha, lavadeira, chisco

TAXONOMIA
Aves
Pelecaniformes
Ardeidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 65 cm
Peso: 550 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
5 anos

BIOLOGIA

Procura árvores grandes em lagos ou rios para formar colónias de nidificação. Prefere caçar sozinha, embora seja sociável e tolere a presença de outras garças desde que não seja nos locais de caça. Possui diversas táticas de caça, em terra podem perseguir as suas presas espantadas por máquinas agrícolas, perto da água preferem permanecer imóveis e emboscar as suas presas. Pode ser observada em zonas costeiras ou em águas interiores, usualmente em zonas rochosas ou em zonas de água pouco profunda com ou sem corrente.

MORFOLOGIA

Garça pequena, esguia e elegante, de pescoço comprido. A sua plumagem é esbranquiçada. As patas são escuras com dedos amarelados. O bico é preto e comprido. Durante a época de reprodução surgem duas plumas delicadas e alongadas na nuca. O olho é amarelado.

ESPÉCIES SIMILARES

Bubulcus ibis; Nycticorax nycticorax; Ixobrychus minutus; Ardeola ralloides

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Ardea cinerea (Linnaeus, 1758)

Garça-real, garça-cinzenta, airão

TAXONOMIA
Aves
Pelecaniformes
Ardeidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 102 cm
Peso: 2 kg

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
24 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Procura por presas ao longo das margens de massas de água que frequenta, caminhando devagar até as avistar. Pode permanecer imóvel durante largos minutos até à altura certa para atacar, instante em que lança o bico com extrema rapidez e pontaria. Só quando é detetada é que foge, voando com o pescoço encolhido e emitindo vários gritos. Procura alimento sozinha, evitando aglomerar-se com outras garças. Nidifica em colónias mistas, juntamente com outras garças.

MORFOLOGIA

É uma grande ave, com um corpo esguio e um pescoço muito comprido. Plumagem de tons acinzentados. Apresenta bandas pretas na lateral da cabeça. O pescoço é esbranquiçado com riscas pretas. A ponta das asas possui tons escuros. O bico e as patas são amarelados. O juvenil é mais escuro, com o bico e as patas de coloração preta.

ESPÉCIES SIMILARES

Inconfundível

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 4 5 6 7 9 10 12

Hieraaetus pennatus (Gmelin, 1788)

Águia-calçada, águia-pequena

TAXONOMIA
Aves
Accipitriformes
Accipitridae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 51 cm
Peso: 1 kg

OCORRÊNCIA
Migrador Nidificante (Estival)

LONGEVIDADE
15 anos

BIOLOGIA

É facilmente observada em voo, pois raramente poisa a descoberto. Prefere viver em casal ou solitariamente. Captura as suas presas no solo depois de mergulhar sobre as mesmas com as asas fechadas e as patas esticadas, atacando a alta velocidade. O seu voo é direto, com grandes deslizes entre os batimentos de asas. Antes da chegada do inverno migra para África, formando grandes bandos que atravessam o estreito de Gibraltar em conjunto.

MORFOLOGIA

Águia de pequenas dimensões. Pode ser observada em duas formas: a forma clara que possui o ventre esbranquiçado que contrasta com as penas de voo em tons escuros; e a forma escura que possui tons acastanhados escuros. O dorso é semelhante em todas as formas, com um padrão amarelo rodeado de tons acastanhados.

ESPÉCIES SIMILARES

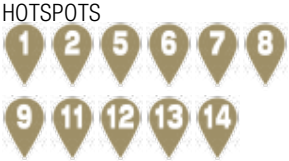
Buteo buteo

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS



Accipiter nisus (Linnaeus, 1758)

Gavião, gavião-da-Europa, aguião, aguioto

TAXONOMIA
Aves
Accipitriformes
Accipitridae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 41 cm
Peso: 340 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
10 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Escolhe florestas, por vezes perto de povoações, e áreas densas de grandes parques para nidificar. O seu ninho é construído todos os anos, em árvores com mais de 6 metros de altura. A sua rota de voo é ondulante, com batimentos de asas seguidos por pequenos deslizes. Possui diversas técnicas de caça, embora a mais comum seja a captura de presas de surpresa a partir de um poiso escondido na vegetação, em alguns casos persegue a sua presa pela floresta.

MORFOLOGIA

Pequena rapina. O dorso possui tons acinzentados. O macho apresenta o peito vermelho-acastanhado com um barrado esbranquiçado, que nas fêmeas é esbranquiçado com um barrado escuro. As suas asas são curtas, largas e arredondadas. A cauda é comprida e possui barras escuras sobre um fundo esbranquiçado. Os olhos são amarelados.

ESPÉCIES SIMILARES

Astur gentilis

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 4

Astur gentilis (Linnaeus, 1758)

Açor

TAXONOMIA
Aves
Accipitriformes
Accipitridae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

VU PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 64 cm
Peso: 1,2 kg

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
11 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Vive sozinho ou em par. O seu território é mantido através de voos de exibição pelos adultos, e existem vários ninhos dentro do território. No caso de o território ser invadido, é defendido por ambos os elementos do casal. Os ninhos são construídos em árvores altas. Exímios caçadores, movendo-se agilmente e a grandes velocidades, mesmo em florestas densas, capturando aves em pleno voo, depois de uma intensa perseguição.

MORFOLOGIA

Aves fortes, com uma cabeça pequena em relação ao resto do corpo. Possui tons castanho-acinzentados no dorso e tons esbranquiçados no peito com um barrado horizontal em tons acinzentados. O bico é forte e encurvado. Os olhos são vermelhos no adulto, amarelos no juvenil. As robustas asas são arredondadas. A cauda é comprida e esbranquiçada com um riscado escuro. Tem longas e fortes garras nas patas.

ESPÉCIES SIMILARES

Accipiter nisus

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 13 14

© Américo Rosa

Buteo buteo (Linnaeus, 1758)

Águia-de-asa-redonda, bútio-de-asa-redonda, miadeira, minhoto

TAXONOMIA
Aves
Accipitriformes
Accipitridae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 58 cm
Peso: 1,4 kg

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
25 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

É uma das aves de rapina mais comuns em Portugal. Pode ser facilmente observada poisada em árvores, fios ou postes ao longo das estradas. Vive e caça em solitário, ou em casais formados para a vida toda. Aproveita as térmicas para subir bem alto e procurar alimento sobre zonas abertas, como pastagens ou campos agrícolas. Depois de formados, os casais tornam-se territoriais e defendem o seu espaço. O ninho é construído em penhascos ou árvores altas, com recurso a ramos e galhos.

MORFOLOGIA

Possui tons acastanhados com o peito esbranquiçado, observado quando está poisada. Durante o voo pode observar-se as pontas das asas pretas e uma clara mancha branca, que se estende desde as asas até ao peito acastanhado. A parte superior das asas é acastanhada. A cauda é curta. O bico e as patas são amarelados.

ESPÉCIES SIMILARES

Hieraaetus pennatus

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 4 5 6 7
8 9 10 11 12 13

Tyto alba (Scopoli, 1769)

Coruja-das-torres, bebe-azeite, coruja-azeiteira, coruja-branca

TAXONOMIA
Aves
Strigiformes
Strigidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 39 cm
Peso: 460 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
10 anos

BIOLOGIA

É habitante regular de vilas e cidades, onde procura alimento e refúgio. Possui um voo lento, sendo o bater de asas suave, elegante e extremamente silencioso. Utiliza a acústica para detetar as suas presas, quer a partir de um poiso ou num voo a pouca altura do solo. Forma casais para a vida toda, utilizando sempre o mesmo território. Procura locais escuros para construir o ninho, como o interior de edifícios abandonados e torres de igreja. A fêmea coloca até 7 ovos por postura.

MORFOLOGIA

Tem um corpo delgado, com uma plumagem muito clara. Possui o ventre esbranquiçado, com pintas escuras. O dorso apresenta tons acinzentados, com um padrão indistinguível de manchas brancas, riscas acastanhadas e pontos brancos e pretos. O disco facial é esbranquiçado, em forma de coração e bem delimitado.

ESPÉCIES SIMILARES

Inconfundível

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Bubo bubo (Linnaeus, 1758)

Bufo-real, corujão, mocho-real

TAXONOMIA
Aves
Strigiformes
Strigidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NT PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 73 cm
Peso: 4 kg

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
20 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

É a maior rapina noturna que podemos observar, sendo as fêmeas maiores que os machos. É difícil de detetar, permanecendo escondido durante o dia em zonas rochosas ou florestas, saindo ao cair da noite. Caçam por emboscada, matando as presas com as suas fortes garras. Vocalizam durante o inverno, na época de reprodução, passando despercebidos o resto do ano.

MORFOLOGIA

Rapina grande e com uma cabeça grande, de aspeto robusto e compacto. Ostenta tons acastanhados no dorso, sendo o resto da sua plumagem castanha-amarelada. O peito e o ventre apresentam listras escuras. Possui um par de penachos auriculares, as 'orelhas', visíveis durante o voo ou quando vocalizam. A sua face é castanha-acinzentada. Os olhos são grandes e laranja-avermelhados. O bico é preto. Os dedos estão cobertos de penas e possuem fortes garras pretas.

ESPÉCIES SIMILARES

Asio otus

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

8 13 14

Strix aluco (Linnaeus, 1758)

Coruja-do-mato, coruja-cabreira, cravo-do-monte

TAXONOMIA
Aves
Strigiformes
Strigidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 43 cm
Peso: 580 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
5 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Possui um elevado reportório de vocalizações, escutado em plena escuridão. Recorre ao topo de uma árvore ou poste para detetar as suas presas acusticamente, capturando-as no solo. Na época de reprodução armazena os excessos de caça, de forma a poder alimentar as crias ao longo do dia. O ninho, revestido de regurgitações despedaçadas, é construído em buracos de árvores, fendas em rochas ou cavidades em edifícios. O casal é formado para a vida. A fêmea coloca até 5 ovos.

MORFOLOGIA

Possui uma cabeça grande, arredondada e sem penachos nas orelhas. Apresenta asas largas e arredondadas. Tem um disco facial homogéneo, com olhos grandes e bico amarelado. A coloração é em tons acastanhados-acinzentados, com um padrão malhado e escuro. O ventre é ligeiramente mais claro que o dorso. Na cauda tem barras finas e incertas. As patas são acinzentadas.

ESPÉCIES SIMILARES

Athene noctua; Otus scops

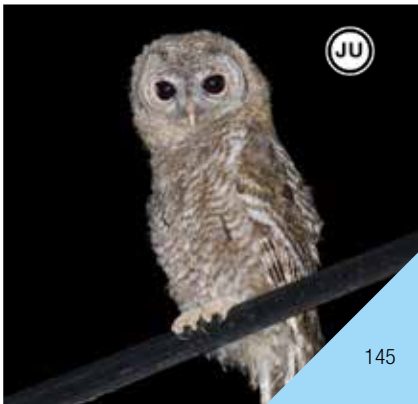
HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 5 8 9



Athene noctua (Scopoli, 1769)

Mocho-galego, ave-gatinhas, chio, papagaio-saloio

TAXONOMIA
Aves
Strigiformes
Strigidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 23 cm
Peso: 260 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
10 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Na época de reprodução pode ser observado durante o dia a vigiar o seu território, escolhendo amontoados de pedras, postes, edifícios ou árvores como poiso de vigia. Adota uma postura agachada quando se sente ameaçado ou é detetado. Captura as presas a partir de um poiso ou caminha no solo. O ninho é feito em cavidades em árvores, edifícios abandonados, falésias ou muros. A fêmea coloca e incuba até 5 ovos, a tarefa do macho é fornecer alimento.

MORFOLOGIA

Tem uma cabeça grande e arredondada. O dorso possui tons castanho-acinzentados com pintas brancas. O peito e o ventre possuem tonalidades mais claras em branco-acinzentadas, com manchas acastanhadas. O disco facial é impercetível, apenas se notam as sobrancelhas esbranquiçadas. Não possui penachos auriculares. O bico é verde-acinzentado e os olhos amarelos. Possui cauda curta e patas compridas.

ESPÉCIES SIMILARES

Strix aluco; Otus scops

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

2 4 8 9 10 11 14

Alcedo atthis (Linnaeus, 1758)

Guarda-rios, martim-pescador, bordaleiro, pica-peixe, rei-do-mar, chasco-do-rego, juiz-do-rio

TAXONOMIA
Aves
Coraciiformes
Alcedinidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 19 cm
Peso: 36 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
10 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

É uma ave de cores vivas e voo veloz, como um relâmpago azul. Tem um batimento de asas rápido, realizando voos rasantes à água. Escolhe ramos sobranceiros à beira da água a partir dos quais mergulha a pique para capturar as suas presas, recorrendo ao seu longo e afiado bico. Nos seus mergulhos pode submergir mais de 25 centímetros. Para emergir da água com as suas presas recorre a fortes batimentos das asas e à sua flutuabilidade natural. Para matar as suas presas bate-as repetidamente contra um ramo antes de as engolir.

MORFOLOGIA

Uma das aves mais coloridas da nossa fauna. Apresenta uma coloração azul-esverdeada no dorso e nas asas, com o ventre em tons vivos e alaranjados. As patas são pequenas e avermelhadas. A cauda possui tons azul-cobalto. O bico é preto nos machos e as fêmeas possuem a mandíbula inferior avermelhada.

ESPÉCIES SIMILARES

Inconfundível

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 3 4 5 6 7 9 11

Jynx torquilla (Linnaeus, 1758)

Torcicolo

TAXONOMIA
Aves
Piciformes
Picidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 18 cm
Peso: 43 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
10 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Facilmente passa despercebido, devido aos seus hábitos recatados. É semelhante a um pica-pau, com um bico curto, mas sem capacidade para trepar às árvores, preferindo ramos horizontais. Pode ser observado a saltitar no solo enquanto procura por alimento. Não consegue escavar buracos para construir o seu ninho, utilizando antigos buracos de pica-paus ou cavidades em árvores. A fêmea coloca até 10 ovos por postura.

MORFOLOGIA

Possui tons castanho-acinzentados sarapintados no dorso, que se confundem com a casca das árvores. O ventre é mais castanho-esbranquiçado com pintas castanho-escuras. Apresenta uma risca acastanhada desde os olhos até à nuca, e uma segunda risca escura desde a coroa até à cauda. O bico é curto e pontiagudo. As patas possuem duas garras viradas para a frente e as outras duas viradas para trás.

ESPÉCIES SIMILARES

Lanius senator (juvenil)*; Passer domesticus; Petronia petronia*

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 3 6 7 11

Dendrocopos major (Linnaeus, 1758)

Pica-pau-malhado-grande, peto-malhado, pica-pau-malhado

TAXONOMIA
Aves
Piciformes
Picidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 26 cm
Peso: 90 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
10 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

É cauteloso e está sempre alerta. Procura por alimento em troncos de árvores, recorrendo à cauda como suporte. Aproveita pequenas fissuras nas cascas das árvores para prender e abrir as sementes que encontra, criando uma acumulação de cascas de sementes na base da árvore. As "marteladas" que dá nas árvores servem também para marcação de território. Ambos os elementos do casal ajudam na construção do ninho, um buraco nas árvores com um diâmetro de 5 centímetros.

MORFOLOGIA

Possui o dorso preto, com manchas ovais esbranquiçadas perto dos ombros. O ventre tem tons esbranquiçados, com parte da cauda avermelhada. O macho possui uma mancha avermelhada no pescoço, que na fêmea é totalmente preto. A garganta é esbranquiçada. As asas são pretas com diversas pintas esbranquiçadas. O bico é grande, forte e preto. As garras são grandes e fortes.

ESPÉCIES SIMILARES

Dryobates minor

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 4 5 9 11

Falco tinnunculus (Linnaeus, 1758)

Peneireiro-comum, peneireiro-de-dorso-malhado, peneireiro-vulgar, cigarreiro, lagarteiro

TAXONOMIA
Aves
Falconiformes
Falconidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

VU PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 37 cm
Peso: 200 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
15 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Tal como o nome indica, tem a capacidade de ficar a peneirar por longos períodos, sensivelmente a 20 metros do solo, enquanto procura por alimento. É uma das rapinas mais comuns, e que pode ser observada em fios ou em postes ao longo das estradas. Recorre a falésias, penhascos, buracos em árvores, edifícios abandonados e até parapeitos de janelas altas (em floreiras) para construir o ninho. A fêmea coloca até 6 ovos por postura.

MORFOLOGIA

Possui o dorso acastanhado com pintas pretas. As compridas e delgadas asas possuem a ponta preta na parte superior. O ventre é esbranquiçado com pintas pretas. As patas são amareladas e possui as garras pretas. A fêmea tem a cauda e cabeça acastanhada com riscas pretas; sendo estas acinzentadas e sem riscas no macho.

ESPÉCIES SIMILARES

Falco naumanni; Falco peregrinus

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 3 4 5 6 7
8 9 10 11 12 14

Falco peregrinus (Tunstall, 1771)

Falcão-peregrino

TAXONOMIA
Aves
Falconiformes
Falconidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

VU PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 51 cm
Peso: 750 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
15 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

É a ave mais rápida do mundo com o seu característico voo picado para capturar as suas presas a partir de uma elevada altitude. Pode também atacá-las por baixo, recorrendo a um voo rápido e ágil. Possui um batimento de asas lento durante o seu voo normal, que se torna rápido e amplo quando se encontra em perseguição. O ninho é construído na rocha nua de cavidades de escarpas ingremes, em zonas costeiras ou montanhosas. A fêmea coloca até 4 ovos por postura.

MORFOLOGIA

Possui tons cinzento-ardósia no dorso, enquanto o peito é esbranquiçado com um barrado azul-acinzentado. Na cabeça apresenta tons escuros, com a garganta esbranquiçada. Possui tons acinzentados na parte inferior das asas, que são pontiagudas. A cauda é curta. O bico e as patas são amarelados. A fêmea é mais corpulenta que o macho.

ESPÉCIES SIMILARES

Falco tinnunculus; Falco naumanni

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 6 7 12

Upupa epops (Linnaeus, 1758)

Poupa, boubela, poupa-pão

TAXONOMIA
Aves
Bucerotiformes
Upupidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 29 cm
Peso: 80 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
10 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

A grande e extensível poupa apenas levanta ao aterrar ou quando assustada. Procura por alimento no solo de forma energética e aos solavancos, perto de vegetação ou em campo aberto. É uma ave desconfiada, tolerando a presença humana, mas mantendo uma distância de segurança. Tem um voo ondulante curto, com pequenos deslizes a baixa altitude e a um ritmo irregular. Constrói o ninho em muros de pedra ou em buracos de árvores, de edifício ou rochas. A fêmea põe até 8 ovos por ninhada.

MORFOLOGIA

Apresenta uma poupa eréctil, de tons acastanhados e com um rebordo preto na ponta. O dorso é de tons laranja-acastanhados com manchas brancas e pretas. O ventre possui tons acastanhados. O seu bico característico é longo, fino e curvo. As patas são curtas. Possui cauda preta com uma risca branca. As asas são largas e apresentam manchas brancas e pretas.

ESPÉCIES SIMILARES

Inconfundível

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 3 4 6 7 8 9 11 13

Garrulus glandarius (Linnaeus, 1758)

Gaio

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Corvidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 35 cm
Peso: 190 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
5 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Possui uma elevada inteligência e é uma das maiores aves citadinas, sendo, no entanto, cauteloso, o que dificulta a sua aproximação. Durante o outono recolhem e escondem diversas sementes, gostando particularmente de bolotas, armazenando-as para os meses mais frios. Pode escondê-las em fendas nas árvores, por entre as raízes ou enterrá-las no solo. Tem a capacidade de transportar várias sementes no papo e mais uma no bico. O seu voo é direto e irregular, com batimentos de asas rápido. A fêmea põe até 7 ovos.

MORFOLOGIA

Possui uma plumagem característica e que chama a atenção dos observadores. O dorso e ventre são castanho-acinzentados. Apresenta um bigode preto bem marcado e a coroa é esbranquiçada com riscas pretas. Tem uma característica mancha azul na face superior das asas que são sarapintadas de preto. Tem garras fortes e o seu bico é escuro.

ESPÉCIES SIMILARES

Inconfundível

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 3 4 5 6 7
8 9 10 11 12 14

Pica pica (Linnaeus, 1758)

Pega, pega-rabuda

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Corvidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 51 cm
Peso: 270 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
10 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

É uma ave muito inteligente. Gosta de locais perto de quintas, aldeias ou cidades para se reproduzir, construindo o ninho em árvores densas. Aproveita restos alimentares e a proteção contra predadores por viver perto do ser humano. No inverno chega a formar dormitórios que podem albergar dezenas de indivíduos. É falsamente acusada de roubar joias. Caminha no solo de forma confiante e aos saltos, sempre com a cauda erguida.

MORFOLOGIA

Ostenta uma plumagem preta e branca, muito característica e fácil de identificar. A cauda é comprida e com reflexos esverdeados nem sempre visíveis. As asas possuem grandes painéis esbranquiçados, visíveis durante o voo, e ostentam tons azulados escuros. Possui um bico preto e forte. As suas patas são compridas e escuras.

ESPÉCIES SIMILARES

Cyanopica cooki; Corvus corone

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 4 11 14

Corvus corone (Linnaeus, 1758)

Gralha-preta

TAXONOMIA
Classe
Passeriformes
Corvidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 51 cm
Peso: 650 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
10 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

É uma ave cautelosa e bastante tímida. Os seus gritos roucos anunciam a sua presença. Possui um voo lento e preguiçoso, com batimentos regulares das asas. Prefere deslocar-se isoladamente ou em pequenos bandos familiares, enquanto procura por alimento no solo, por vezes perto de estradas ou edifícios. Constrói grandes ninhos escondidos entre ramos de árvores. A fêmea põe até 6 ovos por postura. Os grupos familiares são compostos pelo casal reprodutor e fêmeas juvenis de ninhadas anteriores.

MORFOLOGIA

Ave muito escura e de porte médio. O corpo apresenta tons inteiramente pretos e brilhantes, podendo ser observados alguns reflexos metalizados e esverdeados consoante a orientação do sol. As asas são largas e também elas muito escuras. Apresenta um bico escuro e forte.

ESPÉCIES SIMILARES

Corvus corax; Corvus monedula

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 3 4 5 6 7
8 9 10 11 12 14

Periparus ater (Linnaeus, 1758)

Chapim-carvoeiro, chapim-preto

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Paridae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 11 cm
Peso: 10 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
3 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

É observado a procurar alimento na copa das árvores, perto dos ramos exteriores, passando despercebido. No inverno agrupa-se com outros chapins para procurar alimento, podendo visitar comedouros em jardins. Quando fica agitado ou assustado pode levantar uma minúscula poupa. Constrói o ninho com musgo, teias de aranha e fibras animais e vegetais, preferencialmente em cavidades de árvores, fissuras de rochas, tocas de roedores ou caixas-ninho.

MORFOLOGIA

Apresenta tons pretos na cabeça, com duas manchas esbranquiçadas em cada lado da face. O ventre é amarelo-acinzentado que contrasta com os tons acinzentados do dorso. As asas apresentam tons castanho-acinzentados com duas riscas esbranquiçadas bem visíveis. Tem um bico escuro e pequeno.

ESPÉCIES SIMILARES

Parus major; Cyanistes caeruleus; Lophophanes cristatus

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 3 4 5 6
7 8 9 10 11 12

Lophophanes cristatus (Linnaeus, 1758)

Chapim-de-poupa, chapim-de-crista

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Paridae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 12 cm
Peso: 12 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
3 anos

BIOLOGIA

É facilmente identificado por qualquer observador devido à sua plumagem e à poupa, e embora não seja uma espécie tímida, evita grandes aproximações e mantém uma certa distância. Procura alimento em ramos baixos ou mesmo no solo. No inverno pode agrupar-se com outros chapins para procurar alimento e como proteção contra predadores. O ninho é construído em troncos secos, criando uma cavidade nos mesmos.

MORFOLOGIA

Possui o dorso em tons acastanhados. O ventre é de um castanho-esbranquiçado pálido. A cabeça possui um padrão riscado em tons pretos e brancos, com uma poupa que está sempre visível em formato triangular e pontiaguda. As patas e o bico são escuros. Os olhos possuem tons avermelhados vivos, especialmente à luz do sol.

ESPÉCIES SIMILARES

Parus major; Periparus ater; Cyanistes caeruleus

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Cyanistes caeruleus (Linnaeus, 1758)

Chapim-azul, cedovém-pequeno, chincha-pequena, fura-bugalhos, mejengra-azul

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Paridae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 12 cm
Peso: 12 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
5 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

No inverno visita regularmente comedouros em jardins. Consegue ficar pendurado de cabeça para baixo em galhos finos enquanto procura por insetos escondidos nas folhas. Move-se rapidamente entre ramos, com uma energia imensa. Possui um vasto repertório de vocalizações, estando constantemente a vocalizar enquanto se move por entre as árvores. O ninho é revestido de musgo, pelos e penas, preferencialmente em buracos de árvores, cavidades de muros ou em caixas-ninho. A fêmea coloca cerca de 10 ovos por postura.

MORFOLOGIA

Tem uma cabeça pequena e arredondada, com um padrão característico entre tons azuis e esbranquiçados. O dorso possui tons esverdeados. As asas são azuladas contrastando com o amarelo-vivo do ventre, que possui ainda uma risca acinzentada no centro do peito.

ESPÉCIES SIMILARES

Periparus ater; Parus major; Lophophanes cristatus

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 3 4 5 6 7
8 9 10 11 12 14

Parus major (Linnaeus, 1758)

Chapim-real, aguça-a-serra, chincharravelha, faça-a-poda, mejengra, pimpim-servém

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Paridae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 15 cm
Peso: 21 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
5 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Destemido e confiante. Facilmente identificável, mesmo por observadores menos experientes. Pode ser observado no solo a saltitar enquanto procura por alimento. Apresenta um grande repertório de vocalizações. Utiliza cavidades das árvores, fissuras em rochas, buracos de muros e caixas-ninho para construir os seus ninhos. A fêmea fica responsável pela incubação dos ovos e o macho alimenta-a durante esse período.

MORFOLOGIA

É o maior dos nossos chapins. Possui tons esverdeados no dorso e amarelado na barriga com uma risca preta no centro. A cabeça é preta com manchas brancas na face e alguns reflexos azulados. Possui tons cinzento-azulados nas asas com uma barra alar esbranquiçada. O bico e as patas são pretos.

ESPÉCIES SIMILARES

Periparus ater; Cyanistes caeruleus; Lophophanes cristatus

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 3 4 5 6 7
8 9 10 11 12 14

Alauda arvensis (Linnaeus, 1758)

Laverca, calhandra, caturreira, cotovia, paspalhaça

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Alaudidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 18 cm
Peso: 55 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
5 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

É fácil de avistar ao longo de terrenos agrícolas ou à beira das estradas. Possui um movimento característico quando é detetada, primeiro agacha-se para logo de seguida se catapultar. Por vezes, recua rente ao chão enquanto agita as asas e mantêm a cauda aberta. Raramente canta empoleirada, mas sim num voo de canto. Este voo consiste num agitar de asas enquanto sobe até chegar acima dos 100 metros, sendo difícil de detetar nesta fase. Na descida continua a vocalizar, ficando em silêncio após fechar as asas e tocar no solo.

MORFOLOGIA

Apresenta uma coloração castanha-acinzentada, com um riscado no peito e zonas superiores. O padrão no peito acaba de repente na zona do abdómen. Possui uma poupa arredondada. A cauda é comprida com tons esbranquiçados nas laterais, visíveis em voo.

ESPÉCIES SIMILARES

Galerida cristata; Galerida theklae; Lullula arborea

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

2 6 7 13

Galerida cristata (Linnaeus, 1758)

Cotovia-de-poupa, cuquilhada, gagalhosa, poupinha

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Alaudidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 19 cm
Peso: 45 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
5 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Prefere ficar no solo à procura de alimento, sendo observada à beira de estradas e voando mesmo à frente dos automóveis que circulam. Deixa-se observar pois não é uma ave tímida. Voa com recurso a batimentos rápidos seguidos de pequenos deslizes. Prefere vocalizar no solo ou a partir de um poiso elevado, raramente em voo. Constrói o ninho no solo, por vezes na berma das estradas ou em terrenos aplanados. A fêmea põe cerca de 5 ovos por postura.

MORFOLOGIA

Ave rechonchuda, com tons acinzentados no dorso e ventre, e um padrão riscado no peito. As asas têm tons acastanhados. Possui uma poupa longa, espigada e pontiaguda, que é bastante sobressaída na parte posterior da coroa. A cauda é curta. O bico é pontiagudo, com a mandíbula inferior direita e longa.

ESPÉCIES SIMILARES

Alauda arvensis; Galerida theklae

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

2 4 6 7 14

Riparia riparia (Linnaeus, 1758)

Andorinha-das-barreiras, andorinha-brava, andorinha-parda

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Hirundinidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 13 cm
Peso: 17 g

OCORRÊNCIA
Migrador
Nidificante (estival)

LONGEVIDADE
5 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Procura taludes ou barreiras verticais de terra, usualmente perto de estradas ou linhas de água, para nidificar. Escava um buraco que pode ter quase 1 metro de comprimento, ao contrário das restantes andorinhas, que constroem um ninho. Pode ser observada a caçar insetos sobrevoando rios a baixa altitude. Durante a migração pode agrupar-se com outras andorinhas e repousam juntas em fios ou caniçais. Apresenta um voo leve e rápido, raramente deslizando durante o voo.

MORFOLOGIA

Ave pequena. No dorso ostenta tons castanho-acinzentados. O ventre é esbranquiçado sujo. Possui uma barra acastanhada na zona do peito, fazendo a separação entre a garganta e o abdómen, que são ambos esbranquiçados. A cauda é nitidamente bifurcada, mas pouco acentuada.

ESPÉCIES SIMILARES

Hirundo rustica; Delichon urbicum; Cecropis rufula; Ptyonoprogne rupestris

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 5 6 7

Hirundo rustica (Linnaeus, 1758)

Andorinha-das-chaminés, andorinha-das-noras, andorinha-rasteira, pedreira

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Hirundinidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 21 cm
Peso: 25 g

OCORRÊNCIA
Migrador
Nidificante

LONGEVIDADE
5 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Pode ser observada a voar sobre grandes cidades, caçando insetos voadores. Faz voos rasantes ao solo ou por entre o gado, ao rasar sobre a água pode aproveitar para beber em pleno voo. Possui um voo rápido e ágil, com longos batimentos das asas. Na época de reprodução forma colónias, construindo o ninho em telhados, beirais de edifícios, pontes e chaminés. Este é construído com recurso a lama e plantas, que recolhem no solo e assemelha-se a uma taça de sobremesa com uma abertura no topo. A fêmea coloca cerca de 6 ovos por postura.

MORFOLOGIA

Em voo pode ser difícil determinar as suas cores. O dorso possui tons pretos com reflexos azuis que contrasta com o esbranquiçado do ventre. No peito tem uma barra preto-azulada. A garganta tem tons avermelhados. As asas são longas e pontiagudas. Possui duas retrizes longas e finas na sua cauda bifurcada.

ESPÉCIES SIMILARES

Delichon urbicum; Cecropis rufula; Riparia riparia; Ptyonoprogne rupestris

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 3 4 5 6 7
8 9 10 11 12 14

Ptyonoprogne rupestris (Scopoli, 1769)

Andorinha-das-rochas, andorinha-das-fragas, andorinha-de-inverno

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Hirundinidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 15 cm
Peso: 33 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
5 anos

BIOLOGIA

Tem um voo poderoso e ágil, voando tão alto como os andorinhões. Realiza curvas e contracurvas mantendo as asas planas, utiliza as correntes ascendentes e voa confiante junto a penhascos ou edifícios. Caça insetos por entre rochedos e edifícios, ao sabor do vento. Constrói o ninho em forma de taça com recurso a lama, em grutas ou cavidades em penhascos, recorrendo por vezes a buracos em edifícios. A fêmea coloca cerca de 5 ovos por postura.

MORFOLOGIA

Tem um corpo pesado e grande. Apresenta tons castanho-acinzentados no dorso, com as asas pontiagudas ligeiramente mais escuras. O peito possui tons branco-acinzentados, ligeiramente acastanhados. Na garganta observam-se algumas riscas. A cauda, ligeiramente bifurcada, apresenta pequenas pintas brancas que apenas se observam em voo.

ESPÉCIES SIMILARES

Delichon urbicum; Riparia riparia; Hirundo rustica; Cecropis rufula

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Delichon urbicum (Linnaeus, 1758)

Andorinha-dos-beirais, andorinha-das-casas, pedreiro

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Hirundinidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 15 cm
Peso: 20 cm

OCORRÊNCIA
Migrador
Nidificante

LONGEVIDADE
5 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Pode ser observada a voar a grande altitude a caçar insetos voadores. Possui um voo agitado, com constantes deslizes. Na época de reprodução pode ser observada no solo a recolher lama para construir o ninho, localizado em beirais de edifícios, varandas, pontes ou outras construções humanas. O ninho tem forma esférica com uma pequena entrada por onde, por vezes, se consegue observar os juvenis a espreitar. Não fica incomodada pela presença humana, chegando a ignorar algumas atividades incomodativas. A fêmea coloca cerca de 5 ovos por postura.

MORFOLOGIA

Possui tons esbranquiçados no ventre e no peito. A cauda é ligeiramente bifurcada e em tons pretos. O dorso apresenta tons pretos, enquanto a coroa e manto apresentam reflexos azulados. Verifica-se um grande contraste entre o ventre esbranquiçado e o dorso preto. Não possui as retrizes longas e bifurcadas como as restantes andorinhas.

ESPÉCIES SIMILARES

Hirundo rustica; Riparia riparia; Cecropis rufula; Ptyonoprogne rupestris

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 3 4 5 6 7
8 9 10 11 12 14

Cecropis rufula (Linnaeus, 1771)

Andorinha-dáurica

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Hirundinidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 19 cm
Peso: 22 g

OCORRÊNCIA
Migrador
Nidificante (estival)

LONGEVIDADE
4 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Constrói o ninho num formato fechado e com um túnel de entrada, utilizando lama na construção. O ninho é construído no teto de penhascos, zonas costeiras, ruínas e debaixo de pontes. Voa utilizando batimentos concisos, seguidos de deslizes longos e lentos, mantendo as asas esticadas. Pode voar a grandes altitudes para procurar alimento. Passa o inverno em África, regressando na primavera seguinte.

MORFOLOGIA

O dorso e as asas são pretos-acastanhados escuros. O ventre é esbranquiçado com um riscado difuso. O uropígio é vermelho-ferrugíneo claro, parecendo branco em voo. A cauda possui as retrizes alongadas e pontiagudas em tons pretos. Ostenta um castanho-ruivo nas laterais da cabeça, com a testa nos mesmos tons do dorso.

ESPÉCIES SIMILARES

Hirundo rustica; Delichon urbicum; Riparia riparia; Ptyonoprogne rupestris

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 3 4 5 6
7 8 9 12 13 14

Cettia cetti (Temminck, 1820)

Rouxinol-bravo

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Cettiidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 14 cm
Peso: 15 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
5 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

É uma ave muita ativa e com muita energia, passando facilmente despercebido por preferir esconder-se por entre a vegetação. Quando se desloca no solo, fá-lo junto à base dos arbustos para permanecer oculto de predadores. Gosta de agitar as asas e de erguer a cauda enquanto se movimenta e procura por alimento. Vocaliza a partir do interior de arbustos de forma a permanecer em segurança, sendo mais facilmente escutado do que observado. A fêmea coloca cerca de 5 ovos por postura.

MORFOLOGIA

Possui tons castanho-arruivado no dorso, que contrastam com o branco/acinzentado do ventre. Apresenta uma risca superciliar clara e uma risca ocular mais escura. O curto pescoço possui tons acinzentados. Possui uma cauda larga, umas asas curtas e arredondadas, e um bico pontiagudo e curto.

ESPÉCIES SIMILARES

Luscinia megarhynchos; Acrocephalus scirpaceus

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 4 5 9 14

Aegithalos caudatus (Linnaeus, 1758)

Chapim-rabilongo

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Aegithalidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 15 cm
Peso: 9 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
5 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

É uma ave muita ativa e irrequieta. Possui um voo ondulante, parecendo uma pequena bola com uma cauda longa. Prefere procurar alimento em pequenos bandos familiares, que aumentam com a chegada do inverno. Quando voa de árvore em árvore fá-lo um de cada vez, em vez de atravessar o grupo todo junto. Constrói ninhos artísticos e ovais, revestidos de musgo, fios, fibras vegetais e teias de aranha. A fêmea coloca cerca de 12 ovos por postura.

MORFOLOGIA

Ave pequena, mas de cauda comprida. Possui tons pretos no dorso que contrastam com os tons esbranquiçados com riscas pretas no ventre. Nos flancos e no abdómen possui tons castanho-avermelhados. A cabeça é esbranquiçada, com duas listras pretas. A cauda é preta com a ponta branca. Possui um bico pequeno e os seus olhos são minúsculos e escuros, com um anel orbital alaranjado.

ESPÉCIES SIMILARES

Inconfundível

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 4 5 6 7 8 9 10 11 12 14

Phylloscopus trochilus (Linnaeus, 1758)

Felosa-musical

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Phylloscopidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 12 cm
Peso: 10 g

OCORRÊNCIA
Migrador de Passagem

LONGEVIDADE
5 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
OBSERVAÇÃO

BIOLOGIA

Ave irrequieta e muito ativa, procurando por alimento na copa das árvores ou escondida em arbustos. A forma mais eficaz de a identificar é pelo seu chamamento, embora possa ser semelhante ao de outras felosas. É uma ave solitária, apesar de os juvenis se agruparem nos primeiros meses de vida para procurarem alimento. Durante a migração pode reunir-se em bandos com outras felosas enquanto procura por alimento. O ninho é construído em forma de taça no solo ou perto deste, ficando extremamente vulnerável ao ataque dos predadores. A fêmea coloca cerca de 8 ovos por postura.

MORFOLOGIA

Ave pequena com um bico pontiagudo. O dorso é verde-acastanhado. Na garganta e no peito ostenta tons branco-amarelados. O ventre é esbranquiçado. As patas são finas e rosa-acastanhadas. Possui uma risca superciliar amarelo-esbranquiçada mais pálida que as restantes felosas.

ESPÉCIES SIMILARES

Phylloscopus collybita; Phylloscopus ibericus; Phylloscopus bonelli

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 3 4 5 6 7
8 9 10 11 12 14

Phylloscopus collybita (Vieillot, 1817)

felosa-comum, felosinha, bago-d'uva, fuim, fulecra, tolinha-das-couves

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Phylloscopidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 12 cm
Peso: 10 g

OCORRÊNCIA
Invernante

LONGEVIDADE
5 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
OBSERVAÇÃO

BIOLOGIA

É uma ave ativa, sendo observada a saltitar velozmente entre ramos. Não tem receio do ser humano. Está constantemente a alimentar-se, ficando a esvoaçar entre folhas e ramos enquanto procura por alimento escondido ou realizando voos rente às árvores. Raramente se desloca ao solo à procura de alimento. O seu canto é a forma mais segura de a identificar. Constrói o ninho em forma de cúpula perto do solo escondido em arbustos. A fêmea coloca cerca de 6 ovos por postura.

MORFOLOGIA

Possui tons esverdeados, com sombreados acinzentados no dorso. O ventre é esbranquiçado. A garganta e o peito apresentam tons amarelados. Possui um bico fino e escuro. Na face apresenta uma risca superciliar esbranquiçada para lá do anel orbital. As patas são escuras, ao contrário das restantes felosas.

ESPÉCIES SIMILARES

Phylloscopus ibericus; Phylloscopus trochilus

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 3 4 5 6 7
8 9 10 11 12 14

Acrocephalus scirpaceus (Hermann, 1804)

Rouxinol-pequeno-dos-caniços, rouxinol-dos-caniços, bunheiro, chiadeira

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Acrocephalidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 14 cm
Peso: 15 g

OCORRÊNCIA
Migrador
Nidificante (estival)

LONGEVIDADE
5 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Pode ser observado preferencialmente em caniçais associados a massas de água. O macho é o primeiro a regressar aos locais de nidificação, usualmente duas semanas antes da fêmea. O seu canto inclui assobios e possui a capacidade de imitar o canto de outras aves, misturando-o com o seu canto melodioso. Monogâmico. Cabe à fêmea construir o ninho perto da superfície da água, que demora cerca de 8 dias a ficar concluído. Ambos os progenitores cuidam dos ovos e das crias.

MORFOLOGIA

Possui uma cabeça pontiaguda com um bico longo e fino. A sua coloração é idêntica aos caniços onde vive. O dorso ostenta tons castanhos uniformes, mas intensos. O ventre é branco-bege. Possui uma listra superciliar pequena e pouco distinta. As patas são escuras.

ESPÉCIES SIMILARES

Acrocephalus arundinaceus; Acrocephalus palustris; Locustella luscinioides

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 4 5

Hippolais polyglotta (Vieillot, 1817)

Felosa-poliglota, chalreta, felória

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Acrocephalidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 13 cm
Peso: 16 g

OCORRÊNCIA
Migrador
Nidificante (estival)

LONGEVIDADE
5 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Possui um canto prolongado e bastante melódico, com poucas notas ásperas, por vezes imitando o canto de outras aves e incorporando-os na sua melodia. Durante o período da migração pode aparecer em diversos habitats enquanto procura por alimento, inclusivamente em parques e jardins citadinos, passando completamente despercebido por se manter silencioso e escondido por entre a vegetação. O ninho é construído no meio de arbustos densos. A fêmea coloca cerca de 5 ovos por postura.

MORFOLOGIA

Ostenta tons verde-acinzentados no dorso, e tons amarelados no ventre. A cabeça é arredondada. Apresenta asas curtas e arredondadas. Possui um bico forte e ligeiramente mais comprido. As patas possuem tons acinzentados.

ESPÉCIES SIMILARES

Phylloscopus collybita; Phylloscopus trochilus; Hippolais icterina; Iduna opaca

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 4 5 8 13

Cisticola juncidis (Rafinesque, 1810)

Fuinha-dos-juncos, bentoinha, carriça-do-ar, girre-girre, tistias

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Familia

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 11 cm
Peso: 12 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
5 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

É usualmente observada durante o seu voo de canto, realizado ao longo de todo o seu território. O voo é ondulante, e o canto é realizado apenas durante o ponto de subida do seu voo. Ao mínimo sinal de perigo mergulha a toda a velocidade para a vegetação densa. A construção do ninho é da responsabilidade do macho, geralmente construído na base de arbustos ou canaviais. A fêmea coloca 6 ovos por postura.

MORFOLOGIA

Ave pequena e rechonchuda. Possui uma coloração acastanhada no dorso, com um padrão riscado que se estende até à cabeça. Ostenta uma cauda arredondada, com uma coloração escura na parte inferior e a ponta esbranquiçada. As suas asas são curtas e arredondadas. Durante a época de reprodução o macho fica com o bico preto e tons mais pálidos nas laterais da cabeça. A fêmea tem o bico acastanhado e a cabeça em tons escuros.

ESPÉCIES SIMILARES

Saxicola rubicola; Locustella naevia; Acrocephalus schoenobaenus

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 5 6 7 8
9 10 11 12 13 14

Sylvia atricapilla (Linnaeus, 1758)

Toutinegra-de-barrete-preto, carapuço, fulecra, picança

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Sylviidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 15 cm
Peso: 25 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
5 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

É comum nas cidades. O macho permanece escondido por entre a vegetação enquanto vocaliza. Não socializa com outras aves, expulsando-as do seu território. Mesmo em arbustos cheios de bagas, não se junta para se alimentar. Possui um voo rápido, raramente se afasta dos arbustos ou percorre longas distâncias em voo. Esconde o ninho em arbustos baixos ou em silvas. Este possui a forma de uma taça e é revestido de ervas, raízes, musgo, penas e pelos. A fêmea coloca cerca de 6 ovos.

MORFOLOGIA

Apresenta um elevado dimorfismo sexual. O macho possui um barrete preto que cobre apenas o topo da cabeça a partir da linha ocular, em combinação com os tons acinzentados no dorso e mais claros no ventre, ostentando asas escuras. A fêmea possui o barrete em tons acastanhados, e uma coloração cinzento-acastanhada. Ambos possuem o bico e patas em tons acinzentados.

ESPÉCIES SIMILARES

Curruca melanocephala; Sylvia borin

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 3 4 5 6 7
8 9 10 11 12 14

Curruca melanocephala (J. F. Gmelin, 1789)

Toutinegra-de-cabeça-preta, toutinegra-dos-valados, flecha, fulecra, fura-moitas

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Sylviidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC MD

BIOMETRIAS
Comprimento: 14 cm
Peso: 13 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
5 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

É uma ave ativa, mas tímida, procurando alimento escondida nos arbustos, movendo-se rapidamente e ficando exposta por curtos períodos. Mantem uma posição agachada, agitando as asas e cauda. O macho tem um canto melodioso, vocalizando exposto na copa das árvores ou escondido em arbustos. O ninho é escondido nos arbustos, tem a forma de taça e recorre a ervas, teias de aranha e pelos para o construir. A fêmea coloca cerca de 5 ovos por postura.

MORFOLOGIA

Verifica-se um elevado dimorfismo sexual, com o macho a exibir a cabeça em tons pretos, o dorso acinzentado e os flancos mais escuros. A fêmea possui a cabeça em tons acinzentados, o dorso acastanhado e os flancos acinzentados. Ambos apresentam a garganta em tons brancos, o anel orbital avermelhado, as patas castanhas-claras, e a íris acastanhada.

ESPÉCIES SIMILARES

Sylvia atricapilla; Curruca iberiae

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 3 4 5 6 7
8 9 10 11 12 14

Regulus ignicapilla (Temminck, 1820)

Estrelinha-real, estrelinha-de-cabeça-listada, felosa-de-poupa

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Regulidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 10 cm
Peso: 7 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
5 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Uma das aves mais ativas e irrequieta da nossa fauna. É confiante e aproxima-se de pessoas em parques e jardins. Está sempre à procura de alimento, em especial na copa das árvores, movendo-se velozmente entre os troncos e ramos. No inverno agrupa-se com outras espécies de chapins para procurar alimento e proteção contra os predadores. O ninho é construído em forma de malga e com paredes grossas, na forquilha de um ramo. A fêmea coloca cerca de 12 ovos.

MORFOLOGIA

Ave pequena e arredondada, com cores vivas. O dorso possui tons amarelo-esverdeados que contrasta com os tons esbranquiçados do ventre. Possui uma risca superciliar esbranquiçada, e uma risca ocular preta. Apresenta uma listra amarelo-alaranjada no centro da coroa, rodeada por duas barras pretas unidas à frente, que possui tons mais vivos no macho e é mais pálida na fêmea. Possui olhos escuros e pequenos.

ESPÉCIES SIMILARES

Phylloscopus collybita; Regulus regulus

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 12 14

Troglodytes troglodytes (Linnaeus, 1758)

Carriça, carricinha-das-moitas, forneirinha

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Troglodytidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 10 cm
Peso: 11 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
4 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Uma das aves mais pequenas. Possui um canto audível a longas distâncias, realizado num ponto alto, mas escondido por entre a vegetação. Pode ser observada perto do solo enquanto procura por alimeto, movendo-se rapidamente entre arbustos. Constrói o ninho escondido por entre a vegetação densa com recurso a musgos e folhas. A fêmea coloca cerca de 9 ovos por postura.

MORFOLOGIA

Ave pequena com uma cauda curta usualmente erguida. O seu pescoço curto dá-lhes o aspeto de uma bola. O dorso possui tons acastanhados e o ventre é branco-acastanhado, ambos apresentam pequenas pintas escuras. As pintas escuras desenham finas barras nas asas e na cauda. Tem ainda uma pequena listra superciliar castanho-esbranquiçada. O bico é longo e pontiagudo, com uma ligeira curva na ponta. As patas são castanho-avermelhadas.

ESPÉCIES SIMILARES

Erithacus rubecula; Prunella modularis

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 3 4 5 6 7
8 9 10 11 12 14

Sitta europaea (Linnaeus, 1758)

Trepadeira-azul

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Sittidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 14 cm
Peso: 25 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
5 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Pode ser observada a descer os troncos de cabeça para baixo, o que a distingue da trepadeira-comum (*Certhia brachydactyla*, pág. seguinte). É uma ave rápida e com imensa energia. Os seus movimentos são repentinos e ágeis, movendo-se pelo tronco enquanto procura alimento em todas as fendas e cascas. Utiliza pequenas fissuras nos troncos para esconder sementes ou para as descascar. O seu ninho é revestido de folhas e casca de árvores, e a entrada é revestida de lama. A fêmea coloca cerca de 11 ovos.

MORFOLOGIA

Ostenta o dorso em tons cinzento-azulados, que contrasta com o ventre amarelado. Possui uma listra ocular em tons pretos. A coroa ostenta a mesma coloração que o dorso. O seu bico escuro é comprido e pontiagudo. Tem asas curtas e arredondadas. Apresenta dimorfismo sexual, com o macho a ostentar tons castanho-avermelhados mais intensos na zona da cloaca.

ESPÉCIES SIMILARES

Inconfundível

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 5 8 11

Certhia brachydactyla (Brehm, 1820)

Trepadeira-comum, trepadeira-do-sul, amarinhadeira, subideira, trepa-pinheiros

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Certhiidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 13 cm
Peso: 12 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
5 anos

BIOLOGIA

Trepa os troncos aos solavancos e em espiral, enquanto procura por alimento. Quando chega ao topo de uma árvore, voa para a base da árvore seguinte e retoma o processo. É silenciosa e muito discreta, o que dificulta a sua deteção. Recorre ao seu bico curvo para procurar alimento em pequenas fissuras na casca das árvores. O ritual de corte envolve o macho a perseguir a fêmea por entre os galhos até darem com a cavidade escolhida para o ninho.

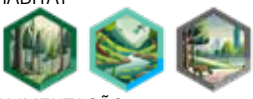
MORFOLOGIA

Ave pequena com um bico curvo e pontiagudo, em tons escuros. Ostenta tons castanhos com riscas esbranquiçadas no dorso, e um ventre esbranquiçado. Os flancos possuem tons castanhos-claros. A comprida cauda ostenta tons acastanhados. Não se verifica a existência de dimorfismo sexual.

ESPÉCIES SIMILARES

Inconfundível

HABITAT



ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Sturnus vulgaris (Linnaeus, 1758)

Estorninho-malhado, estorninho-comum, estorninho-galego, estorninho-pinto, tornilho

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Sturnidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 22 cm
Peso: 100 g

OCORRÊNCIA
Invernante

LONGEVIDADE
5 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
OBSERVAÇÃO

BIOLOGIA

Ave sociável, formando grandes grupos enquanto procura por alimento. Os dormitórios de inverno chegam a albergar milhares de indivíduos. Possui um caminhar agitado e energético, não dando saltos como o melro-preto (*Turdus merula*, página 182), sendo diferenciado deste por não possuir a cauda comprida. Apresenta um voo rápido e pouco ondulante. A sua melodia é bela, no entanto, torna-se algo indefinida pois consegue imitar outras aves.

MORFOLOGIA

O dorso possui tons castanho-acinzentados com reflexos metalizados em tons roxo-esverdeados. O ventre apresenta tons mais escuros, assim como os reflexos metalizados do dorso. Apresenta ainda um sarapintado branco-amarelado no dorso, ventre e asas, que se torna mais notório durante o inverno. A cauda é curta. O bico é comprido. As patas apresentam tons rosa-acastanhados. O juvenil é acastanhado e sem o sarapintado do adulto.

ESPÉCIES SIMILARES

Sturnus unicolor; Turdus merula

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 6 7 11 13 14

Sturnus unicolor (Temminck, 1820)

Estorninho-preto, estorninho-azeiteiro, tordo-preto

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Sturnidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 22 cm
Peso: 100 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
5 anos

BIOLOGIA

Tem tendência a frequentar locais perto do ser humano, onde encontra alimento e proteção. Pode ser observado a cantar ou a descansar no topo de edifícios, em especial em cima de antenas de TV. Recorre a cavidades em árvores, penhascos, edifícios abandonados, debaixo de telhas ou mesmo a caixas-ninho para construírem o ninho, que possui o interior bastante desordenado e cheio de ramos e algum lixo. A fêmea coloca cerca de 7 ovos por postura.

MORFOLOGIA

Tanto o macho como a fêmea possuem uma coloração preta e com reflexos metalizados roxos durante a época de reprodução. Com a chegada do inverno a fêmea passa a ostentar um pequeno sarapintado esbranquiçado no dorso e ventre, algo semelhante ao juvenil, mas este é mais acastanhado. As patas são claras e possuem tons rosa. O bico é amarelado com a base em tons azulados.

ESPÉCIES SIMILARES

Sturnus vulgaris; Turdus merula

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Turdus merula (Linnaeus, 1758)

Melro-preto, fura-bosta

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Turdidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 29 cm
Peso: 125 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
5 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

É uma das aves mais comuns e identificável nos parques e jardins urbanos, procurando alimento em relvados e mostrando-se bastante confiante perto do ser humano. É observado a dar pequenos e rápidos saltos, parando de seguida por alguns momentos, enquanto procura por invertebrados por entre as ervas. O macho aproveita os primeiros raios de luz para vocalizar a partir de locais elevados, como telhados, antenas de televisão e árvores. A fêmea coloca cerca de 5 ovos por postura.

MORFOLOGIA

O macho possui tons pretos-escuros, com o bico e o anel orbital em tons alaranjados. A fêmea ostenta tons mais acastanhados e pálidos, o peito pode apresentar diversas pintas mais escuras e o bico é alaranjado-escuro. O juvenil é semelhante à fêmea, apresentando diversas pintas acastanhadas, mas pálidas no dorso e ventre.

ESPÉCIES SIMILARES

Sturnus unicolor; Sturnus vulgaris

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Turdus philomelos (Brehm, 1831)

Tordo-pinto, tordo-comum, tordinho, tordo-branco

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Turdidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 22 cm
Peso: 90 g

OCORRÊNCIA
Invernante

LONGEVIDADE
5 anos

BIOLOGIA

A população reprodutora está ameaçada de extinção, sendo por isso mais comum no inverno. Usualmente é observado em fuga. Procura alimento debaixo da vegetação, ou mesmo dentro dos arbustos, em especial se produzirem bagas durante o outono e inverno. Em jardins urbanos pode deixar aproximar-se com facilidade, em especial durante o inverno com o aumento da população proveniente do norte da Europa. Para abrir caracóis bate-os repetidamente contra pedras. Apresenta um batimento de asas lento e um voo rápido e horizontal.

MORFOLOGIA

Apresenta um aspeto compacto, de cauda curta. O dorso é acastanhado, que contrasta com os tons branco-amarelados sarapintados de preto do ventre. Possui tons ruivos na parte inferior das asas. Os tons acastanhados nos flancos são ligeiramente mais intensos. O bico é escuro e as patas são claras em tons amarelo-esbranquiçado.

ESPÉCIES SIMILARES

Turdus iliacus; Turdus viscivorus; Turdus merula; Sturnus unicolor

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Muscicapa striata (Pallas, 1764)

Taralhão-cinzento, papa-moscas-cinzento, pardinha, taralhão-mosqueiro

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Muscicapidae

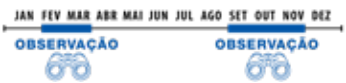
CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NT PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 15 cm
Peso: 19 g

OCORRÊNCIA
Migrador de passagem

LONGEVIDADE
5 anos



BIOLOGIA

Pode ser observado durante a sua longa migração entre os locais de reprodução e os locais de invernada. Na sua rota de migração outonal até África, em que tem de atravessar o deserto do Saara, faz paragens de abastecimento em Portugal. Ao poisar permanece direito e abana a cauda constantemente, em locais bem visíveis de onde pode caçar insetos voadores, lançando-se rapidamente para os capturar e regressando ao ponto de partida. Chega a ascender diversos metros perseguindo uma presa, ou mergulhar em vertiginosos voos.

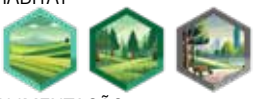
MORFOLOGIA

Apresenta tons castanho-acinzentados no dorso. O esbranquiçado do ventre contrasta com as riscas escuras na zona do peito e da garganta. Possui asas longas e acastanhadas. Tem olhos pequenos e escuros, com um anel orbital pálido. O bico forte e comprido possui tons escuros.

ESPÉCIES SIMILARES

Ficedula hypoleuca; Sylvia borin

HABITAT



ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Ficedula hypoleuca (Pallas, 1764)

Papa-moscas-preto, taralhão-preto, asinha-branca, bate-a-asa, taralhão, tralhão-galego

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Muscicapidae

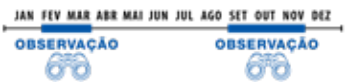
CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 13 cm
Peso: 15 g

OCORRÊNCIA
Migrador de passagem

LONGEVIDADE
5 anos



BIOLOGIA

É um migrador de longas distâncias, entre os seus locais de reprodução no norte da Europa até aos seus locais de invernada em África, visitando Portugal por um curto período. Raramente param quietos, movendo-se de poiso em poiso. Prefere poisar na copa das árvores, partindo para capturar as suas presas em intensas perseguições aéreas. Regressando ao mesmo poiso ou a outro, sendo observado a agitar as asas e a cauda consistentemente.

MORFOLOGIA

O macho apresenta plumagem diferente na primavera e no outono, sendo raros os indivíduos com a plumagem nupcial em Portugal. No outono não se verifica dimorfismo sexual. O dorso é acastanhado e as asas escuras com os rebordos esbranquiçados. Possui uma mancha branca nas asas, observável quando poisado. A cauda possui tons pretos com as bordas laterais esbranquiçadas. O ventre é esbranquiçado.

ESPÉCIES SIMILARES

Muscicapa striata

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Erithacus rubecula (Linnaeus, 1758)

Pisco-de-peito-ruivo, papinho, porco-bispo

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Muscicapidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 14 cm
Peso: 22 g

OCORRÊNCIA
Residente / Visitante

LONGEVIDADE
5 anos

BIOLOGIA

É cauteloso ao aproximar-se do ser humano, embora não seja tímido. Pode ser observado no solo à procura de alimento, especialmente em locais onde a terra tenha sido remexida. Ao procurar alimento pode fazer movimentos bruscos para revirar folhas caídas. Inclina-se para a frente, como que fazendo uma vénia, e eriça a cauda. Quando empoleirado permanece imóvel, movendo-se subitamente e voltando a ficar imóvel, repetindo este padrão até mudarem de local. A fêmea coloca 6 ovos por postura.

MORFOLOGIA

É pequeno e rechonchudo, com um característico babete vermelho-alaranjado, cobrindo todo o peito e parte da face. Possui tons acastanhados no dorso e cinzento-esbranquiçados no ventre. Possui patas longas e finas. O seu bico é preto e pequeno. É comum ficar mais arredondado nos dias mais frios. O juvenil possui uma coloração sarapintada.

ESPÉCIES SIMILARES

Saxicola rubicola; Phoenicurus phoenicurus

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 3 4 5 6 7
8 9 10 11 12 14

Luscinia megarhynchos (Brehm, 1831)

Rouxinol-comum, ave-leal, rouço

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Muscicapidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 16 cm
Peso: 23 g

OCORRÊNCIA
Migrador
Nidificante (estival)

LONGEVIDADE
5 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

É o verdadeiro rouxinol, apresentando um dos cantos mais ricos e melódicos, sendo mais fácil ouvi-lo do que observá-lo. Procura vegetação frondosa onde permanece escondido enquanto vocaliza, fazendo-o de dia e pela noite dentro. Por vezes, pode cantar completamente exposto e escondendo-se apenas quando é perturbado. O ninho fica completamente escondido na vegetação densa.

MORFOLOGIA

Possui o dorso e asas em tons acastanhados, e o ventre em tons amarelo-acinzentados. A cauda ostenta tons avermelhados. Tem olhos grandes e escuros, ladeados por um anel orbital de tons esbranquiçados. A coloração da garganta torna-se gradualmente mais pálida. A fêmea é igual ao macho.

ESPÉCIES SIMILARES

Erithacus rubecula; Sylvia borin; Cettia cetti

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 8 11

Phoenicurus ochruros (S. G. Gmelin, 1774)

Rabirruivo-preto, rabirruivo, carvoeiro, pisco-ferreiro, rabo-queimado, rabo-ruço

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Muscicapidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 14 cm
Peso: 20 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
5 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

É uma ave tímida e nervosa, fugindo de árvore em árvore, ou de rocha em rocha. Ao poisar, permanece com o corpo direito e abana a cauda constantemente. Raramente utiliza comedouros de aves, apenas os que possuem alimento vivo. O macho escolhe pontos elevados ao amanhecer e anoitecer para vocalizar, atraindo as fêmeas e controlando o seu território. O ninho é construído em fendas de rochas ou de edifícios. A fêmea coloca cerca de 6 ovos por postura.

MORFOLOGIA

Verifica-se um acentuado dimorfismo sexual, embora ambos apresentem a cauda avermelhada. O macho possui tons preto-acinzentados no dorso, uma mancha esbranquiçada nas asas e o ventre acinzentado. A fêmea apresenta tons castanho-acinzentados no dorso, não possuem a mancha esbranquiçada nas asas e ostentam tons mais pálidos.

ESPÉCIES SIMILARES

Phoenicurus phoenicurus; Saxicola rubicola; Prunella modularis; Erithacus rubecula

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 3 4 5 6 7
8 9 10 11 12 14

Saxicola rubicola (Linnaeus, 1766)

Cartaxo-comum, cartaxo, borra, caga-estacas, chasco-preto, pardinho

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Muscicapidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 13 cm
Peso: 17 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
5 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Fácil de observar enquanto permanece empoleirado no topo de vegetação rasteira, arame farpado ou cercas. Possui um voo rasante ao solo e de curta distância. Endireita o corpo e abana a cauda repetidamente ao poisar. O macho gosta de utilizar os mesmos poisos para cantar, repetindo-o diversas vezes ao dia. Cabe ao macho a tarefa de levar alimento à fêmea durante a incubação.

MORFOLOGIA

Existe algum dimorfismo sexual. O macho possui tons acastanhados com um sarapintado escuro no dorso. O peito é alaranjado. Apresenta tons pretos-escuros na cabeça e uma mancha esbranquiçada em ambos os lados do pescoço. A fêmea possui tons mais pálidos, sendo o dorso e ventre semelhante aos machos. A cabeça é acastanhada e não apresenta manchas esbranquiçadas.

ESPÉCIES SIMILARES

Saxicola rubetra; Erithacus rubecula; Oenanthe oenanthe; Phoenicurus phoenicurus

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 4 5 8 11 13 14

Oenanthe oenanthe (Linnaeus, 1758)

Chasco-cinzento, caiada, cualvo, rabialva

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Muscicapidae

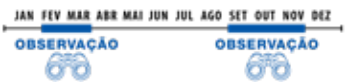
CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 16 cm
Peso: 33 g

OCORRÊNCIA
Migrador de Passagem

LONGEVIDADE
5 anos



BIOLOGIA

É uma espécie migradora de longas distâncias, deslocando-se todos os anos desde os locais de nidificação na Gronelândia até aos locais de invernada em África, realizando uma rota que passa pela região Mediterrânica. Durante essa passagem na migração prefere espaços abertos e evita espaços com árvores e muitos arbustos. Percorre o solo à procura de alimento, fugindo para não muito longe quando incomodado.

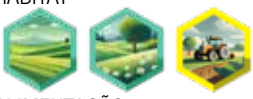
MORFOLOGIA

O macho apresenta diferentes plumagens, na primavera possui o dorso acastanhado, uma listra superciliar branca, uma mascarilha preta, a garganta e peito em tons amarelo-acastanhados e as asas pretas. No outono, as asas mantêm os tons pretos embora o resto da coloração se torne mais pálida e acastanhada. A fêmea apresenta tons mais pálidos e a lista não é tão marcada.

ESPÉCIES SIMILARES

Oenanthe hispanica; Saxicola rubetra; Saxicola rubicola

HABITAT



ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 4 6 7 8 11 13

Passer domesticus (Linnaeus, 1758)

Pardal-doméstico, pardal-dos-telhados, pardal-comum, badego, pardal-ladrão, pardoca, tarrote

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Passeridae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 16 cm
Peso: 32 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
5 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

É das aves mais comuns nas cidades, facilmente reconhecida pelos habitantes. Quando se encontra no solo à procura de alimento desloca-se recorrendo a pequenos saltos. Possui um voo desajeitado e direto, com batimentos de asas rápidos. Ave muito sociável, forma grandes bandos que se mantêm todo o ano, podendo construir ninhos em conjunto. Procura telhados, condutas de ar, recantos, árvores, outros ninhos e edifícios para construir um ninho volumoso de galhos, ramos e outros resíduos.

MORFOLOGIA

Possui tons acastanhados no dorso coberto de diversas riscas pretas e bem marcadas. Tem um bico cónico especializado para sementes. O macho ostenta a coroa acinzentada, o babete em tons pretos e a garganta esbranquiçada. Nas asas apresenta uma barra esbranquiçada. A fêmea ostenta o ventre branco-acinzentado com alguns castanhos e o dorso pálidos. A cabeça é acastanhada sem o padrão do macho. O bico é amarelado.

ESPÉCIES SIMILARES

Passer hispaniolensis; Passer montanus; Petronia petronia

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Motacilla flava (Linnaeus, 1758)

Alvéola-amarela, aboieira, arvela, cia, lavandisca

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Motacillidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 16 cm
Peso: 22 g

OCORRÊNCIA
Migrador
Nidificante (Estival)

LONGEVIDADE
5 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Uma ave elegante, facilmente observada no solo à procura de alimento, abanando a cauda a cada passo que dá. O seu voo é forte e ondulante, com rápidos batimentos de asas seguidos de longos deslizes, enquanto vocaliza a meio do voo. O ninho é construído por entre tufos de ervas no solo. A fêmea coloca cerca de 6 ovos por postura. Observa-se uma grande variação na plumagem nos indivíduos europeus.

MORFOLOGIA

Possui o dorso em tons verde-acinzentados ou castanho-amarelados. O macho apresenta o ventre em tons amarelos vivos, enquanto a fêmea apresenta tons amarelados mais pálidos. As asas são acinzentadas, com barras nítidas em tons amarelo-esbranquiçados. O macho possui a cabeça cinzento-azulada, com uma risca superciliar esbranquiçada. As patas são compridas e pretas.

ESPÉCIES SIMILARES

Motacilla alba; Motacilla cinerea

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 4 6 7 9 11 14

Motacilla cinerea (Tunstall, 1771)

Alvéola-cinzenta, arvela, chirina-do-rio, lavandisca-do-rio

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Motacillidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 20 cm
Peso: 22 g

OCORRÊNCIA
Residente / Invernante

LONGEVIDADE
5 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Prefere procurar alimento junto a massas de água. Possui um voo ondulante com a cauda visível em voo, vocalizando durante o mesmo. É usualmente detetada através das suas vocalizações, passando despercebida nas margens de rios e ribeiras se permanecer silenciosa. Abana a cauda constantemente, por vezes, com tanto afinco que abana metade do corpo. Procura cavidades em rochas, taludes ou mesmo no declive da margem para construir o seu ninho. A fêmea coloca cerca de 6 ovos.

MORFOLOGIA

Apresenta o dorso acinzentado que contrasta com o preto das asas. Possui tons amarelos no abdómen. As patas possuem tons rosado-acastanhadas. A listra superciliar está bem vincada. O macho apresenta a garganta preta e as listras esbranquiçadas durante a época de reprodução. Nas fêmeas a garganta é acinzentada e as listras são pálidas e pouco percetíveis. No inverno a garganta ganha tons mais pálidos.

ESPÉCIES SIMILARES

Motacilla alba; Motacilla flava

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 3 4 5 6 7 9 10 12 14

Motacilla alba (Linnaeus, 1758)

Alvéola-branca, arvela, boieira, gonçalinha, lavandisca, pastorinha

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Motacillidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 19 cm
Peso: 27 g

OCORRÊNCIA
Residente / Invernante

LONGEVIDADE
5 anos

BIOLOGIA

Prefere espaços abertos, onde procura alimento, sendo por vezes observada em caminhos urbanos. Tem a capacidade para correr atrás das suas presas. Está constantemente a abanar a longa cauda. Quando caminha, para além de agitar a cauda, mexe a cabeça para trás e para a frente. É usual ser observada aos pares, na sua maioria, um casal reprodutor. Constrói o ninho perto de água, em cavidades, condutas de ventilação ou por entre a vegetação. A fêmea coloca 6 ovos por postura.

MORFOLOGIA

Ave elegante, com a sua longa e estreita cauda. Apresenta tons pretos e brancos, embora o macho apresente maior contraste durante a época de reprodução. No inverno apresenta tons mais pálidos e menos contrastantes. A fêmea é semelhante ao macho, não apresentando tons pretos na nuca e o contraste não é tão acentuado. O juvenil é mais acastanhado.

ESPÉCIES SIMILARES

Motacilla flava; Motacilla cinerea

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Anthus pratensis (Linnaeus, 1758)

Petinha-dos-prados, barvoinha, cia, parvinha, pispis

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Motacillidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 15 cm
Peso: 25 g

OCORRÊNCIA
Invernante

LONGEVIDADE
5 anos

BIOLOGIA

Pode ser observada no solo à procura de alimento, estando sempre nervosa e fugindo ao mínimo sinal de perigo. O voo termina no solo, em fios, postes baixos ou em pequenos arbustos. No inverno pode agrupar-se em pequenos bandos, que oferecem uma maior proteção contra os predadores, enquanto procuram por alimento em terrenos encharcados. É usual em relvados urbanos. É um migrador solitário ou forma pequenos grupos, realizando a viagem de dia, raramente de noite.

MORFOLOGIA

Possui tons castanho-acinzentados no dorso, com diversas riscas pretas. O dorso contrasta com o esbranquiçado do ventre, que possui riscas escuras no peito. Na cabeça apresenta um padrão mais pálido e com pouco contraste. Possui um bico fino. Nas patas rosadas possui a unha do dedo posterior mais comprida e pouco curva.

ESPÉCIES SIMILARES

Anthus trivialis

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Fringilla coelebs (Linnaeus, 1758)

Tentilhão-comum, batachim, chincalhão, pardal-d'asa-branca, pimpalhão

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Fringillidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 16 cm
Peso: 29 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
5 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

É observado a vocalizar a partir do topo de árvores. Procura por alimento no solo, recorrendo a pequenos saltos para se movimentar. Forma bandos para procurar alimento e socializar apenas depois da época de reprodução, nesse período prefere fazê-lo em casal. Possui um voo ondulante. O ninho de líquenes e musgos é construído em forma de cesto na bifurcação de ramos. A fêmea coloca cerca de 6 ovos.

MORFOLOGIA

Ave de pequeno porte, mas com um bico forte que utiliza para quebrar ou descascar sementes. Ostenta uma barra alar dupla de tons esbranquiçados. A cauda é pequena com branco nos flancos. Verifica-se dimorfismo sexual. O macho possui a face acastanhada e a testa acinzentada, o ventre é acastanhado e o dorso de um castanho mais escuro. A fêmea apresenta tons verde-acinzentados no dorso com um leve riscado escuro, o ventre é branco-acinzentado.

ESPÉCIES SIMILARES

Fringilla montifringilla; Pyrrhula pyrrhula; Passer domesticus

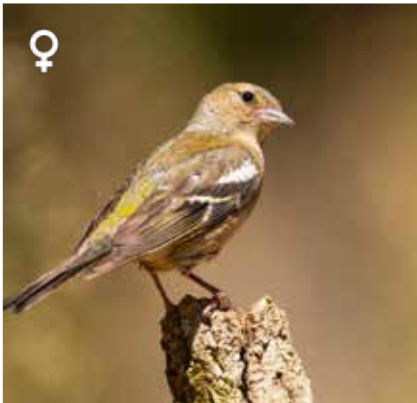
HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 3 4 5 8 9 12 13 14



Chloris chloris (Linnaeus, 1758)

Verdilhão-comum, amarelão, milheira-amarela, verdilhão, verdizela

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Fringillidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 16 cm
Peso: 32 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
3 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Ave cautelosa e bastante tímida. Gosta de cantar a partir de um poiso elevado, por vezes cantando em voo. No inverno juntam-se em pequenos bandos, procurando por alimento em florestas e jardins que ao mínimo sinal de perigo fogem em conjunto e velozmente. O ninho apresenta um aspeto desordenado, sendo construído pela fêmea, cabendo ao macho a tarefa de trazer materiais para o ninho, usualmente penas e galhos. A fêmeas coloca cerca de 6 ovos por postura. Ambos os progenitores alimentam as crias.

MORFOLOGIA

É pesado e robusto, com um bico forte e acastanhado. No macho o dorso, cabeça e peito possuem tons esverdeados e intensos que na fêmea é em tons castanho-esverdeados. O macho ostenta tons amarelos-vivos nas asas e cauda, enquanto a fêmea apresenta tons mais pálidos.

ESPÉCIES SIMILARES

Serinus serinus; Spinus spinus; Passer domesticus

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 3 4 5 6 7
8 9 10 11 12 14

Linaria cannabina (Linnaeus, 1758)

Pintarroxo, pintarroxo-de-bico-escuro, linhaça-vermelha, milheirinha-da-rosa, sentieiro-encarnado, cacherá

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Fringillidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 14 cm
Peso: 20 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
5 anos

BIOLOGIA

Bastante irrequieta e muito ativa. Possui um voo ondulante, onde sobe aos solavancos e depois desce velozmente. Os casais formados durante a época de reprodução permanecem unidos durante o verão. Terminada a época de reprodução chega a formar grandes bandos, movendo-se de forma coordenada enquanto procura por alimento no solo. Raramente visita comedouros, preferindo procurar por sementes selvagens em campo aberto. A fêmea coloca cerca de 6 ovos por postura.

MORFOLOGIA

Possui tons acastanhados no dorso e a garganta branco-amarelada sarapintada de preto. Na face apresenta duas riscas pálidas num fundo acastanhado. A cauda é escura e bifurcada. O bico possui tons acinzentados. Existe algum dimorfismo sexual, no macho observa-se tons avermelhados no peito, enquanto a fêmea apresenta tons acastanhados.

ESPÉCIES SIMILARES

Carduelis carduelis; Erithacus rubecula; Prunella modularis

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Carduelis carduelis (Linnaeus, 1758)

Pintassilgo, milheira-grande, pinta-cardeira

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Fringillidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 13 cm
Peso: 17 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
5 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

É uma ave comum na região europeia, preferindo as zonas mais quentes, como a região mediterrânica, no entanto, pode ser observado em ambientes mais frios. A sua plumagem em tons vivos contrasta com a paisagem mediterrânica durante os períodos de seca. Pode ser observado em bando depois da época de reprodução. Cabe à fêmea construir o ninho em forma de malga recorrendo a raízes, ervas e musgo, escolhendo forquilhas de ramos mais pequenos perto da copa das árvores. A fêmea coloca cerca de 6 ovos por postura.

MORFOLOGIA

Apresenta tons acastanhados no dorso e ventre, embora a zona do peito possua tons mais claros. A cabeça possui tons pretos e brancos, que contrasta com a mancha vermelha que possuem junto ao bico. As asas são em tons pretos, com uma barra amarelada. A cauda apresenta tons pretos e ainda um sarapintando esbranquiçado.

ESPÉCIES SIMILARES

Linaria cannabina; Chloris chloris; Spinus spinus

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 3 4 5 6 7
8 9 10 11 12 14

Serinus serinus (Linnaeus, 1766)

Chamariz, milheirinha, serino, milheirinha-europeia, canário-bravo, cerezino, pintassilga-feia

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Fringillidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 12 cm
Peso: 14 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
3 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Gosta de regiões quentes e secas. Possui um voo energético e é bastante irrequieto. Canta a partir de locais elevados, como árvores ou antenas, por vezes, fazem-no num voo rápido e oscilante. Quando capta a atenção de uma fêmea, o macho realiza um voo praticamente vertical, subindo o mais alto que conseguir, para de seguida descer em círculos de regresso ao ponto de partida. Cabe à fêmea construir o ninho, escondido no centro de arbustos ou árvores.

MORFOLOGIA

Ave pequena. Ostenta tons amarelados no dorso e ventre com um padrão riscado escuro. A listra superciliar estende-se até aos lados do pescoço e possui tons claros. O macho possui tons amarelos vivos no uropígio, enquanto a fêmea tem tons amarelo-esverdeados. O bico é pequeno e cónico.

ESPÉCIES SIMILARES

Chloris chloris; Spinus spinus

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 3 4 5 6 7
8 9 10 11 12 14

Spinus spinus (Linnaeus, 1758)

Lugre, abadavina, bengalinha, canário-da-índia, marroquino, pintassilgo-verde

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Fringillidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 12 cm
Peso: 18 g

OCORRÊNCIA
Invernante

LONGEVIDADE
3 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
OBSERVAÇÃO

BIOLOGIA

É uma ave irrequieta e que percorre grandes distâncias para procurar alimento, mesmo durante a época de reprodução. É bastante ágil, conseguindo agarrar-se a pequenos galhos com manobras acrobáticas, lembrando os chapins. Raramente se desloca ao solo para procurar comida. No inverno forma bandos para procurar alimento e como proteção. Na época de reprodução o macho abandona os bandos e começa a realizar chamamentos a partir da copa das árvores.

MORFOLOGIA

Ave pequena com o dorso em tons cinzento-esverdeados e o ventre em tons amarelo-esbranquiçados. O macho possui tons pretos na testa e na garganta, com a risca superciliar e o peito em tons amarelo-esverdeados e desprovidos de riscas. A fêmea apresenta a testa em tons verde-acinzentados e o peito esbranquiçado coberto de pequenas riscas pálidas.

ESPÉCIES SIMILARES

Chloris chloris; Serinus serinus

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 5 6 7 12 14

Loxia curvirostra (Linnaeus, 1758)

Cruza-bico

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Fringillidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

VU PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 17 cm
Peso: 50 g

OCORRÊNCIA
Invernante

LONGEVIDADE
5 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
OBSERVAÇÃO

BIOLOGIA

No inverno forma pequenos bandos para procurar alimento no topo das árvores, especialmente em florestas de resinosas com pinhas. O chamamento é simples e pode passar despercebido, o que dificulta a sua observação. A sua observação mais a sul varia de ano para ano, em alguns fica limitado ao norte de Portugal. A sua mandíbula é cruzada, o que lhe fornece a capacidade de abrir as pinhas e extrair o precioso pinhão (semente).

MORFOLOGIA

Ave robusta e rechonchuda, ligeiramente maior que um verdilhão. Possui as mandíbulas do bico cruzadas. O macho é avermelhado com as asas castanho-escuras. A fêmea ostenta tons cinzento-esverdados com um padrão pálido de manchas. As patas são escuras.

ESPÉCIES SIMILARES

Inconfundível

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 4 5 6 7 8

Emberiza calandra (Linnaeus, 1758)

Trigueirão, chichorrio, passarinho-trigueiro, tintarraiz, trinta-raízes

TAXONOMIA
Aves
Passeriformes
Emberizidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 19 cm
Peso: 55 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
5 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

É o maior emberizídeo da região europeia, sendo observado a cantar empoleirado em fios, arame farpado, postes ou vedações. O seu melodioso canto enche os campos agrícolas, podendo ser escutado mais de mil vezes por dia. O seu voo é curto, e usualmente deixa as patas penduradas. O ninho é construído pela fêmea, escondido por entre arbustos.

MORFOLOGIA

Possui uma coloração acastanhada, mais escura no dorso e clara no ventre. Apresenta um padrão riscado escuro no dorso e asas. O riscado do ventre é mais pálido e espaçoso. Na cabeça tem um padrão com pequenas e confusas riscas. Na cauda acastanhada não apresenta o riscado. O bico grosso é amarelado. As patas são amareladas. Não apresenta dimorfismo sexual.

ESPÉCIES SIMILARES

Emberiza schoeniclus; Emberiza citrinella; Alauda arvensis; Galerida cristata

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

2 4 11 13 14

Erinaceus europaeus (Linnaeus, 1758)

Ouriço-cacheiro, ouriço-terrestre, ouriço-cacho

TAXONOMIA
Mammalia
Erinaceomorpha
Erinaceidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 30 cm
Peso: 1,2 kg

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
10 anos

BIOLOGIA

É o maior insectívoro da fauna portuguesa e o único que possui espinhos como armadura defensiva. O adulto pode ter até oito mil espinhos. Procura por alimento sozinho, e quando se sente ameaçado enrola-se numa bola de espinhos, com a cabeça e as patas escondidas no centro. A fêmea dá à luz entre 4 a 7 crias, que nascem cegas e surdas. A amamentação dura até 4 semanas. O macho não participa nos cuidados parentais.

MORFOLOGIA

É um dos mamíferos mais peculiares, com o dorso coberto de espinhos de coloração castanha e ponta escura. A cabeça e ventre possuem pelos ásperos de tons acastanhados. O focinho é pontiagudo, com grandes bigodes e orelhas pequenas e arredondadas. As patas possuem unhas bem desenvolvidas que são utilizadas para escavar. A cauda é curta.

ESPÉCIES SIMILARES

Inconfundível

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Crocidura russula (Hermann, 1780)

Musaranho-de-dentes-brancos,
musaranho-de-dentes-brancos-grande

TAXONOMIA
Mammalia
Soricomorpha
Soricidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 12 cm
Peso: 14 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
18 meses

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Um insectívoro muito sociável, com diversos indivíduos a partilharem a mesma toca. Tem um metabolismo acelerado resultando numa curta longevidade. O seu ritmo de atividade é polifásico, ou seja, alterna entre fases ativas com pequenos períodos de dormência, onde o metabolismo abranda e a temperatura corporal baixa. Cada fêmea pode ter várias ninhadas por ano, com uma gestação que dura um mês e da qual nascem 2 a 10 crias. Move-se em caravana sempre que sai da toca, com a progenitora a liderar e as crias agarradas à cauda do musaranho da frente.

MORFOLOGIA

Possui uma coloração acastanhada ou acinzentada no dorso. O ventre é mais claro, sem, no entanto, se verificar uma separação entre os tons do dorso e do ventre. A cauda é curta, os olhos são pequenos e as orelhas encontram-se bem desenvolvidas. O juvenil é acinzentado.

ESPÉCIES SIMILARES

Sorex granarius

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 5 8 14

Rhinolophus hipposideros (Bechstein, 1800)

Morcego-de-ferradura-pequeno

TAXONOMIA
Mammalia
Chiroptera
Rhinolophidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

VU PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 7 cm
Peso: 9 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
18 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Sai do seu abrigo ao anoitecer, permanecendo ativo pela noite dentro. É sedentário, nunca se afastando mais de 100 quilómetros entre os seus abrigos de verão e os de inverno. As fêmeas formam colónias de criação, denominadas maternidades, durante o verão, chegando aos 500 indivíduos. No inverno prefere ser solitário, criando pequenos grupos, mas mantendo algum espaço entre si. É no outono que ocorre o acasalamento. Hiberna durante o inverno.

MORFOLOGIA

Possui um pelo macio, em tons acinzentados no ventre e castanho-acinzentado no dorso e tons cinzento-acastanhados nas orelhas e membranas alares. O seu nariz é complexo e em forma de ferradura, ligeiramente pontiagudo na parte superior. Ao dobrar as orelhas elas permanecem 5 mm fora da ponta do nariz.

ESPÉCIES SIMILARES

Rhinolophus ferrumequinum; Rhinolophus mehelyi

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 3 5 8 9
10 11 12 13 14

Miniopterus schreibersii (Natterer, 1819)

Morcego-de-peluche

TAXONOMIA
Mammalia
Chiroptera
Vespertilionidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

VU PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 6 cm
Peso: 15 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
16 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

É um morcego muito sociável, formando grandes colónias que chegam a albergar cerca de 20 mil indivíduos, juntamente com outras espécies. Realiza migrações regionais entre os diversos abrigos que utiliza consoante a estação do ano. Abandona os abrigos aos últimos raios de luz para começar a caçar. Consegue capturar as suas presas em pleno voo. A fêmea é fiel ao local onde nasceu. A cópula ocorre no outono, e o óvulo fecundado só se implanta depois da hibernação. Nasce uma cria por ano.

MORFOLOGIA

Morcego de tamanho médio e com asas estreitas. No dorso é acastanhado, e o ventre é ligeiramente mais claro. Possui um focinho curto, com uma cabeça arredondada e as orelhas pequenas e triangulares. O juvenil distingue-se do adulto por possuir tons acinzentados.

ESPÉCIES SIMILARES

Inconfundível

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 3 5 8 9 10 11 12 13 14

Delphinus delphis (Linnaeus, 1758)

Golfinho-comum, toninha

TAXONOMIA
Mammalia
Cetacea
Delphinidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 2,4 m
Peso: 85 kg

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
30 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Amplamente distribuído por todos os oceanos. Pode mergulhar a 280 metros durante cerca de 8 minutos para procurar alimento. Forma grupos que podem ter dezenas ou milhares de indivíduos. Quando existe excesso de alimento pode juntar-se a grupos de golfinhos-riscados. Gosta de acompanhar navios, saltando nas suas imediações. Por vezes, aproveita as ondas criadas por grandes baleias.

MORFOLOGIA

Golfinho elegante, com um bico alongado. Apresenta o dorso e os flancos pretos, o ventre em tons cremes e possui um padrão amarelado nos flancos que começa junto ao olho até à barbatana dorsal, sendo acinzentada desde esse ponto quase até à cauda. Apresenta uma risca preta desde o maxilar até à barbatana peitoral. Os lábios são pretos. A cauda é acinzentada e preta.

ESPÉCIES SIMILARES

Tursiops truncatus; Stenella coeruleoalba

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

6 7

Tursiops truncatus (Montagu, 1821)

Golfinho-roaz, roaz-corvineiro, golfinho-nariz-de-garrafa

TAXONOMIA
Mammalia
Cetacea
Delphinidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 4 m
Peso: 200 kg

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
35 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Prefere ficar perto da costa, embora alguns grupos possam aventurar-se para alto mar. Apresenta uma área vital de algumas dezenas de quilómetros, não ultrapassando os 300. Os grupos sociais têm usualmente 2 a 10 indivíduos, mas podem chegar a ter cerca de 1000 indivíduos de ambos os sexos, embora existam grupos só de fêmeas com indivíduos imaturos. Existe uma hierarquia dentro de cada grupo. Recorrem a assobios e estalidos para comunicarem entre si, mas também para navegação e deteção de presas.

MORFOLOGIA

Golfinho robusto e hidrodinâmico. Apresenta alguma variação na coloração do dorso e dos flancos superiores, variando entre tons acastanhados até tons cinzentos-escuros, que contrastam com o cinzento-esbranquiçado do ventre e dos flancos inferiores. Possui uma barbatana dorsal alta e estreita. O bico é curto.

ESPÉCIES SIMILARES

Delphinus delphis, Stenella coeruleoalba

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

6 7

Genetta genetta (Linnaeus, 1758)

Gineta, geneta, gato-gineto, gato-toirão, gato-bravio

TAXONOMIA
Mammalia
Carnivora
Viverridae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 110 cm
Peso: 2 kg

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
13 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

É muito ágil, conseguindo trepar e saltar sem dificuldades, e nadando muito bem. O seu território estende-se por cerca de 5 km^2. É um animal solitário, tolerando a presença de outras ginetas. Recorre a gritos como alarme quando é detetada por outros predadores. Ao longo do dia escolhe copas cerradas de árvores para repousar. Utiliza latrinas em pontos altos para defecar, que podem ser utilizadas por diversos indivíduos.

MORFOLOGIA

Corpo delgado, com membros curtos e uma cauda comprida de extremidade afilada. A sua pelagem é em tons amarelo-acastanhada ou acinzentada, com um padrão característico de manchas escuras. A cauda possui um padrão de anéis escuros e claros. As garras são semi-retrácteis.

ESPÉCIES SIMILARES

Felis silvestris catus; Felis silvestris

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 5

Herpestes ichneumon (Linnaeus, 1758)

Sacarrabos, manguço, mangusto, escalavardo, escalhabardos

TAXONOMIA
Mammalia
Carnivora
Herpestidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 100 cm
Peso: 2 kg

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
20 anos

BIOLOGIA

Predador estritamente terrestre, mas ágil. Vive em pequenos grupos familiares, nunca com mais de cinco indivíduos. Usualmente os juvenis de uma ninhada anterior acompanham a fêmea até à ninhada seguinte. Recorre a assobios esporádicos para comunicar. Assim como os restantes mangustos, é resistente ao veneno das serpentes. Foi outrora considerado sagrado pelos antigos egípcios. Descobertas recentes evidenciam que terá dispersado naturalmente através do estreito de Gibraltar no Pleistoceno, quando ocorreram flutuações do nível do mar.

MORFOLOGIA

Possui uma silhueta esguia. Apresenta uma pelagem grossa em tons castanho-acinzentada ao longo de todo o corpo. A cauda larga vai tornando-se pontiaguda e termina numa ponta em tons pretos. Ostenta orelhas pequenas e largas. As garras são não-retráteis. Uma característica única é a sua pupila horizontal. As almofadas dos dedos são desprovidas de pelos.

ESPÉCIES SIMILARES

Lutra lutra; Neovison vison

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Vulpes vulpes (Linnaeus, 1758)

Raposa-vermelha

TAXONOMIA
Mammalia
Carnivora
Canidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 140 cm
Peso: 10 kg

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
14 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

É um predador oportunista. A sua abundância varia com a qualidade do habitat, a disponibilidade de alimento, a presença ou ausência de outros predadores e finalmente com as medidas de gestão cinegética implementadas. A fêmea dá à luz cerca de 12 crias, que são amamentadas durante oito semanas e depois abandonam a toca e dispersam à procura do seu território. A maior taxa de mortalidade ocorre durante a época de dispersão de juvenis.

MORFOLOGIA

Possui um tamanho médio. O dorso é em tons avermelhados, com a garganta e o ventre brancos. Tem um focinho alongado, orelhas longas, olhos pequenos, pupila vertical e um nariz preto. A sua cauda é comprida e espessa. O lábio superior possui uma risca branca. Normalmente os machos são maiores que as fêmeas.

ESPÉCIES SIMILARES

Inconfundível

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 5 8

Sciurus vulgaris (Linnaeus, 1758)

Esquilo-vermelho

TAXONOMIA
Mammalia
Rodentia
Sciuridae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 40 cm
Peso: 350 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
7 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Passa grande parte da vida no topo das árvores. Durante o verão e outono vai recolhendo variados alimentos que esconde para serem consumidos durante o inverno, quando os recursos escasseiam. O ninho é construído nas bifurcações de troncos ou dentro de buracos de árvores, revestidos com galhos no exterior e pelos, musgo e ervas na parte interior. A longa cauda ajuda no equilíbrio. A fêmea dá à luz 2 a 4 crias, que abandonam o ninho passadas 10 semanas.

MORFOLOGIA

O dorso possui tonalidades vermelho-acastanhadas, podendo ficar acinzentado durante o inverno. Possui tufos de pelos nas orelhas, mais desenvolvidos no inverno. O ventre é esbranquiçado. Tem uma cauda comprida e acastanhada. Tem grandes garras. Os seus grandes olhos são vivos e de tons escuros.

ESPÉCIES SIMILARES

Inconfundível

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

8 12

Rattus norvegicus (Berkenhout, 1796)

Ratazana-castanha, rato-castanho

TAXONOMIA
Mammalia
Rodentia
Muridae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 52 cm
Peso: 510 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
2 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Gosta de viver perto de espaços urbanos, onde encontra refúgio e recursos alimentares, prefere cereais e desperdícios alimentares. Escava tocas no solo, onde vive em colónias com hierarquias determinadas pelo tamanho dos indivíduos. Não hiberna durante o inverno. Pode reproduzir-se de forma contínua durante todo o ano se possuir recursos alimentares suficientes. A fêmeas dá à luz até 11 crias por ninhada, chegando a ter cerca de 5 ninhadas por ano.

MORFOLOGIA

Possui um tamanho grande. O dorso possui tons castanho-acinzentados e o ventre tons mais claros. Tem um focinho pontiagudo, olhos sobressaídos e orelhas arredondadas. A cauda não possui pelos e tem um comprimento quase idêntico ao resto do corpo. O juvenil tem uma coloração mais clara.

ESPÉCIES SIMILARES

Rattus rattus

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 5 6 7 8 14

Apodemus sylvaticus (Linnaeus, 1758)

Ratinho-do-campo, rato-do-campo, rato-dos-bosques

TAXONOMIA
Mammalia
Rodentia
Muridae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 21 cm
Peso: 43 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
2 anos

BIOLOGIA

Possui uma elevada plasticidade, reconhecendo e aproveitando períodos de maior abundância de alimentos. No verão diminui a sua atividade devido à escassez de alimentos. Consegue escavar galerias subterrâneas ou reutilizar galerias de outros roedores, onde constrói os seus ninhos e armazena alimentos. É um ágil saltador e trepador, conseguindo procurar alimento no solo, em arbustos ou no topo de árvores. A fêmea dá à luz até 8 crias por ninhada, chegando a ter até 4 ninhadas por ano.

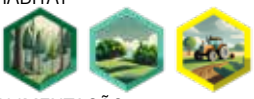
MORFOLOGIA

Possui um corpo alongado, focinho pontiagudo e cauda longa. O dorso é castanho-acinzentado, enquanto o ventre é esbranquiçado. Olhos grandes em proporção com o tamanho da cabeça. A cauda possui numerosos anéis visíveis, sendo o topo acastanhado enquanto a parte inferior é esbranquiçada.

ESPÉCIES SIMILARES

Mus musculus; Mus spretus

HABITAT



ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Mus spretus (Lataste, 1883)

Rato-das-hortas

TAXONOMIA
Mammalia
Rodentia
Muridae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 15 cm
Peso: 18 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
2 anos

BIOLOGIA

Utiliza marcações odoríferas para delimitar o seu território, onde vive um macho e até duas fêmeas. Evita invadir outros territórios, ocorrendo confrontos agressivos caso tal aconteça. Os seus sistemas de túneis são construídos escondidos por entre a vegetação alta, recorrendo a arbustos e silvas para aumentar a proteção dos mesmos. A fêmea dá à luz até 6 crias, que nascem sem pelos, cegas e sem dentição. Passados 20 dias as crias começam a explorar o mundo fora da toca.

MORFOLOGIA

Pequeno roedor, com um focinho arredondado, olhos e orelhas pequenas. O dorso possui tons acastanhados e o ventre possui tons branco-amarelados, com uma linha evidente a separar o dorso do ventre. A cauda é curta, sendo menor que o comprimento cabeça-corpo. O juvenil é semelhante ao adulto.

ESPÉCIES SIMILARES

Mus musculus; Apodemus sylvaticus

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Mus musculus (Schwartz & Schwartz, 1943)

Rato-doméstico, rato-caseiro

TAXONOMIA
Mammalia
Rodentia
Muridae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 20 cm
Peso: 30 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
1 a 2 anos

BIOLOGIA

É um roedor comensal, ou seja, está dependente do ser humano, mas encontra-se bem-adaptado a este estilo de vida e consegue tirar partido das oportunidades criadas pelo ser humano. Possui um elevado sucesso reprodutivo, originando um elevado gasto energético durante a gestação e amamentação, assim como o tempo despendido nos cuidados parentais. A sua presença é confirmada por objetos roídos, fezes, ninhos com materiais locais e buracos em pacotes de alimentos. A fêmea dá à luz até 7 crias por ninhada, tendo 1 a cada mês.

MORFOLOGIA

O dorso possui tons acastanhados ou acinzentados, quando em zonas urbanas são mais escuros que os de zonas mais silvestres. Possui um focinho largo e pontiagudo, olhos pequenos e escuros, e as orelhas são redondas. A cauda possui o mesmo comprimento que a cabeça-corpo. O juvenil é mais acinzentado e escuro.

ESPÉCIES SIMILARES

Mus spretus; Apodemus sylvaticus

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Lepus granatensis (Rosenhauer, 1856)

Lebre-ibérica, lebre-comum

TAXONOMIA
Mammalia
Lagomorpha
Leporidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC IB

BIOMETRIAS
Comprimento: 67 cm
Peso: 5 kg

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
7 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Solitário, embora formem pares ou grupos de reprodução. Precisa de 300 ha de área vital, tolerando a presença de outras lebres dentro do seu espaço, mas fixando-se numa área mais pequena. Todos os dias desloca-se desde os abrigos de descanso até aos locais de alimentação, podendo percorrer mais de 1,5 km. Por vezes, forma agregados temporários para procurar alimento. É silenciosa, recorrendo a odores como forma de comunicação.

MORFOLOGIA

Possui longas orelhas, com as extremidades pretas. Desloca-se recorrendo a grandes saltos, utilizando os seus grandes membros posteriores. Ostenta dentes grandes que chegam à sutura do maxilar. No dorso possui uma pelagem densa, com três tipos de pelos de diferentes espessuras. No verão a sua pelagem fica mais clara e avermelhada. Realiza uma muda na primavera e outra no outono.

ESPÉCIES SIMILARES

Oryctolagus cuniculus

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

2 5 8

Oryctolagus cuniculus (Linnaeus, 1758)

Coelho-bravo

TAXONOMIA
Mammalia
Lagomorpha
Leporidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 50 cm
Peso: 2 kg

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
1 a 2 anos

BIOLOGIA

Possui hábitos sociais, construindo um sistema de túneis subterrâneos complexo e extenso, escavado perto de arbustos, árvores, ou de amontoados de pedras. Vivem entre 2 a 7 coelhos em cada colónia, com uma hierarquia social determinada com combates ritualizados. Bate com as patas no chão quando sente perigo, avisando os restantes elementos da colónia. Recorre a latrinas para marcar o seu território. A sua visão frontal é fraca, mas possui uma excelente audição e olfato.

MORFOLOGIA

Possui tons castanho-acinzentados no dorso, enquanto o ventre é branco. Tem bigodes curtos e orelhas longas com rebordo esbranquiçado, mas mais curtas que as das lebres. Possui olhos acastanhados. A cauda parece um tufo de pelos, com a parte inferior esbranquiçada e visível ao deslocar-se. As garras grandes são utilizadas para escavar e procurar alimento.

ESPÉCIES SIMILARES

Lepus granatensis

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

MOLUSCOS

Limax maximus (Linnaeus, 1758)

Lesma-leopardo

TAXONOMIA
Gastropoda
Stylommatophora
Limacidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC EU

BIOMETRIAS
Comprimento: 20 cm
Peso: Sem dados

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
3 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ

BIOLOGIA

Pode ser observado durante a noite, especialmente em noites húmidas, saindo do seu refúgio para procurar alimento. Quando se sente ameaçado recolhe a cabeça para a zona do escudo, não contraindo o corpo completamente . Tem uma velocidade máxima de quinze centímetros por minuto. Possui um muco incolor e iridescente, sendo pouco adesivo. É abundante em zonas urbanizadas.

MORFOLOGIA

Tem um corpo arredondado, com uma quilha curta na zona da cauda. A coloração é de tons cinzas-claros, cinzas-acastanhados e por vezes tons brancos-amarelados. Apresenta um padrão de manchas escuras de forma e tamanho variável, semelhante ao de um leopardo. Os tentáculos são longos e finos.

ESPÉCIES SIMILARES

Geomalacus maculosus; Lehmannia valentiana; Limax flavus

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

2

Cornu aspersum (Müller, 1774)

Caracoleta, caracol

TAXONOMIA
Gastropoda
Stylommatophora
Helicidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 4 cm
Peso: Sem dados

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
5 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ

BIOLOGIA

Gosta de procurar alimento em parques, jardins, hortas ou à beira de estradas, consumindo plantas vivas ou mortas. Prefere sair em noites húmidas ou chuvosas, embora consiga resistir a noites mais secas. É hermafrodita, produzindo gâmetas masculinos e femininos. Cada indivíduo coloca em média cerca de 80 ovos por postura. Segrega um muco adesivo que permite a locomoção através de ondas musculares rítmicas.

MORFOLOGIA

Possui um tamanho moderado, com uma concha heliciforme. A coloração é de tons castanho-amarelados, com diversas riscas em espirais em tons mais escuros que são interrompidas por outras manchas irregula-res em tons mais claros, criando a aparência de faixas ao longo da concha. Podem observar-se pequenas ondulações na casca. O corpo possui tons acinzentados, com um salpicado amarelado.

ESPÉCIES SIMILARES

Otala lactea

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 3 4 5 8 14

Otala lactea (Müller, 1774)

Caracol-leitoso, caracoleta-riscada

TAXONOMIA
Gastropoda
Stylommatophora
Helicidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 4 cm
Peso: 12 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
5 anos

BIOLOGIA

Pode ser observado a deambular pelo campo durante a noite. Prefere alimentar-se em noites mais húmidas ou chuvosas, saindo do seu refúgio ao cair da noite, evitando noites quentes e secas. Nos meses de verão pode passar por um período de estivação, de forma a sobreviver à seca e à falta de alimento. Tem a capacidade de regenerar a sua carapaça caso sofra algum dano.

MORFOLOGIA

Possui uma concha não globular, ligeiramente deprimida. A coloração varia entre tons esbranquiçados e acastanhados, com diversas riscas escuras salpicadas de manchas esbranquiçadas. As manchas são relativamente próximas umas das outras. A concha possui algumas pontuações e umas estrias muito pequenas que passam despercebidas.

ESPÉCIES SIMILARES

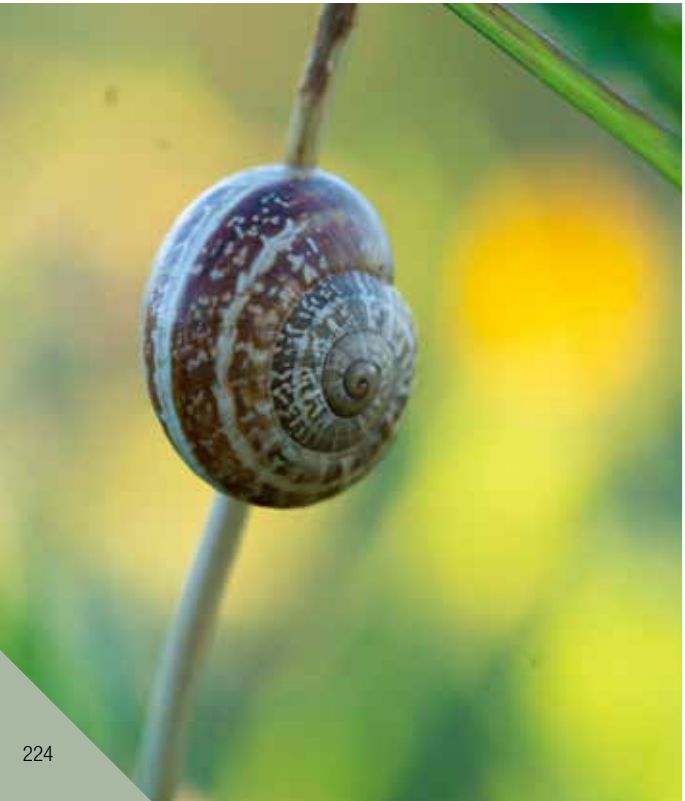
Cornu aspersum

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS



Theba pisana (Müller, 1774)

Caracol-das-cervejarias, caracol

TAXONOMIA
Gastropoda
Stylommatophora
Helicidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 2,5 cm
Peso: Sem dados

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
2 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

É dos caracóis mais comuns, aparecendo inclusivamente junto à costa. Pode ser observado em noites húmidas ou chuvosas à procura de alimento. Nos meses mais quentes estivam para evitar a seca e a falta de alimento, ficando diretamente exposto ao sol fixado a postes, vegetação, entre outros. Consegue aumentar a população rapidamente, podendo por vezes, tornar-se uma praga das culturas agrícolas.

MORFOLOGIA

Apresenta uma coloração de tons esbranquiçados, no entanto, pode exibir diferentes padrões de manchas ao longo da concha. Estes variam entre padrões muito escuros a padrões mais claros e com menos manchas. Alguns ostentam linhas ininterruptas, criando uma banda em espiral, outros com pontos em linha e por fim alguns apenas com pequenas manchas.

ESPÉCIES SIMILARES

Otala lactea

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 3 4 5 8 14

Rumina decollata (Linnaeus, 1758)

Caracoleta-rosca, caracol-de-topo-cortado

TAXONOMIA
Gastropoda
Stylommatophora
Achatinidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE MD

BIOMETRIAS
Comprimento: 4,5 cm
Peso: 15 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
3 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ

BIOLOGIA

Pode ser observado escondido debaixo de pedras ou dentro de muros durante o dia. É em noites húmidas ou chuvosas que se encontra mais ativo e à procura de alimento. No entanto, tolera bem condições secas e frias, procurando um abrigo subterrâneo para se refugiar em caso de condições adversas. É um predador voraz, capaz de se alimentar de caracóis, lesmas e minhocas. Cada indivíduo consegue colocar mais de 500 ovos durante a sua vida, depositando-os no solo.

MORFOLOGIA

Possui uma concha longa e em formato de cone. Quando atinge o tamanho máximo, tritura ou raspa a sua própria casca contra superfícies duras para que a concha fique com o formato de um cone, afilando para uma extremidade romba e meio partida.

ESPÉCIES SIMILARES

Inconfundível

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 3 4 5 8 14

Steromphala umbilicalis (da Costa, 1778)

Burrié

TAXONOMIA
Gastropoda
Trochida
Trochidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE AM

BIOMETRIAS
Comprimento: 2 cm
Profundidade: 0-1 m

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
15 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Pode ser observado nas zonas rochosas ao longo da costa, em especial na zona entremarés, onde procura refúgio e alimento. Consegue viver submerso ou fora de água, embora não goste de uma exposição excessiva à radiação solar, preferindo deslocar-se para poças de água durante o período da maré baixa. Gosta de locais abundantes em algas.

MORFOLOGIA

Possui uma concha listada e de forma deprimida, raramente inclinada para uma forma piramidal. As espirais possuem cristas nítidas. Apresenta uma coloração em tons castanho-esverdeados, com diversos raios ou estrias longitudinais em tons avermelhados, por vezes com um padrão em ziguezague.

ESPÉCIES SIMILARES

Steromphala cineraria; Steromphala pennanti; Phorcus lineatus; Phorcus sauciatus

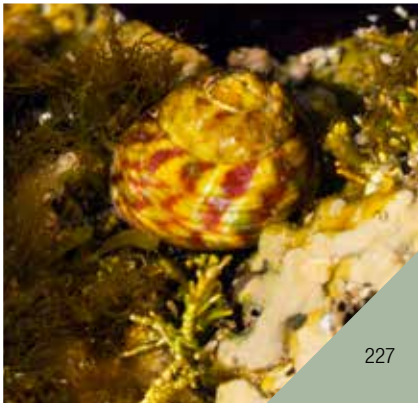
HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

6 7



Phorcus lineatus (da Costa, 1778)

Caramujo, burrié

TAXONOMIA
Gastropoda
Trochida
Trochidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 3 cm
Profundidade: 0-1 m

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
15 anos

BIOLOGIA

Pode ser observado ao longo da linha costeira. Prefere viver em zonas rochosas, que contenham poças de água onde procura alimento e encontra refúgio dos predadores. Evita zonas com pedras soltas, que possam rebolar com as ondas e acabem por o esmagar. Consome as algas que nascem nas rochas utilizando uma estrutura bocal especializada para o efeito, sendo visíveis os seus percursos nas rochas.

MORFOLOGIA

Possui uma concha espessa e sólida, de formato globoso-cónico e achatada na fração superior. A sua coloração é geralmente em tons acinzentados, com diversas linhas finas e escuras em ziguezague ou tortas. Apresenta 6 a 7 espirais convexas e o pináculo é cônico.

ESPÉCIES SIMILARES

Steromphala umbilicalis, Steromphala cineraria; Steromphala pennanti; Phorcus sauciatus

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Patella depressa (Pennant, 1777)

Lapa-de-pés-pretos

TAXONOMIA
Gastropoda
Patellogastropoda
Patellidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE AM

BIOMETRIAS
Comprimento: 6 cm
Profundidade: 0-1 m

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
17 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Pode ser observado nas zonas costeiras. Vive na zona entremarés, preferindo zonas rochosas que fiquem algum período expostas, ou seja, fora de água. Tem a capacidade para ficar totalmente exposto por longos períodos, embora evite fazê-lo. Alimenta-se de microalgas que crescem ao longo das rochas, triturando-as enquanto se desloca pelas rochas e deixando um rasto do seu percurso. Consegue agarrar-se com firmeza à rocha quando sente o perigo ou quando permanece muito tempo fora de água.

MORFOLOGIA

Possui uma concha cónica, com estrias finas, facilmente identificável. Apresenta tons acinzentados e ostenta raios escuros nas margens interiores e exteriores, que nos indivíduos mais velhos podem estar mais desgastados e menos visíveis. No interior, ostentam tons laranja-creme.

ESPÉCIES SIMILARES

Patella rustica; Patella aspera; Patella ulyssiponensis; Patella pelucida; Patella vulgata; Siphonaria pectinata

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

6 7

Aplysia fasciata (Poiret, 1789)

Vinagreira-negra, lesma-do-mar-negra, lebre-do-mar-negra

TAXONOMIA
Gastropoda
Aplysia
Aplysiidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 40 cm
Profundidade: 0-25 m

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
1 ano

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Pode ser observada em águas superficiais, perto da linha de costa, aventurando-se para zonas rochosas e ficando confinada em poças entre a maré cheia e a maré vazia. Procura poças com algas, para que se possa alimentar e encontrar refúgio. Tem a capacidade de se alimentar parada ou em movimento. Embora prefira deslocar-se no substrato, consegue nadar utilizando os parapódios como barbatanas.

MORFOLOGIA

Possui um corpo alongado em tons pretos ou castanho-escuros, com uma linha em tons alaranjados na borda dos tentáculos. Por vezes revela manchas esbranquiçadas espalhadas pelo corpo. Apresenta os rinóforos enrolados, conferindo-lhe o aspeto de orelhas de lebre. A cauda é arredondada.

ESPÉCIES SIMILARES

Aplysia depilans; Aplysia punctata

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

6 7

Felimida purpurea (Risso, 1831)

Nudibrânquio-púrpura, nudibrânquio

TAXONOMIA
Gastropoda
Nudibranchia
Chromodorididae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE AM

BIOMETRIAS
Comprimento: 5 cm
Profundidade: 0-30 m

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
1 ano

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Pode ser observado nas poças entremarés, preferencialmente que contenham fundos rochosos e muitas algas e esponjas para se alimentar. Gosta de se esconder em locais pouco iluminados ou debaixo de pedras, onde encontra refúgio e procura por alimentos. É hermafrodita, no entanto, não tem capacidade de se reproduzir sozinho. Os parceiros realizam uma intrincada apresentação de dança antes de se abraçarem para reproduzir.

MORFOLOGIA

O seu dorso possui uma textura lisa, pintalgada em tons roxo-esbranquiçados. Apresenta uma linha amarelo-alaranjada ao longo de toda a sua borda. Ostenta os rinóforos e as brânquias em tons roxos com as pontas esbranquiçadas, que contrastam com os tons mais claros do dorso.

ESPÉCIES SIMILARES

Felimida krohni

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

6 7

Siphonaria pectinata (Linnaeus, 1758)

Lapa-falsa-listrada

TAXONOMIA
Gastropoda
Siphonariida
Siphonariidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 6 cm
Profundidade: 0-30 m

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
12 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Pode ser observada ao longo da costa. Vive juntamente com outras espécies de lapas na zona entremarés. Prefere estar associada a zonas rochosas onde se fixa e procura alimento. Consegue permanecer exposta, ou seja, fora de água durante algum tempo, usualmente no período da maré vazia. Procura por algas que crescem nas rochas para se alimentar.

MORFOLOGIA

Possui uma concha cónica, achatada e com a superfície arredondada, ostentando diversas estrias acastanhadas. Apresenta uma coloração em tons cinzento-esbranquiçados na parte exterior, enquanto no seu interior revela tons acastanhados.

ESPÉCIES SIMILARES

Patella depressa; Patella rustica; Patella aspera; Patella ulyssiponensis; Patella pelucida; Patella vulgata

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

6 7

Lepidochitona cinerea (Linnaeus, 1767)

Quítone-cinzento

TAXONOMIA
Polyplacophora
Chitonida
Tonicellidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE AM

BIOMETRIAS
Comprimento: 4 cm
Profundidade: 0-40 m

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
20 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ

BIOLOGIA

É o quítone mais comum que pode ser observado ao longo da costa portuguesa. Prefere fixar-se ao substrato rochoso ou esconder-se debaixo de pedras, em especial os indivíduos de maior tamanho. Gosta das zonas que ficam a descoberto pela maré baixa, embora evite ficar fora de água. Deambula pelas rochas enquanto se alimenta de diversas espécies de algas. A sua armadura confere-lhe proteção contra os predadores, conseguindo fixar-se ao substrato.

MORFOLOGIA

Corpo alongado e achatado com oito placas dorsais granulosas, conferindo o aspeto de uma armadura. A coloração pode variar entre tons avermelhados, acastanhados ou esverdeados. As margens são em tons avermelhados, acastanhados ou esverdeados com pequenos pontos escuros.

ESPÉCIES SIMILARES

Chaetopleura angulata; Acanthochitona fascicularis

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

6 7

Octopus vulgaris (Cuvier, 1797)

Polvo, polvo-comum

TAXONOMIA
Cephalopoda
Octopoda
Octopodidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC AM

BIOMETRIAS
Comprimento: 130 cm
Profundidade: 0-200 m

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
2 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Prefere zonas rochosas ou arenosas, com cavidades e refúgios suficientes para se proteger dos predadores. Por vezes, pode ser encontrado nas poças de zonas costeiras durante a maré baixa. A fêmea protege os ovos desde a postura até à eclosão, não se alimentando durante esse período e acabando por morrer no processo.

MORFOLOGIA

Possui um corpo oval, sem barbatanas, mas com oito tentáculos. Apresenta olhos grandes de pupila horizontal. Os tentáculos chegam a medir cerca de um metro de comprimento e possuem duas filas de ventosas. A sua coloração é variável, conseguindo alterá-la para se camuflar com o ambiente onde vive, imitando as cores e as texturas que o rodeiam, no entanto, a cor mais comum é em tons cinzento-acastanhados.

ESPÉCIES SIMILARES

Inconfundível

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

6 7

Sepia officinalis (Linnaeus, 1758)

Choco-comum, choco

TAXONOMIA
Cephalopoda
Sepiida
Sepiidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 45 cm
Profundidade: 5-200 m

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
2 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Procura fundos arenosos ou povoamentos de algas para procurar alimento e refúgio. Durante o dia prefere enterrar-se na areia ou esconder-se por entre o substrato de algas, saindo à noite para caçar. Caça ativamente ou por emboscada, possuindo a capacidade de imitar o que o rodeia graças a cromatóforos na pele. Quando se sente ameaçado liberta um jato de tinta preta, conseguindo enganar o predador e fugir.

MORFOLOGIA

Possui um corpo oval e deprimido. Apresenta uma coloração variada, usualmente em tons acastanhados ou acinzentados, com diversas bandas mais claras no dorso. Ostenta dez tentáculos em redor da boca, todos eles com diversas ventosas, sendo que dois deles são mais longos. Tem olhos grandes. Ao longo do corpo verifica-se a existência de barbatanas arredondadas.

ESPÉCIES SIMILARES

Inconfundível

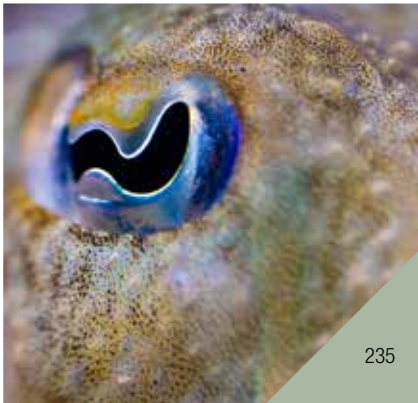
HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

6 7



Acanthocardia tuberculata (Linnaeus, 1758)

Berbigão-de-bicos

TAXONOMIA
Bivalvia
Cardiida
Cardiidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 5 cm
Profundidade: 2-200 m

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
11 anos

BIOLOGIA

Pode ser encontrado ao longo do litoral costeiro, procurando áreas de fundos arenosos onde se refugia e filtra alimento. Encontra-se enterrado em substratos arenosos ou sedimentos, por vezes a mais de 10 metros de profundidade. Alimenta-se filtrando plâncton da coluna de água, recorrendo a uma estrutura especializada que permanece exposta fora do seu esconderijo.

MORFOLOGIA

Possui uma concha arredondada. O bordo é fortemente dentado, com ranhuras demarcadas no exterior e interior da concha. Apresenta cerca de 22 caneluras em cada uma das valvas (conchas) todas elas com diversos espinhos ao longo da canelura que fornecem proteção contra os predadores. Os espinhos das zonas posteriores e ventral encontram-se mais bem desenvolvidos.

ESPÉCIES SIMILARES

Acanthocardia echinata; Cerastoderma edule; Parvicardium papillosum

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Pecten maximus (Linnaeus, 1758)

Vieira

TAXONOMIA
Bivalvia
Pectinida
Pectinidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE AM

BIOMETRIAS
Comprimento: 15 cm
Profundidade: 5-800 m

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
22 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Pode ser encontrada ao longo da linha costeira, onde procura locais com fundos arenosos ou cascalho. Prefere locais onde se consiga enterrar ou esconder, e onde tenha disponibilidade de alimento. Alimenta-se filtrando as partículas em suspensão na água. É a partir dos seus refúgios subterrâneos que filtra a água, enquanto permanece escondida dos predadores. Tem a capacidade de nadar, abrindo e fechando a concha, mas não controla a direção em que se movimenta. Prefere locais com fraca corrente.

MORFOLOGIA

Possui duas valvas diferentes. A valva esquerda (superior) é plana, com as caneluras de formato arredondado, e em tons vermelhos-acastanhados. A valva direita (inferior) é arredondada e em tons branco-acastanhados com ligeiras manchas castanhas.

ESPÉCIES SIMILARES

Pecten jacobaeus

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

6 7

Chamelea gallina (Linnaeus, 1758)

Vénus

TAXONOMIA
Bivalvia
Venerida
Veneridae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE AM

BIOMETRIAS
Comprimento: 5 cm
Profundidade: 2-55 m

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
11 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ

BIOLOGIA

Encontrada ao longo da linha de costa, prefere viver escondida debaixo de sedimento, procurando zonas com fundos arenosos ou de cascalho, onde encontra refúgio contra os predadores e alimento em abundância. Filtra a água para se alimentar, capturando pequenos animais ou algas que estejam em suspensão na coluna de água. Permanece enterrada e protegida enquanto se alimentam.

MORFOLOGIA

Possui uma concha triangular e arredondada. A concha apresenta no exterior uma coloração em tons branco-sujo, creme ou amarelado, com diversas manchas acastanhadas espalhadas. Apresenta estrias concêntricas finas, pouco visíveis, de pequena amplitude e contíguas, que podem passar despercebidas. A parte posterior da concha é mais alongada que a anterior.

ESPÉCIES SIMILARES

Chamelea striatula

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

6 7

Mytilus galloprovincialis (Lamarck, 1819)

Mexilhão, mexilhão-mediterrânico

TAXONOMIA
Bivalvia
Mytilida
Mytilidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 12 cm
Profundidade: 1-8 m

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
3 anos

BIOLOGIA

Procura rochas que estejam expostas às ondas, por vezes ficando a descoberto em marés muito baixas. Pode ser encontrado em zonas rochosas, molhes, portos ou outras estruturas sólidas ao longo da linha de costa. Filtra o seu alimento da coluna de água, ingerindo partículas e detritos em suspensão, como fitoplâncton. Escolhe locais com muita movimentação de água pois é onde a concentração de partículas em suspensão é mais elevada.

MORFOLOGIA

Possui duas valvas semelhantes, com o bordo liso e desprovida de dentes. Apresenta algumas crenulações ao longo da concha. Possui uma coloração em tons azulados ou pretos, enquanto o interior é em tons amarelados.

ESPÉCIES SIMILARES

Mytilus edulis

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

ANELÍDEOS

Eulalia clavigera (Audouin & Milne Edwards, 1833)

Minhoca-marinha, verme

TAXONOMIA
Polychaeta
Phyllodocida
Phyllodocidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE AM

BIOMETRIAS
Comprimento: 10 cm
Profundidade: 0-10 m

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
Sem dados

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ

BIOLOGIA

É observada na linha costeira, preferencialmente em zonas rochosas, molhes ou portos de abrigo. Pode ser encontrada em fendas e fissuras em rochas, debaixo de pedras, por entre as algas, e por entre mexilhões e cracas, onde procura alimento e refúgio, por vezes aventurando-se pelas rochas cobertas de cracas. Predominantemente necrófaga, alimenta-se de animais mortos ou feridos que encontram enquanto deambulam pelas rochas.

MORFOLOGIA

Corpo alongado e delgado. A cabeça tem um formato triangular. Ostenta um par de palpos e três antenas, com a central localizada à frente dos grandes olhos. Possui uma coloração em tons esverdeados brilhantes, por vezes, com pequenas manchas escuras. Tem um par de patas por segmento.

ESPÉCIES SIMILARES

Eulalia viridis

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

6 7

Eisenia fetida (Savigny, 1826)

Minhoca-vermelha-fétida, minhoca-vermelha

TAXONOMIA
Clitellata
Haplotaxida
Lumbricidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 8 cm
Peso: 3 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
5 anos

BIOLOGIA

Trata-se de uma minhoca terrestre, pode ser encontrada um pouco por todo o lado. Procura zonas com elevada humidade e uma grande quantidade de manta-morta. Prefere sair durante o período noturno para se alimentar, consumindo todas as noites praticamente o seu peso em alimento, sendo por isso vorazes a alimentarem-se. Consome detritos e são das melhores espécies para produzir húmus, sendo fundamentais nos ecossistemas pois ajudam a fertilizar os solos.

MORFOLOGIA

É das minhocas mais pequenas. Apresenta uma coloração em tons avermelhados, mais acentuados no dorso e pálidos no ventre. Possui a extremidade anterior mais afilada que a extremidade posterior. No total pode ter cerca de 140 anéis. É hermafrodita, formando casulos onde se dá a fertilização do óvulo e o desenvolvimento embrionário.

ESPÉCIES SIMILARES

Lumbricus terrestris

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Lumbricus terrestris (Linnaeus, 1758)

Minhoca-comum, minhoca-da-terra, minhoca-da-pesca

TAXONOMIA
Clitellata
Haplotaxida
Lumbricidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 35 cm
Peso: Sem dados

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
6 anos

BIOLOGIA

Vive a sua vida toda debaixo de terra, onde constroem galerias verticais que podem atingir mais de dois metros de comprimento, atravessando a camada do solo e chegando à camada do subsolo. Procura alimento perto da superfície em noites chuvosas, alimentando-se usualmente de manta morta e outros detritos. Prefere defecar à superfície, deixando pequenos montes de matéria orgânica semi-digerida e húmus, ajudando a fertilizar a camada superficial do solo.

MORFOLOGIA

É a maior minhoca em Portugal. Apresenta uma coloração em tons vermelho-acinzentados na região dorsal e tons mais pálidos na região ventral. Possui a extremidade anterior afilada, e a extremidade posterior alargada e achatada. Apresentam cerca de 120 a 155 anéis ao longo do corpo.

ESPÉCIES SIMILARES

Eisenia fetida

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

ARTRÓPODES

Ommatoiulus moreleti (Lucas, 1860)

Maria-café

TAXONOMIA
Diplopoda
Julida
Julidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE IB

BIOMETRIAS
Comprimento: 4,5 cm
Peso: Sem dados

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
7 anos

BIOLOGIA

É fácil de observar, frequentemente escondido debaixo de rochas, dentro de muros ou outras estruturas durante o dia, e podem ser vistos a caminhar pelo solo quando cai a noite. Consegue sobreviver aos verões secos e longos entrando num estado de repouso, que é quebrado com as primeiras chuvas de outono e o baixar da temperatura, período que apresenta maior atividade. Sai em noites húmidas para procurar alimento. No inverno as incursões são mais curtas devido ao frio.

MORFOLOGIA

Possui um corpo robusto, alongado e delgado, com dois pares de patas por cada segmento. A zona caudal termina numa ponta arredondada. A sua coloração é de tons pretos, no entanto, as patas e as antenas apresentam tons rosados escuros.

ESPÉCIES SIMILARES

Cylindroiulus caeruleocinctus

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Aiolopus puissanti (Defaut, 2005)

Gafanhoto-de-asas-verdes-de-Puissant, gafanhoto-verde

TAXONOMIA
Insecta
Orthoptera
Acrididae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE IM

BIOMETRIAS
Comprimento: 2,5 cm
Peso: Sem dados

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
Sem dados

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Gafanhoto muito ágil, dá grandes saltos ao mínimo sinal de perigo, escondendo-se por entre a vegetação e dando uso à sua coloração castanho-esverdeada para passar despercebidos. Prefere ambientes quentes, que tenham alguma vegetação baixa e relativamente perto de água. Nos meses mais frios, o adulto hiberna para resistir às baixas temperaturas e à falta de alimento.

MORFOLOGIA

As suas asas são mais compridas que o corpo, sendo visíveis quando estão poisados. Quando levanta voo é possível observar que as asas são transparentes. Apresenta uma coloração de tons esverdeados com algumas manchas acastanhadas ao longo do corpo. Ostenta patas posteriores castanhas e fortes.

ESPÉCIES SIMILARES

Aiolopus strepens; Acrotylus patruelis; Calephorus compressicornis; Paracinema tricolor; Sphingonotus caerulans

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

2 5

Pezotettix giornae (Rossi, 1794)

Gafanhoto-pançudo

TAXONOMIA
Insecta
Orthoptera
Acrididae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 1,8 cm
Peso: Sem dados

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
Sem dados

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
OBSERVAÇÃO

BIOLOGIA

Pode ser observado em locais com margens de vegetação relativamente alta, como sebes, bordas de florestas, pastagens secas com alguma vegetação, entre outros. Não possui capacidade de voo, fugindo dos predadores aos saltos e confiando na sua camuflagem quando aterram, permanecendo totalmente imóvel antes de voltar a fugir caso o predador chegue perto demais.

MORFOLOGIA

Possui uma coloração em tons que variam de acastanhados a acinzentados. Ostenta olhos grandes. Nas la-terais do tórax pode apresentar uma faixa longitudinal esbranquiçada ou escura. As asas são escamosas, ovais e curtas, o que os impossibilita de voar.

ESPÉCIES SIMILARES

Acrotylus insubricus; Calephorus compressicornis; Dociostaurus jagoi; Oedaleus decorus; Ramburiella hispanica

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2

Lixus pulverulentus (Scopoli, 1763)

Gorgulho-da-malva

TAXONOMIA
Insecta
Coleoptera
Curculionidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 1,8 cm
Peso: Sem dados

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
Sem dados

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
OBSERVAÇÃO

BIOLOGIA

Pode ser observado a alimentar-se de néctar e pólen em flores diversas. Escolhe flores de tamanho médio a grande, pois têm de ser capazes de suportar o peso do seu corpo. Fica coberto de pólen, conferindo-lhe uma espécie de camuflagem natural. A larva desenvolve-se e alimenta-se principalmente de plantas das famílias Malvaceae, Asteraceae e Fabaceae.

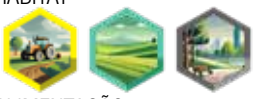
MORFOLOGIA

É um grande gorgulho, com um corpo estreito e alongado. A sua coloração é de tons acastanhados, no entanto, encontra-se polvilhado de pontos amarelados ou com outros tons, dependendo das flores que visitam. Possui uma tromba alongada com duas antenas que recolhem dentro da tromba quando se sente ameaçado.

ESPÉCIES SIMILARES

Lixus acicularis; Lixus iridis; Lixus sanguineus; Lixus scolopax; Lixus anguinus

HABITAT



ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Luciola lusitanica (Charpentier 1825)

Pirilampo-lusitânico

TAXONOMIA
Insecta
Coleoptera
Lampyridae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE LU

BIOMETRIAS
Comprimento: 1,2 cm
Peso: Sem dados

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
3 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

É o pirilampo mais abundante em Portugal. O macho acende e apaga a luz à medida que voa, em padrões de flashes simples e curtos de luz amarelada. A duração dos sinais luminosos varia consoante a temperatura exterior. A larva vive em locais húmidos e escuros e possui uma mordedura venenosa que utiliza para capturar as suas presas. Esta mordedura é inofensiva para o ser humano.

MORFOLOGIA

Possui uma estrutura bioluminescente num dos segmentos do abdómen, tanto no adulto, como na larva e pupa. Ao contrário de outros pirilampos, a fêmea também possui asas, mas não voa. A larva possui coloração de tons pretos com algumas manchas alaranjadas no dorso e claras no ventre.

ESPÉCIES SIMILARES

Lampyris noctiluca; Lampyris iberica

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 8

Oryctes nasicornis (Linnaeus, 1758)

Escaravelho-rinoceronte-europeu, escaravelho-rinoceronte

TAXONOMIA
Insecta
Coleoptera
Scarabaeidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 4,2 cm
Peso: 1,3 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
4 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ

BIOLOGIA

O adulto é mais ativo ao entardecer e à noite, muitas vezes atraído pelas luzes. O adulto não se alimenta, consumindo as reservas acumuladas durante os estágios larvais. O tamanho do adulto depende da qualidade e da abundância de alimento que a larva obtém. A larva cresce em madeira em decomposição, alimentando-se de restos lenhosos (evita os resinosos).

MORFOLOGIA

É um dos maiores besouros que pode ser observado. Possui os élitros (asas dianteiras) em tons castanho-avermelhados com um aspeto vidrado. A cabeça é ligeiramente mais escura. O ventre e as pernas encontram-se cobertos de pelos ruivos. O macho ostenta um longo chifre curvo, ausente nas fêmeas.

ESPÉCIES SIMILARES

Phyllognathus excavatus; Dorcus parallelipipedus; Lucanus barbarossa; Lucanus cervus

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 8

Adalia decempunctata (Linnaeus, 1758)

Joaninha-de-dez-pintas

TAXONOMIA
Insecta
Coleoptera
Coccinellidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 5 mm
Peso: Sem dados

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
Sem dados

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ

OBSERVAÇÃO

BIOLOGIA

Pode ser observada em arbustos e árvores de folha caduca, enquanto procura por alimento debaixo das cascas ou por entre o musgo. Pode ainda surgir em zonas de matos, em detritos lenhosos e em solos aluviais com arbustos. O adulto passa o inverno escondido por entre a manta morta. Tanto o adulto como a larva, alimentam-se de afídeos, tornando esta espécie numa ajudante no controlo desta praga em zonas agrícolas, fornecendo um serviço imprescindível.

MORFOLOGIA

Possui um corpo quase arredondado, com uma coloração e padrão muito variáveis. Pode ter uma coloração de tons avermelhados, alaranjados, castanhos ou pretos, e apresentar entre 0 a 12 manchas nas asas dianteiras (élitros) escuras ou claras, dependendo da coloração do indivíduo. As pernas e antenas têm tons alaranjados.

ESPÉCIES SIMILARES

Adalia bipunctata; Coccinella septempunctata; Hippodamia variegata; Oenopia conglobata; Psyllobora vigintiduopunctata

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 3 5 6 7 8

Oenopia conglobata (Linnaeus, 1758)

Joaninha-esférica

TAXONOMIA
Insecta
Coleoptera
Coccinellidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 5 mm
Peso: Sem dados

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
Sem dados

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ

BIOLOGIA

Pode ser observada em arbustos ou por entre a vegetação rasteira. É uma espécie comum em zonas urbanas, e uma boa adição para qualquer horta pois alimenta-se de afídeos, que são uma praga que afeta muitas culturas agrícolas. Tanto a larva como o adulto têm a capacidade de se alimentar de afídeos, sendo comum observar ambos na mesma planta a alimentarem-se.

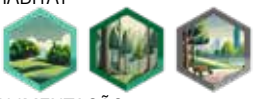
MORFOLOGIA

Possui o corpo longo, oval e ligeiramente curvo. Apresenta uma coloração em tons rosa-claros ou amarelo-pálido nos élitros (asas dianteiras) e uma pequena costura preta mais oito manchas pretas com diferentes tamanhos, por vezes unidas umas às outras. O tórax é mais claro e possui sete manchas pretas. A cabeça é preta e branca. As antenas são amareladas e escuras nas extremidades.

ESPÉCIES SIMILARES

Adalia decempunctata; Adalia bipunctata; Coccinella septempunctata; Hippodamia variegata; Psyllobora vigintiduopunctata

HABITAT



ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2

Aricia cramera (Eschscholtz, 1821)

Aricia, borboleta-castanhinha

TAXONOMIA
Insecta
Lepidoptera
Lycaenidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC IM

BIOMETRIAS
Comprimento: 25 mm
Peso: Sem dados

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
Sem dados

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

O adulto (borboleta) pode ser observado em lugares calmos, que possuam algumas rochas para poisarem, de preferência expostas ao sol. Evita espaços muito urbanizados, preferindo locais não mexidos e pouco férteis. A lagarta hiberna durante o inverno.

MORFOLOGIA

Possui a face superior das asas em tons castanhos-escuros, com a borda em tons esbranquiçados e as lúnulas em forma de V e em tons alaranjados. Na face inferior ostenta tons acastanhados mais pálidos, com um padrão de pintas pretas com uma orla esbranquiçada, e uma banda de lúnulas alaranjada. Apresenta olhos pretos. As antenas têm segmentos que alternam entre o branco e o preto.

ESPÉCIES SIMILARES

Aricia agestis

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

2

Anthocharis cardamines (Linnaeus, 1758)

Ponta-laranja

TAXONOMIA
Insecta
Lepidoptera
Pieridae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 45 mm
Peso: Sem dados

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
4 semanas
(adulto)

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

O macho apresenta uma coloração alaranjada viva que alerta os predadores para o seu sabor amargo. Na verdade, o seu corpo encontra-se coberto de grandes quantidades de óleo de mostarda. Qualquer predador que consiga capturar um macho e o ingira, o mais provável é que não volte a alimentar-se de outra borboleta igual. A fêmea escolhe as maiores flores de crucíferas para colocar os ovos, libertando uma feromona que afasta outras fêmeas da mesma espécie. No caso de dois ovos serem colocados na mesma flor, a lagarta que nascer primeiro irá predar a outra.

MORFOLOGIA

Ostenta tons esbranquiçados, com dois pontos pretos bem visíveis na sua face superior. O macho possui uma mancha subapical em tons alaranjados. A face inferior possui tons esbranquiçados e apresenta um pa-drão semelhante a escamas em tons esverdeados.

ESPÉCIES SIMILARES

Euchloe crameri

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

2

Euchloe crameri (Butler, 1869)

Branca-de-manchas-verdes, esverdeada-dos-nabais

TAXONOMIA
Insecta
Lepidoptera
Pieridae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC MD

BIOMETRIAS
Comprimento: 48 mm
Peso: Sem dados

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
Sem dados

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Pode ser observada à procura de flores em dias de sol, movendo-se rapidamente de flor em flor enquanto se alimenta. Apresenta duas gerações sucessivas, ou seja, no mesmo ano podem ser observadas borboletas nascidas em períodos diferentes, um na primavera e outro no outono. Os indivíduos são ligeiramente mais pequenos na geração primaveril e maiores na geração estival. Não aprecia zonas de cultura intensiva, preferindo zonas mais assilvestradas.

MORFOLOGIA

Apresenta a face superior em tons esbranquiçados com uma mancha apical escura coberta por um padrão de pequenos salpicos brancos. Ostenta ainda uma mancha preta na zona discal. Na face inferior apresenta um padrão semelhante a escamas em tons esverdeados. Possuem olhos esverdeados. As antenas são esbranquiçadas.

ESPÉCIES SIMILARES

Euchloe tagis; Euchloe belemia; Anthocharis cardamines; Pontia daplidice

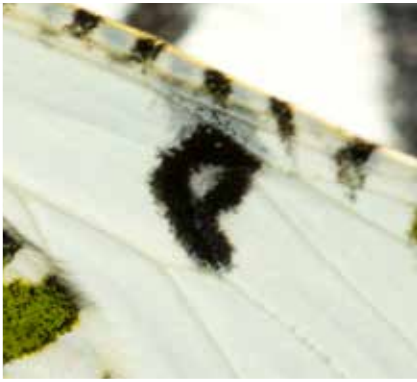
HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

2



Euchloe belemia (Esper, 1800)

Branca-de-riscas-verdes, esverdeada-de-belém

TAXONOMIA
Insecta
Lepidoptera
Pieridae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 48 mm
Peso: Sem dados

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
Sem dados

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Pode ser observada em locais com pouca vegetação, preferencialmente com pouca ou nenhuma perturbação, enquanto procura flores para se alimentar. Tem um voo rápido, deslocando-se velozmente de flor em flor, por vezes, para plantas mais distantes. A lagarta desenvolve-se rapidamente. A pupa estiva durante os meses de verão devido ao calor e à seca. O processo de metamorfose pode demorar alguns anos a ficar concluído.

MORFOLOGIA

Apresenta um ligeiro ângulo nas asas quando se encontra pousada. Apresenta a face superior em tons esbranquiçados, com uma mancha apical e discoidal em tons pretos com manchas esbranquiçadas. Ostenta a face inferior com um padrão de riscas esverdeadas e esbranquiçadas. Os olhos são esverdeados. As antenas são brancas e pálidas.

ESPÉCIES SIMILARES

Euchloe crameri; Euchloe tagis; Pontia daplidice

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

4 11

© José Viana

Pontia daplidice (Linnaeus, 1758)

Borboleta-branca-e-verde

TAXONOMIA
Insecta
Lepidoptera
Pieridae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 45 mm
Peso: Sem dados

OCORRÊNCIA
Migrador

LONGEVIDADE
3 semanas
(Adulto)

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Pode ser observada a voar e à procura de flores para se alimentar em zonas secas, preferencialmente com áreas abertas e alguma areia no solo. Chega a ter mais do que uma geração por ano, uma na primavera e outra no outono. Nos anos bons, podem ter uma geração intermédia. A lagarta prefere alimentar-se de plantas das famílias das Brassicaceae e Rosaceae. Por vezes, pode encontrar-se associadas a espécies de formigas.

MORFOLOGIA

Possui tons esbranquiçados na face superior, com diversas manchas escuras espalhadas pela borda das asas. Na face inferior possui tons esbranquiçados com um salpicado esverdeado, cujo padrão permite identificar a espécie. Os olhos são esverdeados e as antenas são claras com as pontas escuras.

ESPÉCIES SIMILARES

Euchloe crameri; Euchloe belemia

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

2

Acherontia atropos (Linnaeus, 1758)

Borboleta-caveira, esfinge-caveira

TAXONOMIA
Insecta
Lepidoptera
Sphingidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 12 cm
Peso: Sem dados

OCORRÊNCIA
Migrador

LONGEVIDADE
6 semanas (A)

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

É difícil de observar, pois voa maioritariamente durante a noite. É um poderoso voador, atravessando o mar mediterrânico durante a sua migração de e para África. A pupa não resiste a invernos muito frios, sendo, por isso, mais frequente na zona sul do país. É completamente inofensiva para o ser humano, embora o padrão em forma de caveira tenha dado origem a diversos mitos e superstições sobre esta borboleta.

MORFOLOGIA

Uma grande borboleta. Nas asas anteriores apresenta tons acastanhados e nas asas posteriores possui tons amarelados, criando um grande contraste, apenas visível em voo. Quando pousada, as asas anteriores escondem as asas posteriores. No tórax possui um padrão esbranquiçado lembrando uma caveira. O abdómen é robusto e coberto de pelos. O seu padrão amarelado assemelha-se ao das vespas.

ESPÉCIES SIMILARES

Inconfundível

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1

Thaumetopoea pityocampa (Denis & Schiffermüller, 1775)

Processionária-do-pinheiro, lagarta-do-pinheiro, borboleta-do-pinheiro

TAXONOMIA
Insecta
Lepidoptera
Notodontidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 5 cm
Peso: Sem dados

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
1 dia (adulto)

BIOLOGIA

O adulto vive apenas um dia, para se reproduzir e depositar os seus ovos, chegando a voar mais de 1,5 quilómetros. É muito social, construindo abrigos em grupo para se proteger dos predadores. A larva alimenta-se durante a noite e realiza uma migração em conjunto quando estão prontas a abandonar a árvore, criando uma fila de lagartas. A lagarta possui pelos urticantes que podem ser ejetados quando é incomodada. Estes pelos podem criar irritações na pele, nariz, boca e olhos.

MORFOLOGIA

A lagarta possui tons castanho-alaranjados com faixas azuladas e o corpo coberto de pelos urticantes. O adulto é robusto e quando pousado fica com as asas semelhantes a uma tenda, cobrindo o corpo. Apresenta as asas em tons acastanhados, sendo as posteriores em tons mais claros. O corpo está coberto de pelos acastanhados.

ESPÉCIES SIMILARES

Thaumetopoea processionea

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Lasiommata megera (Linnaeus, 1767)

Mégera

TAXONOMIA
Insecta
Lepidoptera
Nymphalidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 5 cm
Peso: Sem dados

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
10 dias (adulto)

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Pode ser observada nas orlas de florestas, encostas quentes, prados e bermas de caminhos. Prefere locais calmos, secos e quentes para tomar banhos de sol e para procurar alimento. A lagarta alimenta-se de diversas espécies de gramíneas (Poaceae). Pode ter cerca de três gerações por ano, sendo as principais na primavera e no outono.

MORFOLOGIA

Possui a face superior em tons alaranjados com um padrão acastanhado, com diversos ocelos pretos de diferentes tamanhos. Na face inferior apresenta tons mais claros, com diversos ocelos pretos ladeados de tons amarelados. O corpo apresenta tons pretos na parte superior e tons esbranquiçados na parte inferior. As antenas apresentam um padrão branco e preto, a terminar em tons pretos e alaranjados.

ESPÉCIES SIMILARES

Pararge maera

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

2

Andrena flavipes (Panzer, 1799)

Abelha-mineira-comum

TAXONOMIA
Insecta
Hymenoptera
Andrenidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 14 mm
Peso: Sem dados

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
Sem dados

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Uma das abelhas solitárias mais comuns de observar, especialmente em dias de calor. É capaz de polinizar diversas flores, sendo importantes na dispersão de pólen. O ninho é construído em galerias verticais no solo, onde deposita os seus ovos juntamente com um pedaço de alimento. Possui duas gerações por ano, sendo a primaveril mais numerosa que a estival.

MORFOLOGIA

Abelha de tamanho médio, com o corpo coberto de pelos de diferentes tamanhos e densidades. Tem o abdómen em tons acastanhados com uma série de listras em tons amarelo-alaranjados, criando o contraste típico das abelhas. Possui olhos grandes e escuros. As antenas são pretas. As patas são escuras, ficando cobertas de pólen.

ESPÉCIES SIMILARES

Andrena gravida; Andrena haemorrhoa; Apis mellifera

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

2 8

Anthidium oblongatum (Illiger, 1806)

Cotanilhosa-oblongada

TAXONOMIA
Insecta
Hymenoptera
Megachilidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 11 mm
Peso: Sem dados

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
Sem dados

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Pode ser observada numa grande variedade de habitats, desde que contenha as espécies das quais se alimenta, essencialmente da família das leguminosas (Fabaceae). Esta abelha recorre a pequenas cavidades para construir o seu ninho e colocar os seus ovos, escavando buracos com cerca de 6 mm em paredes, árvores. O local onde constrói o ninho encontra-se espacialmente separado dos locais de alimentação, tendo de deslocar-se entre ambos.

MORFOLOGIA

Possui um corpo robusto e largo. Apresenta uma coloração típica de abelhas, com o abdómen em tons amarelos e pretos. As listras pretas encontram-se unidas no centro do abdómen. Os olhos são grandes e longos, em tons amarelados com pintas castanhas-escuras.

ESPÉCIES SIMILARES

Anthidium taeniatum; Anthidium manicatum

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

2

Crematogaster scutellaris (Olivier, 1792)

Formiga-de-cabeça-vermelha, formiga-da-cortiça

TAXONOMIA
Insecta
Hymenoptera
Formicidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE MD

BIOMETRIAS
Comprimento: 9 mm
Peso: sem dados

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
Sem dados

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Prefere viver nas árvores, construindo o formigueiro em ramos secos e explorando as árvores ao seu redor à procura de alimento. Alimenta-se das secreções açucaradas produzidas pelas plantas e ainda dos insetos que consiga encontrar quer no solo ou nas cascas das árvores onde vivem. É muito agressiva, elevando o abdómen para atacar caso se sinta ameaçada. Quando incomodada pode expelir uma secreção esbranquiçada com consequências irritantes para o predador e que serve como sinal de alarme para a restante colónia.

MORFOLOGIA

Possui o corpo em tons pretos, com a cabeça a destacar-se e em tons avermelhados vivos. O abdómen tem forma de coração. As patas e antenas são em tons avermelhados-escuros.

ESPÉCIES SIMILARES

Crematogaster auberti; Crematogaster sordidula

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 4 6 7 8
9 10 11 12 13 14

Vespa crabro (Linnaeus, 1758)

Vespão-europeu, vespa-crabro, vespão, vespa-europeia, vespa-abelheira-europeia

TAXONOMIA
Insecta
Hymenoptera
Vespidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 35 mm
Peso: 0,58 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
1 ano

BIOLOGIA

Pode formar colónias até cerca de 1000 indivíduos. Constrói o ninho em locais escondidos, raramente ao ar livre, utilizando polpa de celulose (papel) e construindo apenas uma entrada. O ninho tem tons acinzentados, chegando a medir mais de 60 cm de diâmetro. A fêmea é de maiores dimensões e apenas as fêmeas fecundadas sobrevivem ao inverno. Apenas ataca se for provocada, com a ajuda de toda a colónia. É frequente voarem durante a noite, podendo ser atraídas por luzes exteriores.

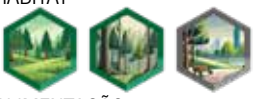
MORFOLOGIA

É a maior vespa da região europeia. Possui o abdómen em tons amarelados com listras pretas nos bordos. Apresenta o tórax e a cabeça em tons avermelhados com manchas pretas, sendo a face em tons amarelos. As asas são avermelhadas. Ostentam antenas e patas acastanhadas.

ESPÉCIES SIMILARES

Vespa velutina; Vespula germanica

HABITAT



ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

© Davina Falcão

Bombus hortorum (Linnaeus, 1761)

Abelhão-dos-jardins, abelhão

TAXONOMIA
Insecta
Hymenoptera
Apidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 38 mm
Peso: Sem dados

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
4 meses

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Pode ser observado a voar de flor em flor. Devido à sua longa língua consegue alimentar-se de pólen em flores mais profundas. Possui uma boa memória visual, conseguindo navegar pelo seu território e procurar novas fontes de alimento. Pode produzir duas gerações por ano. Constrói a sua pequena colónia em buracos no solo, muitas vezes em locais inusitados. Apenas a rainha fertilizada sobrevive ao inverno.

MORFOLOGIA

Grande abelhão. Ostenta uma coloração em tons pretos, com um colar amarelado e duas faixas amareladas no abdómen, facilmente identificáveis. Na cauda possui tons esbranquiçados. Apresenta uma cabeça oblonga e uma língua comprida.

ESPÉCIES SIMILARES

Bombus terrestres; Bombus ruderatus

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2

Cicada orni (Linnaeus, 1758)

Cigarra-comum

TAXONOMIA
Insecta
Hemiptera
Cicadidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 4 cm
Envergadura: 7 cm

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
2 meses

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

É uma das cigarras mais conhecidas em Portugal, sendo comum na maioria das cidades. É o macho que emite o som característico, um "che-che-che" descontinuado e intenso, que vão repetindo ao longo do dia. Confia na sua camuflagem, ficando no mesmo local a cantar, usualmente no tronco de árvores, parando apenas quando descoberta. É através deste som que atrai a fêmea para se dar a reprodução. O macho luta pelos melhores locais, embora não tenha preferência pelas espécies arbóreas escolhidas. O adulto vive menos de dois meses, mas a larva pode viver vários anos no subsolo a alimentar-se de seiva das raízes.

MORFOLOGIA

Possui uma coloração em tons castanho-acinzentados e as asas transparentes com um padrão de pequenos pontos escuros nas extremidades de algumas nervuras.

ESPÉCIES SIMILARES

Cicada barbara; Tettigettalna argentata; Tibicina garricola

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 3 5 6 7 8 9 10 11 14

Volucella zonaria (Poda, 1761)

Mosca-imita-vespa

TAXONOMIA
Insecta
Diptera
Syrphidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 25 mm
Envergadura: 40 mm

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
Sem dados

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Possui uma estratégia comensal, com a fêmea a depositar os ovos à entrada de ninhos de abelhas e vespas. Quando a larva eclode, entra para o interior do ninho e esconde-se nos favos, alimentando-se de detritos e, com o crescimento, das larvas das hospedeiras. As hospedeiras matam as larvas caso as consigam descobrir. Quando chega a altura de pupar, abandona a colónia hospedeira e desloca-se para o solo.

MORFOLOGIA

Possui um corpo ovalado com um padrão de coloração a imitar as vespas. Apresenta uma face alongada e em tons amarelados, com grandes olhos acastanhados, que no macho são contíguos e nas fêmeas afastados. Ostenta tons castanhos-avermelhados no tórax. No abdómen possui um padrão com três bandas escuras e transversais sobre um fundo amarelado. As patas são em tons acastanhados-escuros. Tem as asas em tons amarelados, com uma mancha preta na ponta.

ESPÉCIES SIMILARES

Volucella bombylans; Volucella elegans; Volucella inanis; Volucella

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

2 5

Tipula oleracea (Linnaeus, 1758)

Mosquito-tipulídeo, mosquito

TAXONOMIA
Insecta
Diptera
Tipulidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 28 mm
Envergadura: 48 mm

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
4 dias (A)

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Apresenta duas gerações anuais, uma na primavera e outra no outono. Junta-se em pequenos enxames perto do solo, por entre a vegetação, para formar os casais, sendo observado a voar em conjunto depois de formados os casais. A larva alimenta-se de matéria vegetal em decomposição no solo húmido, por vezes subindo às plantas durante a noite para se alimentar das folhas frescas. A segunda geração passa o inverno no solo, eclodindo no final da primavera seguinte.

MORFOLOGIA

Possui tons acinzentados, embora o abdómen possa apresentar alguns tons ferruginosos. As antenas têm 13 segmentos. Aquando da postura, a fêmea ostenta o abdómen inchado (por vezes, com centenas de ovos) e pontiagudo, o que facilita a deposição dos ovos no solo húmido. O macho possui o abdómen em formato quadrado.

ESPÉCIES SIMILARES

Tipula paludosa; Tipula iberica

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

2

Lucilia sericata (Meigen, 1826)

Mosca-verde, mosca-verde-comum, varejeira

TAXONOMIA
Insecta
Diptera
Calliphoridae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 10 mm
Peso: Sem dados

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
1 mês

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

É normalmente observada em locais onde exista carne, fezes ou lixo. Pode colocar mais de 3000 ovos, em conjuntos de 300 de cada vez. A larva alimenta-se precisamente da carne e outros detritos. É uma das espécies que desempenha um papel importante na cadeia alimentar, pois compete-lhe eliminar cadáveres. É utilizada na ciência forense, pois através das larvas encontradas nos corpos é possível determinar datas.

MORFOLOGIA

Possui um corpo em tons verde iridescente, com um ligeiro brilho metálico e o corpo coberto de pelos pretos. Os olhos são avermelhados. As patas possuem tons pretos. As asas são esbranquiçadas e translucidas.

ESPÉCIES SIMILARES

Lucilia caesar; Calliphora vicina

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 3 4 5 6 7
8 9 10 11 12 13 14

Calliphora vicina (Robineau-Desvoidy, 1830)

Varejeira-azul

TAXONOMIA
Insecta
Diptera
Calliphoridae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 11 mm
Peso: Sem dados

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
3 meses

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

É dos primeiros insetos a colonizar cadáveres, sendo a larva é muito apreciada pelo abutre-do-Egipto. Uma das espécies mais importantes e estudadas pela ciência forense. A duração dos estágios larvares varia consoante a temperatura ambiente, a hora do dia e as condições atmosféricas.

MORFOLOGIA

Possui uma coloração em tons cinza-azulados com alguns reflexos metálicos no tórax e no abdómen. Tem olhos avermelhados. As patas possuem tons pretos. As asas são esbranquiçadas e translucidas, com uma risca preta nas bordas exteriores. Ostenta pelos pretos ao longo do corpo.

ESPÉCIES SIMILARES

Lucilia sericata; Lucilia caesar; Calliphora vomitoria

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Saitis barbipes (Simon, 1868)

Aranha-saltadora-de-patas-barbadas

TAXONOMIA
Arachnida
Araneae
Salticidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 5,7 mm
Peso: Sem dados

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
2 anos

BIOLOGIA

Uma das aranhas saltadoras mais coloridas e fáceis de identificar. Consegue saltar grandes distâncias devido ao terceiro par de patas, maior e mais robusto. Este par de patas é utilizado pelo macho para se exibir. Ao encontrar uma fêmea, o macho levanta verticalmente este par de patas. Quando a fêmea está perto do macho, este faz vibrar as patas de forma audível. O acasalamento ocorre quando a fêmea vira o lado ventral do abdómen em direção ao macho.

MORFOLOGIA

Pequena aranha saltadora. Verifica-se dimorfismo sexual. A fêmea possui uma coloração mais pálida, com os olhos escuros e as patas mais claras. O macho possui os olhos em tons esverdeados. Ostenta uma faixa avermelhada logo acima dos olhos. As patas possuem diversos pelos, com o terceiro par de patas em tons acastanhados com a ponta esbranquiçada, e as restantes patas em tons esbranquiçados com listras pretas. Apresenta um padrão acastanhado no abdómen.

ESPÉCIES SIMILARES

Inconfundível

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Menemerus semilimbatus (Hahn, 1829)

Papa-moscas-dos-laranjais

TAXONOMIA
Arachnida
Araneae
Salticidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 8,4 mm
Peso: Sem dados

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
2 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Sendo uma aranha saltadora, procura ativamente as suas presas e salta sobre as mesmas para as capturar. As presas principais são moscas (dípteros). O ataque depende da orientação da presa. Se a mosca estiver a olhar na sua direção, prefere manter a distância e circundar a presa até esta olhar na direção oposta. Só nessa altura é que a aranha faz a sua aproximação para depois atacar.

MORFOLOGIA

Uma grande aranha saltadora, achatada dorso-ventralmente. Possui o corpo coberto de pelos curtos e densos, em tons branco-acinzentados. Ostenta os palpos muito peludos e esbranquiçados, fáceis de observar. Os olhos são grandes. Tem uma faixa esbranquiçada nas margens do tórax, com um padrão triangular e esbranquiçado no centro. Apresenta tons castanhos nas patas, com anéis escuros. O abdómen é amarelo-acinzentado com um padrão em forma de V.

ESPÉCIES SIMILARES

Menemerus bivittatus; Menemerus taeniatus

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

6 7

Zoropsis spinimana (Dufour, 1820)

Aranha-dos-troncos-grande

TAXONOMIA
Arachnida
Araneae
Zoropsidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE MD

BIOMETRIAS
Comprimento: 19 mm
Peso: Sem dados

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
1 ano

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Pode ser observada durante o dia debaixo de rochas e cascas de árvores. Esta espécie não constrói teia, mas possui uma caça ativa, procurando as suas presas ao longo da noite. Quando o clima fica instável, procura refúgio em construções humanas, onde a temperatura é mais amena, e onde encontra alimento em abundância. A fêmea coloca os ovos num casulo, dentro de um buraco no solo, protegendo-os até eclodirem.

MORFOLOGIA

Assemelha-se a uma aranha-lobo, pois possui uma configuração de olhos semelhante, tendo ligeiras diferenças no espaçamento entre olhos. Apresenta tons acastanhados com um padrão de marcas largas e escuras. No abdómen possui um padrão preto no centro. As pernas possuem tons acastanhados.

ESPÉCIES SIMILARES

Zoropsis media; Zoropsis rufipes

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 5 6 7 8 12 14

Hogna radiata (Latreille, 1817)

Aranha-lobo-radiada

TAXONOMIA
Arachnida
Araneae
Lycosidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 25 mm
Peso: Sem dados

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
1 ano

BIOLOGIA

Prefere ambientes quentes e secos. Não constrói teia, procurando as suas presas no solo, escondendo-se debaixo de pedras ou troncos. Pode colocar cerca de 100 ovos, enrolados numa bola de teia que é presa às costas da progenitora e a qual ela protege ferozmente. Os ovos eclodem no final do outono, sendo que os juvenis permanecem com a progenitora até à primavera. O seu veneno é eficaz contra presas do seu tamanho.

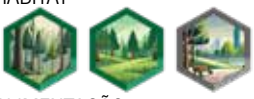
MORFOLOGIA

Uma das maiores aranhas em Portugal. Possui o corpo em tons amarelo-acastanhados, por vezes, em tons cinzento-acastanhados. O tórax apresenta um padrão escuro que se estende até ao abdómen, usualmente mais simples. Apresenta manchas escuras espalhadas pelo corpo. O ventre possui tons amarelo-pálido e sem manchas. Tem pelos nas patas. A fêmea possui as quelíceras em tons avermelhados, enquanto os machos têm quelíceras acastanhadas.

ESPÉCIES SIMILARES

Hogna nonannulata; Lycosa hispanica

HABITAT



ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Thomisus onustus (Walckenaer, 1805)

Aranha-florícola-de-tubérculos, aranha-caranguejo, aranha-das-urzes

TAXONOMIA
Arachnida
Araneae
Thomisidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 11 mm
Peso: Sem dados

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
2 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

É uma das únicas aranhas caranguejeiras que prefere ficar no centro das flores, recorrendo à camuflagem para não ser detetada e conseguir capturar as suas presas. Pode escolher uma grande variedade de flores, de um grande espectro de coloração. A sua coloração varia consoante a flor escolhida. Este mimetismo ajuda ao mesmo tempo a evitar predadores.

MORFOLOGIA

Aranha de tamanho médio. A fêmea é maior que o macho, preferindo ficar sempre na mesma flor. O macho é esbelto e prefere mover-se de flor em flor. Pode assumir diferentes colorações, consoante a flor onde estão, variando desde rosados, amarelados, azulados ou esbranquiçados. O macho é usualmente esverdeado. Possui o abdómen triangular.

ESPÉCIES SIMILARES

Synema globosum

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 5 6 7 8 11 13

Synema globosum (Fabricius, 1775)

Aranha-caranguejo-de-napoleão

TAXONOMIA
Arachnida
Araneae
Thomisidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE MD

BIOMETRIAS
Comprimento: 8 mm
Peso: Sem dados

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
1 ano

BIOLOGIA

Esta pequena aranha pode ser observada em flores amarelas ou vermelhas enquanto espera que as suas presas fiquem ao seu alcance para atacar. Esconde-se debaixo das pétalas sempre que sente que é detetada, regressando ao topo algum tempo depois para continuar a sua espera por uma presa mais distraída. Recorre às patas dianteiras para capturar as suas presas, sendo que as restantes patas possuem uma função motora.

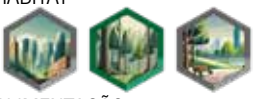
MORFOLOGIA

A fêmea é maior que o macho, e apresenta alguma variação de coloração. A fêmea pode ser observada em tons amarelados, avermelhados ou esbranquiçados, com um pequeno padrão mais escuro no abdómem que se assemelha à silhueta de Napoleão com o seu típico chapéu. As pernas possuem tons escuros.

ESPÉCIES SIMILARES

Thomisus onustus

HABITAT



ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 3 5 8 9 13 14

Argiope lobata (Pallas, 1772)

Cesteira-dos-matos, cesteira-lobada, tecedeira-lobada, aranha-tigre-lobada

TAXONOMIA
Arachnida
Araneae
Araneidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 25 mm
Peso: Sem dados

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
1 ano

BIOLOGIA

Constrói teias verticais durante o verão para capturar insetos voadores. As teias possuem decorações em ziguezague, cuja função ainda é desconhecida. Passa o dia no centro da sua teia, com dois pares de patas para cima e dois para baixo formando uma cruz característica. A sua coloração permite-lhe refletir a luz do sol e o calor nos dias mais quentes enquanto espera que algum inseto incauto caia na sua armadilha. Pouco hábil no solo.

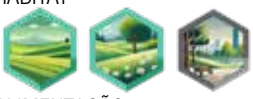
MORFOLOGIA

Aranha grande e com um acentuado dimorfismo sexual, verificando-se que a fêmea é maior que o macho. A fêmea possui um abdómen em tons prateados ou bege coberto com riscas ou manchas pretas e vermelhas. Possui ainda seis a nove lóbulos profundos na borda do corpo. As patas são amareladas com bandas pretas.

ESPÉCIES SIMILARES

Argiope bruennichi; Argiope trifasciata

HABITAT



ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Araneus diadematus (Clerck, 1758)

Tecedeira-de-cruz-cosmopolita, aranha-de-cruz, aranha-dos-jardins, aranha-diadema

TAXONOMIA
Arachnida
Araneae
Araneidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 22,5 mm
Peso: Sem dados

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
2 anos

BIOLOGIA

Constrói uma teia vertical em formato circular, que chega a medir 40 cm de diâmetro. É tecida entre dois arbustos, ficando suspensa através de dois fios reforçados. Desta forma é criada uma grande espiral pegajosa como área de caça. Pode construir um esconderijo. Apenas a fêmea constrói teias, o macho percorre a vegetação à procura de fêmeas para acasalar.

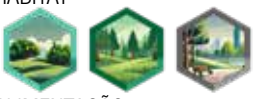
MORFOLOGIA

Aranha de pequeno tamanho. A coloração do abdómen pode variar entre tons pretos, acastanhados ou alaranjados. Apresenta um padrão de manchas esbranquiçadas que se assemelham a uma cruz. As patas são da coloração do corpo, mas com bandas ligeiramente mais escuras.

ESPÉCIES SIMILARES

Araneus angulatus; Araneus grossus; Araneus marmoreus; Araneus quadratus; Araneus pallidus

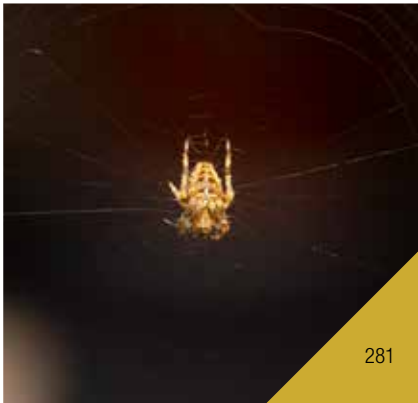
HABITAT



ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS



Scolopendra cingulata (Latreille, 1829)

Escolopendra-mediterrânica, centopeia-amarela, centopeia-mediterrânica, centopeia-de-listas-azuis

TAXONOMIA
Chilopoda
Scolopendromorpha
Scolopendridae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE MD

BIOMETRIAS
Comprimento: 15 cm
Peso: 4,8 g

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
7 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

É a maior centopeia que podemos observar em Portugal. É muito rápida e agressiva, recorre a veneno para matar as suas presas. O veneno não é perigoso para o ser humano, no entanto, a sua mordedura é bastante dolorosa. Procura locais húmidos e com baixa luminosidade, sendo encontrada debaixo de troncos, pedras ou cascas de árvores. Utiliza buracos ou cavidades no solo para se refugiar em caso de perigo.

MORFOLOGIA

O corpo é dorso-ventralmente achatado e dividido em segmentos. A sua coloração pode variar entre tons acastanhados, amarelados, alaranjados ou avermelhados. Possui bandas azuladas na zona posterior dos tergitos. O juvenil é mais pálido. Tem duas antenas amareladas com até 21 segmentos. Ostenta 21 pares de patas articuladas em tons amarelados, sendo o primeiro na realidade as suas fortes mandíbulas.

ESPÉCIES SIMILARES

Scolopendra oraniensis; Lithobius forficatus

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

5 11

Lithobius forficatus (Linnaeus, 1758)

Escolopendra, centopeia

TAXONOMIA
Chilopoda
Lithobiomorpha
Lithobiidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 30 mm
Peso: Sem dados

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
6 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Pode ser observada nas camadas superiores do solo, preferindo esconder-se debaixo de rochas ou troncos apodrecidos. Assim que é descoberta corre rapidamente para um novo refúgio para se proteger. As mandíbulas, que são pernas adaptadas, possuem veneno que utiliza para imobilizar as suas presas. O veneno é inofensivo para o ser humano, embora a mordedura possa provocar alguma dor.

MORFOLOGIA

Possui tons acastanhados e avermelhados e duas antenas muito compridas. Ostenta 15 pares de patas, uma por segmento. As patas traseiras são alongadas e assemelhando-se a um segundo par de antenas. O primeiro par de patas encontra-se transformado em mandíbulas poderosas.

ESPÉCIES SIMILARES

Lithobius borealis; Lithobius calcaratus; Lithobius crassipes; Scolopendra cingulata; Scolopendra oraniensis

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1

Scutigera coleoptrata (Linnaeus, 1758)

Centopeia-caseira

TAXONOMIA
Chilopoda
Scutigeromorpha
Scutigeridae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE MD

BIOMETRIAS
Comprimento: 35 mm
Peso: Sem dados

OCORRÊNCIA
Residentes

LONGEVIDADE
7 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Para imobilizar as suas presas injeta um veneno através de forcípulos. Estes não pertencem às mandíbulas, logo pica em vez de morder. Apesar de ter olhos bem desenvolvidos, prefere recorrer às antenas para detetar as suas presas, visto estas antenas serem sensíveis ao toque e a odores, tendo a capacidade de distinguir presas, e evitar predadores.

MORFOLOGIA

Possui tons cinza-amarelados ao longo do corpo, com três riscas longitudinais escuras. Tem o corpo rígido com 15 pares de patas. As patas traseiras assemelham-se a outro par de antenas e apontam para trás, que ao juntar às compridas antenas dá a aparência de terem quase 10 cm de comprimento. O primeiro par de patas encontra-se modificado em forma de mandíbulas.

ESPÉCIES SIMILARES

Inconfundível

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 3 4 5 6 7
8 9 10 11 12 13 14

Chthamalus montagui (Southward, 1976)

Craca-de-Montagu, craca

TAXONOMIA
Thecostraca
Balanomorpha
Chthamalidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 14 mm
Profundidade: 150 m

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
3 anos

BIOLOGIA

Pode ser observada em grandes povoamentos nos substratos rochosos que ficam a descoberto na zona entremarés. Alimenta-se ao filtrar detritos em suspensão na coluna de água quando fica totalmente submersa, aproveitando a ajuda das ondas e correntes. A taxa de alimentação e as temperaturas exteriores determinam a taxa de crescimento e de muda da concha. A concha é substituída durante a primavera e verão, quando existe uma abundância de alimento.

MORFOLOGIA

Possui uma abertura com orlas angulares. Ostenta seis placas de parede algo grosseiras. É visível uma linha a separar o terga e o scuta, duas estruturas na zona bocal. Tende a formar povoamentos densos. O tecido dentro da abertura é em tons azulados com algumas manchas escuras.

ESPÉCIES SIMILARES

Chthamalus stellatus; Austrominius modestus

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Armadillidium granulatum (Brandt, 1833)

Bicho-de-conta

TAXONOMIA
Malacostraca
Isopoda
Armadillidiidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 25 mm
Peso: sem dados

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
3 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Pode ser encontrado preferencialmente escondido debaixo de rochas, troncos, ou outros detritos, onde encontra alimento e proteção contra predadores. O bicho-de-conta desempenha um papel importante nos ecossistemas, pois é capaz de absorver alguns dos metais pesados que se encontram nos ambientes naturais. Quando se sente ameaçado enrola-se numa bola perfeita, escondendo a face e as patas, e ficando apenas as placas protetoras expostas.

MORFOLOGIA

Possui um corpo alongado, segmentado e robusto, em tons acinzentados com manchas amareladas com diferentes intensidades. As duas antenas compridas apresentam tons acinzentados. Ostenta um par de patas por segmento. Possui a capacidade de se enrolar como uma bola. O macho é maior que a fêmea.

ESPÉCIES SIMILARES

Armadillidium vulgare; Armadillo officinalis

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

2

Palaemon elegans (Rathke, 1837)

Camarão-das-poças, camarão-da-costa

TAXONOMIA
Malacostraca
Decapoda
Palaemonidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 7 cm
Profundidade: 1-15 m

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
3 anos

BIOLOGIA

O camarão mais comum no litoral de Portugal. É facilmente encontrado em poças rochosas das zonas entremarés, em zonas rochosas de baixa profundidade, em áreas com vegetação e também em estruturas feitas pelo ser humano. Pode ser observado a alimentar-se utilizando o primeiro par de patas, usualmente perto do substrato rochoso ou por entre as algas. Esconde-se ao mínimo sinal de perigo, escolhendo zonas mais escuras das poças ou pequenas cavidades que encontre.

MORFOLOGIA

Possui um corpo cilíndrico composto por uma carapaça e seis segmentos abdominais. Ostenta uma coloração em tons esbranquiçados e semitransparente, com linhas em tons vermelho-acastanhados na carapaça e abdómen. Os dois primeiros pares de patas possuem bandas amarelas e azuladas.

ESPÉCIES SIMILARES

Palaemon varians; Palaemon serratus

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Eriphia verrucosa (Forskål, 1775)

Caranguejo-murraceiro, caranguejo-peludo

TAXONOMIA
Malacostraca
Decapoda
Eriphiidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE AM

BIOMETRIAS
Comprimento: 12 cm
Profundidade: 0-15 m

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
Sem dados

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Procura fundos rochosos e com algas para se refugiar e alimentar, preferencialmente perto da superfície. Permanece escondido durante o dia debaixo de pedras ou em pequenas cavidades, saindo à noite para se alimentar. Quando se sente ameaçado enfrenta o agressor com as pinças abertas e prontas a atacar, caso sinta que não tem hipóteses foge esconde-se rapidamente numa cavidade próxima.

MORFOLOGIA

Possui uma carapaça espessa e lisa, mas coberta com pequenos pelos. A coloração varia de tons castanho-avermelhados a verde-acastanhados, com um padrão de manchas amareladas. Apresenta diversos "dentes" na parte frontal. Ostenta pinças fortes, sendo uma ligeiramente maior que a outra. As pinças possuem tubérculos arredondados dispostos em linha.

ESPÉCIES SIMILARES

Necora puber; Carcinus maenas; Cancer pagurus

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

6 7

Porcellana platycheles (Pennant, 1777)

Caranguejo-porcelana

TAXONOMIA
Malacostraca
Decapoda
Porcellanidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE AM

BIOMETRIAS
Comprimento: 15 mm
Profundidade: 0-15 m

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
Sem dados

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ

BIOLOGIA

Pode ser encontrado em rochas e pedras da zona entremarés, onde se refugia em pequenas saliências. É difícil de detetar, pois fica imóvel junto às pedras ou rochas. Prefere zonas onde existam sedimentos lamacentos por entre as rochas, mas que também se encontrem protegidas, de forma a poder filtrar sedimentos à procura de alimento utilizando os pelos adaptados na sua boca.

MORFOLOGIA

Apresenta um corpo achatado, utilizando as garras que ostenta nas patas para se prender às rochas onde vive. Possui uma coloração em tons verde-acastanhados no dorso, enquanto o ventre possui tons esbranquiçados. As duas pinças largas e achatadas são cobertas de pequenos pelos. Ostenta duas grandes antenas. O último par de patas é muito pequeno, permanecendo escondido, dando a sensação de apenas ter três pares de patas.

ESPÉCIES SIMILARES

Inconfundível

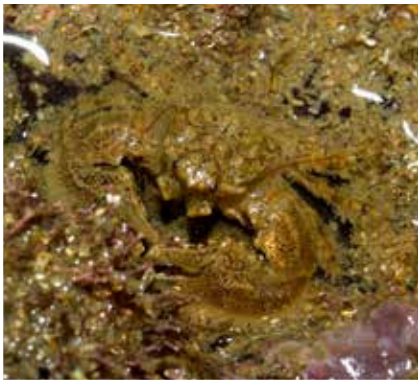
HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

6 7



Necora puber (Linnaeus, 1767)

Navalheira

TAXONOMIA
Malacostraca
Decapoda
Portunidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 10 cm
Profundidade: 0-30 m

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
6 anos

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
REPRODUÇÃO

BIOLOGIA

Observado ao longo da linha costeira. Prefere viver em fundos rochosos perto da costa, podendo ser encontrado também nas poças entremarés. Procura rochas ou pequenas cavidades para se esconderem e refugiarem dos predadores, saindo apenas de noite para procurar alimento. Tem capacidade para nadar quando necessita de fugir de predadores, embora a primeira opção seja fugir e esconder-se numa cavidade.

MORFOLOGIA

Possui uma carapaça achatada e com formato de trapézio. A sua coloração varia entre tons acastanhados e avermelhados, possuindo diversas manchas azuladas. Possui pelos curtos e densos a cobrir a carapaça, conferindo-lhe um aspeto aveludado. Os olhos possuem tons avermelhados. Apresenta o último par de patas adaptado para nadar, em formato alargado e achatado. Tem dentes acerados nas pinças.

ESPÉCIES SIMILARES

Cancer pagurus; Carcinus maenas; Eriphia verrucosa

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

6 7

Pachygrapsus marmoratus (Fabricius, 1787)

Caranguejo-preto, caranguejo-mármore, furta-camisas

TAXONOMIA
Malacostraca
Decapoda
Grapsidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 4 cm
Profundidade: 0-5 m

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
3 anos

BIOLOGIA

Vive em zonas rochosas ao longo da costa, aproveitando também as estruturas construídas pelo ser humano. Bastante veloz, esconde-se rapidamente em pequenas fendas nas rochas ao mínimo sinal de perigo, espreitando de tempos a tempos para se certificar que o perigo passou. É uma espécie oportunista e, por isso, a sua dieta varia consoante a disponibilidade alimentar e o local onde vive. Uma das presas favoritas do polvo.

MORFOLOGIA

Possui a carapaça achatada em forma de trapézio, com três "dentes" de cada lado da cabeça. A sua coloração é em tons pretos com um padrão de riscas amareladas a lembrar as pedras de mármore. Ao longe a sua coloração parece ser mais escura, mas uma observação mais atenta permite ver o intrincado padrão que apresentam.

ESPÉCIES SIMILARES

Necora puber; Carcinus maenas

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Carcinus maenas (Linnaeus, 1758)

Caranguejo-verde, caranguejo-morraceiro

TAXONOMIA
Malacostraca
Decapoda
Portunidae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 10 cm
Profundidade: 0-70 m

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
5 anos

BIOLOGIA

Procura zonas rochosas ao longo da costa para se refugiar e procurar alimento, embora também seja frequente em estuários. Pode ser observado em poças de marés durante o período da maré baixa. A sua atividade predatória varia consoante as marés, embora esteja mais ativo durante o dia. Para escapar aos predadores pode fugir, enterrar-se ou recorrer à sua camuflagem.

MORFOLOGIA

Pequeno caranguejo de carapaça achatada e serrilhada, com cinco pequenos "dentes" de cada lado dos bordos da carapaça e três mais pequenos à frente. O macho possui o abdómen triangular, que nas fêmeas é arredondado. A sua coloração pode variar entre tons esverdeados a avermelhados.

ESPÉCIES SIMILARES

Pachygrapsus marmoratus; Necora puber; Eriphia verrucosa

HABITAT

ALIMENTAÇÃO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

PLANTAS (*sensu lato*)

ALGAS

ALGAS

O QUE É?

As algas não possuem um corpo diferenciado com verdadeiras raízes, caules e folhas, e não ostentam sistema vascular. A sua reprodução é realizada através de esporos. Existem diferentes tipos de algas: verdes, castanhas e vermelhas.

Uma das características das algas é terem plastídeos, usualmente denominados por cloroplastos. Considera-se que os cloroplastos são provenientes de cianobactérias capturadas por outras células de maiores dimensões, tendo originado as atuais células das plantas

Existe uma grande variedade de algas, relativamente à organização celular, podendo ser encontradas espécies isoladas (unicelulares), espécies organizadas em grandes filamentos, espécies que vivem em colónias e até espécies compostas por várias células (pluricelulares).

PORQUE SÃO IMPORTANTES?

As algas produzem grande parte do oxigénio presente na atmosfera terrestre. São também fonte de alimento para grande parte da vida marinha, constituindo a base de muitas cadeias de alimentação (cadeias tróficas). Estas podem ainda ser utilizadas na produção de alimentos para consumo humano e também em utilizações mais industriais, como a produção de perfumes, pigmentos, fertilizantes ou outros compostos bioquímicos. Os seus pigmentos fotossintéticos são mais variados do que os das plantas terrestres A classificação das algas tem vindo a sofrer muitas alterações devido ao estudo taxonómico e genético, o que tem levado a inúmeras descobertas e atualizações.

Uma vez que produzem oxigénio, as algas também capturam a grande parte do carbono existente na atmosfera e assim contribuir para um controlo dos níveis de dióxido de carbono nesta.

Os países asiáticos são os principais consumidores de algas, sendo estas utilizadas na confeção de diversos tipos de alimentos, como por exemplo iogurtes, achocolatados, entre outros. As algas utilizadas são, na sua maioria, cultivadas em aquacultura.

RELAÇÕES ENTRE GRUPOS BIOLÓGICOS

Assim como no mundo das plantas, também nas algas podemos observar diversas relações que se estabelecem entre os diferentes grupos. Algumas destas relações acabam por passar despercebidas, e por isso, são mais complicadas de identificar.

As algas criam relações com diversos grupos, como peixes, moluscos, anelídeos, invertebrados, e até com outras algas. São fonte de alimento, substrato e refúgio para muitas espécies, tendo como exemplos os camarões, que se escondem-se por entre as folhas de algas de maiores dimensões e também os nudibrânquios (lesmas-do-mar), que se alimentam de algas, e permanecem camuflados enquanto o fazem. Acredita-se que existam inúmeras relações entre algas e outros organismos aquáticos, ainda por descobrir.

A ausência de todas estas relações iria transformar os ecossistemas e torná-los bastante diferentes dos que conhecemos atualmente. As relações que existem entre os diferentes grupos tróficos também representam a biodiversidade que podemos observar nos ecossistemas.

NÚMEROS INTERESSANTES

No Concelho de Oeiras, encontram-se identificadas mais de 15 espécies de algas. Este grupo encontra-se pouco explorado, com reduzidas observações e estima-se que sejam mais espécies.

ALGAS NO GUIA

De todas as espécies que podem ser observadas no concelho de Oeiras, foi feita uma seleção tendo em conta as diferentes características morfológicas e os diferentes habitats onde podem ser encontradas.

Filo Ochrophyta

Págs. 304 a 306

Número de espécies no guia: 3
Número de espécies em Oeiras: 6

Algas que apresentam clorofilas do tipo A e C, e fucoxantina (um tipo de carotenoide que dá a cor castanha). Encontram-se fixas ao substrato. Não se desenvolvem em águas quentes. Podem formar florestas altas e ocupando uma grande área (florestas de *kelp*; laminárias).

Filo Rhodophyta

Págs. 310 a 313

Número de espécies no guia: 4
Número de espécies em Oeiras: 9

Algas que apresentam clorofila A, ficobilinas (que dão a cor vermelha) e carotenoides. Possuem um porte reduzido ou médio. Preferem águas temperadas a quentes. Podem ser observadas a diversas profundidades.

FIlo Chlorophyta

Págs. 316 a 317

Número de espécies no guia: 2
Número de espécies em Oeiras: 7

Algas que apresentam clorofilas A e B, e ainda carotenoides. Podem apresentar diferentes tamanhos, algumas ficando bem desenvolvidas.

OCRÓFITAS

Dictyota dichotoma (Hudson) J.V.Lamouroux, 1809

Alga-castanha

TAXONOMIA
Phaeophyceae
Dictyotales
Dictyotaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE AM

BIOMETRIAS
Comprimento: 25 cm
Profundidade: 0-80 m

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
1 ano

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
OBSERVAÇÃO

BIOLOGIA

Ocorre em substratos rochosos, em zonas bem iluminadas e com pouco movimento de água, por vezes, perto de outras algas marinhas. Embora realize fotossíntese, absorve nutrientes recorrendo a protuberâncias filamentosas. É dioica e a libertação dos gâmetas está ligada às fases da lua.

MORFOLOGIA

O talo cresce em tufos e ostenta tons castanho-amarelados ou esverdeados, com uma leve iridescência azulada quando debaixo d'água. As suas folhas são membranosas, achatadas e ramificadas. Apresenta tufos semi-eretos e sem pedúnculos, ancorados por rizoides.

ESPÉCIES SIMILARES

Dictyopteris polypodioides; Dictyota bartayresiana; Dictyota ciliolate; Dictyota spiralis

HABITAT

SUBSTRATO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

6 7

Fucus spiralis Linnaeus, 1753

Bodelha-espiral, bodelha

TAXONOMIA
Phaeophyceae
Fucales
Fucaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE AM

BIOMETRIAS
Comprimento: 30 cm
Profundidade: 0-50 m

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
Sem dados

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
OBSERVAÇÃO

BIOLOGIA

Ocorre na zona inferior da região mediolitoral, preferindo fixar-se a substratos rochosos em locais calmos, onde a rebentação não seja tão violenta.

MORFOLOGIA

Apresenta tons castanho-oliváceos. É comprida e irregularmente ramificada a partir de um talo fixo ao substrato por um pequeno disco. Observa-se uma nervura na parte central das ramificações. As extremidades podem apresentar dilatações, formando os recetáculos, que são os locais onde se vão formar os órgãos reprodutores.

ESPÉCIES SIMILARES

Fucus distichus; Fucus vesiculosus; Fucus ceranoides; Fucus serratus

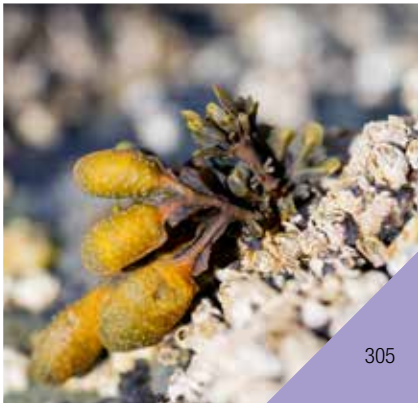
HABITAT

SUBSTRATO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

6 7



Colpomenia peregrina Sauvageau, 1927

Alga-cérebro

TAXONOMIA
Phaeophyceae
Ectocarpales
Scytosiphonaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE AM

BIOMETRIAS
Comprimento: 15 cm
Profundidade: 0-20 m

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
Sem dados

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
OBSERVAÇÃO

BIOLOGIA

Pode ser observada agarrada a substratos rochosos na zona intertidal (entremarés), preferindo poças rochosas, pouco expostas e com baixa exposição às ondas.

MORFOLOGIA

É uma pequena alga de tons castanhos, em forma de bexiga, oca e membranosa. Tem uma superfície fina e lisa. Ostenta folhas finas como papel, delicadas e cheias de água do mar, conferindo o aspeto de um balão inchado quando jovens e ocasionalmente colapsada, rasgada, oca e vazia quando mais velha. Encontra-se presa por filamentos rizoidais ao substrato rochoso.

ESPÉCIES SIMILARES

Leathesia marina

HABITAT

SUBSTRATO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

6 7

RODÓFITAS

Gelidium pusillum (Stackhouse) Le Jolis, 1863

Alga-couve-flor

TAXONOMIA
Florideophyceae
Gelidiales
Gelidiaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Altura: 2 cm
Profundidade: 0-8 m

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
Sem dados

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ

OBSERVAÇÃO

BIOLOGIA

São utilizadas para produzir agar, uma gelatina utilizada na indústria alimentar. Podem ser observadas em rochas da zona intertidal, formando extensos tapetes, particularmente em superfícies verticais ou quase verticais. Por vezes incorporam restos de conchas e pequenos moluscos. A reprodução ocorre no inverno.

MORFOLOGIA

Alga cartilaginosa, em tons vermelho-acastanhados quando molhadas ou vermelho-escuro quando secas. Formam turfas, com 2 a 10 mm de altura. Apresenta frondes eretas e reprodutivas, achatadas e assemelhando-se a folhas, possuindo até 2 mm de largura. Possui os ápices em forma de colher.

ESPÉCIES SIMILARES

Chondria coerulescens; Catenella caespitosa

HABITAT

SUBSTRATO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

6 7

Ellisolandia elongata (J.Ellis & Solander) K.R.Hind & G.W.Saunders, 2013

Alga-coralina, coralina-carenada

TAXONOMIA
Florideophyceae
Corallinales
Corallinaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Altura: 5 cm
Profundidade: 0-30 m

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
Sem dados

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
OBSERVAÇÃO

BIOLOGIA

Facilmente forma áreas densas em regiões mais batidas e nas regiões mais superficiais do infralitoral, ficando a descoberto durante o período de maré-baixa. A estrutura dos talos permite a retenção de uma pequena quantidade de água para resistir durante os períodos de maré-baixa.

MORFOLOGIA

Possui talos em tons rosados, compostos por diversos artículos compridos e largos e com diversas ramificações laterais impregnados de calcário. Na extremidade das ramificações são observados conceptáculos masculinos e femininos, que ostentam dois cornículos.

ESPÉCIES SIMILARES

Jania rubens; Corallina officinalis; Corallina ferreyrae

HABITAT

SUBSTRATO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

6 7

Chondria coerulescens (J.Agardh) Sauvageau, 1897

Alga-iridescente

TAXONOMIA
Florideophyceae
Ceramiales
Rhodomelaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 8 cm
Profundidade: 0-4 m

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
Sem dados

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
OBSERVAÇÃO

BIOLOGIA

Pode ser observada na zona subtidal, crescendo sobre rochas em zonas de água baixa. Prefere locais abrigados da ondulação, em enseadas ou poças entremarés expostas a correntes moderadas a fortes.

MORFOLOGIA

Possui folhas em tons azulados com uma iridescência azul, sendo especialmente impressionante quando jovens. As folhas são flexíveis e de textura cartilaginosa, ficando pretas quando secam. Os talos são cilíndricos e eretos. O eixo principal apresenta ramificações irregulares, por vezes formando um padrão em espiral. Os ramos são lineares, longos e curvados para baixo.

ESPÉCIES SIMILARES

Laurencia obtusa

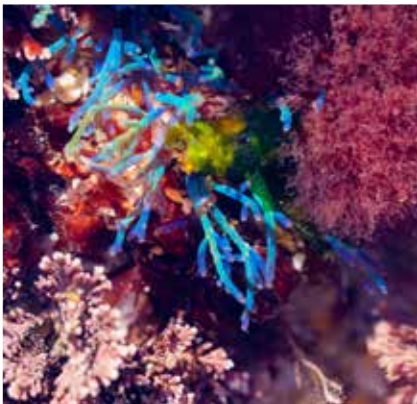
HABITAT

SUBSTRATO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

6 7



Plocamium cartilagineum (Linnaeus) P.S.Dixon

Alga-vermelha

TAXONOMIA
Florideophyceae
Plocamiales
Plocamiaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Comprimento: 10 cm
Profundidade: 0-30 m

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
Sem dados

BIOLOGIA

Pode ser encontrada presa a substratos rochosos em locais com ondulação moderada a forte. Por vezes, dão à costa em grandes quantidades. É colhida para a produção de agar, utilizado na indústria alimentar, cosmética e como meio de crescimento para bactérias.

MORFOLOGIA

Tem um talo em tons avermelhados, composto por eixos cilíndricos e irregularmente ramificado. As folhas são estreitas, compridas, cartilaginosas, tufadas, muito divididas e em tons avermelhados brilhantes. As ramificações são irregularmente alternadas, com ramos curtos de um lado e ramos longos no lado oposto, de forma alternada. Possui ápices agudos. Pode apresentar uma aparência compacta e ramificada ou uma aparência ampla com as ramificações claramente separadas.

ESPÉCIES SIMILARES

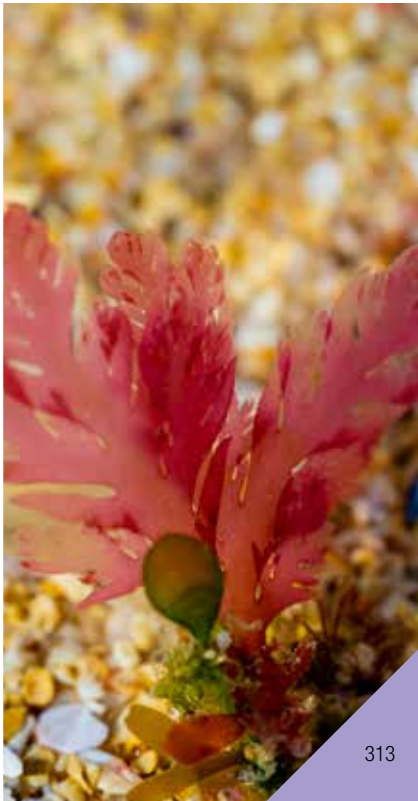
Sphaerococcus coronopifolius

HABITAT

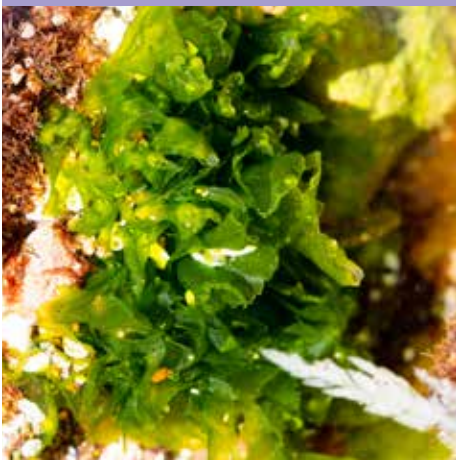
SUBSTRATO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS



CLORÓFITA



Ulva rigida C. Agardh, 1823

Alface-do-mar, alga-verde

TAXONOMIA
Ulvophyceae
Ulvales
Ulvaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 40 cm
Profundidade: 0-15 m

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
Sem dados

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
OBSERVAÇÃO

BIOLOGIA

Pode ser observada presa a substratos rochosos, chegando a criar verdadeiras marés verdes. Prefere zonas entremarés e do infralitoral, escolhendo poças de marés. Tem a capacidade de suportar grandes variações de salinidade, ocorrendo em áreas com entrada de água doce.

MORFOLOGIA

Possui tonalidades verdes-esmeralda brilhantes. O talo é em forma de folha, rígido na base e mais delicado nas bordas, ostentando um aglomerado de várias folhas ou folhas solitárias. As folhas são planas ou rugosas, e apresentam pequenos orifícios elípticos irregulares.

ESPÉCIES SIMILARES

Ulva prolifera

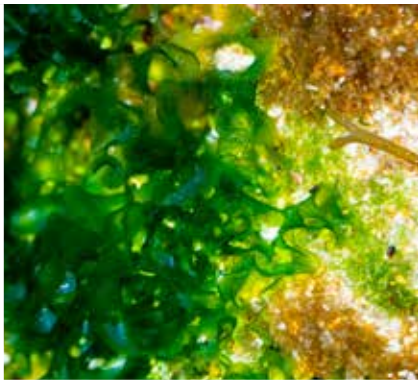
HABITAT

SUBSTRATO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

6 7



Codium decorticatum (Woodward) M.A.Howe, 1911

Alga-verde

TAXONOMIA
Ulvophyceae
Bryopsidales
Codiaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Comprimento: 30 cm
Profundidade: 0-20 m

OCORRÊNCIA
Residente

LONGEVIDADE
Sem dados

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
OBSERVAÇÃO

BIOLOGIA

Pode ser encontrada na zona infralitoral, presa a rochas ou em areia. Possui um crescimento lento e elevadas concentrações de calcário. Serve de refúgio para pequenos crustáceos. É facilmente desalojada, acabando por se quebrar em pedaços mais pequenos.

MORFOLOGIA

Apresenta dois tipos de talos, eretos ou prostrados, que são tubulares e muito ramificados. Possui uma textura aveludada e tons verde-escuros. Os seus filamentos são grossos e semelhantes a dedos, pouco flutuantes. Fixa-se aos substratos utilizando um emaranhado de ramificações que se incrustam na rocha.

ESPÉCIES SIMILARES

Codium vermilara; Codium tomentosum; Codium effusum

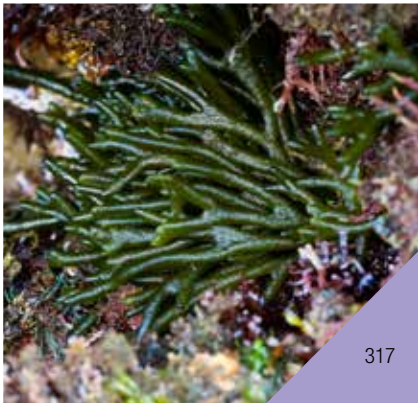
HABITAT

SUBSTRATO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

6 7



PLANTAS

PLANTAS

O QUE É?

O reino Plantae inclui todas as espécies de flora que se reproduzem com recurso a esporos ou produzem flores. Quer seja o musgo mais pequeno ou a maior árvore que podemos observar, todas as espécies contribuem para a riqueza e biodiversidade de determinada região.

As principais características das plantas são a presença de raízes, caules e folhas, embora algumas plantas não possuam todos estes órgãos. Para terem sucesso, as plantas necessitam de água, radiação solar e dióxido de carbono (CO^2); o resultado deste processo é a produção de hidratos de carbono, ou seja, a energia que a planta necessita. Outro produto resultante deste processo é o oxigénio (O^2), que é libertado pelas plantas para a atmosfera, e é um dos elementos fundamentais para a vida no planeta. As plantas encontram-se na base de muitas cadeias alimentares e são denominadas de organismos produtores, devido à sua capacidade para produzirem o seu próprio "alimento".

PORQUE SÃO IMPORTANTES?

A produção de oxigénio (benefício indireto) é um dos mais importantes serviços dos ecossistemas desempenhado pelas plantas. O outro é serem consumidas por diversos animais (benefício direto). No entanto, existem outros serviços de ecossistemas que

as plantas desempenham e de que nós humanos dependemos, mesmo que sejamos beneficiários indiretos, como a purificação da água de rios e ribeiras, o sequestro de carbono da atmosfera, a estabilização dos solos, entre outros. As plantas são ainda utilizadas pelo ser humano como matéria-prima para diversas indústrias, fonte de energia e ainda para a produção de essências e medicamentos, sendo estes serviços associados a um benefício direto e visível.

As plantas são fundamentais nas nossas cidades, pois ajudam-nos a mantê-las mais verdes, aumentando a biodiversidade, atraindo vida selvagem, purificando o ar que respiramos, mantendo as fontes de água limpas e protegendo o solo da erosão. Devemos respeitá-las e protegê-las e, sempre que possível, aumentar a quantidade e diversidade de plantas que nos rodeia para melhorar o bem-estar das populações.

NÚMEROS INTERESSANTES

No Concelho de Oeiras foram identificadas mais de 674 espécies de plantas nativas, excluindo as 182 espécies de plantas introduzidas. Este número representa mais de 23% das espécies nativas que existem em Portugal Continental (de um total de 2902 espécies identificadas).

RELAÇÕES ENTRE GRUPOS BIOLÓGICOS

Tal como no mundo animal, também nas plantas podemos observar diversas relações que se estabelecem entre os diferentes grupos, que muitas vezes passam despercebidas e, por isso, não são fáceis de identificar.

As plantas relacionam-se com muitos grupos, como fungos, invertebrados, mamíferos, aves, peixes e até com outras plantas. Elas são fonte de alimento, substrato e refúgio para muitas espécies. As aves constroem os seus ninhos em cavidades de árvores. Os insetos refugiam-se na sua casca. Os mamíferos alimentam-se de folhas, caules e raízes tenras. As orquídeas associam-se a fungos para sobreviverem em ambientes áridos. Algumas flores são polinizadas por insetos. Os seus frutos e sementes são propagados por aves, mamíferos, invertebrados e répteis. Algumas plantas possuem a capacidade de "falarem" umas com as outras, libertando pequenas moléculas para sinalizar algum acontecimento, semelhantes às feromonas. Estas podem ser detetadas por outras plantas, mas também por animais que acabam atraídos. As plantas estabelecem uma relação simbiótica com fungos ao nível da raiz, fornecendo-lhes açucares. Recebendo nutrientes em troca. Esta relação permite às plantas crescer mais depressa e viverem de forma saudável; o desaparecimento de um origina problemas de crescimento e desenvolvimento, e por vezes a morte do outro. As raízes das plantas competem ainda pelo espaço disponível no subsolo e pelos nutrientes disponíveis nessa mesma camada. E muitas outras que ainda desconhecemos.

Sem estas relações entre grupos tróficos, os ecossistemas seriam muito diferentes dos que conhecemos atualmente. Elas também representam a biodiversidade que neles podemos encontrar.

PLANTAS NO GUIA

Da vasta biodiversidade de plantas que podemos observar no Concelho de Oeiras, foi selecionado um conjunto de plantas de forma a serem representativas das diferentes famílias que podemos observar, mas também dos diferentes habitats e ainda as diferentes características morfológicas. Foi dada preferência às espécies mais comuns, no entanto, foram escolhidas algumas plantas mais raras.

Clade Gymnospermae

Págs. 326 a 327

Número de espécies no guia: 2
Número de espécies em Oeiras: 11

Possuem sementes "nuas", ou seja, que não estão encapsuladas. As sementes desenvolvem-se na superfície das escamas ou das folhas das plantas, formando cones.

Clade Angiospermae

Págs. 330 a 383

Número de espécies no guia: 54
Número de espécies em Oeiras: 810

Plantas que ostentam flores e frutos. São o grupo mais diverso de plantas terrestres, com mais de trezentas mil espécies descritas. As suas sementes são produzidas no interior de uma fruta, que as protege.

GIMNOSPÉRMICAS

Pinus pinea L.

Pinheiro-manso, pinheiro

TAXONOMIA
Pinatae
Pinales
Pinaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE MD

BIOMETRIAS
Altura: 30 m
Var. Alt.: 10-420 m

CICLO DE VIDA
Folha persistente

LONGEVIDADE
150 anos

BIOLOGIA

Prefere solos ácidos, frescos e profundos, em locais quentes. Não tolera geadas fortes e persistentes. É cultivada pela sua madeira, que é resinosa e dura, mas resistente à humidade e muito requisitada para construção civil e carpintaria. É também muito cultivada pelos seus pinhões, uma iguaria na cultura portuguesa e mediterrânica. Pode ser afetado pela processionária-do-pinheiro (*Thaumetopoea pityocampa*).

MORFOLOGIA

Árvore robusta e resinosa, de copa arredondada. O tronco é direito, rachado e cilíndrico, de tons castanho-acinzentados. A ramificação é vertical. Possui folhas rígidas e pontiagudas, em forma de agulha, de tons verde-claros, que crescem aos pares nas axilas das folhas. É monóica. Os estróbilos masculinos e femininos são diferentes, mas encontram-se na mesma planta. Os masculinos em forma de espigas, e os femininos em forma ovoide. As pinhas envolvem os órgãos reprodutores, e dão origem aos pinhões.

SIMILAR SPECIES

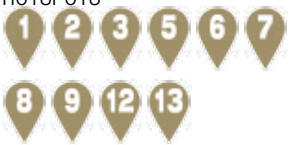
Pinus pinaster; Pinus halepensis

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS



Pinus pinaster Aiton

Pinheiro-bravo, pinheiro, pinheiro-marítimo, pinheiro-das-landes

TAXONOMIA
Pinatae
Pinales
Pinaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE MD

BIOMETRIAS
Altura: 25 m
Var. Alt.: 10-880 m

CICLO DE VIDA
Folha persistente

LONGEVIDADE
100 anos

BIOLOGIA

Prefere locais com bastante sol e de solos ácidos, em especial, solos arenosos perto do litoral. Embora também possa ser observado em zonas interiores. Encontra-se adaptado para resistir à secura e às geadas. Apresenta um crescimento rápido, sendo muito utilizado em repovoamentos florestais. A sua madeira possui pouca qualidade, sendo aproveitada a sua resina que é produzida em grandes quantidades. É transformada em diversas essências e na produção de vernizes, tintas e sabões. Pode ser afetado pela processionária-do-pinheiro (*Thaumetopoea pityocampa*).

MORFOLOGIA

Tem um tronco direito coberto de ramos arqueados ou quase horizontais. A sua casca é castanho-avermelhada. A copa é piramidal. Possui folhas em forma de agulhas, rígidas e pontiagudas, em tons verde-escuros. Tem estróbilos masculinos e femininos na mesma planta. A sua semente, o pinhão, encontra-se dentro de uma pinha protegido pelas escamas.

SIMILAR SPECIES

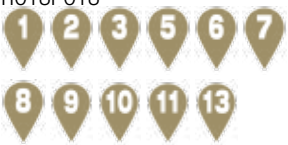
Pinus pinea; Pinus halepensis

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS



ANGIOSPÉRMICAS

Chamaerops humilis L.

Palmeira-anã, palmeira-das-vassouras, palmito

TAXONOMIA
Dicotyledons
Arecales
Arecaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE MD

BIOMETRIAS
Altura: 4-5 m
Var. Alt.: 0-320 m

CICLO DE VIDA
Perene

LONGEVIDADE
30 anos

BIOLOGIA

É utilizada para construir cestos, tapetes, albardas e vassouras, utilizando um entrançado tradicional, denominado empreita. Atualmente são poucos os artesãos a praticar esta técnica. O fruto é comestível. Um dos dispersores naturais das sementes é o texugo.

MORFOLOGIA

Possui um aspeto aglomerado, assemelhando-se a um arbusto pequeno e rasteiro, com vários caules a crescer a partir da base. Cresce mais alto em vales abrigados e com temperaturas mais elevadas. A folha tem forma de leque, podendo ter mais de 20 segmentos compridos e pontiagudos. Apresenta flores amareladas, de tamanho pequeno e que nascem por entre as folhas. O fruto é arredondado ou oblongo, em tons laranja-acastanhados.

ESPÉCIES SIMILARES

Inconfundível

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Smilax aspera L.

Salsaparrilha, salsaparrilha-bastarda, alegação, alegra-campo, alegra-cão

TAXONOMIA
Dicotyledons
Liliales
Smilacaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE MD

BIOMETRIAS
Altura: 6 m
Var. Alt.: 10-460 m

CICLO DE VIDA
Perene

LONGEVIDADE
Sem dados

BIOLOGIA

É uma planta trepadeira (liana) que recorre a outras plantas (árvores e arbustos) para conseguir alcançar melhores condições de luminosidade, entrelaçando-se para conseguir chegar mais alto. Prefere sebes ou zonas de matos altos, com predileção por zonas relativamente húmidas. O seu fruto é tóxico para o ser humano, no entanto, é uma fonte de alimento importante para diversas espécies de aves durante o outono.

MORFOLOGIA

O caule é espinhoso. A folha tem forma de coração e é brilhante, apresenta-se disposta alternadamente e possui espinhos nas bordas e nervuras. É dioica, ou seja, existem indivíduos com flores masculinas e outros com flores femininas. Estas são esbranquiçadas e reúnem-se num cacho muito perfumado. O fruto é em forma de baga e em tons avermelhados, ficando preto quando amadurece.

ESPÉCIES SIMILARES

Tamus communis

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 5 6 7 8 9 14

Tamus communis L.

Uva-de-cão, norça-preta, baganha, arrebenta-boi, tamo

TAXONOMIA
Dicotyledons
Dioscoreales
Dioscoreaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Altura: 4 m
Var. Alt.: 10-740 m

CICLO DE VIDA
Perene

LONGEVIDADE
Sem dados

BIOLOGIA

É uma planta trepadeira, utilizando outras plantas para atingir os melhores locais de luminosidade, entrelaçando-se aos seus troncos para conseguir chegar mais alto. Prefere locais com solos húmidos e tolera ventos intensos, no entanto, evita a exposição às condições marítimas e zonas costeiras. A polinização é realizada por abelhas e moscas.

MORFOLOGIA

Apresenta folhas alternas e lustrosas, em forma de coração com as pontas direitas e 3 a 9 nervuras ramificadas. O caule é trepador e retorcido, com estrias longitudinais. É dioica. A flor é em forma de espiga e em tons amarelo-esverdeados, sendo a flor masculina maior que a flor feminina. O fruto é uma baga avermelhada, surgindo no outono, mas podendo persistir ao inverno.

ESPÉCIES SIMILARES

Smilax aspera

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Asparagus aphyllus L.

Espargueira-mediterrânica, espargo-bravo-maior, corruda-maior

TAXONOMIA
Dicotyledons
Asparagales
Asparagaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE MD

BIOMETRIAS
Altura: 1 m
Var. Alt.: 0-350 m

CICLO DE VIDA
Perene

LONGEVIDADE
Sem dados

BIOLOGIA

Os espinhos servem de proteção contra a herbivoria, mas também contra a perda de água. O espargo selvagem colhido e consumido, é na verdade um rebento jovem de origem subterrânea, que se vai tornar nos longos caules espinhosos quando não são colhidos ou comidos por animais selvagens.

MORFOLOGIA

O seu aspeto espinhoso pode levar à confusão com os tojos. Possui ramos longos e ramificados. Os caules encontram-se cobertos de espinhos de diferentes tamanhos, sendo o espinho central o mais comprido. É dioica, ou seja, existem plantas femininas e masculinas. Ostenta flores pequenas em tons amarelo-esverdeados. Os seus frutos são bagas redondas e pequenas, em tons esverdeados até ficarem maduras e passarem a tons pretos.

ESPÉCIES SIMILARES

Asparagus acutifolius

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 5 8 9 13 14

Himantoglossum robertianum (Loisel.) P.Delforge

Salepeira-grande

TAXONOMIA
Dicotyledons
Asparagales
Orchidaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE MD

BIOMETRIAS
Altura: 60 cm
Var. Alt.: 10-540 m

CICLO DE VIDA
Perene

LONGEVIDADE
Sem dados

BIOLOGIA

É uma das maiores orquídeas que pode ser observada em Portugal, embora não seja uma das mais comuns. Ocorre em solos alcalinos ou ligeiramente ácidos, usualmente zonas mais rochosas e com espaços abertos por entre a vegetação. Prefere ficar diretamente exposta à luz solar, com alguns indivíduos a surgir na zona de meia sombra.

MORFOLOGIA

Possui 5 a 10 folhas carnudas e largas, apresentando um efeito lustroso e dispostas numa roseta basal. O eixo floral chega a conter mais de 50 flores dispostas num cacho vertical, variando entre tons rosas, violetas e esverdeados. O arranjo floral apresenta as sépalas e pétalas dispostas numa forma semelhante a um capuz.

ESPÉCIES SIMILARES

Urginea maritima

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 4 5 8 13 14

Anacamptis pyramidalis (L.) Richard

Satirião-menor, orquídea-piramidal

TAXONOMIA
Dicotyledons
Asparagales
Orchidaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Altura: 60 cm
Var. Alt.: 10-420 m

CICLO DE VIDA
Perene

LONGEVIDADE
Sem dados

BIOLOGIA

É comum ser observada em pequenos aglomerados, ou dispersa por entre a vegetação. A sua polinização é realizada por borboletas. Quando fica muito alta, o caule pode ficar com algumas curvas. Prefere solos calcários, secos e pobres, evitando a competição com outras plantas. Possui a capacidade de produzir muitas sementes, no entanto, estas não possuem reservas alimentares. A falta de reservas é compensada pela simbiose com um fungo que irá providenciar os nutrientes necessários para a germinação.

MORFOLOGIA

Possui 4 a 10 folhas estreitas junto à base a partir da roseta. Ostenta 30 a 80 flores dispostas numa espinha muito densa, que variam entre tons purpúreos ou rosados, raramente ficando esbranquiçados. As sépalas e as pétalas encontram-se dispostas em forma de capuz. A semente é esférica e muito pequena, assemelhando-se a pó.

ESPÉCIES SIMILARES

Orchis italica, Neotinea conica

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Cephalanthera longifolia (L.) Fritsch 1888

Heleborina-branca

TAXONOMIA
Dicotyledons
Asparagales
Orchidaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Altura: 45 cm
Var. Alt.: 40-820 m

CICLO DE VIDA
Perene

LONGEVIDADE
Sem dados

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
FLOR FRUTO

BIOLOGIA

Não é das orquídeas mais comuns. Ao contrário da maioria das orquídeas, pode recorrer a rizomas de forma a realizar uma propagação vegetativa simples. Prefere zonas de sombra, crescendo na orla de transições entre espaços abertos para espaços com vegetação mais densa. Gosta de solos calcários e frescos, preferindo uma grande camada de manta morta ao seu redor.

MORFOLOGIA

Possui 4 a 12 folhas estreitas e linear-lanceoladas. As flores encontram-se dispostas em espiga com 5 a 20 flores, crescendo ao longo do caule e não em roseta. A flor apresenta tons esbranquiçados e está usualmente pouco aberta, tipicamente alternadas e opostas, até à altura da inflorescência.

ESPÉCIES SIMILARES

Inconfundível

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 9

Ophrys fusca Link

Moscardo-maior, moscardo-fusco, erva-moscardo

TAXONOMIA
Dicotyledons
Asparagales
Orchidaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE MD

BIOMETRIAS
Altura: 25 cm
Var. Alt.: 30-310 m

CICLO DE VIDA
Perene

LONGEVIDADE
Sem dados

BIOLOGIA

Orquídea pouco comum e que apresenta uma grande variação nas suas características morfológicas. A floração é de duração extensa. Possui uma associação com um fungo no solo que fornece os minerais necessários para a germinação das sementes. É mais robusta quando cresce em zonas de matos densos.

MORFOLOGIA

Possui um caule robusto. Apresenta folhas ovado-lanceoladas. Ostenta 2 a 10 flores grandes, dispostas em espigas. As sépalas têm um formato oval-lanceolado, em tons verde-amarelados. As pétalas variam entre tons verde-amarelados e acastanhados. Labelo trilobado e de aspeto aveludado, com bordos laterais dobrados e uma margem amarelada, acastanhada ou azulada. Apresenta uma elevada variabilidade morfológica o que levou alguns autores a criar diversas subespécies.

ESPÉCIES SIMILARES

Ophrys speculum; Ophrys bombyliflora

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

2 10 11 14

Allium roseum L.

Alho-rosado, alho-de-bruxa

TAXONOMIA
Dicotyledons
Asparagales
Amaryllidaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE MD

BIOMETRIAS
Altura: 85 cm
Var. Alt.: 10-480 m

CICLO DE VIDA
Perene

LONGEVIDADE
Sem dados

BIOLOGIA

Pertence à família dos alhos e das cebolas, espécies tradicionalmente utilizadas na culinária. Esta espécie é fácil de identificar quando a flor é esmagada pois liberta um cheiro intenso a alho. O seu bolbo é comestível, assim como a flor que usualmente é utilizada em saladas. No entanto, a utilização mais comum é em canteiros de jardins. Para além da sua beleza, possui a função de afugentar diversas espécies de insetos e parasitas, devido ao seu forte odor a alho.

MORFOLOGIA

Possui um caule cilíndrico e glabro, com 2 a 4 folhas lineares e compridas, começando na parte inferior do caule. A flor é em forma de umbela e encontra-se protegida por uma espata membranosa e persistente. Ostenta 10 a 40 flores campanuladas em tons rosados, por vezes esbranquiçados.

ESPÉCIES SIMILARES

Allium ericetorum; Allium subvillosum; Allium triquetrum

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Narcissus papyraceus Ker-Gawler

Narciso-de-inverno, narciso-fétido

TAXONOMIA
Dicotyledons
Asparagales
Amaryllidaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE MD

BIOMETRIAS
Altura: 60 cm
Var. Alt.: 10-440 m

CICLO DE VIDA
Perene

LONGEVIDADE
Sem dados

BIOLOGIA

Prefere locais ensombrados em matos com muitas zonas rochosas. Floresce com a chegada do tempo frio, no entanto, as flores podem ser observadas apenas durante duas a três semanas. A flor é muito esbelta, no entanto, a principal característica que a destaca é o intenso e desagradável cheiro que liberta.

MORFOLOGIA

Possui um bolbo. A sua haste é robusta e achatada. A folha é oblonga e obtusa, criando cobertos uniformes e bonitos. A flor é em tons esbranquiçados e intensos, normalmente agrupadas até cerca de 20 inflorescências terminais. A tépala é ovada com as pontas apiculadas. O órgão reprodutor é amarelo vivo.

ESPÉCIES SIMILARES

Narcissus tazetta; Narcissus serotinus

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Typha domingensis Pers.

Tabua, foguetes, tabua-de-folha-fina

TAXONOMIA
Dicotyledons
Poales
Typhaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Altura: 2 m
Var. Alt.: 5-660 m

CICLO DE VIDA
Perene

LONGEVIDADE
Sem dados

BIOLOGIA

Esta planta é utilizada na alimentação por diversas culturas, desde os rizomas que podem ser moídos em farinha, ricos em amido, ao pólen das flores masculinas, rico em proteína, que pode ser utilizado em diferentes pratos. Possui a capacidade de purificar água ao absorver diversos poluentes e controlando a contaminação bacteriana.

MORFOLOGIA

Possui um caule único e de formato cilíndrico. A folha começa na base, é comprida e linear, com nervuras paralelas. A flor feminina possui um tamanho reduzido e encontra-se agrupada numa espiga densa de tons acastanhados. A flor masculina encontra-se acima da espiga feminina, numa espiga fina de tons esverdeados.

ESPÉCIES SIMILARES

Typha angustifolia; Typha latifolia; Iris pseudacorus

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Cyperus longus L.

Junça-de-cheiro, junça, albafor

TAXONOMIA
Dicotyledons
Poales
Cyperaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Altura: 1 m
Var. Alt.: 10-750 m

CICLO DE VIDA
Perene

LONGEVIDADE
Sem dados

BIOLOGIA

Pode ser observada em terrenos com o solo quase sempre húmido, ou na borda de locais com água, como ribeiras, rios, charcas e albufeiras. A polinização é realizada com recurso ao vento. As sementes caem junto à base da planta mãe por ação da gravidade, criando pequenas manchas de junça. Esta planta é amplamente utilizada de forma medicinal, para criar remédios naturais para as dores de estômago, mas também pode ser utilizada para criar perfumes.

MORFOLOGIA

Planta alta, com rizoma liso, espesso e longo. A folha é comprida e em tons amarelo-esverdeados. A haste é triangular e termina numa inflorescência. A flor tem tons acastanhados.

ESPÉCIES SIMILARES

Cyperus rotundus; Cyperus esculentus; Cyperus fuscus; Cyperus eragrostis

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Lagurus ovatus L.

Rabo-de-lebre, rabo-de-coelho

TAXONOMIA
Dicotyledons
Poales
Poaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE MD

BIOMETRIAS
Altura: 50 cm
Var. Alt.: 0-460 m

CICLO DE VIDA
Anual

LONGEVIDADE
1 ano

BIOLOGIA

Pode ser observada em espaços abertos. Prefere solos arenosos, que se encontrem relativamente perto do mar, embora possa ser observada em locais secos mais interiores. A semente pode ser dispersa por ação do vento, ficar presa a animais e, em alguns casos, ser dispersa pelas máquinas agrícolas quando lavram os campos.

MORFOLOGIA

Possui folhas lineares e estreitas em tons esverdeados pálidos e um grande número de inflorescências. Os cachos de flores são ovais e semelhantes a espigas, em tons esbranquiçados e com arestas peludas (cerdas), podendo criar um aglomerado denso de espigas. O fruto é uma cariopse.

ESPÉCIES SIMILARES

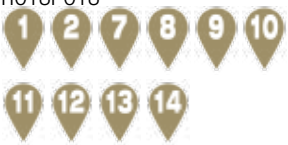
Rostraria cristata; Anthoxanthum aristatum; Cynosurus echinatus

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS



Brachypodium phoenicoides (L.) Roem. & Schult.

Braquipódio, Fenazo-da-fenícia

TAXONOMIA
Dicotyledons
Poales
Poaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE MD

BIOMETRIAS
Altura: 80 cm
Var. Alt.: 20-440 m

CICLO DE VIDA
Perene

LONGEVIDADE
Sem dados

BIOLOGIA

Pode ser observada em ambientes secos e abertos, procurando terrenos incultos e clareiras em florestas. Esta espécie é uma das plantas bioindicadoras dos habitats 6210 e 6220 pt.5 da Rede Natura 2000, que podem constituir habitats prioritários de conservação em Portugal.

MORFOLOGIA

Tem rizomas ramificados. O caule vertical é muito frágil, quebrando em dias de vento forte. Possui flores em cachos compactos e semelhantes a espigas, possuindo 5 a 25 flores em cada espiga. A folha simples é curva e raramente plana, encontrando-se na base da planta. O fruto é seco.

ESPÉCIES SIMILARES

Brachypodium rupestre; Brachypodium sylvaticum

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Arisarum simorrhinum Durieu

Capuz-de-frade, candeias

TAXONOMIA
Dicotyledons
Alismatales
Araceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Altura: 30 cm
Var. Alt.: 5-460 m

CICLO DE VIDA
Perene

LONGEVIDADE
Sem dados

BIOLOGIA

Pode ser observado em solos remexidos ou pastagens, sendo habituais em parques citadinos, taludes de caminhos, à beira de estradas, em margens de linhas de água, em clareiras, orlas de florestas e bosques. Prefere crescer em solos ácidos ou básicos, elegendo locais frescos e ensombrados.

MORFOLOGIA

A sua inflorescência é mais pequena que as folhas e com um pedúnculo em tons púrpuras; a parte superior é em forma de capacete (capuz) inclinado para a frente. O fruto é composto por diversas bagas esverdeadas. A folha possui o ápice pontiagudo e uma forma semelhante à ponta de uma seta. Não possui caule, a folha nasce de um tubérculo de onde se desenvolvem os rizomas.

ESPÉCIES SIMILARES

Inconfundível

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Arbutus unedo L.

Medronheiro, êrvodo, ervedeiro, medronho

TAXONOMIA
Dicotyledons
Ericales
Ericaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE MD

BIOMETRIAS
Altura: 12 m
Var. Alt.: 20-760 m

CICLO DE VIDA
Folha persistente

LONGEVIDADE
400 anos

BIOLOGIA

Usualmente observado como arbusto, no entanto, se as condições forem perfeitas cresce até atingir porte arbóreo. Apresenta uma elevada capacidade para resistir a tempos secos e à geada, no entanto, revela uma menor produção de frutos nesses anos. O medronho é comestível, possuindo um sabor ligeiramente ácido e é muito procurado para a destilação de aguardente.

MORFOLOGIA

Pequena árvore ou grande arbusto com raízes profundas. O tronco ostenta uma casca escamosa em tons castanho-avermelhados que vai escurecendo com a idade. Possui folhas simples, ligeiramente serradas, lustrosas e em tons verde-escuros na página superior e mais pálidos na inferior. A flor é pequena, hermafrodita e em tons branco-esverdeados. O fruto é uma baga globosa coberta de verrugas/saliências, conhecida como medronho.

ESPÉCIES SIMILARES

Inconfundível

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 3 5 8 9 11 12 14

Reichardia picroides (L.) Roth

Escorcioneira, leituguinha-dos-caminhos

TAXONOMIA
Dicotyledons
Asterales
Asteraceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE MD

BIOMETRIAS
Altura: 32 cm
Var. Alt.: 0-440 m

CICLO DE VIDA
Perene

LONGEVIDADE
Sem dados

BIOLOGIA

Pode ser encontrada um pouco por todo o lado, preferindo solos perturbados ou secos, por vezes rochosos. Cresce tanto em zonas de sombra como em zonas completamente expostas ao sol. As flores são polinizadas por diferentes insetos, usualmente por moscas, abelhas e algumas espécies de escaravelhos. Esta planta é utilizada na alimentação, diurética e depurativa. Pode ser confundida com outras plantas de flor amarela.

MORFOLOGIA

Apresenta folhas simples e largas. Tem escama a meio do caule, o que a distingue de outras espécies de flor amarela. Possui flores hermafroditas, em tons amarelados. O seu fruto é seco.

ESPÉCIES SIMILARES

Reichardia intermedia; Reichardia gaditana; Urospermum picroides

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Viburnum tinus L.

Folhado, loureiro-do-jardim, milfolhado, laurestim

TAXONOMIA
Dicotyledons
Dipsacales
Caprifoliaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE MD

BIOMETRIAS
Altura: 6 m
Var. Alt.: 20-600 m

CICLO DE VIDA
Folha persistente

LONGEVIDADE
150 anos

BIOLOGIA

Encontrada frequentemente como espécie ornamental por dar flor em pleno inverno. As folhas e os frutos foram em tempos utilizados na medicina para o tratamento da febre e para a hidroplasia. Não devem ser ingeridos pois são tóxicos e provocam náuseas e vómitos. Prefere locais abrigados, húmidos e sombrios.

MORFOLOGIA

A sua folhagem esverdeada é densa, com as folhas em disposição oposta, com margem inteira e alguns aglomerados de pelos nas axilas das nervuras, sendo mais escura na página superior. As flores hermafroditas em tons esbranquiçados ou rosados, encontram-se dispostas em cimeiras corimbiformes. O fruto é uma drupa em tons azuis-metálicos quando carnudos.

ESPÉCIES SIMILARES

Viburnum lantana; Rhododendron ponticum, Laurus nobilis

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 3 4 5 6 7 9 12

Sambucus nigra L.

Sabugueiro, canineiro, canileiro, candelheiro, galacrista, sabugo, rosa-de-bem-fazer

TAXONOMIA
Dicotyledons
Dipsacales
Caprifoliaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Altura: 1-3 m
Var. Alt.: 10-960 m

CICLO DE VIDA
Folha Caduca

LONGEVIDADE
60 anos

BIOLOGIA

Prefere zonas ribeirinhas e sombrias, ou bosques húmidos. Durante muitos anos foi considerada uma farmácia viva devido às diferentes propriedades medicinais que apresenta, tais como conjuntivites, constipações, diarreia e dores de cabeça. O fruto é ainda utilizado na culinária, tinturaria e cosmética. São muitas as espécies de insetos que recorrem às suas flores como fonte de alimento, e muitas as aves que consomem os seus frutos.

MORFOLOGIA

Arbusto ramificado desde a base do tronco. As folhas compostas imparipinuladas, têm usualmente 7 folíolos, compridos e serrilhados, que se dispõem de forma oposta ao longo da folha. As flores abundantes são pequenas, em tons branco-amarelados, hermafroditas e aromáticas, e encontram-se dispostas em cimeiras planas. O fruto é uma baga carnuda em tons preto-violáceos quando amadurecidos. No final da infrutescência ficam com uma posição pendente.

ESPÉCIES SIMILARES

Sambucus ebulus

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Fraxinus angustifolia Vahl

Freixo-comum, freixo-de-folhas-estreitas, freixo-da-terra, freixo

TAXONOMIA
Dicotyledons
Lamiales
Oleaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Altura: 25 m
Var. Alt.: 10-840 m

CICLO DE VIDA
Folha Caduca

LONGEVIDADE
200 anos

BIOLOGIA

A asa terminal do fruto permite a sua disseminação através do vento, assemelhando-se a uma hélice de helicóptero. Surge isolada ou em grupos, nunca muito grandes. É regularmente utilizado como sebe para separar campos agrícolas. A sua madeira pode ser utilizada para diversas aplicações, como utensílios agrícolas, carpintaria, construção e aquecimento.

MORFOLOGIA

Apresenta uma copa oval ou arredondada. O tronco é curto, tendo uma casca em tons acinzentados e quebradiça. A folha é composta, com 5 a 13 folíolos estreitos, lanceolados e pontiagudos, em tons verdes-claros. Possui flores hermafroditas, sem pétalas ou sépalas, dispostas nas axilas dos botões foliares. O fruto é uma sâmara, que tem uma asa terminal, de tons amarelados quando maduros.

ESPÉCIES SIMILARES

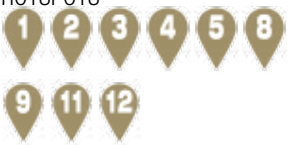
Fraxinus excelsior

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS



Phillyrea latifolia L.

Aderno, aderno-de-folhas-largas

TAXONOMIA
Dicotyledons
Lamiales
Oleaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE MD

BIOMETRIAS
Altura: 15 m
Var. Alt.: 30-460 m

CICLO DE VIDA
Folha persistente

LONGEVIDADE
Sem dados

BIOLOGIA

A sua madeira é de grande dureza, sendo utilizada para produzir carvão de qualidade. O fruto e a folha podem ser utilizados para fins medicinais, no tratamento de úlceras e inflamações da boca. Gosta de ambientes com alguma humidade e de solos desenvolvidos. Não se incomoda com uma forte exposição solar. O fruto é essencial para aves em migração.

MORFOLOGIA

Possui uma copa arredondada. O seu tronco é bastante ramificado e ondulante, em tons acinzentados, sendo ligeiramente rugoso e fendido. A folha é simples e oposta, a juvenil muito serrada e quase espinhosa, a adulta com margem inteira e ligeiramente serrilhada. A folha apresenta tons verde-escuros na página superior e mais claros na inferior. As inflorescências nascem nas axilas das folhas e são pequenas. A flor é hermafrodita e em tons amarelo-esverdeados. O fruto é uma drupa carnuda de tons pretos.

ESPÉCIES SIMILARES

Rhammus alaternos; Phillyrea angustifolia

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 8 14

Olea europaea var. sylvestris L.

Zambujeiro, oliveira-brava, oliveira, zambujo

TAXONOMIA
Dicotyledons
Lamiales
Oleaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE MD

BIOMETRIAS
Altura: 15 m
Var. Alt.: 10-490 m

CICLO DE VIDA
Folha persistente

LONGEVIDADE
1500 anos

BIOLOGIA

É a variedade silvestre da oliveira, e é comummente utilizado como porta-enxerto das oliveiras de cultivo. A sua madeira pode ser utilizada na carpintaria ou para aquecimento. A azeitona necessita de ser curada para poder ser consumida, ou para ser transformada em azeite. A folha pode ser utilizada para fazer infusões.

MORFOLOGIA

Possui um tronco médio, ligeiramente ondulante e rugoso, em tons acinzentados. A sua copa é esférica e densa. Apresenta folhas com tons verde-acinzentados na página superior e acinzentados na inferior. A folha é lanceolada, pontiaguda e com a margem inteira. As inflorescências em forma de cacho nascem das axilas das folhas, e apresentam um número variável de flores, de tons amarelos-pálidos. O fruto é uma drupa ovóide, duro e carnudo, começando em tons esverdeados e ficando preto quando maduro.

ESPÉCIES SIMILARES

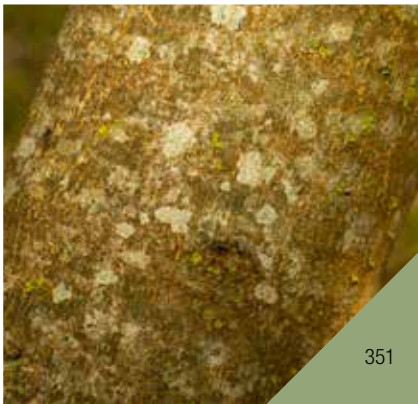
Olea europaea var. europaea

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS



Convolvulus althaeoides L.

Corriola-rosada, campainhas

TAXONOMIA
Convolvulaceae
Solanales
Convolvulaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE MD

BIOMETRIAS
Altura: 1 m
Var. Alt.: 10-330 m

CICLO DE VIDA
Perene

LONGEVIDADE
Sem dados

BIOLOGIA

Planta trepadeira, pode crescer junto ao solo, no entanto, prefere trepar e enrolar-se sobre estruturas ou outras plantas, que ao serem utilizadas como suporte podem acabar por ser sufocadas. É extremamente importante para o equilíbrio dos ecossistemas, pois representa uma importante fonte de alimento para diversas espécies de borboleta (lagartas).

MORFOLOGIA

Possui o rizoma ramificado. O caule é longo e fino, cheio de pequenos pelos, enrolando-se a outras plantas durante o seu crescimento. Apresenta folhas recortadas e dispostas de forma alternada. Possui um cálice com 5 sépalas, presente durante a frutificação. A flor possui tons que variam entre os azuis, rosas ou lilases, e formada pela união de 5 pétalas em forma de trompeta. O fruto é uma cápsula.

ESPÉCIES SIMILARES

Convolvulus arvensis; Convolvulus tricolor; Ipomoea indica; Calystegia sepium

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Convolvulus tricolor L.

Azuraque, bela-manhã, corriola-tricolor-maior, zuraque

TAXONOMIA
Dicotyledons
Solanales
Convolvulaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE MD

BIOMETRIAS
Altura: 45 cm
Var. Alt.: 20-240 m

CICLO DE VIDA
Perene

LONGEVIDADE
Sem dados

BIOLOGIA

Ocorre em campo aberto e terrenos agrícolas, sendo preferencialmente uma planta rasteira que pode passar despercebida. Dá preferência a solos secos e argilosos. Gosta de locais soalheiros, evitando completamente a sombra.

MORFOLOGIA

Possui uma flor hermafrodita em forma de trompete com três tons: bordo azul, faixa intermédia branca e fundo amarelado. A flor é diurna, solitária e sustentada por um pedúnculo comprido. O seu caule é avermelhado e ramificado. A folha é simples, oval, lisa, com margens inteiras e insere-se ao longo dos ramos. O fruto é uma cápsula.

ESPÉCIES SIMILARES

Convolvulus arvensis; Convolvulus althaeoides; Convolvulus meonanthus; Ipomoea indica; Calystegia sepium

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Vinca difformis Pourret

Pervinca, congossa, erva-da-inveja, pervinca-intermédia, congorsa, alcangorça, alcongosta, congossa maior

TAXONOMIA
Dicotyledons
Gentianales
Apocynaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Altura: 1 m
Var. Alt.: 10-460 m

CICLO DE VIDA
Perene

LONGEVIDADE
Sem dados

BIOLOGIA

Prefere locais ensombrados com alguma humidade, encontrando-se normalmente em bosques, sob a cobertura de árvores, ou em galerias ripícolas. Utilizada na medicina devido às diferentes propriedades da vincamina, como calmantes, antitóxicas, tónicas, vasodilatadoras, no tratamento do cancro, entre outras.

MORFOLOGIA

O caule é prostrado e leitoso quando cortado. Possui folhas opostas, inteiras, ovadas e arredondadas na base, com as margens ligeiramente ciliadas. A flor é hermafrodita, solitária e pedunculada. Tem tons azuis-pálidos ou violáceos, com um tubo afunilado e comprido e cinco lóbulos estreitos de aspeto linear-triangulares, lembrando uma hélice. O seu fruto é um folículo com diversas sementes.

ESPÉCIES SIMILARES

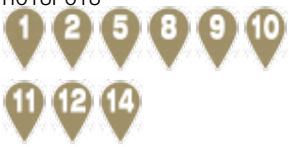
Vinca major; Vinca minor

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS



Nerium oleander L.

Loendro, cevadilha

TAXONOMIA
Dicotyledons
Gentianales
Apocynaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE MD

BIOMETRIAS
Altura: 12 m
Var. Alt.: 20-370 m

CICLO DE VIDA
Folha persistente

LONGEVIDADE
50 anos

BIOLOGIA

Pode ser observado em diversos parques e jardins como planta ornamental devido às suas bonitas flores, sendo também muito utilizado no separador central de autoestradas. É uma planta de crescimento rápido, preferindo ficar diretamente exposto ao sol que à sombra. Gosta de solos bem drenados. É muito tóxica, e por isso, nenhuma parte da planta deve ser utilizada na culinária, os troncos não devem sequer ser utilizados para fazer espetos.

MORFOLOGIA

Planta lenhosa, com uma copa ampla e com ramos direitos. Possui folhas simples, opostas, de formato lanceolado, com uma nervura central visível. Tem flores hermafroditas, reunidas em cimeiras e pentâmeras, em tons a variar do rosado ao esbranquiçado. O fruto é simples, seco, em forma de cápsula e em tons vermelho-acastanhados; as sementes no interior são leves, compridas, cheias de pelos e em tons dourados.

ESPÉCIES SIMILARES

Laurus nobilis

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Daucus carota L.

Cenoura-brava, salsa-burra, cenoura-selvagem, erva-salsa, erva-coentrinha

TAXONOMIA
Dicotyledons
Apiales
Apiaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Altura: 150 cm
Var. Alt.: 10-800 m

CICLO DE VIDA
Perene

LONGEVIDADE
1 ano

BIOLOGIA

A flor central serve como atrativo para diferentes espécies de insetos, aumentando as probabilidades de polinização. A cenoura que utilizamos na nossa alimentação é da mesma espécie, apenas uma variedade diferente (sendo esta a variedade silvestre). A sua raiz é comestível quando ainda jovem.

MORFOLOGIA

Possui uma raiz aprumada. Ostenta um caule ereto e ramificado, coberto de pelos. A folha é delgada, mole e peciolada. A flor ocorre agrupada em umbelas pedunculadas; cada umbela possuindo cerca de 90 umbélulas pequenas, e cada umbélula possui cerca de 60 flores pequenas, criando um chapéu de tons esbranquiçado, com uma flor central em tons purpúreos e estéril. Na passagem a fruto, a umbela enrola-se e adquire um aspeto côncavo. O fruto é um aquénio ovoide coberto de espinhos.

ESPÉCIES SIMILARES

Daucus muricatus; Daucus crinitus

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 4 5 8 10 13 14

Apium nodiflorum (L.) Lag.

Salsa-brava, rabaça

TAXONOMIA
Dicotyledons
Apiales
Apiaceae

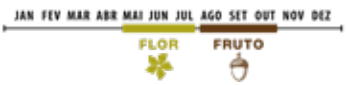
CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Altura: 1 m
Var. Alt.: 5-790 m

CICLO DE VIDA
Anual

LONGEVIDADE
Sem dados



BIOLOGIA

Pode ser observada em habitats que estejam constantemente húmidos, como margens de rios, nascentes e perto de lagoas. Ocorre principalmente onde exista uma abundância de nutrientes. Não é uma planta venenosa, e por isso, é muito utilizada na culinária. Usualmente é utilizada em saladas, na confeção de cozidos ou como condimento alimentar. O seu aroma é semelhante ao das cenouras.

MORFOLOGIA

Tem um caule grosso, oco e estriado. Possui folhas esverdeadas, bastante serrilhadas, glabras e lanceoladas. Possui flores agrupadas em umbelas compostas, opostas às folhas. A flor é esbranquiçada e muito pequena. O fruto é um mericarpo, seco e ovoide, em tons acastanhados. A semente no seu interior é plana e de tons acastanhados.

ESPÉCIES SIMILARES

Apium repens; Rorippa nasturtium-aquaticum

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 4 12 14

Pistacia lentiscus L.

Aroeira, lentisco, alfostigueiro, lentisqueira, lentisco-verdadeiro

TAXONOMIA
Dicotyledons
Sapindales
Anacardiaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE MD

BIOMETRIAS
Altura: 3 m
Var. Alt.: 10-360 m

CICLO DE VIDA
Perene

LONGEVIDADE
100 anos

BIOLOGIA

Pode ser observada isoladamente ou em comunidades mistas com outras espécies mediterrânicas, em pequenos matos, florestas e bosques. Prefere solos calcários, secos e rochosos. Gosta de invernos amenos, embora tenha capacidade para resistir a geadas fortes. Devido ao seu porte denso é utilizada como refúgio e fonte de alimento para muitas espécies de fauna selvagem, como por exemplo, aves e mamíferos.

MORFOLOGIA

Planta dioica e muito densa, com os troncos muito ramificados. A folha paripinulada é alternada e lanceolada, com 8 a 12 pares de folíolos. Possui flores pequenas em tons amarelados ou avermelhados. O fruto é uma drupa, muito aromático, inicialmente vermelho, mas ficando escuro enquanto amadurece.

ESPÉCIES SIMILARES

Pistacia terebinthus

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Trifolium repens L.

Trevo-branco, trevo-rasteiro, trevo-coroa-de-rei, trevo-da-holanda, trevo-ladino

TAXONOMIA
Dicotyledons
Fabales
Fabaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Altura: 60 cm
Var. Alt.: 0-950 m

CICLO DE VIDA
Perene

LONGEVIDADE
Sem dados

BIOLOGIA

Constitui alimento para muitas espécies, roedores e polinizadores, como abelhas e borboletas. É excelente a fixar nitrogénio, sendo utilizado na rotação de culturas. É também utilizado para estabilizar o solo. Resiste ao inverno mas não tolera inundações. É suscetível à seca e a altas temperaturas.

MORFOLOGIA

É uma planta rasteira, que pode formar grandes tapetes em espaços abertos. Possui longos caules que se enraízam entre si. As folhas e flores nascem em hastes separadas das hastes rastejantes. A folha é trifoliada, com as pontas arredondadas e uma pequena marca esbranquiçada. A flor é esbranquiçada e cremosa, por vezes, em tons rosados ou acastanhados.

ESPÉCIES SIMILARES

Trifolium michelianum; Trifolium nigrescens; Trifolium cherleri; Trifolium glomeratum

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Ceratonia siliqua L.

Alfarrobeira, figueira-do-egipto, fava-rica, fruto-de-pitágoras

TAXONOMIA
Dicotyledons
Fabales
Fabaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE MD

BIOMETRIAS
Altura: 10 m
Var. Alt.: 10-400 m

CICLO DE VIDA
Folha persistente

LONGEVIDADE
100 anos

BIOLOGIA

A sua floração coincide com a maturação dos frutos do ano anterior. Possui um elevado interesse gastronómico e medicinal, visto o fruto ter diversas utilizações. Prefere invernos amenos, em locais expostos ao sol e com solos simples e pedregosos. Resiste à seca e ao calor, mas não gosta de solos encharcados.

MORFOLOGIA

Possui uma copa ampla, densa e oval. O tronco possui uma casca lisa e irregular, em tons castanho-acinzentados. Possui folhas alternadas, com 5 pares de folíolos ovados, com a margem inteira e ondulada. Na página superior são em tons verde-escuros e lustrosos, mas com tons pálidos na inferior. É uma espécie dioica. Desenvolve flores muito pequenas, agrupadas em cachos que nascem nos ramos em tons esverdeados ou avermelhados. O fruto é uma vagem carnuda, achatada e arqueada, em tons pretos quando maduros e com cerca de 16 sementes no seu interior, denominado por "alfarroba".

ESPÉCIES SIMILARES

Inconfundível

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 3 5 8 9 11 12

Ulex jussiaei Webb

Tojo-durázio, tojo

TAXONOMIA
Dicotyledons
Fabales
Fabaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC LU

BIOMETRIAS
Altura: 3 m
Var. Alt.: 10-760 m

CICLO DE VIDA
Folha persistente

LONGEVIDADE
Sem dados

BIOLOGIA

Adapta-se bem ao ambiente onde se encontra, e por isso, podem ser observados numa grande variedade de terrenos e habitats. Tem uma grande capacidade para reter água, não necessitando de grandes quantidades para sobreviver. Devido a esta característica consegue resistir em pinhais secos, terrenos arenosos e terrenos incultos.

MORFOLOGIA

Possui uma grande quantidade de espinhos, que são utilizados para reter água e para se proteger da herbivoria. Os espinhos densos são em tons esverdeados. Possui uma flor em tons amarelos, que contrasta com os tons esverdeados.

ESPÉCIES SIMILARES

Ulex airensis; Ulex australis; Ulex densus

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

2 8

Lobularia maritima (L.) Desv.

Açafate-da-praia, escudinha, alisso

TAXONOMIA
Dicotyledons
Brassicales
Brassicaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE EU

BIOMETRIAS
Altura: 30 cm
Var. Alt.: 0-350 m

CICLO DE VIDA
Anual

LONGEVIDADE
Sem dados

BIOLOGIA

Prefere zonas costeiras, em terrenos arenosos e baldios, crescendo em conjunto e formando moitas rasteiras. Emana uma fragância doce, atraindo muitos insetos polinizadores. Gosta de ficar exposta ao sol, tolerando frio e geadas.

MORFOLOGIA

É uma planta de pequeno porte, com caules macios e lenhosos, que se tornam quebradiços com o tempo. Possui folhas lineares, estreitas, ovais e lanceoladas, cobertas de pelos e de diversas tonalidades esverdeadas. Possui um grande número de pequenas flores esbranquiçadas, rosadas, alaranjadas ou arroxeadas. A flor é bastante aromática, em forma de corimbo, com quatro pétalas arredondadas e maiores que as sépalas. O fruto é em forma de cacho comprido, com pequenas sementes elípticas.

ESPÉCIES SIMILARES

Inconfundível

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Salix atrocinerea Brot.

Salgueiro-preto, borrazeira-preta, borrazeira, seiceiro-negro, cinzeiro, salgueiro-cinzento, vimeiro-preto

TAXONOMIA
Dicotyledons
Malpighiales
Salicaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Altura: 10 m
Var. Alt.: 10-1250 m

CICLO DE VIDA
Folha Caduca

LONGEVIDADE
Sem dados

BIOLOGIA

Prefere locais frescos, com muita humidade ou sempre alagados. Gosta de ficar diretamente exposto ao sol, mas não gosta de temperaturas extremas. É muito apreciado pelos polinizadores por ser das primeiras espécies a florir. É útil para estabilizar solos adjacentes a ribeiras, devido ao seu sistema radicular muito extenso. Pode ser utilizada para criar barreiras contra o vento.

MORFOLOGIA

Possui uma copa pouco densa. A folha é simples, obovada ou oblonga, com nervuras proeminentes e dispõem-se de forma alternada. Apresenta alguns pelos ferruginosos e esbranquiçados, na página inferior ou em ambas. A flor nasce antes das folhas. É uma espécie dioica, de flores pequenas, dispostas em amentilhos, sésseis, com brácteas cobertas de pelos. O fruto é uma cápsula coberta de pelos, que se abre em duas valvas.

ESPÉCIES SIMILARES

Salix salviifolia; Salix caprea; Salix alba

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 5

Populus alba L.

Choupo-branco, álamo, alvarinho, álamo-alvar, faia-branca

TAXONOMIA
Dicotyledons
Caryophyllales
Tamaricaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Altura: 25 m
Var. Alt.: 10-440 m

CICLO DE VIDA
Folha caduca

LONGEVIDADE
150 anos

BIOLOGIA

Prefere solos húmidos, mesmo em ambientes urbanos. Cresce rapidamente e prefere ficar exposto ao sol. Resiste bem em ambientes secos, desde que o solo mantenha alguma humidade. Muitas espécies de lagartas de borboletas utilizam-no como fonte de alimento. A sua raiz é forte e danifica estrutura subterrâneas ou circundantes, como passeios ou edifícios.

MORFOLOGIA

Possui uma copa irregular, com um tronco em tons acinzentados. A folhas é ovada, subelíptica, e dentada, em tons verde-escuros na página superior e esbranquiçados nas páginas inferiores. É dioica, com flores, de tons branco-esverdeadas a castanho-avermelhadas, agrupadas em amentos. O fruto é uma cápsula oblongo-cónica.

ESPÉCIES SIMILARES

Populus tremula

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 4 5 9 11 12

Tamarix africana Poiret

Tamargueira, tamargueira-de-espigas-grossas, tamarga, tamariz

TAXONOMIA
Dicotyledons
Malpighiales
Salicaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Altura: 6 m
Var. Alt.: 10-220 m

CICLO DE VIDA
Folha persistente

LONGEVIDADE
Sem dados

BIOLOGIA

Prefere solos constantemente húmidos, surgindo nas proximidades de locais com água permanente, como rios, ribeiras, lagoas, leitos secos, estuários, solos com salinidade, entre outros. Prefere solos siliciosos. Esta planta tem sido utilizada na medicina, estando associada ao tratamento de diferentes problemas de saúde, tais como problemas gastrointestinais, feridas, e problemas dentários.

MORFOLOGIA

Possui ramos largos e flexíveis. A folha verde-escura é pequena, alternada, escamiforme e séssil, estando muito próximas umas das outras. É hermafrodita. Forma cachos em forma de espigas nos ramos grossos de anos anteriores, com flores de tons esbranquiçados ou rosados. O fruto é uma cápsulas com numerosas sementes no seu interior.

ESPÉCIES SIMILARES

Tamarix mascatensis; Tamarix galica; Tamarix parviflora

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Silene vulgaris (Moench) Garcke

Erva-traqueira, bermim, orelha-de-boi, assobios, erva-cucubalus, erva-tranqueira, rilha-de-boi, alfinetes

TAXONOMIA
Dicotyledons
Caryophyllales
Caryophyllaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Altura: 80 cm
Var. Alt.: 10-930 m

CICLO DE VIDA
Perene

LONGEVIDADE
Sem dados

BIOLOGIA

Prefere zonas húmidas, mas de solos bem drenados, crescendo em pastagens secas e calcárias, nas bordas de florestas e bosques, em solos revolvidos e bermas de caminhos. A sua folha é comestível e utilizada na alimentação, para fazer saladas e outros pratos mediterrânicos. É resistente à seca, preferindo ficar completamente exposta ao sol ou ligeiramente à sombra.

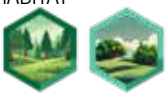
MORFOLOGIA

Possui um caule ereto e ramificado. A folha é oposta, lanceolada a ovalada, em tons cinza-esverdeados. A inflorescência é achatada, com flores esbranquiçadas caídas que possuem um grande cálice campanulado em forma de barril/sino e com uma rede de veias acastanhadas, que a torna facilmente reconhecível. O fruto é esférico e com sementes muito pequenas no seu interior.

ESPÉCIES SIMILARES

Silene uniflora

HABITAT



PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Silene longicilia (Brot.) Otth

Silene-calcícola

TAXONOMIA
Dicotyledons
Caryophyllales
Caryophyllaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

LC LU

BIOMETRIAS
Altura: 90 cm
Var. Alt.: 30-510 m

CICLO DE VIDA
Perene

LONGEVIDADE
Sem dados

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
FLOR
FRUTO

BIOLOGIA

Prefere afloramentos rochosos calcários, surgindo em pequenas fissuras, espaços abertos ou nas clareiras de matos mediterrânicos relativamente fechados. Tanto o fogo como o corte da vegetação favorecem o seu crescimento.

MORFOLOGIA

O caule é bem desenvolvido e lenhoso na base. A roseta basal apresenta folhas espatuladas. Tanto o caule, como a folha são desprovidos de pelos. Possui flores hermafroditas, dispostas em inflorescências assimétricas, raramente surgindo flores sozinhas num só eixo floral. O cálice possui uma forma quase cilindrica, estreita, raramente em forma de campânula. Durante a pré-floração as flores apresentam um aspeto contorcido. Ostenta três estiletes. A semente possui a forma de globo e é áspera.

ESPÉCIES SIMILARES

Silene latifolia

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

2

Atriplex halimus L.

Salgadeira

TAXONOMIA
Dicotyledons
Caryophyllales
Amaranthaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE MD

BIOMETRIAS
Altura: 2,5 m
Var. Alt.: 0-70 m

CICLO DE VIDA
Folha persistente

LONGEVIDADE
50 anos

BIOLOGIA

Prefere solos arenosos ou argilosos, em especial perto de água salgada ou salobra. A folha pode ser usada para fazer saladas, conferindo um toque salgado. Pode ser utilizada para estabilizar dunas ou arribas perto de praias.

MORFOLOGIA

Possui um tronco muito ramificado, de tons cinzento-esbranquiçado. As folhas dispõem-se de forma alternada, são pulverulentas, ovadas, ligeiramente dentadas na base e em tons branco-prateadas. A inflorescência é em forma de espiga terminal. A flor é unissexual, agrupada em glomérulos e de tons amarelados. A flor masculina é pouco evidente. O fruto é uma núcula séssil envolvida por valvas, preso pela base, reniforme e em tons esbranquiçados.

ESPÉCIES SIMILARES

Atriplex glauca

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

6 7

Beta maritima L.

Acelga-brava, celga-brava

TAXONOMIA
Dicotyledons
Caryophyllales
Amaranthaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE MD

BIOMETRIAS
Altura: 80 cm
Var. Alt.: 0-230 m

CICLO DE VIDA
Perene

LONGEVIDADE
10 anos

BIOLOGIA

Prefere solos arenosos, relativamente perto do mar, em especial terrenos húmidos e bem drenados. Evita áreas com sombra.

MORFOLOGIA

Planta rasteira, com a raiz fina e talos prostrados, ou seja, descaídos e junto ao solo. A sua folha é verde-escuras, as inferiores onduladas e triangulares, enquanto as folhas superiores são estreitas e ovais. Possui flores hermafroditas, individuais, minúsculas e em tons esverdeados, que são polinizadas através do vento. O fruto é perianto endurecido e rígido.

ESPÉCIES SIMILARES

Beta macrocarpa; Beta vulgaris

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

2 6 7

Alnus glutinosa (L.) Gaertn.

Amieiro

TAXONOMIA
Dicotyledons
Fagales
Betulaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Altura: 25 m
Var. Alt.: 10-830 m

CICLO DE VIDA
Folha caduca

LONGEVIDADE
160 anos

BIOLOGIA

Prefere locais inundados e húmidos, em especial junto de rios e ribeiras, suportando períodos de submersão das raízes. O fruto é tóxico. De forma a facilitar a dispersão através da água, a sua semente possui tecidos cheios de ar. Por possuir madeira resistente à água, foi utilizado para construir diversos utensílios agrícolas.

MORFOLOGIA

Possui uma copa regular e piramidal, com ramificação irregular. O tronco é liso e em tons pardo-acinzentado no indivíduo juvenil e vai ganhando fendas com a idade e tornando-se mais escuro. A folhas é simples, alternada, obovada, de margens dentadas, sendo a página superior glabra, e a página inferior com tufos de pelos nas nervuras. A flor encontra-se agrupada em amentos de tons acastanhados. O fruto é um aquénio plano, pequeno e com escamas lenhosas, em tons negro-acastanhado quando maduro.

ESPÉCIES SIMILARES

Inconfundível

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Crataegus monogyna Jacq.

Pilriteiro, espinheiro-alvar, branca-espinha, escalheiro, estrepoeiro, estrepeiro, maçãs-de-passarinho, carapeteiro

TAXONOMIA
Dicotyledons
Rosales
Rosaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Altura: 10 m
Var. Alt.: 10-870 m

CICLO DE VIDA
Folha caduca

LONGEVIDADE
700 anos

BIOLOGIA

Prefere locais frescos e húmidos. Verifica-se uma grande variação no formato das folhas dentro da mesma árvore. Esta pequena árvore serve de refúgio e fonte de alimentação para inúmeras espécies de aves, insetos e mamíferos. É utilizada na alimentação, na medicina, na carpintaria e para aquecimento.

MORFOLOGIA

Possui a casca fibrosa, por vezes com pequenas fissuras, de tons acastanhados. Os ramos encontram-se cobertos de espinhos longos e aguçados que nascem nas axilas das folhas. A folha é simples, disposta alternadamente, com 3 a 7 lobos, dentada, possuindo a página superior em tons verde-escuros e tons pálidos na inferior. Tem flores hermafroditas, de tons esbranquiçados, reunidas em corimbos. O fruto é um pomo ovoide, de tons vermelhos-vivos.

ESPÉCIES SIMILARES

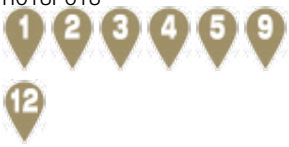
Inconfundível

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS



Quercus faginea Lam.

Carvalho-cerquinho, pedamarro, carvalho-português, carvalho-folhudo, cerquinho

TAXONOMIA
Dicotyledons
Fagales
Fagaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Altura: 20 m
Var. Alt.: 10-470 m

CICLO DE VIDA
Folha persistente

LONGEVIDADE
600 anos

BIOLOGIA

Não tem preferência pelo tipo de solo, no entanto, prefere locais protegidos das geadas e com temperaturas amenas durante o inverno, como áreas termófilas e encostas frescas e sombrias, viradas a norte. Possui folhagem marcescente, ou seja, que permanece na árvore mesmo depois de seca, dando o aspeto de ter ramificações mortas. A sua bolota é utilizada para produzir pão ou como alimento na pecuária.

MORFOLOGIA

Apresenta tronco grosso e direito, com uma casca pouco grossa, muito rugosa de tons acastanhados. A sua copa é ampla e esférica. A folha é tomentosa plana e ovado-lanceolada, com o bordo serrilhado e dentes triangulares agudos. As flores reúnem-se em amentilhos. O fruto séssil é mais conhecido como bolota, com uma cúpula a cobrir parte da bolota.

ESPÉCIES SIMILARES

Quercus canariensis

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Quercus suber L.

Sobreiro, sobreira, sobro, chaparro, sôvero, sovereiro, chaparreiro

TAXONOMIA
Dicotyledons
Fagales
Fagaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE MD

BIOMETRIAS
Altura: 25 m
Var. Alt.: 10-670 m

CICLO DE VIDA
Folha persistente

LONGEVIDADE
200 anos

BIOLOGIA

O sobreiro foi instituído como árvore nacional em 2011. Prefere substratos siliciosos e forma povoamentos denominados de sobreirais/soutos. Possui uma elevada importância económica, tornando Portugal no maior produtor de cortiça (casca). A bolota é utilizada na alimentação e a madeira para aquecimento (lenha).

MORFOLOGIA

Possui uma copa ampla e irregular. A sua casca é grossa e cheia de fendas, em tons cinzento-escuros, conhecida por cortiça (a camada superficial da casca). Apresenta folhas ovadas ou oblongas, de tons verde-escuros na página superior e cinzento-tomentosas na página inferior. A flor masculina reúne-se em amentilhos e a feminina é solitária ou em pares. O fruto é uma glande de cúpula cónica e aveludada, comummente conhecida como bolota.

ESPÉCIES SIMILARES

Quercus rotundifolia

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 3 5 8 10

11 12 14

Quercus coccifera L.

Carrasco, carrasqueiro, carvalho-dos-quermes, verdadeiro-carrasco

TAXONOMIA
Dicotyledons
Fagales
Fagaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE MD

BIOMETRIAS
Altura: 3 m
Var. Alt.: 10-480 m

CICLO DE VIDA
Folha persistente

LONGEVIDADE
200 anos

BIOLOGIA

Embora não tenha preferência por um tipo de solo, encontra-se associada a solos calcários. É habitual crescer na orla de bosques de outros carvalhos. Pode hibridar com o *Quercus rotundifolia*, a azinheira.

MORFOLOGIA

Forma um entrelaçado impenetrável devido à abundante ramificação desde a base. Possui folhas onduladas, glabras e com a margem serrilhada, em tons esverdeados e brilhantes. A flor masculina, pequena, que facilmente passa despercebida, está agrupada em espiga de tons amarelados. A flor feminina é solitária, nascendo na mesma planta. O fruto provem de uma só semente, sendo designados de bolota, e possui uma cúpula coberta por escamas que cobre parte da bolota.

ESPÉCIES SIMILARES

Quercus coccifera; Quercus lusitanica; Quercus rotundifolia

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Quercus rotundifolia (Lam.)

Azinheira, azinho, carrasco, azinheira-de-bolota-doce, carrasca, sardoeira

TAXONOMIA
Dicotyledons
Fagales
Fagaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE MD

BIOMETRIAS
Altura: 20 m
Var. Alt.: 10-830 m

CICLO DE VIDA
Folha persistente

LONGEVIDADE
300 anos

BIOLOGIA

Produz bolotas grandes e doces, muito apreciadas na alimentação. A madeira é utilizada para aquecimento. Espécie importante para os ecossistemas, fornecendo alimento a variados animais durante o inverno quando as bolotas ficam maduras. Prefere zonas com verões quentes e secos, e é capaz de sobreviver a invernos com temperaturas baixas.

MORFOLOGIA

Possui uma copa ampla e irregular. Tem um sistema de raízes profundo, horizontal e com rebentos de toiça. O tronco possui uma casca com fissuras pequenas e produz ramos grossos, de tons acinzentados. A folha é simples, alternada, pequena, lanceolada, com margens dentado-espinhosas, em tons verde-escuros na página superior e esbranquiçados na inferior. A flor masculina reúne-se em amentilhos, enquanto a feminina é solitária. O fruto, a bolota, é coberta na base por uma cúpula cheia de escamas.

ESPÉCIES SIMILARES

Quercus coccifera; Quercus suber; Quercus ilex

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

2 12 13

Rosa sempervirens L.

Roseira-brava-de-folha-perene, roseira-brava

TAXONOMIA
Dicotyledons
Rosales
Rosaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE MD

BIOMETRIAS
Altura: 6 m
Var. Alt.: 10-250 m

CICLO DE VIDA
Perene

LONGEVIDADE
Sem dados

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
FLOR
FRUTO

BIOLOGIA

Prefere solos húmidos, frescos e profundos, que possuam uma grande quantidade de azoto. O seu fruto possui diversas propriedades medicinais, sendo utilizado como sedativo fraco. Esta espécie silvestre foi utilizada para criar diversos híbridos com outras roseiras que atualmente são utilizados como plantas ornamentais para fins de jardinagem.

MORFOLOGIA

Arbusto trepador, que apresenta um caule lenhoso, circular e curvo. A folha verde-brilhante insere-se alternadamente no caule e é composta. A folha tem 5 a 7 folíolos, ovados, acuminados, e com a margem serrilhada. A flor branca é normalmente solitária, ou reúne-se em inflorescências corimbiformes, tem 1 ou 2 brácteas, e são levemente perfumadas. O fruto é cinórrodo, seco, ovoide e de tons avermelhados.

ESPÉCIES SIMILARES

Rosa pouzinii; Rosa micrantha; Rubus ulmifolius

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 5 8 9 13 14

Rubus ulmifolius Schott

Silva-comum, silvas, amoreira-brava, silva-ulmeira, amoras-silvestres, silvado-bravo

TAXONOMIA
Dicotyledons
Rosales
Rosaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Altura: 3 m
Var. Alt.: 10-810 m

CICLO DE VIDA
Folha persistente

LONGEVIDADE
Sem dados

BIOLOGIA

Pequeno arbusto trepador, que forma moitas densas e impenetráveis (silvados). Ocorre em diferentes tipos de solo, desde que com alguma humidade. É muito procurada pelo seu fruto comestível (amora), que pode ser consumido cru ou utilizado para confecionar diversos tipos de doces. São muitos os animais que consomem as suas folhas e frutos.

MORFOLOGIA

Possui caules de tons violáceos, cobertos de espinhos, que crescem sobretudo na horizontal. A folha é composta, disposta alternadamente, formada por 3 a 5 folíolos de aspeto diferente, dispostos em forma de palma e de margem serrilhada. A folha possui tons verde-escuros na página superior e mais pálidos nas inferiores. As flores hermafroditas e solitárias, dispõem-se em inflorescências piramidais, e têm pétalas em tons entre o branco e o rosado. O fruto (amora) é uma polidrupa, de forma globosa, com um sabor doce e em tons pretos quando maduro.

ESPÉCIES SIMILARES

Rubus lainzii; Rosa sempervirens

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Rhamnus alaternus (L.)

Sanguinho-das-sebes, aderno-bastardo

TAXONOMIA
Dicotyledons
Rosales
Rhamnaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE MD

BIOMETRIAS
Altura: 5 m
Var. Alt.: 10-490 m

CICLO DE VIDA
Folha persistente

LONGEVIDADE
80 anos

BIOLOGIA

Encontrado em zonas assombreadas de florestas, bosques, parques e jardins. Não apresenta nenhuma preferência pelo tipo de solo onde cresce. Gosta de ambientes quentes, no entanto, é capaz de tolerar dias mais frios durante o inverno. Tem a capacidade de crescer rapidamente, sendo escolhida para espaços a reflorestar. É um arbusto utilizado para preparar diferentes fármacos para uso medicinal, pelas suas propriedades laxantes, diuréticas e depurativas. A sua madeira foi essencialmente utilizada para o fabrico de pentes.

MORFOLOGIA

Possui um tronco muito ramificado, o que lhe confere uma copa arredondada e densa. As folhas dispõem-se alternadamente nos caules, são simples, ligeiramente serrilhadas, de tons verde-escuros nas páginas superiores e mais pálido nas inferiores. A flor discreta encontra-se disposta em cachos densos. O fruto é uma drupa de tons pretos quando amadurecidos.

ESPÉCIES SIMILARES

Phillyrea latifolia

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Ficus carica L.

Figueira, baforeira, figueira-brava, bebereira

TAXONOMIA
Dicotyledons
Rosales
Moraceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE MD

BIOMETRIAS
Altura: 8 m
Var. Alt.: 10-620 m

CICLO DE VIDA
Folha caduca

LONGEVIDADE
75 anos

BIOLOGIA

O tronco emana um líquido leitoso e irritante para a pele e para as mucosas quando cortado, no entanto, este líquido é utilizado na cosmética. O fruto é utilizado na alimentação, tanto fresco como seco; é rico em açúcares e vitaminas, e por isso, muito procurado para a confeção de pratos, sobremesas e bolos.

MORFOLOGIA

Possui um tronco ondulante e ramificado, com casca lisa e de tons acinzentados. Apresenta uma copa ampla com ramos compridos e horizontais, cobertos de cicatrizes das folhas que já caíram. A sua folha é muito grande, áspera, peciolada, com 3 a 7 lóbulos, de tons verde-escuros na página superior e pálidos na página inferior, que está repleta de pelos duros. A flor é pequena e está contida num recetáculo carnudo e em forma de pera. A infrutescência é sícone, mais conhecida por figo, possui polpa comestível e contêm os pequeníssimos frutos, os aquénios.

ESPÉCIES SIMILARES

Inconfundível

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Celtis australis L.

Lódão, lodoeiro, lodão-bastardo, agreira, ginginha-de-rei

TAXONOMIA
Dicotyledons
Rosales
Ulmaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE MD

BIOMETRIAS
Altura: 30 m
Var. Alt.: 20-550 m

CICLO DE VIDA
Folha caduca

LONGEVIDADE
500 anos

BIOLOGIA

Prefere zonas temperadas. É resistente ao vento e à secura, não sendo exigente no tipo de solo que prefere. Nasce espontaneamente, no entanto, é também cultivado em parques e jardins. As folhas e os frutos são utilizados na medicina. O seu tronco possui uma madeira leve e flexível, fácil de trabalhar e por isso é muito utilizada no fabrico de utensílios e ferramentas.

MORFOLOGIA

Tem o tronco direito e liso, de tons acinzentados. A copa é ampla e cheia de ramificações. Possui folhas simples, alternas, com pecíolo bem desenvolvido e de forma lanceolada. A folha apresenta um serrilhado bem marcado na margem e encontra-se coberta de pelos na página superior, criando um efeito áspero ao toque. A flor cresce juntamente com as folhas nos novos ramos, é hermafrodita ou masculina, apresentando tons amarelados e nascendo sobre longos pedúnculos. O fruto é uma drupa, redondo e liso, em tons pretos quando amadurecido.

ESPÉCIES SIMILARES

Celtis occidentalis

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Ulmus minor L.

Ulmeiro, olmo, negrilho, álamo, lamegueiro, mosqueiro

TAXONOMIA
Dicotyledons
Rosales
Ulmaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Altura: 30 m
Var. Alt.: 10-860 m

CICLO DE VIDA
Folha caduca

LONGEVIDADE
500 anos

BIOLOGIA

Prefere solos frescos e profundos, perto de zonas com água, pois exige um valor mínimo de água no solo para sobreviver. A sua madeira é de excelente qualidade. Tem vindo a ser afetado pela grafiose dos ulmeiros, uma doença que tem devastado um grande número de árvores. É fonte de alimentação para muitas lagartas de borboletas.

MORFOLOGIA

Possui uma copa ampla e oval. O seu tronco é grosso, direito e em tons cinzento-acastanhados, sendo liso nos exemplares mais jovens e com ligeiras fendas nos adultos. As folhas dispõem-se alternadamente nos caules, são simples, ovado-lanceoladas, serrilhadas e assimétricas na base. A página superior é macia, a inferior é pubescente e com nervuras bem marcadas. As flores encontram-se agrupadas em cimeiras em tons rosa-purpúreos. Dá sâmaras, que são frutos obovados com uma asa, estando a semente no terço superior da sâmara.

ESPÉCIES SIMILARES

Ulmus glabra; Celtis autralis

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Ranunculus ficaria L.

Celidónia-menor, erva-das-hemorroidas, ficária, azedinha-amarela, erva-canária

TAXONOMIA
Magnoliopsida
Ranunculales
Ranunculales

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Altura: 50 cm
Var. Alt.: 10-930 m

CICLO DE VIDA
Perene

LONGEVIDADE
Sem dados

BIOLOGIA

Prefere zonas ripícolas ou relvados encharcados, em especial zonas húmidas e sombrias. Apenas as folhas jovens são utilizadas na alimentação, pois tornam-se tóxicas ao amadurecer, sendo o seu consumo desaconselhado após a floração.

MORFOLOGIA

Possui raízes tuberosas e fibrosas. O seu caule é carnudo e oco. A multiplicação vegetativa é realizada através dos bolbos presentes na zona axilar das folhas. A folha fortemente verde é oposta, ovada e peciolada. Produz flores amarelas, com 7 a 14 pétalas nectaríferas, de forma obovada, e com 3 sépalas ovais no cálice, em tons verde-amarelados. O fruto é um aquénio ovoide, comprido, liso e seco, que tem uma linha saliente em forma de quilha.

ESPÉCIES SIMILARES

Caltha palustris

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

© Sara Almeida

Laurus nobilis L.

Loureiro, louro, sempre-verde, loureiro-comum, loureiro-dos-poetas, loureiro-vulgar

TAXONOMIA
Magnoliopsida
Laurales
Familia

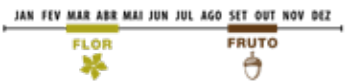
CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE MD

BIOMETRIAS
Altura: até 10 m
Var. Alt.: 10-570 m

CICLO DE VIDA
Folha persistente

LONGEVIDADE
100 anos



BIOLOGIA

Muito aromático, as suas folhas são utilizadas na alimentação, no entanto, os frutos são tóxicos e não devem ser ingeridos. Prefere solos frescos, em vertentes sombrias. É uma relíquia das antigas florestas de loureiro que cobriam a bacia do mediterrâneo quando o clima era mais húmido.

MORFOLOGIA

Possui uma copa densa e irregular. O seu tronco é direito e de tons verde-acastanhados ou acinzentados. Tem folhas simples, dispostas alternadamente, lanceoladas, com a página superior em tons verde-escuros e lustrosos, e tons pálidos na inferior. É uma espécie dioica, com flores de pequenas dimensões e dispostas em grupos de 4 a 6, que surgem nas axilas foliares. A flor tem tons branco-amarelados. Produz um fruto carnudo, de forma oval, semelhante a uma azeitona e de tons escuros quando amadurecido.

ESPÉCIES SIMILARES

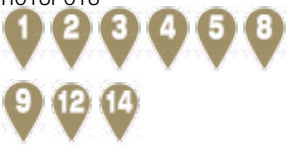
Prunus lusitanica; Pittosporum undulatum; Phillyrea latifolia; Nerium oleander

HABITAT

PORTE

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS



FUNGOS & LÍQUENES

O QUE É?

O reino Fungi compreende organismos eucarióticos unicelulares e pluricelulares que possuem paredes constituídas por quitina e glucanos, e cuja sua reprodução é realizada através de esporos. Este grupo de organismos ainda não reúne consenso na comunidade científica e, por vezes, são apelidados de micoflora, micobiota ou micota. Estima-se que existam cerca de 3,8 milhões de espécies de fungos, podendo ser observados em quase todos os habitats, desde as nossas casas até às planícies geladas da Antártida. No passado chegaram a estar incluídos no reino das Plantas, mas estudos genéticos mais recentes revelaram que são mais próximos aos animais. Os fungos não possuem clorofila, tal como os animais e, por isso, são incapazes de produzir o seu próprio "alimento", necessitando de outras fontes de energia para sobreviverem.

Existem três tipos de fungos. Os fungos micorrízicos (#1) conseguem estabelecer relações simbióticas mutualistas com diversas plantas hospedeiras. Têm a capacidade de ajudar as plantas a absorver água e nutrientes, e as plantas fornecem-lhes as moléculas orgânicas de que necessitam para sobreviver. Os fungos parasitas (#2), que tal como nome indica, parasitam animais ou plantas de forma a obterem os nutrientes essenciais para o seu metabolismo. E, finalmente, existem os fungos sapróbios (#3), ou também denominados de fungos decompositores, que vão colonizar diferentes substratos em decomposição para obter os nutrientes essenciais que necessitam para sobreviver.

Os cogumelos que observamos no campo são apenas a parte visível a olho nu do fungo e nele encontram-se as estruturas onde se formam os esporos, quase como um fruto que nasce no topo de uma árvore. Isto significa que a grande maioria dos fungos passa completamente despercebida, sendo constituídos por novelos de filamentos celulares finos e ramificados, ficando com um aspeto semelhante a uma rede, denominada por micélio. Os fungos reproduzem-se de forma assexuada e sexuada. A sua reprodução sexuada apresenta diferentes possibilidades e é bastante variável de espécie para espécie.

Se as condições forem favoráveis, os micélios podem desenvolver estruturas produtoras de esporos. No caso destas estruturas serem macroscópicas, isto é, visíveis a olho nu, aéreas e separáveis do substrato, estas possuem a designação de cogumelos; no entanto, caso estejam enterrados no solo, são designadas de trufas. Estes fungos produtores de cogumelos estão incluídos em dois filos, os Basiodiomicota e os Ascomycota. É do conhecimento geral a capacidade decompositora dos fungos; temos a hipótese de assistir a esta sua capacidade ao deteriorarem os nossos alimentos ou surgirem em paredes húmidas. Um dos fungos mais conhecidos é a levedura (*Saccharomyces cerevisae*) que é utilizado para produzir pão, vinho e cerveja. A sua capacidade de fermentar hidratos de carbono leva à produção de álcool (etanol) e dióxido de carbono. Os fungos são ainda uma fonte de alimentação, podem ser utilizados como agentes de controlo biológico e como fonte inexplorada de compostos ativos, com diversas aplicações na farmacologia e cosmética.

PORQUE SÃO IMPORTANTES?

Os fungos ajudam a equilibrar as cadeias tróficas dos ecossistemas e são responsáveis por inúmeros dos seus serviços, como por exemplo, manter a saúde dos sistemas florestais. A reciclagem de nutrientes é realizada pelos fungos sapróbios, juntamente com invertebrados e bactérias no solo, sendo asseguradas as diferentes moléculas essenciais para as diversas espécies de plantas.

RELAÇÕES ENTRE GRUPOS BIOLÓGICOS

Algumas plantas estabeleceram relações simbióticas com fungos micorrizos, que se foram desenvolvendo ao longo de milhares de anos de processos evolutivos, sendo que muitas espécies, como algumas orquídeas, não conseguem sobreviver sem os seus fungos simbiontes. Por seu lado, os fungos também dependem da sua flora hospedeira, pois não têm a capacidade para produzir os hidratos de carbono de que necessitam para sobreviver. Esta relação leva os fungos a fornecer alguns serviços essenciais à sobrevivência das plantas, como proteção contra diversos stresses ambientais (como um pH do solo desajustado, diferentes salinidades, períodos de seca, entre outros) e ainda contra o ataque de agentes patogénicos. Uma planta pode associar-se a diferentes fungos, de forma a usufruir dos seus diferentes serviços, e os fungos também se interligam com diferentes espécies de plantas para obterem todos os nutrientes que necessitam. Isto cria uma grande teia de comunicações no subsolo, entre as raízes de diversas plantas e os diferentes fungos, levando a uma interajuda entre todos. As nossas ações podem levar à quebra desta harmonia, criando impactos negativos nos povoamentos florestais que só são observados alguns anos mais tarde. Quando ocorrem alterações dramáticas nas camadas superficiais do solo, a comunidade fúngica deste altera-se e a quebra da rede de micélio, que não é visível a olho nu, interrompe a comunicação entre as diferentes espécies de plantas e fungos. Quando esta rede é perturbada, as plantas hospedeiras ficam sem a proteção dos seus fungos parceiros, o que pode levar ao seu enfraquecimento e torná-las mais suscetíveis a pragas e doenças. Isto mostra que a conservação deve ser universal, e não focada em apenas alguns grupos.

NÚMEROS INTERESSANTES

No Concelho de Oeiras, encontram-se identificadas mais de 180 espécies de fungos.

FUNGOS & LÍQUENES NO GUIA

De todas as espécies que podem ser observadas no Concelho de Oeiras, foi feita uma seleção tendo em conta os diversos grupos tróficos, as diferentes características morfológicas e os diferentes habitats onde podem ser encontrados. A principal época de frutificação para grande parte dos macrofungos é o outono e o inverno; no entanto, algumas espécies produzem cogumelos que resistem até à primavera. Todas as informações disponibilizadas neste guia não pretendem ser um incentivo à colheita e consumo por pessoas inexperientes, declinando os autores qualquer responsabilidade pelo uso incorreto destas informações.

FIlo Ascomycota

Págs. 392 a 401

Número de espécies no guia: 10
Número de espécies em Oeiras: 73

São fungos que produzem esporos contidos numa estrutura chamada de ascoma. Engloba a maioria dos fungos com formas anamórficas, como as leveduras. Cada asco produz oito ascósporos, resultantes de uma meiose e de uma mitose.

Filo Basidiomycota

Págs. 404 a 413

Número de espécies no guia: 10
Número de espécies em Oeiras: 107

São fungos que produzem esporos numa estrutura com o formato de um bastão ou chapéu, ostentam um micélio septado, dividido por paredes celulares. São os mais conhecidos do público; existem diferentes espécies que são utilizadas na industria alimentar.

ASCOMICETOS

Phlyctis argena (Spreng.) Flot. (1850)

Líquene-cal

TAXONOMIA
Lecanoromycetes
Gyalectales
Phlyctidaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Altura: 5 mm
Diâmetro: 7 cm

GRUPO TRÓFICO
Biotrófico

LONGEVIDADE
Sem dados

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
OBSERVAÇÃO

BIOLOGIA

Pode ser observado a crescer na casca de árvores de folha caduca, por vezes, crescendo em pedras. Surge em locais assombreados ou bem iluminados. A sua abundância tem vindo a aumentar nos últimos 50 anos, presumivelmente devido a alterações nos níveis de poluição.

MORFOLOGIA

Possui um talo fino e crustoso, em tons esbranquiçados, acinzentados ou verde-acinzentados. Apresenta um padrão rugoso e ligeiramente fissurado. Os sorédios encontram-se dispersos em manchas irregulares, sendo granulosos e em tons esbranquiçados.

ESPÉCIES SIMILARES

Phlyctis agelaea; Pertusaria coccodes; Pertusaria pseudocorallina; Buellia griseovirens

HABITAT

SUBSTRATO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2

Pertusaria pertusa (L.) Tuck.

Líquene-encrustante

TAXONOMIA
Lecanoromycetes
Pertusariales
Pertusariaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Altura: 2 mm
Diâmetro: 5-10 cm

GRUPO TRÓFICO
Biotrófico

LONGEVIDADE
Sem dados

BIOLOGIA

Pode ser observado nas cascas de árvores isoladas ou dentro de bosques, preferindo cascas lisas. Por vezes, pode ser observado em rochas siliciosas e paredes.

MORFOLOGIA

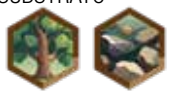
Líquen crustoso, de talo espesso, verrugoso e levemente fissurado, em tons verde-acinzentado ou acinzentado ligeiramente brilhante. Possui 4 a 10 verrugas tuberculiformes, convexas e orbiculares, nos mesmos tons que o talo e diversas frutificações abertas em forma de um poro escuro.

ESPÉCIES SIMILARES

Pertusaria leioplaca

HABITAT

SUBSTRATO



OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Diploicia canescens (Dicks.) A.Massal., 1852

Líquene branco-acinzentado

TAXONOMIA
Lecanoromycetes
Caliciales
Caliciaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Altura: 5 mm
Diâmetro: 6 cm

GRUPO TRÓFICO
Biotrófico

LONGEVIDADE
Sem dados

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
OBSERVAÇÃO

BIOLOGIA

Assemelha-se a uma crosta, e encontra-se fortemente preso ao substrato, que pode ser o tronco ou ramo de uma árvore, mas também rochas e muros. Cresce em diferentes condições, sendo tolerante à poluição atmosférica.

MORFOLOGIA

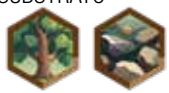
Líquene crustoso em forma de roseta. Possui o talo em tom esbranquiçado, e ligeiramente comprido. Apresenta os sorédios mais claros na superfície do talo, sendo estes responsáveis pela sua reprodução assexuada. Pode ser observado apotécio num disco preto, onde decorre a reprodução sexuada.

ESPÉCIES SIMILARES

Lobothallia radiosa; Caloplaca teicholyta; Coscinocladium gaditanum

HABITAT

SUBSTRATO



OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 8 9

Physcia adscendens (Fr.) H. Olivier

Líquene-de-capuz

TAXONOMIA
Lecanoromycetes
Caliciales
Physciaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Altura: 5 cm
Diâmetro: 5 cm

GRUPO TRÓFICO
Biotrófico

LONGEVIDADE
Sem dados

BIOLOGIA

Pode ser observado em troncos e ramos de árvores, e por vezes em rochas e muros. Raramente apresenta apotécios, as estruturas responsáveis pela reprodução sexuada, ao contrário dos sorédios que são abundantes e responsáveis pela reprodução assexuada. Resistentes à poluição atmosférica.

MORFOLOGIA

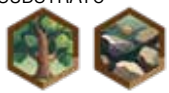
Possui um aspeto foliáceo e circular. Apresenta o talo em tons acinzentados na face superior e clara na face inferior. Os lobos estreitos e eretos, em tons esbranquiçados. Ostenta cílios compridos em tons claros com as pontas pretas. Possui sorédios pequenos em forma de capuz na extremidade dos lóbulos.

ESPÉCIES SIMILARES

Physcia tenella

HABITAT

SUBSTRATO



OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Xanthoria parietina (L.) Th.Fr (1861)

Líquene-dos-telhados

TAXONOMIA
Lecanoromycetes
Teloschistales
Teloschistaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Altura: 1 cm
Diâmetro: 15 cm

GRUPO TRÓFICO
Biotrófico

LONGEVIDADE
Sem dados

BIOLOGIA

Pode ser observado em troncos, rochas, muros e telhados, preferindo zonas bem iluminadas e com baixa humidade. É bastante tolerante à poluição atmosférica, sendo uma das espécies mais comuns nas cidades. Não ostenta sorédios, as estruturas responsáveis pela reprodução assexuada. É utilizado na produção de corantes para tintas.

MORFOLOGIA

Pode formar colónias. Possui o talo foliáceo, em forma de roseta. Apresenta lobos planos, com margens recortadas e ligeiramente levantadas. A face superior é enrugada e em tons amarelo-esverdeados. Na face inferior possuem rizinas simples e esbranquiçadas. Ostenta numerosos apotécios no centro do talo, em forma de taça e alaranjados.

ESPÉCIES SIMILARES

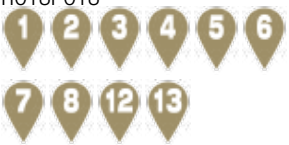
Xanthoria calcicola

HABITAT

SUBSTRATO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS



Ramalina canariensis J. Steiner (1904)

Líquene-de-cinta-deselegante

TAXONOMIA
Lecanoromycetes
Lecanorales
Ramalinaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Altura: 3-6 cm
Diâmetro: 3 cm

GRUPO TRÓFICO
Biotrófico, sapróbio

LONGEVIDADE
Sem dados

BIOLOGIA

É um dos líquenes mais abundantes, podendo ser observado em ramos mortos de árvores ou arbustos vivos. Prefere locais com probabilidade de ocorrência de neblinas, sendo frequente em zonas costeiras.

MORFOLOGIA

Possui um talo fruticuloso em tons amarelo-esverdeados, irregularmente ramificado, formado por uma lacínia inicial e depois diversas lacínias retorcidas e ramificadas.

ESPÉCIES SIMILARES

Ramalina lacera; Ramalina farinacea; Ramalina fastigiata

HABITAT

SUBSTRATO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Flavoparmelia caperata (L.) Hale (1986)

Parmélia-verde

TAXONOMIA
Lecanoromycetes
Lecanorales
Parmeliaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Altura: 1 cm
Diâmetro: 20 cm

GRUPO TRÓFICO
Biotrófico, sapróbio

LONGEVIDADE
Sem dados

BIOLOGIA

Pode ser observado em troncos e ramos mais velhos de árvores e arbustos, raramente em rochas ou muros. Resiste à poluição atmosférica.

MORFOLOGIA

É um líquene foliáceo que forma uma roseta irregular. Apresenta um talo com tons verde-amarelados na parte superior, e tons pretos na face inferior, apresentando as extremidades acastanhadas. Ostenta lobos largos, irregulares e arredondados. Raramente ostenta apotécios (reprodução sexuada), e os sorédios (reprodução assexuada), com forma crateriforme, podem ser observados na superfície do talo.

ESPÉCIES SIMILARES

Parmelia flaventior; Parmeliopsis ambigua; Parmelia soredians

HABITAT

SUBSTRATO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Evernia prunastri (L.) Ach. (1810)

Evernia, orzella-do-reino

TAXONOMIA
Lecanoromycetes
Lecanorales
Parmeliaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Altura: 10 cm
Diâmetro: 4 cm

GRUPO TRÓFICO
Biotrófico, sapróbio

LONGEVIDADE
Sem dados

BIOLOGIA

Pode ser observado em troncos e ramos de diversas espécies de árvores, preferindo locais húmidos e expostos ao sol. Raramente desenvolve apotécios (reprodução sexuada). Não é muito tolerante à poluição atmosférica. É utilizado para a produção de perfumes.

MORFOLOGIA

Tem um talo fruticuloso, que pode nascer ereto ou pendente. Apresenta lobos achatados dorso-ventralmente, muito ramificados e com as axilas em forma de V. Ostenta tons verde-amarelados ou verde-acinzentados na face superior do talo e tons esbranquiçados na face inferior. Possui um grande número de sorédios (reprodução assexuada) de aspeto arredondado e nas bordas dos lobos.

ESPÉCIES SIMILARES

Ramalina spp.; Pseudevernia furfuracea

HABITAT

SUBSTRATO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Chrysothrix candelaris (L.) J.R.Laundon (1981)

Líquene-pó-de-ouro

TAXONOMIA
Arthoniomycetes
Arthoniales
Chrysotrichaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Altura: 2 mm
Diâmetro: 5-12 cm

GRUPO TRÓFICO
Biotrófico

LONGEVIDADE
Sem dados

BIOLOGIA

Encontrado em fissuras de troncos, em zonas mais secas e sombrias. Muito raramente surge em rochas siliciosas. Não é muito tolerante à poluição atmosférica sendo pouco comum nas cidades.

MORFOLOGIA

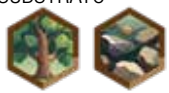
Possui um talo de aspeto granuloso, muito disperso e difuso, em tons amarelados vivos, por vezes, com ligeiros tons alaranjados ou esverdeados. O talo apresenta pequenos grânulos globosos. Não ostenta apotécios.

ESPÉCIES SIMILARES

Lepraria spp.; Caloplaca xantholyta; Chrysothrix chlorina

HABITAT

SUBSTRATO



OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Candelaria concolor (Dicks.) Stein (1879)

Líquene-limão

TAXONOMIA
Candelariomycetes
Candelariales
Candelariaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Altura: 0,5-2 cm
Diâmetro: 5-14 cm

GRUPO TRÓFICO
Biotrófico

LONGEVIDADE
Sem dados

BIOLOGIA

Pode ser observado nas cascas de diversas árvores raramente surgindo em pedras e postes de madeira. Prefere áreas bem iluminadas. Os sorédios são espalhados por aves. É utilizado no estudo anatómico de líquenes. É tolerante à poluição atmosférica, sendo comum em ambientes urbanos.

MORFOLOGIA

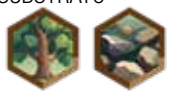
Possui um talo folioso que varia entre tons amarelo-claros a verde-amarelados. O talo é pequeno, mas ao agregar-se com outros acaba por formar grandes colónias. Os lobos são achatados e divididos. Tem sorédios granulares que podem ser observados nas margens dos lobos. Raramente ostenta apotécios, sendo estes minúsculos e difíceis de observar.

ESPÉCIES SIMILARES

Polycauliona candelaria; Candelariella reflexa; Vulpicida pinastri; Candelaria pacifica

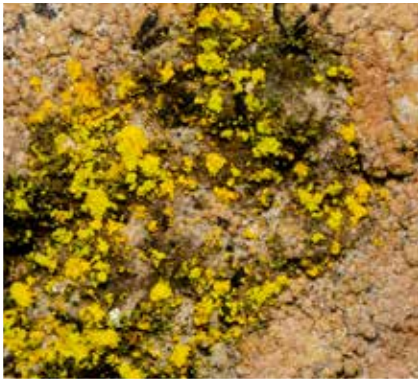
HABITAT

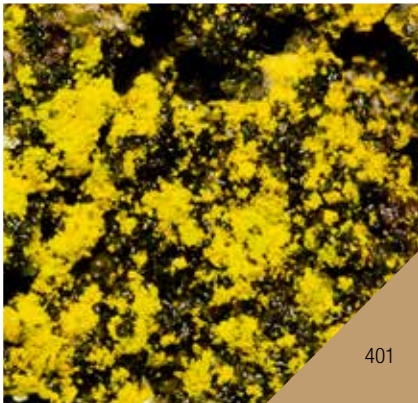
SUBSTRATO



OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS





BASIDIOMICETOS

Lactarius deliciosus (L. ex Fr.) S.F.Gray (1821)

Míscaro-do-pinheiro, sanchas, pinheiras, míscaro

TAXONOMIA
Agaricomycetes
Russulales
Russulaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Altura: 3-8 cm
Diâmetro: 3-15 cm

GRUPO TRÓFICO
Micorrízico

LONGEVIDADE
Sem dados

BIOLOGIA

É comestível, colhido e comercializado mundialmente. É utilizado para fins medicinais, devido às suas propriedades antioxidantes e antimicrobianas.

MORFOLOGIA

Tem um pé cilíndrico, ficando oco quando velho. Possui tons alaranjados ou avermelhados pálidos. Inicialmente apresenta um chapéu convexo que se torna plano e espalmado. A carne é quebradiça e quando danificada liberta uma seiva alaranjada. As lâminas encontram-se apertadas e possuem diferentes comprimentos, em tons alaranjados, mas que mudam para esverdeados quando velhas ou tocadas.

ESPÉCIES SIMILARES

Lactarius deterrimus; Lactarius quieticolor

HABITAT

SUBSTRATO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

8

Inonotus hispidus (Bull.) P. Karst., (1880)

Suporte-peludo

TAXONOMIA
Agaricomycetes
Hymenochaetales
Hymenochaetaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Altura: 2 cm
Diâmetro: 30 cm

GRUPO TRÓFICO
Sapróbio

LONGEVIDADE
Sem dados

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ

OBSERVAÇÃO

BIOLOGIA

Pode ser encontrado nos troncos principais de diversas espécies de árvores, surgindo até aos 6 metros de altura. É utilizado para fins medicinais, como anticancerígeno.

MORFOLOGIA

Possui um corpo frutificado, semicircular, séssil (sem pé), podendo surgir isolados ou imbricados. Ostenta uma superfície irregular, ondulada e coberta de pelos frágeis, em tons avermelhados ou amarelo-ferrugentos quando jovens, tornando-se mais escuros com a idade. Apresenta diversas faixas escuras em ziguezague na base. Esta zona é porosa, com a densidade de 2-3 poros/mm. A sua carne é esponjosa, húmida quando jovem e seca ao envelhecer, usualmente em tons castanho-amarelados.

ESPÉCIES SIMILARES

Fistulina hepatica; Inonotus tamaricis; Inonotus dryadeus

HABITAT

SUBSTRATO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

1 2 4 6 7 8 9

Laetiporus sulphureus (Bull.) Murrill (1920)

Galinha-do-bosque

TAXONOMIA
Agaricomycetes
Polyporales
Fomitopsidaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Altura: 5-25 cm
Diâmetro: 5-40 cm

GRUPO TRÓFICO
Sapróbio, parasita

LONGEVIDADE
Sem dados

BIOLOGIA

É um dos maiores e mais coloridos fungos que podem ser observados. Encontrado em troncos de árvores, a alguma altura do solo, tanto em árvores vivas como mortas. Surge de forma solitária ou em grupos compostos.

MORFOLOGIA

Cresce em aglomerados de prateleiras ou leques no tronco de árvores, possuindo tons amarelo-alaranjados brilhantes. Possui uma textura semelhante à camurça e uma carne macia e suculenta. Exala um forte aroma fúngico e um suco amarelado transparente. Fica secos e quebradiço ao envelhecer.

ESPÉCIES SIMILARES

Meripilus giganteus

HABITAT

SUBSTRATO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Cyclocybe aegerita (V. Brig.) Vizzini 2014

Cogumelo-do-choupo

TAXONOMIA
Agaricomycetes
Agaricales
Strophariaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Altura: 11 cm
Diâmetro: 3-15 cm

GRUPO TRÓFICO
Sapróbio

LONGEVIDADE
Sem dados

BIOLOGIA

Pode ser encontrado na base de troncos, em especial de choupos. É comestível e produzido de forma comercial. Possui diversas propriedades medicinais, a destacar o facto de ser anticancerígena.

MORFOLOGIA

Tem um chapéu amplamente convexo que se torna aplanado ao envelhecer. Os seus tons variam entre o castanho-amarelado e o castanho-escuro, tornando-se cremes com a idade. Possui uma margem ondulada e lisa. As lâminas são em tons cremes e vão ficando mais escuras. O caule (estipes) apresenta tons esbranquiçados, sendo cilíndrico, fibroso, duro e curvo, apresentando um anel membranoso na zona superior.

ESPÉCIES SIMILARES

Agrocybe praecox

HABITAT

SUBSTRATO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Leratiomyces ceres (Cooke & Masee) Spooner & Bridge (2008)

Cabeça-redonda-vermelho

TAXONOMIA
Agaricomycetes
Agaricales
Strophariaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Altura: 3-6 cm
Diâmetro: 2-6 cm

GRUPO TRÓFICO
Sapróbio

LONGEVIDADE
Sem dados

BIOLOGIA

Observado em lascas de madeira no solo, é comum em parques que sofram cortes frequentes no outono. Não deve ser consumido.

MORFOLOGIA

Possui um chapéu em tons avermelhados ou alaranjados brilhantes, seco e ligeiramente viscoso quando existe humidade. Observa-se resquícios de um véu parcial esbranquiçado que surge ainda em jovem. As lâminas são escuras, ficando com tons cinza-arroxeados com o envelhecimento. O caule é liso, em tons esbranquiçados, ostentando algumas manchas alaranjadas escuras.

ESPÉCIES SIMILARES

Leratiomyces squamosus; Agrocybe putaminum; Gymnopilus sapineus; Psathyrella gracilis; Stropharia squamosa; Stropharia thrausta; Tubaria furfuracea

HABITAT

SUBSTRATO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Coprinellus disseminatus (Pers.) J.E.Lange (1938)

Tinta-de-fada

TAXONOMIA
Agaricomycetes
Agaricales
Psathyrellaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Altura: 1-2 cm
Diâmetro: 0,5-1,5 cm

GRUPO TRÓFICO
Sapróbio

LONGEVIDADE
Sem dados

BIOLOGIA

Nunca se observa isolado, preferindo criar grandes colónias densas sobre troncos ou raízes de árvores apodrecidas. É mais espetacular quando os seus chapéus são jovens e pálidos, começando a escurecer passado três dias.

MORFOLOGIA

Ostenta um caule fino, oco e muito frágil, em tons esbranquiçados. O chapéu é achatado em forma de ovo, tons esbranquiçados, e vai abrindo com a idade e adotando uma forma de sino, ficando com as margens ligeiramente viradas para cima e em tons acinzentados. Possui lâminas em tons esbranquiçados, tornando-se pretas quando amadurecidas.

ESPÉCIES SIMILARES

Coprinellus domesticus; Coprinellus xanthothrix

HABITAT

SUBSTRATO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Coprinus comatus (O.F.Müll.) Pers. (1797)

Coprino-barbudo, coprino-cabeludo, gota-de-tinta

TAXONOMIA
Agaricomycetes
Agaricales
Agaricaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Altura: 6-20 cm
Diâmetro: 4-8 cm

GRUPO TRÓFICO
Sapróbio

LONGEVIDADE
Sem dados

BIOLOGIA

Pode ser observado em pastagens ou beiras de caminhos, quando ocorre a frutificação. Prefere zonas ricas em matéria orgânica e azoto. É consumido ainda jovem, devendo ser preparado logo após ser colhido.

MORFOLOGIA

Possui um chapéu ovoide, coberto de escamas e em tons esbranquiçados, ficando gradualmente campanulado e em tons pretos quando atinge a maturação. Ostenta um pé cilíndrico, esbelto e oco, em tons esbranquiçados, separando-se do chapéu quando tocado. Possui um anel esbranquiçado, pouco visível e muito frágil. Apresenta lâminas finas e unidas, em tons esbranquiçados, ficando pretas com o amadurecimento.

ESPÉCIES SIMILARES

Coprinopsis atramentaria; Podaxis pistillaris

HABITAT

SUBSTRATO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

12

Macrolepiota procera (Scop.) Singer (1948)

Frade, púcara, pucarinha, chapéu-de-sol, para-sol, roque, roca, roco, agasalho, gasalho, marifusa, tortulho, sentieiro, choteiro

TAXONOMIA
Agaricomycetes
Agaricales
Agaricaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

BIOMETRIAS
Altura: 10-30 cm
Diâmetro: 7-15 cm

GRUPO TRÓFICO
Sapróbio

LONGEVIDADE
Sem dados

BIOLOGIA

Ocorre isolado ou em pequenos grupos, formando “anéis-de-fada". É das espécies mais procuradas, devido ao seu tamanho e frequência sazonal.

MORFOLOGIA

Tem um chapéu globoso e ovoide quando nasce, tornando-se plano e com a margem franjada com a idade, ostentando escamas circulares, grandes e em tons acastanhados, formando um padrão tigrado. As lâminas são desiguais e moles, em tons esbranquiçados. Possui carne pouco espessa, macia e esbranquiçada, com um odor agradável. Ostenta um pé cilíndrico, alto e rígido, que facilmente se separa do chapéu. Tem um anel duplo e solto.

ESPÉCIES SIMILARES

Chlorophyllum rhacodes; Macrolepiota mastoidea; Chlorophyllum molybdites; Leucocoprinus brunnea; Amanita smithiana; Cystoderma amianthinum; Lepiota brunneoincarnata

HABITAT

SUBSTRATO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

Leucoagaricus leucothites (Vittad.) Wasser (1977)

Leucoagárico

TAXONOMIA
Agaricomycetes
Agaricales
Agaricaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Altura: 5-12 cm
Diâmetro: 4-15 cm

GRUPO TRÓFICO
Sapróbio

LONGEVIDADE
Sem dados

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ
OBSERVAÇÃO

BIOLOGIA

Pode ser observado em pequenos grupos em pastagens ou espaços abertos. Embora seja consumido com regularidade, alguns estudos indicam que possa ser levemente venenoso e por isso, não deve ser consumido em grandes quantidades.

MORFOLOGIA

O chapéu é campanulado tornando-se aplanado e com um ligeiro alto no centro com a idade, tons esbranquiçados e ligeiramente escamoso e com as margens curvas. Ostenta lâminas livres, em tons esbranquiçados que se tornam rosadas com o amadurecimento. Possui o pé cilíndrico e com base bulbosa, em tons esbranquiçados. Apresenta um anel alto e membranoso.

ESPÉCIES SIMILARES

Amanita ocreata; Agaricus campestris

HABITAT

SUBSTRATO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS

2 6 7 8

Clathrus ruber P. Micheli ex Pers. (1801)

Gaiola-de-bruxa

TAXONOMIA
Agaricomycetes
Phallales
Phallaceae

CONSERVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

NE PR

BIOMETRIAS
Altura: 20 cm
Diâmetro: 5-15 cm

GRUPO TRÓFICO
Sapróbio

LONGEVIDADE
Sem dados

BIOLOGIA

Pode ser observado isolado ou em pequenos grupos. Liberta um odor fétido, semelhante a carne podre, que atrai moscas e outros insetos que ajudam a dispersar os seus esporos.

MORFOLOGIA

Tem forma ovoide quando jovem, com diversos cordões miceliares na base, ostentando uma camada externa em tons branco-amarelados. Com o amadurecimento perde essa camada e revela um recetáculo formado por uma malha poligonal, esponjosa e mole, em tons vermelho-alaranjados, criando um formato semelhante a uma cesta.

ESPÉCIES SIMILARES

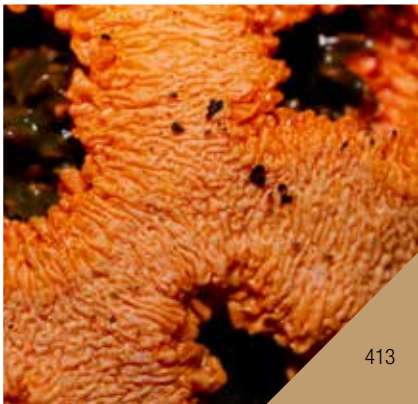
Calvatia cyathiformis; Clathrus crispus; Clathrus archeri

HABITAT

SUBSTRATO

OBSERVAÇÕES

HOTSPOTS



DESCUBRA MAIS

Aquário Vasco da Gama

O AVG é um dos mais antigos do mundo, tendo sido inaugurado a 20 de maio de 1898, expondo os espécies recolhidos durante as campanhas oceanográficas realizadas pelo Rei Dom Carlos I, no iate real "D. Amélia". Atualmente o aquário é gerido pela Marinha Portuguesa, conta com cinco salas, cerca de 90 aquários e mais de 300 espécies marinhas vivas e outras milhares de cariz museológico.

A visita a este espaço permite apreciar o vasto património histórico e científico que ele contém, com diversos animais marinhos conservados em meio líquido e réplicas em tamanho real. Ostenta ainda a coleção oceanográfica do Rei D. Carlos I, um verdadeiro explorador dos oceanos. Nos diferentes aquários podemos observar a riqueza faunística e florística de diversos recantos dos oceanos, desde invertebrados, fauna tropical de água doce e água salgada, e a importante fauna portuguesa, tanto de água salgada como de água doce. A cereja no topo do bolo é a presença de um exemplar de lula gigante com 8,20 metros de comprimento e 207 kg de peso.

Quinta de Recreio dos Marqueses de Pombal

Fica localizada perto da ribeira da Lage. A quinta tem a sua origem em propriedades adquiridas por Sebastião José de Carvalho, avô do futuro Marquês de Pombal. Nos seus primórdios caracterizava-se pela produção de azeite, vinho, frutas e cereais. As quintas e terrenos circundantes foram mais tarde adquiridos, levando a obras de melhoramentos no edificado e na vasta propriedade.

Atualmente, a Quinta de Recreio dos Marqueses de Pombal, integra a denominada Quinta de Baixo, onde se situa o palácio e jardins envolventes, e a Quinta de Cima ou Quinta Grande que corresponde a cerca de 80 por cento da área total desta propriedade, com cerca de 135 hectares. A Quinta de Cima é constituída por extensos terrenos onde se dispersam as antigas estruturas de recreio, nomeadamente a Casa da Pesca, a Cascata da Taveira ou dos Gigantes e a Cascata da Fonte do Ouro, bem como as estruturas de apoio à exploração agrícola, como a Casa dos Bichos da Seda, a Abegoaria Grande (atual Adega Casal da Manteiga), o Pombal, o Aqueduto do Arneiro, entre outras.

DESCUBRA MAIS

Guia de Campo de Insetos e Plantas de Oeiras

Este guia contem informação sobre 130 insetos e 70 plantas observadas em Oeiras durante o trabalho de inventariação realizado para a criação das Estações da Biodiversidade e Biospots dos Parques e Jardins do município. Do imenso grupo dos insetos, foram selecionadas espécies comuns de diversas ordens, para dar a conhecer libélulas e libelinhas, gafanhotos, grilos e saltões, louva-a-deus ou bichos-pau, embora nas grandes ordens de insetos - percevejos, moscas, borboletas e mariposas, vespas e abelhas - o foco recaia sobre as espécies que têm uma relação estreita com a flora.

Assim, em relação às plantas foram incluídas algumas das plantas herbáceas e arbustos que servem de suporte a esta diversidade. Este guia destina-se a todos os interessados em conhecer melhor a biodiversidade de Oeiras e contribuir ativamente para a sua inventariação e monitorização.

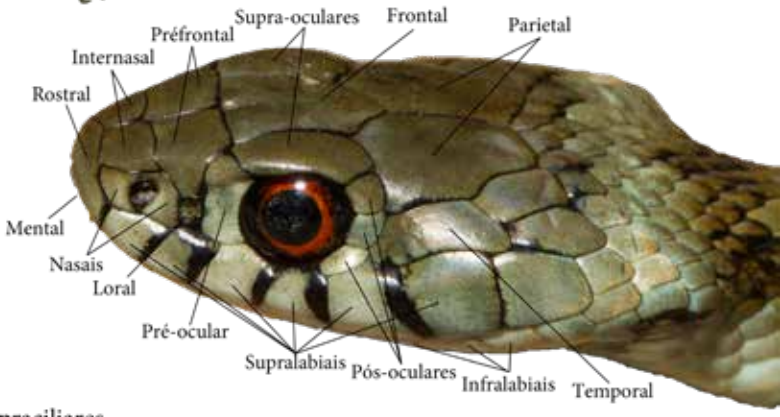
Atividades de Natureza

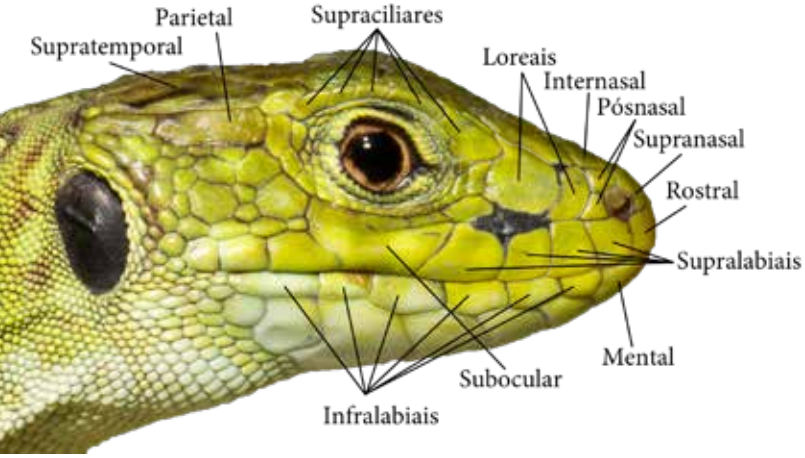
O Município de Oeiras dinamiza, ao longo de todo o ano, um conjunto de atividades destinadas a famílias e munícipes em geral, para promover o conhecimento dos ecossistemas locais e a sensibilização para a preservação da biodiversidade.

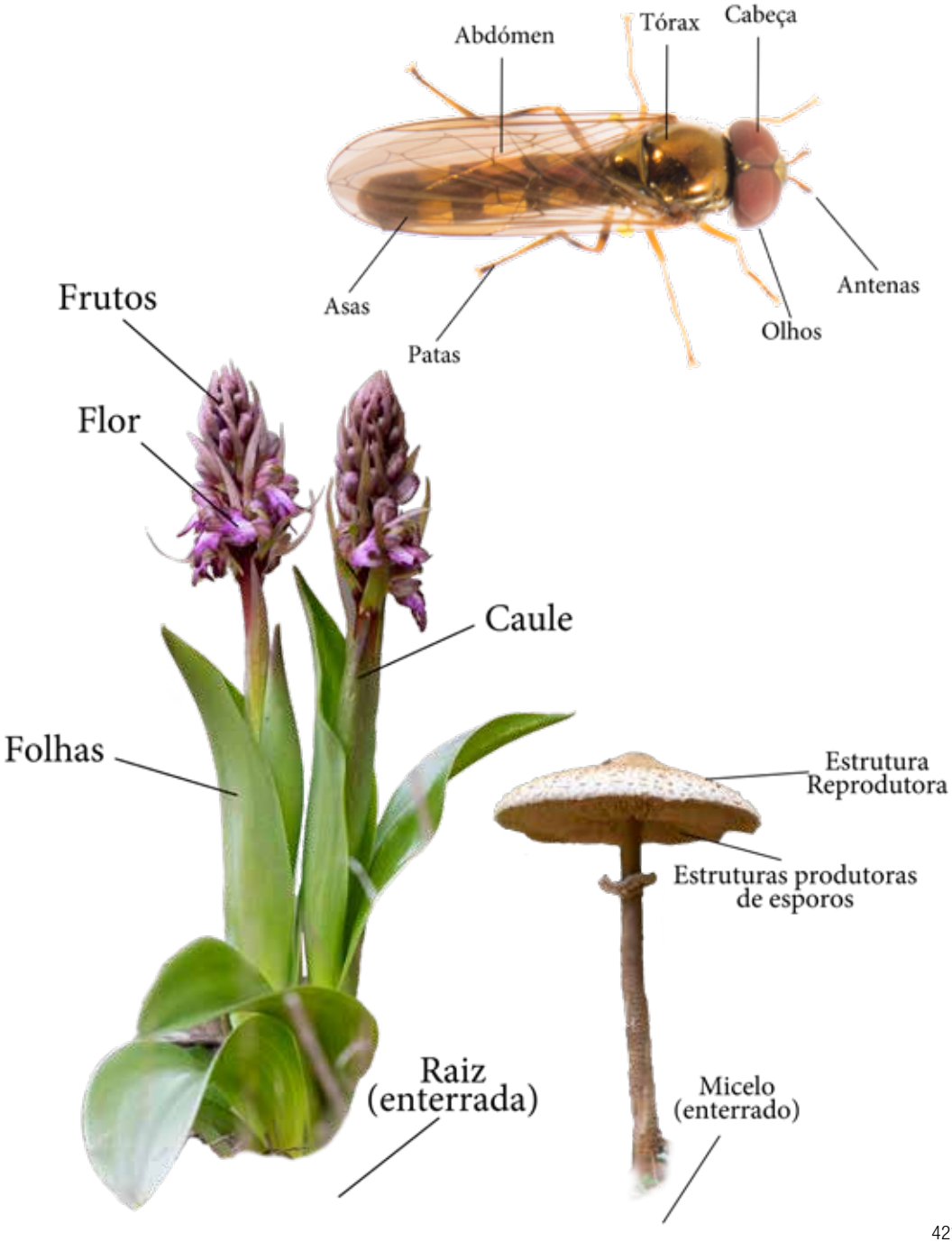
Neste âmbito, são realizados percursos de observação da natureza, oficinas práticas e *workshops* temáticos com a participação de monitores e investigadores especializados em cada tema.

A programação das atividades é divulgada através do evento 'Agenda da Natureza', disponível e divulgada nas redes sociais e agenda do portal municipal.

Coroa
Cobertura auricular
Fronte
Narinas
Nuca
Manto
Escapulares
Coberturas das primárias
Dorso
Terciárias
Uropígio
Coberturas supracaudais
Mento
Garganta
Peito
Pequenas coberturas
Coberturas médias
Grandes coberturas
Álula
Flancos
Abdómen
Coberturas infracaudais
Cauda (rectrizes)
Cloaca
Primárias
Secundárias
Coxa (tíbia)
Tarso


Supra-oculares
Frontal
Parietal
Préfrontal
Internasal
Rostral
Mental
Nasais
Loral
Pré-ocular
Supralabiais
Pós-oculares
Infralabiais
Temporal


Parietal
Supraciliares
Supratemporal
Loreais
Internasal
Pósnasal
Supranasal
Rostral
Supralabiais
Mental
Subocular
Infralabiais


Abdómen
Tórax
Cabeça
Asas
Patas
Olhos
Antenas
Frutos
Flor
Caule
Folhas
Raiz
(enterrada)
Estrutura
Reprodutora
Estruturas produtoras
de esporos
Micelo
(enterrado)

ESPÉCIES OBSERVADAS

ANIMALIA

CNIDARIA

- □ *Catostylus tagi* | Medusa-do-Tejo
- □ *Velella velella* | Veleiro
- □ *Physalia physalis* | Caravela-portuguesa
- □ *Anemonia viridis* | Anémona-do-mar
- □ *Actinia fragacea* | Anémona-morango
- □ *Actinia equina* | Tomate-do-mar

ECHINODERMATA

- □ *Marthasterias glacialis* | Estrela-do-mar-de-espinhos
- □ *Asterina gibbosa* | Estrela-do-mar-corcunda
- □ *Holothuria forskali* | Pepino-do-mar-negro
- □ *Ophiocomina nigra* | Ofiúro-negro
- □ *Paracentrotus lividus* | Ouriço-do-mar
- □ *Sphaerechinus granularis* | Ouriço-violeta

CORDADOS

- □ *Scyliorhinus canicula* | Pata-roxa
- □ *Anguilla anguilla* | Enguia-europeia
- □ *Iberochondrostoma lusitanicum* | Boga-portuguesa
- □ *Squalius pyrenaicus* | Escalo-do-sul
- □ *Cobitis paludica* | Verdemã-comum
- □ *Gobius cruentatus* | Caboz-de-boca-vermelha
- □ *Parablennius gattorugine* | Marachomba-babosa
- □ *Chelon labrosus* | Taínha-negrão
- □ *Atherina boyeri* | Peixe-rei-do-Mediterrâneo
- □ *Platichthys flesus* | Solha-das-pedras
- □ *Solea solea* | Linguado
- □ *Scomber colias* | Cavala
- □ *Diplodus sargus* | Sargo-legítimo
- □ *Sarpa salpa* | Salema
- □ *Balistes capriscus* | Peixe-porco
- □ *Lissotriton maltzani* | Tritão-de-ventre-laranja-meridional
- □ *Salamandra salamandra* | Salamandra-de-pintas-amarelas
- □ *Triturus pygmaeus* | Tritão-marmoreado-pigmeu
- □ *Bufo spinosus* | Sapo-comum-ibérico
- □ *Pelophylax perezi* | Rã-verde
- □ *Mauremys leprosa* | Cágado-mediterrânico
- □ *Tarentola mauritanica* | Osga-moura
- □ *Podarcis virescens* | Lagartixa-verde
- □ *Psammodromus algirus* | Lagartixa-do-mato-comum
- □ *Timon lepidus* | Sardão
- □ *Chalcides striatus* | Cobra-de-pernas-tridáctila
- □ *Blanus cinereus* | Cobra-cega
- □ *Malpolon monspessulanus* | Cobra-rateira
- □ *Hemorrhois hippocrepis* | Cobra-de-ferradura
- □ *Natrix maura* | Cobra-d'água-viperina
- □ *Zamenis scalaris* | Cobra-de-escada
- □ *Alectoris rufa* | Perdiz-vermelha
- □ *Apus apus* | Andorinhão-preto
- □ *Apus pallidus* | Andorinhão-pálido
- □ *Columba livia* | Pombo-doméstico
- □ *Columba palumbus* | Pombo-torcaz
- □ *Streptopelia decaocto* | Rola-brava
- □ *Streptopelia turtur* | Rola-turca
- □ *Anas platyrhynchos* | Pato-real
- □ *Gallinula chloropus* | Galinha-d'água
- □ *Fulica atra* | Galeirão-comum
- □ *Tachybaptus ruficollis* | Mergulhão-pequeno
- □ *Haematopus ostralegus* | Ostraceiro
- □ *Vanellus vanellus* | Abibe
- □ *Charadrius hiaticula* | Borrelho-grande-de-coleira
- □ *Anarhynchus alexandrinus* | Borrelho-de-coleira-interrompida
- □ *Numenius phaeopus* | Maçarico-galego
- □ *Limosa lapponica* | Fuselo
- □ *Arenaria interpres* | Rola-do-mar
- □ *Calidris alba* | Pilrito-das-praias
- □ *Calidris maritima* | Pilrito-escuro
- □ *Actitis hypoleucos* | Maçarico-das-rochas
- □ *Chroicocephalus ridibundus* | Guincho-comum
- □ *Ichthyaetus melanocephalus* | Gaivota-de-cabeça-preta
- □ *Larus michahellis* | Gaivota-de-patas-amarelas
- □ *Larus fuscus* | Gaivota-d'asa-escura
- □ *Larus marinus* | Gaivotão-real
- □ *Morus bassanus* | Ganso-patola
- □ *Phalacrocorax carbo* | Corvo-marinho-de-faces-brancas
- □ *Nycticorax nycticorax* | Goraz
- □ *Ardea ibis* | Garça-boieira
- □ *Egretta garzetta* | Garça-branca-pequena
- □ *Ardea cinerea* | Garça-real
- □ *Hieraaetus pennatus* | Águia-calçada
- □ *Accipiter nisus* | Gavião
- □ *Astur gentilis* | Açor
- □ *Buteo buteo* | Águia-de-asa-redonda
- □ *Tyto alba* | Coruja-das-torres
- □ *Bubo bubo* | Bufo-real
- □ *Strix aluco* | Coruja-do-mato
- □ *Athene noctua* | Mocho-galego
- □ *Alcedo atthis* | Guarda-rios

- □ *Jynx torquilla* | Torcicolo
- □ *Dendrocopos major* | Pica-pau-malhado-grande
- □ *Falco tinnunculus* | Peneireiro-comum
- □ *Falco peregrinus* | Falcão-peregrino
- □ *Upupa epops* | Poupa
- □ *Garrulus glandarius* | Gaio
- □ *Pica pica* | Pega-rabuda
- □ *Corvus corone* | Gralha-preta
- □ *Periparus ater* | Chapim-carvoeiro
- □ *Lophophanes cristatus* | Chapim-de-crista
- □ *Cyanistes caeruleus* | Chapim-azul
- □ *Parus major* | Chapim-real
- □ *Alauda arvensis* | Laverca
- □ *Galerida cristata* | Cotovia-de-poupa
- □ *Riparia riparia* | Andorinha-das-barreiras
- □ *Hirundo rustica* | Andorinha-das-chaminés
- □ *Ptyonoprogne rupestris* | Andorinha-das-rochas
- □ *Delichon urbicum* | Andorinha-dos-beirais
- □ *Cecropis rufula* | Andorinha-dáurica
- □ *Cettia cetti* | Rouxinol-bravo
- □ *Aegithalos caudatus* | Chapim-rabilongo
- □ *Phylloscopus trochilus* | Felosa-musical
- □ *Phylloscopus collybita* | Felosa-comum
- □ *Acrocephalus scirpaceus* | Rouxinol-pequeno-dos-caniços
- □ *Hippolais polyglotta* | Felosa-poliglota
- □ *Cisticola juncidis* | Fuinha-dos-juncos
- □ *Sylvia atricapilla* | Toutinegra-de-barrete-preto
- □ *Curruca melanocephala* | Toutinegra-de-cabeça-preta
- □ *Regulus ignicapilla* | Estrelinha-de-cabeça-listada
- □ *Troglodytes troglodytes* | Carriça
- □ *Sitta europaea* | Trepadeira-azul
- □ *Certhia brachydactyla* | Trepadeira-comum
- □ *Sturnus vulgaris* | Estorninho-malhado
- □ *Sturnus unicolor* | Estorninho-preto
- □ *Turdus merula* | Melro-preto
- □ *Turdus philomelos* | Tordo-pinto
- □ *Muscicapa striata* | Taralhão-cinzento
- □ *Ficedula hypoleuca* | Papa-moscas-preto
- □ *Erithacus rubecula* | Pisco-de-peito-ruivo
- □ *Luscinia megarhynchos* | Rouxinol-comum
- □ *Phoenicurus ochruros* | Rabirruivo-preto
- □ *Saxicola rubicola* | Cartaxo-comum
- □ *Oenanthe oenanthe* | Chasco-cinzento
- □ *Passer domesticus* | Pardal-doméstico
- □ *Motacilla flava* | Alvéola-amarela
- □ *Motacilla cinerea* | Alvéola-cinzenta
- □ *Motacilla alba* | Alvéola-branca
- □ *Anthus pratensis* | Petinha-dos-prados
- □ *Fringilla coelebs* | Tentilhão-comum
- □ *Chloris chloris* | Verdilhão-comum
- □ *Linaria cannabina* | Pintarroxo
- □ *Carduelis carduelis* | Pintassilgo
- □ *Serinus serinus* | Chamariz
- □ *Spinus spinus* | Lugre
- □ *Loxia curvirostra* | Cruza-bico
- □ *Emberiza calandra* | Trigueirão
- □ *Erinaceus europaeus* | Ouriço-cacheiro
- □ *Crocidura russula* | Musaranho-de-dentes-brancos
- □ *Rhinolophus hipposideros* | Morcego-de-ferradura-pequeno
- □ *Miniopterus schreibersii* | Morcego-de-peluche
- □ *Delphinus delphis* | Golfinho-comum
- □ *Tursiops truncatus* | Golfinho-roaz
- □ *Genetta genetta* | Gineta
- □ *Herpestes ichneumon* | Sacarrabos
- □ *Vulpes vulpes* | Raposa-vermelha
- □ *Sciurus vulgaris* | Esquilo-vermelho
- □ *Rattus norvegicus* | Ratazana-castanha
- □ *Apodemus sylvaticus* | Ratinho-do-campo
- □ *Mus spretus* | Rato-das-hortas
- □ *Mus musculus* | Rato-doméstico
- □ *Lepus granatensis* | Lebre-ibérica
- □ *Oryctolagus cuniculus* | Coelho-bravo

MOLLUSCA

- □ *Limax maximus* | Lesma-leopardo
- □ *Cornu aspersum* | Caracoleta
- □ *Otala lactea* | Caracol-leitoso
- □ *Theba pisana* | Caracol-das-cervejarias
- □ *Rumina decollata* | Caracoleta-rosca
- □ *Steromphala umbilicalis* | Burrié
- □ *Phorcus lineatus* | Caramujo
- □ *Patella depressa* | Lapa-de-pés-pretos
- □ *Aplysia fasciata* | Vinagreira-negra
- □ *Felimida purpurea* | Nudibrânquio-púrpura
- □ *Siphonaria pectinata* | Lapa-falsa-listrada
- □ *Lepidochitona cinerea* | Quítone-cinzento
- □ *Octopus vulgaris* | Polvo
- □ *Sepia officinalis* | Choco-comum
- □ *Acanthocardia tuberculata* | Berbigão-de-bicos
- □ *Pecten maximus* | Vieira

ESPÉCIES OBSERVADAS

□ *Chamelea gallina* | Vénus
□ *Mytilus galloprovincialis* | Mexilhão-mediterrânico

ANELIDA
□ *Eulalia clavigera* | Minhoca-marinha
□ *Eisenia fetida* | Minhoca-vermelha-fétida
□ *Lumbricus terrestris* | Minhoca-comum

ARTHROPODA
□ *Ommatoiulus moreleti* | Maria-café
□ *Aiolopus puissanti* | Gafanhoto-de-asas-verdes-de-Puissant
□ *Pezotettix giornae* | Gafanhoto-pançudo
□ *Lixus pulverulentus* | Gorgulho-da-malva
□ *Luciola lusitanica* | Pirilampo-lusitânico
□ *Oryctes nasicornis* | Escaravelho-rinoceronte
□ *Adalia decempunctata* | Joaninha-de-dez-pintas
□ *Oenopia conglobata* | Joaninha-esférica
□ *Aricia cramera* | Aricia
□ *Anthocharis cardamines* | Ponta-laranja
□ *Euchloe crameri* | Branca-de-manchas-verdes
□ *Euchloe belemia* | Branca-de-riscas-verdes
□ *Pontia daplidice* | Borboleta-branca-e-verde
□ *Acherontia atropos* | Borboleta-caveira
□ *Thaumetopoea pityocampa* | Processionária-do-pinheiro
□ *Lasiommata megera* | Mégera
□ *Andrena flavipes* | Abelha-mineira-comum
□ *Anthidium oblongatum* | Cotanilhosa-oblongada
□ *Crematogaster scutellaris* | Formiga-de-cabeça-vermelha
□ *Vespa crabro* | Vespão-europeu
□ *Bombus hortorum* | Abelhão-dos-jardins
□ *Cicada orni* | Cigarra-comum
□ *Volucella zonaria* | Mosca-imita-vespa
□ *Tipula oleracea* | Mosquito-tipulídeo
□ *Lucilia sericata* | Mosca-verde
□ *Calliphora vicina* | Varejeira-azul
□ *Saitis barbipes* | Aranha-saltadora-de-patas-barbadas
□ *Menemerus semilimbatus* | Papa-moscas-dos-laranjais
□ *Zoropsis spinimana* | Aranha-dos-troncos-grande
□ *Hogna radiata* | Aranha-lobo-radiada
□ *Thomisus onustus* | Aranha-florícola-de-tubérculos
□ *Synema globosum* | Aranha-caranguejo-de-Napoleão
□ *Argiope lobata* | Cesteira-dos-matos
□ *Araneus diadematus* | Tecedeira-de-cruz-cosmopolita
□ *Scolopendra cingulata* | Escolopendra-mediterrânica
□ *Lithobius forficatus* | Escolopendra
□ *Scutigera coleoptrata* | Centopeia-caseira
□ *Chthamalus montagui* | Craca-de-Montagu
□ *Armadillidium granulatum* | Bicho-de-conta
□ *Palaemon elegans* | Camarão-das-poças
□ *Eriphia verrucosa* | Caranguejo-murraceiro
□ *Porcellana platycheles* | Caranguejo-porcelana
□ *Necora puber* | Navalheira
□ *Pachygrapsus marmoratus* | Caranguejo-mármore
□ *Carcinus maenas* | Caranguejo-verde

PLANTAE

Ochrophyta
□ *Dictyota dichotoma* | Alga-castanha
□ *Fucus spiralis* | Bodelha-espiral
□ *Colpomenia peregrina* | Alga-cérebro

Rhodophyta
□ *Gelidium pusillum* | Alga-couve-flor
□ *Ellisolandia elongata* | Alga-coralina
□ *Chondria coerulescens* | Alga-iridescente
□ *Plocamium cartilagineum* | Alga-vermelha

Chlorophyta
□ *Ulva rigida* | Alface-do-mar
□ *Codium tomentosum* | Alga-verde

Clade Gymnospermae
□ *Pinus pinea* | Pinheiro-manso
□ *Pinus pinaster* | Pinheiro-bravo

Clade Angiospermae
□ *Chamaerops humilis* | Palmeira-anã
□ *Smilax aspera* | Salsaparrilha
□ *Tamus communis* | Uva-de-cão
□ *Asparagus aphyllus* | Espargueira-mediterrânica
□ *Himantoglossum robertianum* | Salepeira-grande
□ *Anacamptis pyramidalis* | Satirião-menor
□ *Cephalanthera longifolia* | Heleborina-branca
□ *Ophrys fusca* | Moscardo-maior
□ *Allium roseum* | Alho-rosado
□ *Narcissus papyraceus* | Narciso-de-inverno
□ *Typha domingensis* | Tabua
□ *Cyperus longus* | Junça-de-cheiro

□ *Lagurus ovatus* | Rabo-de-lebre
□ *Brachypodium phoenicoides* | Braquipódio
□ *Arisarum simorrhinum* | Capuz-de-frade
□ *Arbutus unedo* | Medronheiro
□ *Reichardia picroides* | Escorcioneira
□ *Viburnum tinus* | Folhado
□ *Sambucus nigra* | Sabugueiro
□ *Fraxinus angustifolia* | Freixo-comum
□ *Phillyrea latifolia* | Aderno
□ *Olea europaea var. sylvestris* | Zambujeiro
□ *Convolvulus althaeoides* | Corriola-rosada
□ *Convolvulus tricolor* | Azuraque
□ *Vinca difformis* | Pervinca
□ *Nerium oleander* | Loendro
□ *Daucus carota* | Cenoura-brava
□ *Apium nodiflorum* | Salsa-brava
□ *Pistacia lentiscus* | Aroeira
□ *Trifolium repens* | Trevo-branco
□ *Ceratonia siliqua* | Alfarrobeira
□ *Ulex jussiaei* | Tojo-durázio
□ *Lobularia maritima* | Açafate-da-praia
□ *Salix atrocinerea* | Salgueiro-preto
□ *Populus alba* | Choupo-branco
□ *Tamarix africana* | Tamargueira
□ *Silene vulgaris* | Erva-traqueira
□ *Silene longicilia* | Silene-calcícola
□ *Atriplex halimus* | Salgadeira
□ *Beta maritima* | Acelga-brava
□ *Alnus glutinosa* | Amieiro
□ *Crataegus monogyna* | Pilriteiro
□ *Quercus faginea* | Carvalho-cerquinho
□ *Quercus suber* | Sobreiro
□ *Quercus coccifera* | Carrasco
□ *Quercus rotundifolia* | Azinheira
□ *Rosa sempervirens* | Roseira-brava
□ *Rubus ulmifolius* | Silva-comum
□ *Rhamnus alaternus* | Sanguinho-das-sebes
□ *Ficus carica* | Figueira
□ *Celtis australis* | Lódão
□ *Ulmus minor* | Ulmeiro
□ *Ranunculus ficaria* | Celidónia-menor
□ *Laurus nobilis* | Loureiro

FUNGI

Ascomycota

☐ *Phlyctis argena* | Líquen-cal
☐ *Pertusaria pertusa* | Líquen-encrustante
☐ *Diploicia canescens* | Líquen-branco-acinzentado
☐ *Physcia adscendens* | Líquen-de-capuz
☐ *Xanthoria parietina* | Líquen-dos-telhados
☐ *Ramalina canariensis* | Líquen-de-cinta-deselegante
☐ *Flavoparmelia caperata* | Parmélia-verde
☐ *Evernia prunastri* | Evernia
☐ *Chrysothrix candelaris* | Líquen-pó-de-ouro
☐ *Candelaria concolor* | Líquen-limão

Basidiomycota

☐ *Lactarius deliciosus* | Míscaro-do-pinheiro
☐ *Inonotus hispidus* | Suporte-peludo
☐ *Laetiporus sulphureus* | Galinha-do-bosque
☐ Cyclocybe aegerita | Cogumelo-do-choupo
☐ *Leratiomyces ceres* | Cabeça-redonda-vermelho
☐ *Coprinellus disseminatus* | Tinta-de-fada
☐ *Coprinus comatus* | Coprino-barbudo
☐ *Macrolepiota procera* | Frade
☐ *Leucoagaricus leucothites* | Leucoagárico
☐ *Clathrus ruber* | Gaiola-de-bruxa

ÍNDICE

Abelha-mineira-comum 264
Abelhão-dos-jardins 268
Abibe 119
Açafate-da-praia 362
Acanthocardia tuberculata 236
Accipiter nisus 140
Acelga-brava 369
Acherontia atropos 261
Açor 141
Acrocephalus scirpaceus 171
Actinia equina 65
Actinia fragacea 64
Actitis hypoleucos 127
Adalia decempunctata 254
Aderno 350
Aegithalos caudatus 168
Águia-calçada 139
Águia-de-asa-redonda 142
Aiolopus puissanti 249
Alauda arvenses 160
Alcedo atthis 147
Alectoris rufa 107
Alface-do-mar 316
Alfarrobeira 360
Alga-castanha 304
Alga-cérebro 306
Alga-coralina 311
Alga-couve-flor 310
Alga-iridescente 312
Alga-verde 317
Alga-vermelha 313
Alho-rosado 338
Allium roseum 338
Alnus glutinosa 370
Alvéola-amarela 192
Alvéola-branca 194
Alvéola-cinzenta 193
Amieiro 370
Anacamptis pyramidalis 335
Anarhynchus alexandrinus *121*
Anas platyrhynchos 114
Andorinha-das-barreiras 162
Andorinha-das-chaminés 163
Andorinha-das-rochas 164
Andorinha-dáurica 166
Andorinha-dos-beirais 165
Andorinhão-pálido 109
Andorinhão-preto 108
Andrena flavipes 264
Anémona-do-mar 63
Anémona-morango 64
Anemonia viridis 63
Anguilla anguilla 77
Anthidium oblongatum 265
Anthocharis cardamines 257
Anthus pratensis 195
Apium nodiflorum 357
Aplysia fasciata 230
Apodemus sylvaticus 215
Apus apus 108
Apus pallidus 109
Araneus diadematus 281
Aranha-caranguejo-de-Napoleão 279
Aranha-dos-troncos-grande 276
Aranha-florícola-de-tubérculos 278
Aranha-lobo-radiada 277
Aranha-saltadora-de-patas-barbadas 274
Arbutus unedo 345
Ardea cinerea 138
Ardea ibis 136
Arenaria interpres 124
Argiope lobata 280
Aricia 256
Aricia cramera 256
Arisarum simorrhinum 344
Armadillidium granulatum 286
Aroeira 358
Asparagus aphyllus 333
Asterina gibbosa 69
Astur gentilis 141
Athene noctua 146
Atherina boyeri 84
Atriplex halimus 368
Azinheira 375
Azuraque 353
Balistes capriscus 90
Berbigão-de-bicos 236
Beta maritima 369
Bicho-de-conta 286
Blanus cinereus 102
Bodelha-espiral 305
Boga-portuguesa 78
Bombus hortorum 268
Borboleta-branca-e-verde 260
Borboleta-caveira 261
Borrelho-de-coleira-interrompida 121
Borrelho-grande-de-coleira 120
Brachypodium phoenicoides 343
Branca-de-manchas-verdes 258
Branca-de-riscas-verdes 259
Braquipódio 343
Bubo bubo 144
Bufo spinosus 94
Bufo-real 144
Burrié 227
Buteo buteo 142
Cabeça-redonda-vermelho 408
Caboz-de-boca-vermelha 81
Cágado-mediterrânico 96
Calidris alba 125
Calidris maritima 126
Calliphora vicina 273
Camarão-das-poças 287
Candelaria concolor 401
Capuz-de-frade 344
Caracol-das-cervejarias 225
Caracoleta 223
Caracoleta-rosca 226
Caracol-leitoso 224
Caramujo 228
Caranguejo-mármore 291
Caranguejo-murraceiro 288
Caranguejo-porcelana 289
Caranguejo-verde 292
Caravela-portuguesa 62
Carcinus maenas 292
Carduelis carduelis 199
Carrasco 374
Carriça 177
Cartaxo-comum 189
Carvalho-cerquinho 372
Catostylus tagi 60
Cavala 87
Cecropis rufula 166
Celidónia-menor 382
Celtis australis 380
Cenoura-brava 356
Centopeia-caseira 284
Cephalanthera longifolia 336
Ceratonia siliqua 360
Certhia brachydactyla 179
Cesteira-dos-matos 280
Cettia cetti 167
Chalcides striatus 101
Chamaerops humilis 330
Chamariz 200
Chamelea gallina 238
Chapim-azul 158
Chapim-carvoeiro 156
Chapim-de-crista 157
Chapim-rabilongo 168
Chapim-real 159
Charadrius hiaticula 120
Chasco-cinzento 190
Chelon labrosus 83
Chloris chloris 197

Choco-comum 235
Chondria coerulescens 312
Choupo-branco 364
Chroicocephalus ridibundus 128
Chrysothrix candelaris 400
Chthamalus montagui 285
Cicada orni 269
Cigarra-comum 269
Cisticola juncidis 173
Clathrus ruber 413
Cobitis paludica 80
Cobra-cega 102
Cobra-d'água-viperina 105
Cobra-de-escada 106
Cobra-de-ferradura 104
Cobra-de-pernas-tridáctila 101
Cobra-rateira 103
Codium tomentosum 317
Coelho-bravo 219
Cogumelo-do-choupo 407
Colpomenia peregrina 306
Columba livia 110
Columba palumbus 111
Convolvulus althaeoides 352
Convolvulus tricolor 353
Coprinellus disseminatus 409
Coprino-barbudo 410
Coprinus comatus 410
Cornu aspersum 223
Corriola-rosada 352
Coruja-das-torres 143
Coruja-do-mato 145
Corvo-marinho-de-faces-brancas 134
Corvus corone 155
Cotanilhosa-oblongada 265
Cotovia-de-poupa 161
Craca-de-Montagu 285
Crataegus monogyna 371
Crematogaster scutellaris 266
Crocidura russula 205
Cruza-bico 202
Curruca melanocephala 175
Cyanistes caeruleus 158
Cyclocybe aegerita 407
Cyperus longus 341
Daucus carota 356
Delichon urbicum 165
Delphinus delphis 208
Dendrocopos major 149
Dictyota dichotoma 304
Diplodus sargus 88
Diploicia canescens 394
Egretta garzetta 137
Eisenia fetida 244
Ellisolandia elongata 311
Emberiza calandra 203
Enguia-europeia 77
Erinaceus europaeus 204
Eriphia verrucosa 288
Erithacus rubecula 186
Erva-traqueira 366
Escalo-do-sul 79
Escaravelho-rinoceronte-europeu 253
Escolopendra 283
Escolopendra-mediterrânica 282
Escorcioneira 346
Espargueira-mediterrânica 333
Esquilo-vermelho 213
Estorninho-malhado 180
Estorninho-preto 181
Estrela-do-mar-corcunda 69
Estrela-do-mar-de-espinhos 68
Estrelinha-real 176
Euchloe belemia 259
Euchloe crameri 258
Eulalia clavigera 242
Evernia 399
Evernia prunastri 399
Falcão-peregrino 151
Falco peregrinus 151
Falco tinnunculus 150
Felimida purpurea 231
Felosa-comum 170
Felosa-musical 169
Felosa-poliglota 172
Ficedula hypoleuca 185
Ficus carica 379
Figueira 379
Flavoparmelia caperata 398
Folhado 347
Formiga-de-cabeça-vermelha 266
Frade 411
Fraxinus angustifolia 349
Freixo-comum 349
Fringilla coelebs 196
Fucus spiralis 305
Fuinha-dos-juncos 173
Fulica atra 116
Fuselo 123
Gafanhoto-de-asas-verdes-de-Puissant 249
Gafanhoto-pançudo 250
Gaio 153
Gaiola-de-bruxa 413
Gaivota-d'asa-escura 131
Gaivota-de-cabeça-preta 129
Gaivota-de-patas-amarelas 130
Gaivotão-real 132
Galeirão-comum 116
Galerida cristata 161
Galinha-d'água 115
Galinha-do-bosque 406
Gallinula chloropus 115
Ganso-patola 133
Garça-boieira 136
Garça-branca-pequena 137
Garça-real 138
Garrulus glandarius 153
Gavião-da-Europa 140
Gelidium pusillum 310
Genetta genetta 210
Gineta 210
Gobius cruentatus 81
Golfinho-comum 208
Golfinho-roaz 209
Goraz 135
Gorgulho-da-malva 251
Gralha-preta 155
Guarda-rios 147
Guincho-comum 128
Haematopus ostralegus 118
Heleborina-branca 336
Hemorrhois hippocrepis 104
Herpestes ichneumon 211
Hieraaetus pennatus 139
Himantoglossum robertianum 334
Hippolais polyglotta 172
Hirundo rustica 163
Hogna radiata 277
Holothuria forskali 70
Iberochondrostoma lusitanicum 78
Ichthyaetus melanocephalus 129
Inonotus hispidus 405
Joaninha-de-dez-pintas 254
Joaninha-esférica 255
Junça-de-cheiro 341
Jynx torquilla 148
Lactarius deliciosus 404
Laetiporus sulphureus 406
Lagartixa-do-mato-comum 99
Lagartixa-verde 98
Lagurus ovatus 342
Lapa-de-pés-pretos 229
Lapa-falsa-listrada 232
Larus fuscus 131
Larus marinus 132
Larus michahellis 130

ÍNDICE

Lasiommata megera 263
Laurus nobilis 383
Laverca 160
Lebre-ibérica 218
Lepidochitona cinerea 233
Lepus granatensis 218
Leratiomyces ceres 408
Lesma-leopardo 222
Leucoagárico 412
Leucoagaricus leucothites 412
Limax maximus 222
Limosa lapponica 123
Linaria canabina 198
Linguado-legítimo 86
Líquen-branco-acinzentado 394
Líquen-cal 392
Líquen-de-capuz 395
Líquen-de-cinta-deselegante 397
Líquen-dos-telhados 396
Líquen-encrustante 393
Líquen-limão 401
Líquen-pó-de-ouro 400
Lissotriton maltzani 91
Lithobius forficatus 283
Lixus pulverulentus 251
Lobularia maritima 362
Lódão 380
Loendro 355
Lophophanes cristatus 157
Loureiro 383
Loxia curvirostra 202
Lucilia sericata 272
Luciola lusitanica 252
Lugre 201
Lumbricus terrestris 245
Luscinia megarhynchos 187
Maçarico-das-rochas 127
Maçarico-galego 122
Macrolepiota procera 411
Malpolon monspessulanus 103
Marachomba-babosa 82
Maria-café 248
Marthasterias glacialis 68
Mauremys leprosa 96
Medronheiro 345
Medusa-do-Tejo 60
Mégera 263
Melro-preto 182
Menemerus semilimbatus 275
Mergulhão-pequeno 117
Mexilhão-mediterrânico 239
Minhoca-comum 245
Minhoca-marinha 242
Minhoca-vermelha-fétida 244
Miniopterus schreibersii 207
Míscaro-do-pinheiro 404
Mocho-galego 146
Morcego-de-ferradura-pequeno 206
Morcego-de-peluche 207
Morus bassanus 133
Mosca-imita-vespa 270
Moscardo-maior 337
Mosca-verde 272
Mosquito-tipulídeo 271
Motacilla alba 194
Motacilla cinerea 193
Motacilla flava 192
Mus musculus 217
Mus spretus 216
Musaranho-de-dentes-brancos 205
Muscicapa striata 184
Mytilus galloprovincialis 239
Narciso-de-inverno 339
Narcissus papyraceus 339
Natrix maura 105
Navalheira 290
Necora puber 290
Nerium oleander 355
Nudibrânquio-púrpura 231
Numenius phaeopus 122
Nycticorax nycticorax 135
Octopus vulgaris 234
Oenanthe oenanthe 190
Oenopia conglobata 255
Ofiúro-negro 71
Olea europaea var. sylvestris 351
Ommatoiulus moreleti 248
Ophiocomina nigra 71
Ophrys fusca 337
Oryctes nasicornis 253
Oryctolagus cuniculus 219
Osga-moura 97
Ostraceiro 118
Otala lactea 224
Ouriço-cacheiro 204
Ouriço-do-mar 72
Ouriço-violeta 73
Pachygrapsus marmoratus 291
Palaemon elegans 287
Palmeira-anã 330
Papa-moscas-dos-laranjais 275
Papa-moscas-preto 185
Parablennius gattorugine 82
Paracentrotus lividus 72
Pardal-doméstico 191
Parmélia-verde 398
Parus major 159
Passer domesticus 191
Pata-roxa 76
Patella depressa 229
Pato-real 114
Pecten maximus 237
Pega-rabuda 154
Peixe-porco 90
Peixe-rei-do-Mediterrâneo 84
Pelophylax perezi 95
Peneireiro-vulgar 150
Pepino-do-mar-negro 70
Perdiz-vermelha 107
Periparus ater 156
Pertusaria pertusa 393
Pervinca 354
Petinha-dos-prados 195
Pezotettix giornae 250
Phalacrocorax carbo 134
Phillyrea latifolia 350
Phlyctis argena 392
Phoenicurus ochruros 188
Phorcus lineatus 228
Phylloscopus collybita 170
Phylloscopus trochilus 169
Physalia physalis 62
Physcia adscendens 395
Pica pica 154
Pica-pau-malhado-grande 149
Pilriteiro 371
Pilrito-das-praias 125
Pilrito-escuro 126
Pinheiro-bravo 327
Pinheiro-manso 326
Pintarroxo 198
Pintassilgo 199
Pinus pinaster 327
Pinus pinea 326
Pirilampo-lusitânico 252
Pisco-de-peito-ruivo 186
Pistacia lentiscus 358
Platichthys flesus 85
Plocamium cartilagineum 313
Podarcis virescens 98
Polvo-comum 234
Pombo-doméstico 110
Pombo-torcaz 111
Ponta-laranja 257
Pontia daplidice 260
Populus alba 364

Porcellana platycheles 289
Poupa 152
Processionária-do-pinheiro 262
Psammodromus algirus 99
Ptyonoprogne rupestres 164
Quercus coccifera 374
Quercus faginea 372
Quercus rotundifolia 375
Quercus suber 373
Quítone-cinzento 233
Rabirruivo-preto 188
Rabo-de-lebre 342
Ramalina canariensis 397
Ranunculus ficaria 382
Raposa-vermelha 212
Ratazana-castanha 214
Ratinho-do-campo 215
Rato-das-hortas 216
Rato-doméstico 217
Rattus norvegicus 214
Rã-verde 95
Regulus ignicapilla 176
Reichardia picroides 346
Rhamnus alaternus 378
Rhinolophus hipposideros 206
Riparia riparia 162
Rola-brava 112
Rola-do-mar 124
Rola-turca 113
Rosa sempervirens 376
Roseira-brava 376
Rouxinol-bravo 167
Rouxinol-comum 187
Rouxinol-pequeno-dos-caniços 171
Rubus ulmifolius 377
Rumina decollata 226
Sabugueiro 348
Sacarrabos 211
Saitis barbipes 274
Salamandra salamandra 92
Salamandra-de-pintas-amarelas 92
Salema 89
Salepeira-grande 334
Salgadeira 368
Salgueiro-preto 363
Salix atrocinerea 363
Salsa-brava 357
Salsaparrilha 331
Sambucus nigra 348
Sanguinho-das-sebes 378
Sapo-comum-ibérico 94
Sardão 100
Sargo-legítimo 88
Sarpa salpa 89
Satirião-menor 335
Saxicola rubicola 189
Sciurus vulgaris 213
Scolopendra cingulate 282
Scomber colias 87
Scutigera coleoptrata 284
Scyliorhinus canicula 76
Sepia officinalis 235
Serinus serinus 200
Silene longicilia 367
Silene vulgaris 366
Silene-calcícola 367
Silva-comum 377
Siphonaria pectinata 232
Sitta europaea 178
Smilax aspera 331
Sobreiro 373
Solea solea 86
Solha-das-pedras 85
Sphaerechinus granularis 73
Spinus spinus 201
Squalius pyrenaicus 79
Steromphala umbilicalis 227
Streptopelia decaocto 112
Streptopelia turtur 113
Strix aluco 145
Sturnus unicolor 181
Sturnus vulgaris 180
Suporte-peludo 405
Sylvia atricapilla 174
Synema globosum 279
Tabua 340
Tachybaptus ruficollis 117
Tainha-negrão 83
Tamargueira-de-espigas-grossas 365
Tamarix africana 365
Tamus communis 332
Taralhão-cinzento 184
Tarentola mauritanica 97
Tecedeira-de-cruz-cosmopolita 281
Tentilhão-comum 196
Thaumetopoea pityocampa 262
Theba pisana 225
Thomisus onustus 278
Timon lepidus 100
Tinta-de-fada 409
Tipula oleracea 271
Tojo-durázio 361
Tomate-do-mar 65
Torcicolo 148
Tordo-pinto 183
Toutinegra-de-barrete-preto 174
Toutinegra-de-cabeça-preta 175
Trepadeira-azul 178
Trepadeira-comum 179
Trevo-branco 359
Trifolium repens 359
Trigueirão 203
Tritão-de-ventre-laranja-meridional 91
Tritão-marmoreado-pigmeu 93
Triturus pygmaeus 93
Troglodytes troglodytes 177
Turdus merula 182
Turdus philomelos 183
Tursiops truncatus 209
Typha domingensis 340
Tyto alba 143
Ulex jussiaei 361
Ulmeiro 381
Ulmus minor 381
Ulva rigida 316
Upupa epops 152
Uva-de-cão 332
Vanellus vanellus 119
Varejeira-azul 273
Veleiro 61
Velella velella 61
Vénus 238
Verdemã-comum 80
Verdilhão-comum 197
Vespão-europeu 267
Vespa crabro 267
Viburnum tinus 347
Vieira 237
Vinagreira-negra 230
Vinca difformis 354
Volucella zonaria 270
Vulpes vulpes 212
Xanthoria parietina 396
Zambujeiro 351
Zamenis scalaris 106
Zoropsis spinimana 276

ÍNDICE PORTUGUÊS

Abadavina 201
Abelha-mineira-comum 264
Abelhão 268
Abelhão-dos-jardins 268
Abibe 119
Aboieira 192
Açafate-da-praia 362
Acelga-brava 369
Açor 141
Adem 114
Aderno 350
Aderno-bastardo 378
Aderno-de-folhas-largas 350
Agasalho 411
Agreira 380
Aguça-a-serra 159
Águia-calçada 139
Águia-de-asa-redonda 142
Aguião 140
Águia-pequena 139
Aguioto 140
Airão 138
Aivão 108
Álamo 364
Álamo 381
Álamo-alvar 364
Alavanco 114
Albafor 341
Alçacu 117
Alcangorça 354
Alcatraz 133
Alcongosta 354
Alegação 331
Alegra-campo 331
Alegra-cão 331
Alface-do-mar 316
Alfarrobeira 360
Alfinetes 366
Alforreca 60
Alfostigueiro 358
Alga-castanha 304
Alga-cérebro 306
Alga-coralina 311
Alga-couve-flor 310
Alga-iridescente 312
Alga-verde 316, 317
Alga-vermelha 313
Alho-de-bruxa 338
Alho-rosado 338
Alisso 362
Alvarinho 364
Alvéola-amarela 192
Alvéola-branca 194
Alvéola-cinzenta 193
Amarelão 197
Amarinhadeira 179
Amieiro 370
Amoras-silvestres 377
Amoreira-brava 377
Andorinha-brava 162
Andorinha-das-barreiras 162
Andorinha-das-casas 165
Andorinha-das-chaminés 163
Andorinha-das-fragas 164
Andorinha-das-noras 163
Andorinha-das-rochas 164
Andorinha-dáurica 166
Andorinha-de-inverno 164
Andorinha-dos-beirais 165
Andorinhão-pálido 109
Andorinhão-preto 108
Andorinha-parda 162
Andorinha-rasteira 163
Anémona-do-mar 63
Anémona-morango 64
Anémona-verde 63
Angula 77
Aranha-caranguejo 278
Aranha-caranguejo-de-Napoleão 279
Aranha-das-urzes 278
Aranha-de-cruz 281
Aranha-diadema 281
Aranha-dos-jardins 281
Aranha-dos-troncos-grande 276
Aranha-florícola-de-tubérculos 278
Aranha-lobo-radiada 277
Aranha-saltadora-de-patas-barbadas 274
Aranha-tigre-lobada 280
Areeiro 121
Aricia 256
Aroeira 358
Arrebenta-boi 332
Arvela 192, 193, 194
Asinha-branca 185
Assobios 366
Ave-gatinhas 146
Ave-leal 187
Azedinha-amarela 382
Azinheira 375
Azinheira-de-bolota-doce 375
Azinho 375
Azuraque 353
Badego 191
Baforeira 379
Baganha 332
Bago-d'uva 170
Barvoinha 195
Batachim 196
Batea-asa 185
Bebe-azeite 143
Bebereira 379
Bela-manhã 353
Bengalinha 201
Bentoinha 173
Berbigão-de-bicos 236
Bermim 366
Bicho-de-conta 286
Bodelha 305
Bodelha-espiral 305
Boga-portuguesa 78
Boieira 194
Borboleta-branca-e-verde 260
Borboleta-castanhinha 256
Borboleta-caveira 261
Borboleta-do-pinheiro 262
Bordalo 79
Borra 189
Borrazeira 363
Borrazeira-preta 363
Borrelho-de-coleira-interrompida 121
Borrelho-grande-de-coleira 120
Boubela 152
Branca-de-manchas-verdes 258
Branca-de-riscas-verdes 259
Branca-espinha 371
Braquipódio 343
Bufo-real 144
Bunheiro 171
Burrié 227
Bútio-de-asa-redonda 142
Cabeça-redonda-vermelho 408
Caboz 82
Caboz-de-boca-vermelha 81
Cacherá 198
Cágado-mediterrânico 96
Cágado-mourisco 96
Caga-estacas 189
Caiada 190
Calhandra 160
Calhapeta 128
Camarão-da-costa 287
Camarão-das-poças 287
Campainhas 352
Canário-bravo 200
Canário-da-Índia 201
Candeias 344

Candelheiro 348
Caneja 76
Canileiro 348
Canineiro 348
Capuz-de-frade 344
Caracol-das-cervejarias 225
Caracoleta 223
Caracoleta-rosca 226
Caracol-leitoso 224
Caramujo 228
Caranguejo-porcelana 289
Caranguejo-mármore 291
Caranguejo-morraceiro 292
Caranguejo-murraceiro 288
Caranguejo-peludo 288
Caranguejo-preto 291
Caranguejo-verde 292
Carapeteiro 371
Carapuço 174
Caravela-portuguesa 62
Carraceiro 136
Carrasca 375
Carrasco 374, 375
Carrasqueiro 374
Carriça 177
Carriça-do-ar 173
Carricinha-das-moitas 177
Cartaxo 189
Cartaxo-comum 189
Carvalho-cerquinho 372
Carvalho-dos-quermes 374
Carvalho-folhudo 372
Carvalho-português 372
Carvoeiro 188
Cata-bois 136
Catavento 108
Caturreira 160
Cavala 87
Cedovém-pequeno 158
Celga-brava 369
Celidónia-menor 382
Cenoura-brava 356
Cenoura-selvagem 356
Centopeia 283
Centopeia-amarela 282
Centopeia-caseira 284
Centopeia-de-listas-azuis 282
Centopeia-mediterrânica 282
Cerezino 200
Cerquinho 372
Cesteira-dos-matos 280
Cesteira-lobada 280
Cevadilha 355
Chalreta 172
Chamariz 200
Chaparreiro 373
Chaparro 373
Chapéu-de-sol 411
Chapim-azul 158
Chapim-carvoeiro 156
Chapim-de-crista 157
Chapim-de-poupa 157
Chapim-preto 156
Chapim-rabilongo 168
Chapim-real 159
Chasco-cinzento 190
Chasco-do-rego 147
Chasco-preto 189
Chiadeira 171
Chichorrio 203
Chincalhão 196
Chincha-pequena 158
Chincharravelha 159
Chio 146
Chirina-do-rio 193
Chisco 137
Choco-comum 235
Choteiro 411
Choupo-branco 364
Cia 192, 195
Cigarra-comum 269
Cigarreiro 150
Cinzeiro 363
Cobra-cega 102
Cobra-d'água 105
Cobra-d'água-viperina 105
Cobra-de-colchete 103
Cobra-de-escada 106
Cobra-de-ferradura 104
Cobra-de-pernas-tridáctila 101
Cobra-de-três-dedos 101
Cobra-escaropão 104
Cobra-rateira 103
Cobra-riscadinha 106
Coelho-bravo 219
Cogumelo-do-choupo 407
Colado 120
Congorsa 354
Congossa 354
Congossa-maior 354
Coprino-barbudo 410
Coprino-cabeludo 410
Coralina-carenada 311
Corricão 121
Corriola-rosada 352
Corriola-tricolor-maior 353
Corruda-maior 333
Coruja-azeiteira 143
Coruja-branca 143
Coruja-cabreira 145
Coruja-das-torres 143
Coruja-do-mato 145
Corujão 144
Corvo-marinho 134
Corvo-marinho-de-faces-brancas 134
Cotanilhosa-oblongada 265
Cotovia 160
Cotovia-de-poupa 161
Craca-de-Montagu 285
Cravo-do-monte 145
Cruza-bico 202
Cualvo 190
Cuquilhada 161
Curo-curo 121
Eiró 77
Enguia-de-vidro 77
Enguia-europeia 77
Erva-canária 382
Erva-coentrinha 356
Ervacucubalus 366
Erva-da-inveja 354
Erva-das-hemorroidas 382
Erva-moscardo 337
Erva-salsa 356
Erva-tranqueira 366
Erva-traqueira 366
Ervedeiro 345
Êrvodo 345
Escalavardo 211
Escalhabardos 211
Escalheiro 371
Escalo 79
Escalo-do-sul 79
Escaravelho-rinoceronte 253
Escaravelho-rinoceronte-europeu 253
Escaropão 104
Escolopendra 283
Escolopendra-mediterrânica 282
Escorcioneira 346
Escudinha 362
Esfinge-caveira 261
Espargo-bravo-maior 333
Espargueira-mediterrânica 333
Espinheiro-alvar 371
Espulga-bois 136
Esquilo-vermelho 213

ÍNDICE PORTUGUÊS

Estorninho-azeiteiro 181
Estorninho-comum 180
Estorninho-galego 180
Estorninho-malhado 180
Estorninho-pinto 180
Estorninho-preto 181
Estrela-do-mar-corcunda 69
Estrela-do-mar-de-espinhos 68
Estrela-do-mar-pentagonal 69
Estrela-do-mar-verde 68
Estrelinha-de-cabeça-listada 176
Estrelinha-real 176
Estrepeiro 371
Estrepoeiro 371
Esverdeada-de-belém 259
Esverdeada-dos-nabais 258
Evernia 399
Faça-a-poda 159
Faia-branca 364
Falcão-peregrino 151
Fava-rica 360
Felória 172
Felosa-comum 170
Felosa-de-poupa 176
Felosa-musical 169
Felosa-poliglota 172
Felosinha 170
Fenazo-da-fenícia 343
Ferreiro 108
Ficária 382
Figueira 379
Figueira-brava 379
Figueira-do-Egipto 360
Flecha 175
Foguetes 340
Folhado 347
Formiga-da-cortiça 266
Formiga-de-cabeça-vermelha 266
Forneirinha 177
Frade 411
Fradinho 120
Franga-do-rio 115
Freixo 349
Freixo-comum 349
Freixo-da-terra 349
Freixo-de-folhas-estreitas 349
Fruto-de-pitágoras 360
Fuim 170
Fuinha-dos-juncos 173
Fulecra 170, 174, 175
Funjudo 117
Fura-bosta 182
Fura-bugalhos 158
Fura-moitas 175
Fura-pastos 101
Furta-camisas 291
Fuselo 123
Gafanhoto-de-asas-verdes-de-Puissant 249
Gafanhoto-pançudo 250
Gafanhoto-verde 249
Gagalhosa 161
Gaio 153
Gaiola-de-bruxa 413
Gaivão 108
Gaivota-argêntea 130
Gaivota-d'asa-escura 131
Gaivota-das-asas-negras 131
Gaivota-de-bico-vermelho 129
Gaivota-de-cabeça-preta 129
Gaivota-de-manto-cinzento 130
Gaivota-de-patas-amarelas 130
Gaivota-de-prata 130
Gaivota-do-Mediterrâneo 129
Gaivota-escura 131
Gaivotão-real 132
Galacrista 348
Galego 123
Galeirão 116
Galeirão-comum 116
Galfoeira 131
Galinha-d'água 115
Galinha-do-bosque 406
Galo 116
Ganso-patola 133
Garça-boieira 136
Garça-branca 137
Garça-branca-pequena 137
Garça-cinzenta 138
Garçada-berbéria 136
Garça-noturna 135
Garça-real 138
Garça-ribeirinha 137
Garça-vaqueira 136
Garragina 128
Garrincho 128
Gasalho 411
Gata 76
Gato-bravio 210
Gato-gineto 210
Gato-toirão 210
Gavião 140
Gavião-da-Europa 140
Geneta 210
Gineta 210
Ginginha-de-rei 380
Girre-girre 173
Golfinho-comum 208
Golfinho-nariz-de-garrafa 209
Golfinho-roaz 209
Gonçalinha 194
Goraz 135
Gorgulho-da-malva 251
Gota-de-tinta 410
Gralha-preta 155
Grossas 365
Guarda-rios 147
Guincho 108
Guincho-comum 128
Guleira 120
Heleborina-branca 336
Holotúria 70
Iró 77
Joaninha-esférica 255
Joaninha-de-dez-pintas 254
Juiz-do-rio 147
Junça 341
Junça-de-cheiro 341
Lagarta-do-pinheiro 262
Lagarteiro 150
Lagartixa-do-mato-comum 99
Lagartixa-esverdeada 98
Lagartixa-ibérica 98
Lagartixa-verde 98
Lagarto-ocelado 100
Lagarto-verde 100
Lamegueiro 381
Lapa-de-pés-pretos 229
Lapa-falsa-listrada 232
Laurestim 347
Lava-cu 127
Lavadeira 137
Lavandeira 127
Lavandisca 192, 194
Lavandisca-do-rio 193
Laverca 160
Lebre-comum 218
Lebre-do-marnegra 230
Lebre-ibérica 218
Leituguinha-dos-caminhos 346
Lentisco 358
Lentisco-verdadeiro 358
Lentisqueira 358
Lesma-do-mar-negra 230
Lesma-leopardo 222
Leucoagárico 412
Licranço 102

Linguado 86
Linguado-legítimo 86
Linhaça-vermelha 198
Líquen-branco-acinzentado 394
Líquen-cal 392
Líquen-de-capuz 395
Líquen-de-cinta-deselegante 397
Líquen-dos-telhados 396
Líquen-encrustante 393
Líquen-limão 401
Líquen-pó-de-ouro 400
Lódão 380
Lodão-bastardo 380
Lodoeiro 380
Loendro 355
Loureiro 383
Loureiro-comum 383
Loureiro-do-jardim 347
Loureiro-dos-poetas 383
Loureiro-vulgar 383
Louro 383
Lugre 201
Maçarico-das-rochas 127
Maçarico-galego 122
Maçãs-de-passarinho 371
Manguço 211
Mangusto 211
Marachomba 82
Marachomba-babosa 82
Maria-café 248
Marifusa 411
Marroquino 201
Martim-pescador 147
Medronheiro 345
Medronho 345
Medusa-do-Tejo 60
Mégera 263
Meio-maçarico 122
Meixão 77
Mejengra 159
Mejengra-azul 158
Melro-preto 182
Mergulhão-pequeno 117
Mexilhão 239
Mexilhão-mediterrânico 239
Miadeira 142
Milfolhado 347
Milheira-amarela 197
Milheira-grande 199
Milheirinha 200
Milheirinha-da-rosa 198
Milheirinha-europeia 200
Minhoca-comum 245
Minhoca-da-pesca 245
Minhoca-da-terra 245
Minhoca-marinha 242
Minhoca-vermelha 244
Minhoca-vermelha-fétida 244
Minhoto 142
Míscaro 404
Míscaro-do-pinheiro 404
Mocho-galego 146
Mocho-real 144
Morcego-de-ferradura-pequeno 206
Morcego-de-peluche 207
Morena 107
Mosca-imita-vespa 270
Moscardo-fusco 337
Moscardo-maior 337
Mosca-verde 272
Mosca-verde-comum 272
Mosqueiro 381
Mosquito-tipulídeo 271
Musaranho-de-dentes-brancos 205
Musaranho-de-dentes-brancos-grande 205
Narciso-de-inverno 339
Narciso-fétido 339
Navalheira 290
Negra 116
Negrilho 381
Norça-preta 332
Nudibrânquio 231
Nudibrânquio-púrpura 231
Ofiurídeo-negro 71
Ofiúro-negro 71
Oliveira 351
Oliveira-brava 351
Olmo 381
Orelha-de-boi 366
Orquídea-piramidal 335
Orzella-do-reino 399
Osga-comum 97
Osga-moura 97
Ostraceiro 118
Ouriço-cacheiro 204
Ouriço-cacho 204
Ouriço-de-espinhos-curtos 73
Ouriço-do-mar 72
Ouriço-terrestre 204
Ouriço-violeta 73
Palmeira-anã 330
Palmeira-das-vassouras 330
Palmito 330
Papagaio-saloio 146
Papa-moscas-cinzento 184
Papa-moscas-dos-laranjais 275
Papa-moscas-preto 185
Papinho 186
Pára-sol 411
Parda 123
Pardal-comum 191
Pardal-d'asa-branca 196
Pardal-doméstico 191
Pardal-dos-telhados 191
Pardal-ladrão 191
Pardelha 78, 80
Pardinha 184
Pardinho 189
Pardo 131
Pardoca 191
Parmélia-verde 398
Parvinha 195
Paspalhaça 160
Passarinho-trigueiro 203
Passa-rios 118
Pássaro-das-areias 121
Pastorinha 194
Pata-roxa 76
Pato-mergulhador 117
Pato-real 114
Pedamarro 372
Pedreira 163
Pedreiro 165
Pega 154
Pega-do-mar 118
Pega-rabuda 154
Peixe-porco 90
Peixe-rei 84
Peixe-rei-do-Mediterrâneo 84
Peneireiro-comum 150
Peneireiro-de-dorso-malhado 150
Peneireiro-vulgar 150
Pepino-do-mar 70
Pepino-do-mar-negro 70
Perdiz 107
Perdiz-comum 107
Perdiz-vermelha 107
Pervinca 354
Pervinca-intermédia 354
Petinha-dos-prados 195
Peto-malhado 149
Piarda 84
Picança 174
Pica-pau-malhado 149
Pica-pau-malhado-grande 149
Pica-peixe 147

ÍNDICE PORTUGUÊS

Pilha 118
Pilriteiro 371
Pilrito-d'areia 125
Pilrito-das-praias 125
Pilrito-escuro 126
Pilrito-sanderlingo 125
Pimpalhão 196
Pimpim-servém 159
Pinheiras 404
Pinheiro 326
Pinheiro 327
Pinheiro-bravo 327
Pinheiro-das-landes 327
Pinheiro-manso 326
Pinheiro-marítimo 327
Pinta-cardeira 199
Pintarroxo 198
Pintarroxo-de-bico-escuro 198
Pintassilga-feia 200
Pintassilgo 199
Pintassilgo-verde 201
Pirilampo-lusitânico 252
Pírula 124
Pisco-de-peito-ruivo 186
Pisco-ferreiro 188
Pispis 195
Polvo-comum 234
Pombo-bravo 111
Pombo-comum 110
Pombo-doméstico 110
Pombo-torcaz 111
Pombo-trevo 111
Ponta-laranja 257
Porco-bispo 186
Poupa 152
Poupa-pão 152
Poupinha 161
Processionária-do-pinheiro 262
Púcara 411
Pucarinha 411
Quelidónia-menor 382
Quítone-cinzento 233
Rabaça 357
Rabia 115
Rabialva 190
Rabirruivo 188
Rabirruivo-preto 188
Rabo-de-coelha 115
Rabo-de-coelho 342
Rabo-de-lebre 342
Rabo-queimado 188
Rabo-ruço 188
Rã-comum 95
Rã-dos-poços 95
Raposa-vermelha 212
Ratazana-castanha 214
Ratinho-do-campo 215
Rato-caseiro 217
Rato-castanho 214
Rato-das-hortas 216
Rato-do-campo 215
Rato-doméstico 217
Rato-dos-bosques 215
Rã-verde 95
Rã-verde-ibérica 95
Rei-do-mar 147
Rilha-de-boi 366
Roaz-corvineiro 209
Roca 411
Roco 411
Rola-brava 112
Rola-comum 112
Rola-de-colar 113
Rola-do-mar 124
Rola-turca 113
Rolinha 124
Roque 411
Rosa-de-bem-fazer 348
Rosa-do-mar 65
Roseira-brava 376
Rouço 187
Rouxinol-bravo 167
Rouxinol-comum 187
Rouxinol-dos-caniços 171
Rouxinol-pequeno-dos-caniços 171
Sabugo 348
Sabugueiro 348
Sacarrabos 211
Salamandra-comum 92
Salamandra-de-fogo 92
Salamandra-de-pintas-amarelas 92
Salema 89
Salepeira-grande 334
Salgadeira 368
Salgueiro-cinzento 363
Salgueiro-preto 363
Salsa-brava 357
Salsa-burra 356
Salsaparrilha 331
Salsaparrilha-bastarda 331
Sanchas 404
Sanguinho-das-sebes 378
Sapo-alcandarês 94
Sapo-comum 94
Sapo-comum-ibérico 94
Saramaganta 92
Saramela 92
Sardanisca 98
Sardanisca-algerina 99
Sardanisca-do-mato 99
Sardão 100
Sardoeira 375
Sargo-legítimo 88
Satirião-menor 335
Seiceiro-negro 363
Sempre-verde 383
Sentieiro 411
Sentieiro-encarnado 198
Serino 200
Silene-calcícola 367
Silva-comum 377
Silvado-bravo 377
Silvas 377
Silva-ulmeira 377
Sobreira 373
Sobreiro 373
Sobro 373
Solha-das-pedras 85
Sovela 122
Sovereiro 373
Sôvero 373
Subideira 179
Suporte-peludo 405
Tabua 340
Tabua-de-folha-fina 340
Tainha-negrão 83
Tamarga 365
Tamargueira 365
Tamargueira-de-espigas-grossas 365
Tamariz 365
Tamo 332
Taralhão 185
Taralhão-cinzento 184
Taralhão-mosqueiro 184
Taralhão-preto 185
Tarrote 191
Tecedeira-de-cruz-cosmopolita 281
Tecedeira-lobada 280
Tentilhão-comum 196
Tinta-de-fada 409
Tintarraiz 203
Tistias 173
Tojo 361
Tojo-durázio 361
Tolinha-das-couves 170
Tomate-do-mar 65

Toninha 208
Torcicolo 148
Tordinho 183
Tordo-branco 183
Tordo-comum 183
Tordo-pinto 183
Tordo-preto 181
Tornilho 180
Tortulho 411
Toutinegra-de-barrete-preto 174
Toutinegra-de-cabeça-preta 175
Toutinegra-dos-valados 175
Tralhão-galego 185
Trepadeira-azul 178
Trepadeira-comum 179
Trepadeira-do-sul 179
Trepa-pinheiros 179
Trevo-branco 359
Trevo-coroa-de-rei 359
Trevo-da-Holanda 359
Trevo-ladino 359
Trevo-rasteiro 359
Trigueirão 203
Trinta-raízes 203
Tritão-de-Monchique 91
Tritão-de-ventre-laranja-meridional 91
Tritão-marmoreado-pigmeu 93
Tritão-pigmeu 93
Tritão-verde 93
Ulmeiro 381
Uva-de-cão 332
Varejeira 272
Varejeira-azul 273
Veleiro 61
Vénus 238
Verdadeiro-carrasco 374
Verdemã 80
Verdemã-comum 80
Verdilhão 197
Verdilhão-comum 197
Verdizela 197
Verdugo 84
Verme 242
Vespa-abelheira-europeia 267
Vespa-crabro 267
Vespa-europeia 267
Vespão 267
Vespão-europeu 267
Vieira 237
Vimeiro-preto 363
Vinagreira-negra 230
Vira-pedras 124
Viúva 116
Zambujeiro 351
Zambujo 351
Zilro 108
Zirro 108
Zuraque 353

ÍNDICE CIENTÍFICO

Acanthocardia tuberculata 236
Accipiter nisus 140
Acherontia atropos 261
Acrocephalus scirpaceus 171
Actinia equina 65
Actinia fragacea 64
Actitis hypoleucos 127
Adalia decempunctata 254
Aegithalos caudatus 168
Aiolopus puissanti 249
Alauda arvenses 160
Alcedo atthis 147
Alectoris rufa 107
Allium roseum 338
Alnus glutinosa 370
Anacamptis pyramidalis 335
Anarhynchus alexandrinus 121
Anas platyrhynchos 114
Andrena flavipes 264
Anemonia viridis 63
Anguilla anguilla 77
Anthidium oblongatum 265
Anthocharis cardamines 257
Anthus pratensis 195
Apium nodiflorum 357
Aplysia fasciata 230
Apodemus sylvaticus 215
Apus apus 108
Apus pallidus 109
Araneus diadematus 281
Arbutus unedo 345
Ardea cinerea 138
Ardea ibis 136
Arenaria interpres 124
Argiope lobata 280
Aricia cramera 256
Arisarum simorrhinum 344
Armadillidium granulatum 286
Asparagus aphyllus 333
Asterina gibbosa 69
Athene noctua 146
Astur gentilis 141
Atherina boyeri 84
Atriplex halimus 368
Balistes capriscus 90
Beta maritima 369
Blanus cinereus 102
Bombus hortorum 268
Brachypodium phoenicoides 343
Bubo bubo 144
Bufo spinosus 94
Buteo buteo 142
Calidris alba 125
Calidris maritima 126
Calliphora vicina 273
Candelaria concolor 401
Carcinus maenas 292
Carduelis carduelis 199
Catostylus tagi 60
Cecropis rufula 166
Celtis australis 380
Cephalanthera longifolia 336
Ceratonia siliqua 360
Certhia brachydactyla 179
Cettia cetti 167
Chalcides striatus 101
Chamaerops humilis 330
Chamelea gallina 238
Charadrius hiaticula 120
Chelon labrosus 83
Chloris chloris 197
Chondria coerulescens 312
Chroicocephalus ridibundus 128
Chrysothrix candelaris 400
Chthamalus montagui 285
Cicada orni 269
Cisticola juncidis 173
Clathrus ruber 413
Cobitis paludica 80
Codium tomentosum 317
Colpomenia peregrina 306
Columba livia 110
Columba palumbus 111
Convolvulus althaeoides 352
Convolvulus tricolor 353
Coprinellus disseminatus 409
Coprinus comatus 410
Cornu aspersum 223
Corvus corone 155
Crataegus monogyna 371
Crematogaster scutellaris 266
Crocidura russula 205
Curruca melanocephala 175
Cyanistes caeruleus 158
Cyclocybe aegerita 407
Cyperus longus 341
Daucus carota 356
Delichon urbicum 165
Delphinus delphis 208
Dendrocopos major 149
Dictyota dichotoma 304
Diplodus sargus 88
Diploicia canescens 394
Egretta garzetta 137
Eisenia fetida 244
Ellisolandia elongata 311
Emberiza calandra 203
Erinaceus europaeus 204
Eriphia verrucosa 288
Erithacus rubecula 186
Euchloe belemia 259
Euchloe crameri 258
Eulalia clavigera 242
Evernia prunastri 399
Falco peregrinus 151
Falco tinnunculus 150
Felimida purpurea 231
Ficedula hypoleuca 185
Ficus carica 379
Flavoparmelia caperata 398
Fraxinus angustifolia 349
Fringilla coelebs 196
Fucus spiralis 305
Fulica atra 116
Galerida cristata 161
Gallinula chloropus 115
Garrulus glandarius 153
Gelidium pusillum 310
Genetta genetta 210
Gobius cruentatus 81
Haematopus ostralegus 118
Hemorrhois hippocrepis 104
Herpestes ichneumon 211
Hieraaetus pennatus 139
Himantoglossum robertianum 334
Hippolais polyglotta 172
Hirundo rustica 163
Hogna radiata 277
Holothuria forskali 70
Iberochondrostoma lusitanicum 78
Ichthyaetus melanocephalus 129
Inonotus hispidus 405
Jynx torquilla 148
Lactarius deliciosus 404
Laetiporus sulphureus 406
Lagurus ovatus 342
Larus fuscus 131
Larus marinus 132
Larus michahellis 130
Lasiommata megera 263
Laurus nobilis 383
Lepidochitona cinerea 233
Lepus granatensis 218
Leratiomyces ceres 408
Leucoagaricus leucothites 412
Limax maximus 222

Limosa lapponica 123
Linaria canabina 198
Lissotriton maltzani 91
Lithobius forficatus 283
Lixus pulverulentus 251
Lobularia maritima 362
Lophophanes cristatus 157
Loxia curvirostra 202
Lucilia sericata 272
Luciola lusitanica 252
Lumbricus terrestris 245
Luscinia megarhynchos 187
Macrolepiota procera 411
Malpolon monspessulanus 103
Marthasterias glacialis 68
Mauremys leprosa 96
Menemerus semilimbatus 275
Miniopterus schreibersii 207
Morus bassanus 133
Motacilla alba 194
Motacilla cinerea 193
Motacilla flava 192
Mus musculus 217
Mus spretus 216
Muscicapa striata 184
Mytilus galloprovincialis 239
Narcissus papyraceus 339
Natrix maura 105
Necora puber 290
Nerium oleander 355
Numenius phaeopus 122
Nycticorax nycticorax 135
Octopus vulgaris 234
Oenanthe oenanthe 190
Oenopia conglobata 255
Olea europaea var. sylvestris 351
Ommatoiulus moreleti 248
Ophiocomina nigra 71
Ophrys fusca 337
Oryctes nasicornis 253
Oryctolagus cuniculus 219
Otala lactea 224
Pachygrapsus marmoratus 291
Palaemon elegans 287
Parablennius gattorugine 82
Paracentrotus lividus 72
Parus major 159
Passer domesticus 191
Patella depressa 229
Pecten maximus 237
Pelophylax perezi 95
Periparus ater 156
Pertusaria pertusa 393
Pezotettix giornae 250
Phalacrocorax carbo 134
Phillyrea latifolia 350
Phlyctis argena 392
Phoenicurus ochruros 188
Phorcus lineatus 228
Phylloscopus collybita 170
Phylloscopus trochilus 169
Physalia physalis 62
Physcia adscendens 395
Pica pica 154
Pinus pinaster 327
Pinus pinea 326
Pistacia lentiscus 358
Platichthys flesus 85
Plocamium cartilagineum 314
Podarcis virescens 98
Pontia daplidice 260
Populus alba 364
Porcellana platycheles 289
Psammodromus algirus 99
Ptyonoprogne rupestres 164
Quercus coccifera 374
Quercus faginea 372
Quercus rotundifolia 375
Quercus suber 373
Ramalina canariensis 397
Ranunculus ficaria 382
Rattus norvegicus 214
Regulus ignicapilla 176
Reichardia picroides 346
Rhamnus alaternus 378
Rhinolophus hipposideros 206
Riparia riparia 162
Rosa sempervirens 376
Rubus ulmifolius 377
Rumina decollata 226
Saitis barbipes 274
Salamandra salamandra 92
Salix atrocinerea 363
Sambucus nigra 348
Sarpa salpa 89
Saxicola rubicola 189
Sciurus vulgaris 213
Scolopendra cingulata 282
Scomber colias 87
Scutigera coleoptrata 284
Scyliorhinus canicula 76
Sepia officinalis 235
Serinus serinus 200
Silene longicilia 367
Silene vulgaris 366
Siphonaria pectinata 232
Sitta europaea 178
Smilax aspera 331
Solea solea 86
Sphaerechinus granularis 73
Spinus spinus 201
Squalius pyrenaicus 79
Steromphala umbilicalis 227
Streptopelia decaocto 112
Streptopelia turtur 113
Strix aluco 145
Sturnus unicolor 181
Sturnus vulgaris 180
Sylvia atricapilla 174
Synema globosum 279
Tachybaptus ruficollis 117
Tamarix africana 365
Tamus communis 332
Tarentola mauritanica 97
Thaumetopoea pityocampa 262
Theba pisana 225
Thomisus onustus 278
Timon lepidus 100
Tipula oleracea 271
Trifolium repens 359
Triturus pygmaeus 93
Troglodytes troglodytes 177
Turdus merula 182
Turdus philomelos 183
Tursiops truncatus 209
Typha domingensis 340
Tyto alba 143
Ulex jussiaei 361
Ulmus minor 381
Ulva rigida 316
Upupa epops 152
Vanellus vanellus 119
Velella velella 61
Vespa crabro 267
Viburnum tinus 347
Vinca difformis 354
Volucella zonaria 270
Vulpes vulpes 212
Xanthoria parietina 396
Zamenis scalaris 106
Zoropsis spinimana 276

BIBLIOGRAFIA

- Aguiar, C. (2020) Estrutura e Biologia de Plantas; (2021) Evolução das Plantas e Sistemática das Plantas Vasculares. Coleção Botânica em Português I, II e III. Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Alves, J., Vingada, J. & Rodrigues, P. (2006). The Wild Rabbit (*Oryctolagus cuniculus* L.) diet on a sand dune area in central Portugal: a contribution towards management. Wildlife Biology in Practice, Vol. 2, No. 2. 63-71pp.
- Barros, C. D., & Ríos, E. D. (2002). Guía de aves del Estrecho de Gibraltar. Parque Natural "Los Alcornocales" y Comarca de "La Janda". Field guide to the birds of the Strait of Gibraltar. "Los Alcornocales" Natural Park and "La Janda". La Línea, Cádiz. 328pp.
- Beaman, M. & Madge, S. (Illustrations by Burn, H., Elliott, M., Harris, A., Hayman, P., Tucker, L. & Zetterström, D.) (2011). The Handbook of Bird Identification for Europe and the Western Palearctic. Christopher Helm, A & C Black, London. 868pp.
- Bencatel, J., Álvares, F., Moura, A. E. & Barbosa, A. M. (eds.), 2017. Atlas de Mamíferos de Portugal. Universidade de Évora, Portugal. 253 pp.
- Blanco, J. C. (1998). Mamíferos de España I (Insectívoros, Primates y Carnívoros). Editorial Geoplaneta. Barcelona. 457 pp.
- Blanco, J. C. (1998). Mamíferos de España II (Cetáceos, Artiodáctilos, Roedores y Lagomorfos). Editorial Geoplaneta. Barcelona. 383 pp.
- Brazil, M., & Nurney, D. (2010). Field guide to the birds of East Asia: Eastern China, Taiwan, Korea, Japan and Eastern Russia. Christopher Helm, London. 528pp.
- Brock, P.D. 2017. A photografic guide to insects of Southern Europe & the Mediterranean. Pisces Publications. United Kingdom.
- Brooker, R. J. (2008). Biology. Boston: McGraw-Hill Higher Education. 1392pp.
- Brown, R. W., Lawrence, M. J. & Pope, J. (2004). Animals: Tracks, Trails & Signs – Hamlyn Guide. London: Bounty Books. 320pp.
- Brown, R.W, Lawrence, M.J. & Pope, J.(1992). Animals: tracks, trails and signs. Hamlyn, London. 198 pp.
- CABRAL, Francisco Caldeira e TELLES, Gonçalo Ribeiro (2005) – A Árvore em Portugal, Assírio & Alvim, colecção Deméter – Lisboa
- Cabral, M. J., Almeida, J., Almeida, P. R., Dellinger, T., Ferrand de Almeida, N., Oliveira, M. E., Palmeirim, J. M., Queiroz, A. I., Rogado, L. & Santos-Reis, M. (eds.) (2005) Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal. Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa. 660pp.
- Cabral, M.J. (coord.), J. Almeida, P.R. Almeida, T. Dellinger, N. Ferrand de Almeida, M.E. Oliveira, J.M. Palmeirim, A.I. Queiroz, L. Rogado e M. Santos-Reis (eds.) (2005). Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal. Instituto da Conservação da Natureza. Lisboa. 660 pp.
- Caldas, A. (2010). Anfíbios de Portugal – Guia Fotográfico Quercus. QUERCUS – Associação Nacional de Conservação da Natureza, Lisboa. 85pp.
- Caldeira Cabral, F., Ribeiro Telles, G. (1960) A Árvore em Portugal. Ministério das Obras Públicas. Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização. Centro de Estudos de Urbanismo, em colaboração com o Centro de Estudos de Arquitectura Paisagista do Instituto Superior de Agronomia, Lisboa, 1960.
- Campbell, C. & Nicholls, J. 1994. Fauna e Flora do Litoral de Portugal e Europa. Guias Fapas;
- Carapeto, A., Porto, M., Pereira, P. 2021. Guia da Flora de Portugal Continental. Imprensa Nacional, Lisboa.
- Cardona, D. B. & Esteban, D. R. (2002). Guia de Aves del Estretcho de Gilbraltar, Parque Natural "Los Alcornocales" y Comarca de "La Janda", Ornit Tour, S.L., Cádiz. 328pp.
- Carter, P. A., Swallow, J. G., Davis, S. J. & Garland, T. (2000). Nesting Behavior of House Mice (*Mus domesticus*) Selected for Increased Wheel-Running Activity. Behavior Genetics, vol. 30, nº 2. 85-94pp.
- Catry, P. & Campos, A.R. (2001). Guia das aves comuns de Portugal. SPEA, Lisboa. 47pp.
- Catry, P., Costa, H., Elias, G., & Matias, R. (2010). Aves de Portugal: Ornitologia do território continental. Assírio & Alvim, Lisboa.
- Chinery M (2007) Insects of Britain and Western Europe (Domino Guides). Bloomsbury Publishing, London.
- Collares-Pereira, M.J. (coord.); M.J. Alves; F. Ribeiro; I. Domingos; P.R. Almeida; L. Costa; H. Gante; A.F. Filipe; M.A. Aboim; P.M. Rodrigues & M.F. Magalhães (2021). Guia dos peixes de água doce e migradores de Portugal Continental. Edições Afrontamento. Porto, 292p.
- Costa, H. 2003. Onde observar aves no Sul de Portugal. Assírio & Alvim, Lisboa. 269pp.
- Costa, H.; A. Araújo; J. C. Farinha; M. C. Poças e A. M. Machado. 2000. Nomes Portugueses das Aves do Paleárctico Ocidental. Assírio & Alvim. Lisboa.
- Costa, M. J. Peixes de Portugal. Porto: Edições Afrontamento, 2018.
- Dietz, C. & Helversen, O. (2004). Illustrated identification key to the bats of Europe. Electronic Publication, Version 1.0, Tuebingen & Erlangen, Alemanha. 35pp.
- Dijkstra, K-D. & Lewington, R. 2006. Field Guide to the Dragonflies of Britain and Europe. British Wildlife Publishing. United Kingdom.
- Doadrio, I. (2002). Atlas y Libro Rojo de los Peces Continentales de España. Dirección General de Conservación de la Naturaléza – Museo Nacional de Ciencias Naturales, Madrid. 376pp.
- Duivendijk, N. (2011). Advanced bird ID handbook: The Western Palearctic : covering all 1,350 species and subspecies recorded in Britain, Europe, North Africa and the Middle East. New Holland, London. 416pp.
- Elias, G. (2004). Aspects of Iberian Chiffchaff *Phylloscopus ibericus* distribution in Spain and Portugal. Ibis 146. 685-686pp.
- Elias, G., & Frade, J. (2022). Aves de Portugal Continental. Guia Fotográfico. Arena, Lisboa.
- Elias, G., Costa, H., Moore, C.C. & Franco, C. (2006). As Aves do Estuário do Sado. Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa. 173pp.
- Entwistle, A. C., Racey, P. A. & Speakman, J. R. (1996). Philosophical Transactions: Biological Sciences, vol. 351, issue 1342. 921-931pp.
- Everett, M. (1997). Guia das Aves. Editorial Estampa, Lda., Lisboa. 160pp.
- Falk, S. & Lewington, R. 2015. Field Guide to the Bees of Great Britain and Ireland. Bloomsbury Wildlife Guides. United Kingdom.
- Farinha, J. C. & Costa, H. (1999). Aves Aquáticas de Portugal - Guia de Campo. Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa. 268pp.
- Ferguson-Lees, J. & Christie, D. A. (2001). Raptors of the World: An Identification Guide to the Birds of Prey of the World. Houghton Mifflin Field Guides, New York.
- Ferrand de Almeida, N., Ferrand de Almeida, P., Gonçalves, H., Sequeira, F., Teixeira, J., Ferrand de Almeida, F. (2001). Anfíbios e Répteis de Portugal – Guias FAPAS. FAPAS & Câmara Municipal do Porto, Porto. 249pp.
- Ferreira, V. (2011). Guia de campo da fauna e flora marinha de Portugal. Planeta Vivo, 265pp.
- Frazão, A. (2020). Orquídeas Silvestres Arrábida. Guia de Campo. – Wild Orchids field guide - PrimeBooks, Lisboa.
- Garcia-Pereira, P., Monteiro, E., Soares, A., Antunes, S., Santos, R., Félix, R. 2018. Guia de insetos e plantas das Estações da Biodiversidade de Mértola. Câmara Municipal de Mértola, ISBN: 978989-8640-08-6.
- Girard, I., Swallow, J. G., Carter, P. A., Koteja, P., Rhodes, J. S. & Garland, T. (2002). Maternal-care behavior and life-history traits in house mice (*Mus domesticus*) artificially selected for high voluntary wheel-running activity. Behavioural Processes, vol. 57. 37-50pp.
- Gooders, J. & Harris, A. (1996). Guia de Campo das Aves de Portugal e da Europa. Círculo de Leitores, Lisboa. 480pp.
- Gray, S. J. & Hurst, J. L. (1997). Behavioural mechanisms underlying the spatial dispersion of comensal *Mus domesticus* and grassland *Mus spretus*. Animal Behaviour, vol. 53. 511-524pp.
- Hickman, C. P. (2011). Integrated Principles of Zoology. New York, NY: McGraw-Hill. 913pp.
- Hofmann, H. (1999). Mamíferos. Everest Editora, Lda., Rio de Mouro. 160pp.
- Hofmann, H. (2007). Aves – Guia claro e simples para a sua identificação. Everest Editora, Lda., Rio de Mouro. 192pp.
- Hume, R. (2002). RSPB Complete Birds of Britain and Europe, Dorling Kindersley, London. 480pp.
- HUMPHIES, C.J., PRESS, J.R. e SUTTON, D.A. (2005) – Árvores de Portugal e Europa, FAPAS, Porto
- Hurst, J. & Smith, J. (1995). *Mus spretus* Lataste: a hygienic house mouse? Animal Behaviour, vol. 49. 827-834pp.
- Hurst, J. L. (1987). Behavioural variation in wild house mice *Mus domesticus* Rutty: a quantitative assessment of female social organization. Animal Behaviour, vol. 35. 1846-1857pp.
- Hurst, J. L., Hall, S., Roberts, R. & Christian, C. (1996). Social organization in the aboriginal house mouse, *Mus spretus* Lataste: behavioural mechanisms underlying the spatial dispersion of competitors. Animal Behaviour, vol. 51. 327-344pp.
- ICN (2006). Rede Natura 2000: Peixes Dulciaquícolas de interesse comunitário. Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa. 156pp.
- Instituto de Conservação da Natureza e da Biodiversidade (Lisboa). (2008). Atlas das aves nidificantes em Portugal (1999-2005). Assírio & Alvim, Lisboa.
- IUCN 2015. The IUCN Red List of Threatened Species. Version 2015.1. <http://www.iucnredlist.org>. Consultado a 1 de junho de 2015.
- Jaquiéry, J., Guélat, J., Broquet, T., Berset-Brändli, L., Pellegrini, E., Moresi, R., Hirzel, A. H. and Perrin, N. (2008). Habitat-quality effects on metapopulation dynamics in greater white-toothed shrews, *Crocidura russula*. Ecology, vol. 89. 2777–2785pp.
- Jonsson, L. (1976). Os Pássaros. Círculo de Leitores, Lisboa. 127pp.
- Loureiro, A. Ferrand de Almeida,N. Carretero, M.A. e Paulo, O.S. (eds.) (2008) Atlas dos Anfíbios e Répteis de Portugal. 1ª Edição, Instituto da Conservação da Natureza e da Biodiversidade, Lisboa. 257pp.
- Loureiro, F., Pedroso, N. M., Santos, M. J. & Rosalino, L. M. (2012). Um Olhar sobre os Carnívoros Portugueses. CARNIVORA – Núcleo de Estudos de Carnívoros e seus Ecossistemas, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Lisboa. 252pp.
- M.D. Guiry in Guiry, M.D. & Guiry, G.M. 03 June 2021. AlgaeBase. World-wide electronic publication, National University of Ireland, Galway. https://www.algaebase.org; searched on 17 May 2023
- Macdonald, D. & Barret, P. (1999). Mamíferos de Portugal e Europa. Guias FAPAS. Câmara Municipal do Porto. Porto.315 pp.
- Madroño, A., González, C. & Atienza, J. C. (Eds.) (2004). Libro Rojo de las Aves de España. Dirección General para la Biodiversidad – SEO/BirdLife. Madrid. 452pp.
- Maravalhas, E. & A. Soares, 2013: As Libélulas de Portugal – The Dragonflies of Portugal. 336pp.
- Maravalhas, E. & A. Soares, 2018: Anfíbios e Répteis de Portugal – Amphibians and Reptiles of Portugal. 320pp.
- Maravalhas, E., 2003: As Borboletas de Portugal - The Butterflies of Portugal. 464pp.
- Martí, R. & del Moral, J. C. (eds) 2003. Atlas de las Aves Reproductoras de España. Dirección General de

Conservación de la Naturaleza – Sociedad Española de Ornitología, Madrid.
- Mathias, M.L. (coord.). (1999). Guia dos mamíferos terrestres de Portugal Continental, Açores e Madeira. Instituto da Conservação da Natureza (ICN). Lisboa. 200 pp.
- Meirinho A, Barros N, Oliveira N, Catry P, Lecoq M, Paiva V, Geraldes P, Granadeiro JP, Ramírez I & Andrade J (2014) Atlas das Aves Marinhas de Portugal. Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves. Lisboa.
- Mullarney, K., Svensson, L., Zetterström, D. & Grant, P. J. (2003). Guia de Aves. Assírio & Alvim, Lisboa. 400pp.
- Nicolai, J. (1999). Aves Canoras. Everest Editora, Lda., Rio de Mouro. 160 pp.
- Nicolai, J. (1999). Aves de Rapina. Everest Editora, Lda., Rio de Mouro. 160pp.
- Nicolai, J., Singer, D. & Wothe, K. (1994). Collins Nature Guide – Birds of Britain & Europe. HarperCollins Publishers, London. 254pp.
- Onrubia, A. & Arroyo, J. L. 2003. El mosquiteiro ibérico (*Phylloscopus ibericus*): identificación, biometria y apuntes sobre su migratología. Revista de Anillamiento 12. 18-29pp.
- Palomo, L. J., Gisbert, J. & Blanco, J. C. (2007). Atlas y Libro Rojo de los Mamíferos Terrestres de España. Dirección General para la Biodiversidad-SECEM-SECEMU, Madrid. 588pp.
- Palomo, L. J., Justo, E. R. & Vargas, J. M. (2009). *Mus spretus* (Rodentia: Muridae). Mammalian Species, vol. 840. 1-10pp.
- Pereira, M. J. R., Rebelo, H., Rainho, A. & Palmeirim, J. (2002). Prey selection by *Myotis myotis* (Vespertilionidae) in a Mediterranean region. Acta Chiropterologica, vol. 4. 183-193pp.
- Pereira, M. J. R., Salgueiro, P., Rodrigues, L., Coelho, M. M. & Palmeirim, J. M. (2009). Population Structure of a Cave-Dwelling Bat, *Miniopterus schreibersii*: Does It Reflect History and Social Organization? Jornal of Heredity, vol. 100. 533-544pp.
- Pinho, Rosa, Guerra, Sónia, Ezequiel, João, Lopes, Lísia. 2017. Guia Flora - árvores e arbustos Mata Nacional do Buçaco. Porto: Edições Afrontamento. ISBN 978-972-36-1470-1.
- Pleguezuelos, J. M. & Feriche, M. (2006). Reproductive ecology of a mediterranean ratsnake, the ladder snake *Rhinechis scalaris* (Schinz, 1822). Herpetological Journal, vol. 16. 177-182pp.
- Pleguezuelos, J. M., Feriche, M., Reguero, S. & Santos, X. (2010). Patterns of tail breakage in the ladder snake (*Rhinechis scalaris*) reflect differential predation pressure according to body size. Zoology, vol. 113. 269-274pp.
- Pleguezuelos, J. M., Márquez, R. & Lizana, M. (eds.) (2002). Atlas y Libro Rojo de los Anfibios y Reptiles de España. Dirección General de Conservación de la Naturaleza - Asociación Herpetologica Española (2ª impresión), Madrid. 587pp.
- Rainho, A. et al (2013). Atlas dos Morcegos de Portugal Continental. Instituto da Conservação na Natureza e das Florestas (ICNF), Lisboa. 98pp.
- Rainho, A., Alves, P., Amorim, F. & Marques, J.T. (Coords.) 2013. Atlas dos morcegos de Portugal Continental. Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas. Pp. 76 + x.
- Rasteiro, Francisco Luís (2009). Flora da Área Cársica do Concelho de Sesimbra. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra. 303pp.
- Rasteiro, Francisco Luís (2019). Guia de Campo, Flora da Arrábida Espichel. NECA - Núcleo de Espeleologia da Costa Azul. 255pp.
- Reis, Joaquim (coord.) 2006. Atlas dos bivalves de água doce em Portugal continental. Instituto da Conservação da Natureza. Lisboa. 130 pp.
- Rodrigues L. (2008) Population ecology of two species of cave-dwelling bats (*Miniopterus schreibersii* and *Myotis myotis*). PhD Thesis. University of Lisboa, Portugal.
- Saldanha, L. (1998). Fauna Submarina Atlântica. Publicações Europa-América, 364pp.
- Salvador, A., Martínez-Solano, I. (Eds.). Enciclopedia Virtual de los Vertebrados Españoles – Museo Nacional de Ciencias Naturales, Madrid. http://www.vertebradosibericos.org/
- Sauer, F. (1982). Aves Terrestres. Círculo de Leitores, Lisboa. 288pp.
- Sauer, F. (1983). Aves Aquáticas. Editorial Publica, Lda., Lisboa. 286pp.
- Schulenberg (Editors) (2020). Birds of the World. Cornell Laboratory of Ornithology, Ithaca, NY, USA. https://birdsoftheworld.org/
- SEO/BirdLife (2012). Atlas de las aves en invierno en España 2007-2010. Ministerio de Agricultura, Alimentación y Medio Ambiente – SEO/BirdLife. Madrid. 817pp.
- Sterry, P., Cleave, A., Clements, A. & Goodfellow, P. (2006). Field Guide to the Birds of Britain and Europe. Automobile Association Publishing, Hampshire. 416pp.
- Svensson, L., Mullarney, K., Zetterström, D. 2020. Collins Bird Guide (App edition). v1.54.45 (287). Produzida por Nature Guides Ltd.
- Svensson, L., Mullarney, K., Zetterström, D., & Grant, P. J. (2009). Guia de Campo das Aves de Portugal e da Europa. Assírio & Alvim, Lisboa.
- Tellería, J. L., Santos, T. & Alcántara, M. (1991). Abundance and Food-Searching Intensity of Wood Mice (*Apodemus sylvaticus*) in Fragmented Forests. Journal of Mammalogy, vol. 72, no. 1. 183-187pp.
- Temple, H.J. and Terry, A. (Compilers). 2007. The Status and Distribution of European Mammals. Luxembourg: Office for Official Publications of the European Communities. viii + 48pp.
- Valente, A. et al. (2015). Atlas dos pelos dos mamíferos terrestres ibéricos. Departamento de biologia da Universidade de Aveiro & Edições Afrontamento. Pp 189.
- Vanja Bugarski-Stanojevic, Jelena Blagojevic, Tanja Adnadevic, Vladimir Jovanovic, Mladen Vujosevic, Identification of the sibling species *Apodemus sylvaticus* and *Apodemus flavicollis* (Rodentia, Muridae)—Comparison of molecular methods, Zoologischer Anzeiger - A Journal of Comparative Zoology, Volume 252, Issue 4, June 2013, Pages 579-587, ISSN 0044-5231, http://dx.doi.org/10.1016/j.jcz.2012.11.004.
- Vargas, J. M., Palomo, L. J. & Palmqvist, P. (1991). Reproduction of the Algerian mouse (*Mus spretus* Lataste, 1883) in the south of the Iberian Peninsula. Bonn Zoological Bulletin, vol. 42, issue 1. 1-10pp.
- Zahn, A., Haselbach, H. & Güttinger, R. (2004). Foraging activity of central European *Myotis myotis* in a landscape dominated by spruce monocultures. Mammalian Biology, vol. 70, issue 5. 265-270pp.

Páginas na Internet:

- Algae Base - https://www.algaebase.org/
- Amphibiaweb – http://amphibiaweb.org
- Araneae, Spiders of Europe - https://araneae.nmbe.ch/
- Árvores e arbustos autóctones de Portugal continental - https://www.florestar.net/
- Aves de Portugal – https://www.avesdeportugal.info/
- Avibase – The World Bird Database – http://avibase.bsc-eoc.org
- Bees, Wasps & Ants Recording Society - www.bwars.com
- BioDiversity4All – https://www.biodiversity4all.org/
- Biorede – Diversidade Vegetal – Universidade de Évora - http://www.biorede.pt/tema2/tema2.htm
- BIOTIC - Biological Traits Information Catalogue - https://www.marlin.ac.uk/biotic/
- BirdLife International – http://www.birdlife.org/
- BugGuide - https://bugguide.net/
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa - https://dicionario.priberam.org/
- Espécies e habitats da Herdade da Mitra – Universidade de Évora - http://www.mitra-nature.uevora.pt/Especies-e-habitats
- FCTVIVA - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Nova de Lisboa - https://www.viva.fct.unl.pt/
- Fichas Micológicas - Asociación cultural "Baxauri" Kultur Elkartea. Mikologia. Bajauri. - http://www.fichasmicologicas.com/
- First Nature - https://www.first-nature.com/
- Flora-on - https://flora-on.pt/
- GBIF | Global Biodiversity Information Facility – https://www.gbif.org/
- ICNF – Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas – http://www.icnf.pt
- iNaturalist – https://www.inaturalist.org/
- IUCN – The IUCN Red List of Threatened Species – http://www.iuncredlist.org
- Jardim Botânico da UTAD - https://jb.utad.pt/
- Landscape Design & Ecosystem Management - Faculty of Agriculture & Food Sciences - AUB Landscape Plant Database - https://landscapeplants.aub.edu.lb/
- Lepidoptera and their ecology - http://www.pyrgus.de/
- Lista Vermelha da Flora Vascular de Portugal Continental - https://listavermelha-flora.pt/
- Lista Vermelha de Grupos de Invertebrados Terrestres e de Água Doce de Portugal Continental - http://lvinvertebrados.pt/
- Museu Virtual Biodiversidade da Universidade de Évora – https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/
- Mushroom Expert - https://www.mushroomexpert.com/
- Observatório Marinho de Esposende - http://www.omare.pt/
- Parque Biológico de Gaia – https://ifs2020gaia.parquebiologico.pt/fireflies-glowworms/portuguese-firefly
- Parque Marinho Professor Luiz Saldanha - https://arrabidaparquemarinho.ualg.pt/
- Portal Português das Macroalgas – Universidade de Coimbra - http://www.flordeutopia.pt/macoi/default.php
- Porto Editora –Dicionário infopédia da Língua Portuguesa - https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/
- Rios e Biodiversidade – Universidade de Évora - http://riosbiodiv.uevora.pt/
- Science Direct - https://www.sciencedirect.com/
- Seaweed Site - https://www.seaweed.ie/index.php
- Spider Identifications - https://spideridentifications.com/
- The British Lichen Society - https://britishlichensociety.org.uk/
- The Marine Life Information Network - https://www.marlin.ac.uk/
- The Reptile Database - http://www.reptile-database.org
- Woodland Trust - https://www.woodlandtrust.org.uk/

Referências de Instrumentos Legais:

- Decreto-lei n.º 316/89 "D.R. Série I" 219 (22-09-89) – referente à Convenção de Berna – referente à Convenção Relativa à Conservação da Vida Selvagem e dos Habitats Naturais da Europa.
- Decreto-lei n.º 565/99 "D.R. Série A" 295 (21-12-99) 9100 – referente à introdução de espécies não-indígenas/exóticas em Portugal.
- Decreto-lei n.º 34/02 "D.R. Série I-A" 255 (05-11-02) – referente à Convenção de Bona – Convenção sobre a Conservação das Espécies Migradoras Pertencentes à Fauna Selvagem.
- Decreto-lei n.º 49/05 "D.R. Série A" 39 (24-02-05) 1670 – referente ao programa "Rede Natura 2000" (engloba "Directiva Habitats" e "Directiva Aves").

AGRADECIMENTOS

Concluída a obra, existe sempre a possibilidade de deixar de referir algum nome. Ao longo da vida e trabalho de biólogo e fotógrafo de vida selvagem temos oportunidade de nos cruzarmos com uma grande quantidade de pessoas, e por isso, aos agradecimentos segue-se um pedido de desculpa por alguma eventual falta.

O primeiro agradecimento é para a minha família, que esteve sempre presente em todos os momentos, bons ou maus, e que me ajudam a assegurar que posso continuar a fazer este tipo de trabalhos. Agradeço do fundo do meu coração à minha mãe, Maria Manuela Jorge, ao meu pai, António Oliveira, às minhas avós, Lina e Tita, e ao meu tio, Eduardo Jorge.

Considero fundamental agradecer a quem acreditou no projeto quando este era apenas uma ideia: um agradecimento especial à Sara Almeida Almeida, por ter ido assistir à palestra que dei e que deu origem a toda esta aventura. E à Câmara Municipal de Oeiras e toda a equipa que ajudou e colaborou para que este guia visse a luz do dia. Agradeço a confiança, participação e orientação que foram fundamentais e decisivas para encaminhar o trabalho de todos, Domingos Leitão, Luís Filipe Afonso, Pedro Neves, Sara Bento, Selma Rodrigues e Sofia Gomes.

Agradeço a todos os meus amigos pela paciência, por me ouvirem, pelas palavras de apoio, pela ajuda a atravessar obstáculos e acima de tudo pela amizade em todos os momentos. Em especial a: Ana Filipa Gonçalves, Ana Varela, Bruno Espírito Santo, Claúdia Santos, Davina Falcão, Guillaume Rethroré (Gui), Jaime Sousa, Joana Jesus, João Gaspar, Luís Guilherme Sousa, Marco Caetano, Maria Silva, Nuno Curado, Pedro Calado, Raquel Santos, Ricardo Saraiva, Rita Luz, Rodrigo Inglês, Rui Machado, Sara Moreira, Sofia Abreu, Sofia Nogueira e Vanessa Mata.

Foram muitos os fotógrafos de vida selvagem que partilharam comigo largas horas no campo a fotografar e ainda partilharam conhecimento e algumas técnicas fotográficas. A eles o meu agradecimento: Albano Soares, Andrew Ellis, Carl Hawker, Carlos Miguel, Carlos Palma Rio, Dinis Cortes, José Freitas, José Sousa, José Viana, Luís Gomes (Faísca), Rui Viana, Sérgio Correia e Tiago Guerreiro.

Queria também agradecer a toda a equipa que esteve envolvida no guia, que acreditaram neste projeto e fizeram os possíveis e impossíveis para que fosse possível desenvolvê-lo. Agradecer também a toda a equipa de revisão científica, Ana Coelho, Francisco Aguilar, Guillaume Rethroré, Hugo Rebelo, João Eduardo Rabaça, José Maria Santos, Luís Castro, Luís Filipe Afonso, Luís Guilherme Sousa, Pedro

Neves, Sara Almeida e Vanessa Mata. Agradecer ainda a quem reviu toda a obra múltiplas vezes, Américo Rosa.

Quero ainda agradecer às professoras Leonor Morais e Sara Amâncio, pelo grande impulso que deram ao apoiar e ajudar a criar o meu primeiro guia de fauna.

Também a toda a equipa da Sony por todo o equipamento que foi fundamental para obter as melhores fotografias para ilustrar este guia, o meu muito obrigado a Daniela Cerejo, Filipa Luis, Ismael Raimundo, Oscar Sanchez Garcia e Sara Carreira.

O sucesso desta obra só foi possível graças ao apoio, à colaboração e à confiança de muitas pessoas que deram o seu contributo para a tornar uma realidade. Por isso, faço questão de registar aqui o meu agradecimento a:
Alexandra Fernandes, Alexandra Lopes, Alfonso Godino, Ana Coelho, Ana Graça, Ana Nunes, Ana Rainho, Ana Severino, André Oliveira, Andreia Silva, António Mira, António Morais, Ayala Botto, Carlos Godinho, Carlos Lage, Carlos Pacheco, Carolina Ladeira, Carolina Silva, Catarina Machado, Catarina Roseta Palma, Daniel Pinheiro, David Delgado, David Santos, Diana Cipriano, Dinis Cortes, Eduardo Lima, Eduardo Realinho, Emiline Bréant, Eugénia Miguel, Filipe Gil, Gonçalo Delgado, Hélio Batista, Hugo Rebelo, Joana Domingues, João Edgar, João Miranda, João Tiago Marques, Joaquim Teodósio, Lara Broom, Leonor Silva Martins, Luísa Rodrigues, Manuel Aldeias, Margarida Soares, Maria Joana Azeredo, Mariana Fernandes, Marta Oliveira, Milene Batista, Paulo Marques, Paulo Sá Sousa, Pedro Lérias, Rafael Francisco, Rolando Andrade, Rui Miguel Correia, Sara Fidalgo, Simon Wates, Sofia Borba, Teresa Isabel Dias, Tina Chaves, Tita Rio, Vasco Flores Cruz, Virgínia Vinagre e Vítor Encarnação.

Tenho ainda a agradecer às empresas que deram o seu contributo em algum momento, desde a obtenção de fotografias à partilha de conhecimento: à 4D6 Soluções Informáticas, ao Laboratório de Ornitologia da Universidade de Évora (LabOr), à Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves (SPEA), à Liga para a Proteção da Natureza (LPN), à Associação Transumância e Natureza (ATN), ao Centro de Estudos da Avifauna Ibérica (CEAI), ao Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, I. P. (ICNF, I. P.), à Passeios MiraSado, à Fotocamo pelos abrigos de fotografia, à SóPraSi, à Greentrekker, à Wild Eindhoven, à Comercial Foto e à Colorfoto.

E a todos os restantes que por lapso não foram aqui incluídos, mas que de alguma forma contribuíram para a concretização deste guia, fica também o meu bem haja.

GLOSSÁRIO

ÁGLIFA – Serpente que não apresenta dentes inoculadores de veneno.

AMAMENTAÇÃO – Processo pelo qual as crias de mamíferos obtêm nutrientes nos primeiros meses ou anos de vida, bebendo o leite produzido pelas células mamárias das suas progenitoras.

AMPLEXO – É o abraço que ocorre entre o macho e a fêmea, durante a reprodução de algumas espécies de anfíbios.

AMPLEXO AXILAR (ANFÍBIOS) – É uma pseudocópula realizada pelas famílias de anuros, da ordem dos anfíbios. Ocorre normalmente dentro de água, com a exceção de algumas espécies mais terrestres. Os machos agarram-se às costas de uma fêmea, enquanto esta faz a postura dos ovos. A fertilização dos ovos dá-se com os machos a libertarem o fluido que contêm os espermatozoides.

ANFISBENÍDEO – É a designação de uma família de répteis, da ordem dos sáurios, na sua maioria animais subterrâneos. Apresentam o corpo semelhante a um verme, com patas rudimentares ou inexistentes.

ANUROS – É uma ordem da classe Amphibia (Anfíbios), onde se incluem sapos, rãs e relas. A palavra "anuro" significa "sem cauda".

APARELHO INOCULADOR DE VENENO – Aparelho desenvolvido pelas serpentes para inocular veneno nas suas presas.

ARTRÓPODES – Designação geral usada para as espécies do filo Arthropoda. O seu exoesqueleto é rígido e apresentam corpo segmentado e apêndices articulados.

ASSIMETRIA – É a ausência de simetria.

ATIVIDADE POLIFÁSICA – Diz-se de uma espécie que apresenta dois períodos de atividade ao longo do dia, variando na duração em que ficam ativos.

AUTOTOMIA – É a capacidade que algumas espécies de répteis, anfíbios e mamíferos possuem de perder a cauda ou parte desta. A parte perdida continua a mover-se devido a contrações musculares, distraindo assim os predadores. Mais tarde, em algumas destas espécies, a cauda acaba por regenerar-se.

BACIA HIDROGRÁFICA – É a bacia de escoamento de um rio e todos os seus afluentes.

BARBILHOS (PEIXES) – Designação das formações sensoriais filiformes tegumentares que podem ser observadas externamente muito perto da boca de alguns peixes e semelhantes a bigodes. As papilas gustativas encontram-se nestas estruturas, sendo por isso utilizados em águas turvas para se orientarem e para procurarem alimento.

BIÓTOPO – É uma área, de dimensões variáveis e com condições constantes ou cíclicas, povoada por um conjunto de seres vivos adaptados ao meio.

BOCA SUBTERMINAL – Apresentam a fenda bucal localizada abaixo do plano transversal que passa pela extremidade mais anterior da cabeça.

BOCA SÚPERA OU SUPERIOR – Apresentam a fenda bucal voltada para a região superior da cabeça, ficando localizada acima do plano transversal que passa pela extremidade mais anterior da cabeça.

BOCA TERMINAL – Apresentam a fenda bucal localizada na região mais anterior da cabeça.

BOCA VENTRAL – Apresentam a fenda bucal localizada ventralmente, isto é, na região inferior da cabeça.

BOCA PROTRÁTIL - Apresentam a fenda bucal composta por ossos móveis, que possuem a capacidade para se projetarem para a frente, aumentado a cavidade bucal.

BOLBOS – Órgão subterrâneo que algumas plantas possuem e que representa uma importante reserva nutritiva, podendo originar uma nova planta.

BRÂNQUIAS – São estruturas que permitem aos peixes e às larvas de anfíbios respirar debaixo de água.

CALOSIDADES NUPCIAIS – São pequenas protuberâncias, que podem ou não ser aderentes, localizadas no tronco, patas anteriores ou dedos dos anfíbios, cuja utilidade é facilitar o amplexo (ver "Amplexo").

CARDUME – É a designação dada a um grupo de peixes, usualmente da mesma espécie e do mesmo grupo etário, que se deslocam como se fossem um único indivíduo.

CAUDA MUSCULOSA PÓS-ANAL – Pode ser observada em diversos animais, embora esteja ausente em diversas espécies, como nos humanos, desaparecendo ainda na fase embrionária. Nos animais que a ostentam para toda a vida, ela possui diferentes funções, desde captura de alimentos, equilíbrio, natação, entre outras.

CERATOPOGONIDAE – É uma família da ordem Diptera (classe Insecta). São pequenas moscas, usualmente encontradas em habitat aquático ou semiaquático.

CHARCOS TEMPORÁRIOS – é a designação dada a pequenas depressões pouco profundas que apresentam uma alternância anual entre uma fase seca e uma fase inundada. As espécies, tanto de flora como de fauna, que colonizam estes habitats encontram-se adaptadas às condições ecológicas, isto é, à sazonalidade na disponibilidade de água. Os charcos temporários mediterrânicos encontram-se protegidos por lei, sendo um habitat prioritário pelo Anexo I da Diretiva Habitats (92/43/CEE) – Charcos Temporários Mediterrânicos (3170*).

CHIRONOMIDAE – É uma família da ordem Diptera (classe Insecta), constituída por mosquitos que vivem, em geral, na proximidade de ambientes aquáticos.

CLADÓCEROS – São pequenos crustáceos da ordem Cladocera, geralmente denominados pulgas-d'água. Preferem habitats de água doce.

CLOACA – Nos Anfíbios e Répteis, é o orifício terminal do intestino, onde ocorre a ligação dos canais intestinais, urinários e genitais.

CNIDÓCITOS OU CNIDOBLASTOS – São células urticantes que podem ser observadas nas espécies do filo Cnidaria. Estão localizados na zona dos tentáculos e servem como mecanismo de defesa e para capturarem o seu alimento, pois as substâncias neurotóxicas são capazes de paralisar os animais que entrem em contato com elas. Estas substâncias podem ser perigosas para o ser humano, existindo algumas espécies com um veneno potente; no entanto, na maioria dos casos causa apenas dor e irritação no ponto de contato.

COLEÓPTEROS – São uma ordem (Coleoptera) pertencente à classe dos Insetos (Insecta). São designados vulgarmente como besouros, escaravelhos, joaninhas, gorgulhos, entre outros.

COLORAÇÃO – Designação dada ao conjunto de cores e padrões de um organismo.

COMENSAIS (ESPÉCIES) – Designação dada aos organismos que vivem associados a outros organismos, retirando benefícios desta associação, mas não prejudicando o outro organismo.

COMPORTAMENTO BENTÓNICO – Denominação dada aos organismos que dependem de um substrato para sobreviverem, podendo ser consolidado (rochas ou recifes de coral) ou inconsolidado (moles, como areias e sedimentos).

CONSTRIÇÃO – Designação dada à técnica utilizada por alguns organismos para matar as suas presas, exercendo pressão em torno das mesmas, diminuindo o seu diâmetro e impedindo a respiração.

COPÉPODES – Não atingem mais de 3 mm e pertencem à classe Maxillipoda (subclasse Copepoda). São um grupo de crustáceos que habita zonas aquáticas e são considerados o grupo pluricelular mais abundante do mundo, superando a classe dos Insetos (Insecta).

CÓPULA – Denominação dada à relação sexual entre organismos da mesma espécie.

CORPO CILÍNDRICO – Formato do corpo de alguns organismos, assemelhando-se a um cilindro.

CORPO PENTAGONAL – Formato do corpo de alguns organismos, apresentando cinco lados diferentes ou semelhantes.

CRENULAÇÕES – São formações bastante variadas morfologicamente, que surgem cortando e transpondo uma clivagem anterior, que se encontra dobrada em microescala.

CREPÚSCULO OU LUSCO-FUSCO – Instante imediatamente antes do nascer do sol ou apos o pôr-do-sol, em que o sol se encontra escondido, mas muito próximo da linha do horizonte, iluminando apenas as camadas superiores da atmosfera.

CRISTA (ANFÍBIOS) – É uma estrutura que surge nos machos de algumas espécies de salamandras e tritões, uma prega de pele na parte superior que forma uma crista. É utilizada para melhorar a natação e para atrair as fêmeas.

CROMATÓFOROS OU CROMATÓCITOS – Designação dada às células tegumentares, com diversas projeções citoplasmáticas, conferindo um aspeto dendrítico e que são responsáveis por sintetizar e armazenar pigmentos.

CRUSTÁCEOS – São artrópodes com dois pares de antenas e patas articuladas, e uma carapaça que envolve o seu corpo.

DIMORFISMO SEXUAL – São as diferenças que se verificam entre indivíduos da mesma espécie, mas de sexos diferentes. Pode incluir diferenças nas formas, cores, tamanhos, etc.

DIPLÓPODES – São animais da classe Diplopoda, vulgarmente designados por maria-cafés. Apresentam um corpo cilíndrico e dividido em vários segmentos, cada um dos quais possui dois pares de patas.

DÍPTEROS – São uma ordem (Diptera) da classe dos Insetos (Insecta) que incluem, por exemplo, as moscas e os mosquitos.

DISTRIBUIÇÃO – Área onde um determinado organismo pode ser observado.

DIURNO – Corresponde ao período desde o nascer do sol até ao pôr-do-sol.

DOENÇA HEMORRÁGICA VIRAL (DHV) – É uma doença que atinge as populações de coelhos-bravos (*Oryctolagus cuniculus*; pág. 219) e reduz drasticamente as suas populações. Tem tido consequências graves sobre as populações de muitas espécies que se alimentam destes animais.

DORSO – Designação dada à zona das costas nos organismos.

ECLOSÃO – Processo pelo qual um individuo sai do seu ovo ou invólucro.

ECOLOCALIZAÇÃO – É um processo de orientação utilizado por algumas espécies (por exemplo, golfinhos e morcegos) que emitem sons de alta frequência cujos ecos são depois captados pelo animal emissor. Conseguem assim determinar a localização dos objetos e orientar-se em plena escuridão, evitando colisões e detetando as suas presas.

ÉPOCA DE REPRODUÇÃO – Período em que as espécies se reproduzem.

ESCAMA FRONTAL – Escama que se encontra na zona da cabeça (ver morfologia).

ESCAMAS – São lâminas finas e com reflexos que revestem a pele de muitos peixes e de todos os répteis. Também estão presentes em alguns mamíferos. Podem possuir tamanho variável e apresentar várias formas (por exemplo, serem carenadas ou ctenóides).

ESCAMAS CARENADAS – São escamas dorsais que possuem um pequeno relevo longitudinal.

ESCAMAS CTENÓIDES – São escamas rugosas e com a margem denteada. Presentes na maior parte dos peixes com barbatanas de raios duros.

ESCAMAS IMBRICADAS – Denominação dada às escamas que se sobrepõem parcialmente, como que telhas num telhado.

ESPÉCIE ACIDENTAL – É uma espécie que não ocorre regularmente numa determinada região; ou seja, a sua observação é esporádica.

ESPÉCIE COMENSAL – É uma espécie que se aproveita de outra espécie, não sendo esta beneficiada ou prejudicada. O aproveitamento pode ser de natureza variada, como alimentar, proteção ou transporte.

ESPÉCIE ENDÉMICA – É uma espécie que habita única e exclusivamente uma região, não se encontrando em mais nenhum local do mundo.

ESPÉCIE ESTIVAL – É uma espécie (sobretudo em aves) que apenas permanece num local ou região durante a época da primavera e verão.

ESPÉCIE EXÓTICA – É uma espécie de fauna ou flora introduzida (geralmente) pela mão do Homem. Nalguns casos constituem uma grave ameaça para os ecossistemas e espécies indígenas.

ESPÉCIE NATURALIZADA – É uma espécie deslocada, acidental ou propositadamente. A sua distribuição original não inclui o novo local, mas consegue aí manter populações ao longo de vários ciclos de vida, sem intervenção direta do Homem.

ESPÉCIE RESIDENTE – É uma espécie cuja população não realiza migrações, ou seja, permanece no mesmo local.

ESTIVAÇÃO – É um "período de dormência" adotado por diversas espécies durante o verão para responder a determinadas adversidades ambientais. Nos Anfíbios, é um comportamento comum, em especial nos verões mais quentes. Ao reduzirem o seu metabolismo e temperatura corporal, conseguem resistir às elevadas temperaturas enterrando-se ou permanecendo em esconderijos profundos, aguardando a época das chuvas, quando retomam a atividade normal, alimentação e reprodução.

ESTRÓBILO – É o conjunto de estruturas sexuais presentes nas plantas gimnospérmicas. Os estróbilos femininos, após a fertilização

e formação das sementes, crescem e formam o fruto composto, em forma de cone ou pinha.

EXCRESCÊNCIA – Saliência ou proeminência que se eleva acima da superfície do corpo de um organismo.

FASE AQUÁTICA (ANFÍBIOS) – Termo utilizado para designar um dos ciclos de vida da maioria das espécies de anfíbios. Sendo observados neste ciclo aquático durante a sua fase larval, e durante o período de acasalamento os adultos de algumas espécies regressam aos ambientes aquáticos e desenvolvem uma fase semi-aquática ou aquática.

FASE TERRESTRE (ANFÍBIOS) – Termo utilizado para designar um dos ciclos de vida da maioria das espécies de anfíbios. Este período corresponde à fase adulta do animal, tornando-se terrestres e regressando apenas a ambientes aquáticos para o acasalamento.

FENDAS BRANQUIAIS, BRÂNQUIAS OU GUELRAS – São os órgãos que desempenham a função de respiração, ou seja, onde ocorrem as trocas gasosas entre o sangue ou linfa dos organismos portadores e a água. Possuem um aspeto de finas placas ou excrescências de tecido mucoso altamente irrigadas por vasos sanguíneos, podem ser externas ou internas.

FENDAS FARINGIANAS – São fendas que se encontram localizadas na região lateral da faringe. Nos cordados aquáticos elas vão dar origem às brânquias, mas nas espécies terrestres as fendas desaparecem durante a parte inicial do desenvolvimento embrionário.

FORCÍPULOS – Garras que constituem o segundo par de maxilípedes dos miriápodes quilópodes (centopeias).

FOTOPERÍODO – É a designação da duração do período de luz num dia; varia consoante a latitude do local e a estação do ano.

FUSIFORME – Designação dada a um organismo em forma de fuso (antigo instrumento utilizado para fiar). Apresenta uma forma alongada, com as extremidades mais estreitas que o centro, usualmente elipsóide alongado.

GÂMETAS OU CÉLULAS SEXUAIS – Na reprodução sexuada, são as células dos seres vivos que se fundem no momento da fecundação (ou fertilização) para formar o ovo ou zigoto, que irá originar o embrião, que depois de desenvolvido irá conceber um organismo da mesma espécie.

GASTRÓPODES – É uma grande classe (Gastropoda) de moluscos (filo Mollusca). Possui mais de 70 mil espécies, nas quais se incluem os caracóis e as lesmas.

GESTAÇÃO – Período em que se desenvolve o feto, desde a fecundação do óvulo, pelo espermatozoide, ao seu subsequente desenvolvimento no útero, e por fim, ao nascimento.

GESTÃO CINEGÉTICA – É uma forma de controlo de populações de animais selvagens, devido à ausência de predadores.

GIRINOS – Ver larvas de anfíbios.

GLÂNDULAS PARATÓIDES – Localizadas lateralmente na cabeça de inúmeras espécies de anfíbios, são regiões mais espessas da pele, isto porque possuem uma acumulação de células secretoras de substâncias tóxicas (mas de um modo geral inofensivas para o ser humano).

GÓNADAS – São os órgãos onde se produzem as células sexuais (gâmetas) necessárias para a sua reprodução.

GRAMÍNEAS – São plantas monocotiledóneas (classe Lilipsida) da família Poaceae, onde se incluem os cereais. Possuem uma inflorescência composta de espiguilhas e o fruto é, normalmente, uma cariopse.

HABITAT – Local onde uma espécie vive e encontra as condições ambientais favoráveis ao seu desenvolvimento, sobrevivência e reprodução. Algumas espécies podem ocorrer em mais do que um habitat; no entanto, outras são especializadas, sobrevivendo apenas num habitat específico.

HÁBITOS FOSSORIAIS – Hábitos de viver debaixo de terra (subsolo).

HARÉM – Termo usualmente utilizado para machos que se reproduzam com várias fêmeas, mantendo-as no seu território.

HELICIFORME – É a designação dada a um organismo em forma de hélice.

HEMÍPTEROS – É uma ordem (Hemiptera) da classe Insecta. Incluem as cigarras, cigarrinhas, afídios, etc.

HERBÁCEAS – São plantas com caules não lenhosos ou flexíveis, geralmente não ultrapassando 1 a 2 metros de altura. Existe uma grande variedade de espécies; na sua maioria, apresentam um ciclo anual (crescem, reproduzem-se e morrem no espaço de um ano).

HERMAFRODITA – Designação dada aos organismos que produzem gâmetas masculinos e femininos funcionais durante o seu ciclo de vida.

HERPETOFAUNA – É um grupo faunístico que engloba os Anfíbios e Répteis, embora não corresponda a nenhuma unidade taxonómica.

HIBERNAÇÃO – Corresponde ao período de dormência durante os meses mais frios. Algumas espécies de anfíbios, répteis e mamíferos podem adotar este comportamento, diminuindo o seu metabolismo e temperatura, retomando a sua atividade normal aquando do regresso das condições adequadas.

HIERARQUIA SOCIAL – Conceito que envolve a classificação dos organismos com base em condições de dominância.

HIMENÓPTEROS – É uma ordem (Himenoptera) da classe dos Insetos. As suas principais características são as quatro asas membranosas e o facto de realizarem metamorfoses completas. Esta ordem inclui as formigas, vespas e abelhas.

INCUBAÇÃO – É o ato de incubar os ovos, de forma a mantê-los quentes durante o desenvolvimento do embrião, até à sua eclosão.

INSECTÍVORO – Animal que se alimenta principalmente de insetos e outros artrópodes.

ÍRIS – é a parte mais visível e colorida dos olhos, cuja função é controlar os níveis de luz que entram nos olhos, fazendo aumentar ou diminuir a pupila (orifício no seu centro).

ISÓPODES – É uma ordem (Isopoda) de crustáceos (sub-filo Crustacea e classe Maxillopoda). São pequenos e vivem em meios marinhos, ambientes de água doce ou ambientes terrestres. Inclui, por exemplo, os bichos-de-conta.

JUNCOS – É o nome dado a plantas herbáceas da família das Juncáceas (género Juncus), com aspeto alongado e flexível.

LARVA – É o termo que designa o embrião que eclode do seu invólucro e ainda não adquiriu o seu estágio final, ou seja, ainda não se encontra totalmente desenvolvido. O processo de transição deste estado larvar para o estado adulto denomina-se metamorfose.

LARVAS DE ANFÍBIOS – também denominadas "girinos" no caso dos anuros, as larvas possuem a forma de peixe, com uma longa e musculosa cauda; não apresentam membros. O seu desenvolvimento ocorre no meio aquático e sofrem uma metamorfose para se transformarem em adultos. A sua metamorfose é algo espantosa de observar e estudar, pois verifica-se o crescimento das patas, o desaparecimento da cauda (no caso dos Anuros) e a transformação das brânquias em pulmões internos.

LARVAS DE INSETOS – Estas larvas podem possuir um aspeto semelhante ao dos adultos ou serem muito diferentes.

LARVAS DE LEPIDÓPTEROS – São vulgarmente designadas "lagartas". São completamente diferentes dos adultos (as borboletas). Apresentam um corpo cilíndrico e várias patas (algumas falsas patas).

LATIM – É uma língua indo-europeia amplamente difundida, como a língua oficial do Império Romano, pela Europa Ocidental.

LATRINA – Termo usado para designar o local utilizado por algumas espécies de mamíferos para defecar e marcar o seu território.

LEPIDÓPTEROS – É uma ordem (Lepidoptera) da classe dos Insetos (Insecta). É uma ordem muito diversificada, incluindo borboletas e traças. As principais características são os dois pares de asas membranosas cobertas de escamas e o aparelho bucal adaptado para a sucção.

LIMÍCOLAS – É a designação dada às aves da ordem Charadriiformes, que preferem habitats húmidos (principalmente estuários e lagoas), embora possam ocorrer noutros habitats. Muitas espécies realizam grandes migrações anualmente.

LOCOMOÇÃO – É o ato ou efeito de se mover.

LONGEVIDADE – É a duração da vida de um organismo.

LUSCO-FUSCO – Ver crepúsculo.

MACROINVERTEBRADOS – É um termo vulgarmente utilizado para designar de forma genérica espécies de vários grupos de grandes invertebrados.

MAR DOS SARGAÇOS – Corresponde a uma região localizada no meio do oceano Atlântico Norte, cercado por diferentes correntes oceânicas.

MARCAÇÕES ODORÍFERAS – São uma forma de comunicação química realizada por diferentes espécies terrestres. Usualmente implica a deposição de fezes, urina e/ou secreções anogenitais sobre diferentes substratos.

MASSAS DE ÁGUA – É a designação dada a grandes volumes de água com uma origem determinada e que se mantém estável durante longos períodos, com características de temperatura e salinidade quase constantes.

MECANISMO DE DEFESA – São as adaptações anti-predatórias desenvolvidas através da evolução e que auxiliam os organismos na sua luta constante contra predadores. Existem diversos mecanismos de defesa, como a camuflagem, a coloração, o mimetismo, o aposematismo, a tanatose e a autotomia.

MEMBRANA CAUDAL – É o prolongamento de pele que reveste a cauda das larvas de anfíbios, assim como dos adultos da ordem Caudata. Pode mudar de forma durante a época da reprodução.

MEMBRANAS INTERDIGITAIS – São pequenas extensões de pele que ligam os dedos entre si.

METABOLISMO – É o conjunto de reações intracelulares necessárias à formação, desenvolvimento e renovação das estruturas celulares.

METAMORFOSE – É o processo pelo qual uma espécie sofre uma reorganização anatómica e fisiológica, transformando-se numa forma diferente. Nos Anfíbios ocorre na passagem da fase larvar aquática para a fase adulta terrestre.

MICROMAMÍFEROS – São mamíferos de pequeno porte, onde se incluem os roedores e os insectívoros, como os musaranhos.

MIGRAÇÃO – É um comportamento que alguns animais exibem, mudando sazonal e periodicamente para ambientes mais favoráveis à sua sobrevivência, onde encontram maior disponibilidade alimentar ou locais adequados à sua reprodução.

MIMETISMO – É uma estratégia desenvolvida por determinados organismos que desenvolveram características que os confundem com um outro grupo de organismos. A semelhança pode ser no padrão da coloração, na textura, na forma do corpo e/ou em determinados comportamentos, conferindo uma vantagem adaptativa. Como as moscas-abelhas, que se assemelham a abelhas.

MINHOCAS – É o termo vulgar atribuído aos vermes anelídeos, da família Lumbricidae. São espécies frequentes em locais húmidos, usualmente no subsolo.

MIRIÁPODES – É um subfilo (Miriapoda) do filo dos Artrópodes (Arthropoda). Agrupa os animais com numerosos segmentos pós-cefálicos e um elevado número de pernas (1 ou 2 pares por segmento).

MIXOMATOSE – É uma doença que atinge as populações de coelhos-bravos (*Oryctolagus cuniculus*; pág. 219) e reduz drasticamente as suas populações. Tal como a doença hemorrágica viral tem também afetado as populações de muitas espécies que se alimentam destes animais.

MOLUSCOS – São animais da classe Mollusca que apresentam um corpo mole, frequentemente protegido por uma concha dura. Vivem maioritariamente dentro de água, mas podem também ser terrestres, como muitos caracóis.

MUCO – É um fluido visco-elástico de origem biológica, produzido pelas membranas mucosas como mecanismo de proteção de superfícies nos organismos. Protegendo contra a desidratação, ataque químico, ataque bacteriológico, ou ainda como lubrificante.

MUDA DA PENA – É um processo utilizado pelas aves de forma a substituírem as penas velhas e gastas por penas novas. As penas são substituídas devido ao seu desgaste ou devido à necessidade de ter diferentes plumagens (época de reprodução contra inverno). Esta muda anual consome muita energia.

NEURÓPTERO – São uma ordem da classe dos Insetos (Insecta) que inclui as formiga-leão, crisopa, etc.

NIDIFICAÇÃO – Corresponde ao período em que algumas espécies, em especial aves, constroem os seus ninhos, põem e incubam os seus ovos e, depois da eclosão, protegem as suas crias até estas abandonarem o ninho.

NINFA – É o termo utilizado para designar a larva, ou forma imatura, de alguns grupos de insetos, como gafanhotos, grilos, cigarras e libélulas, que realizam a metamorfose incompleta.

NINHADA – É o total de crias que uma fêmea dá à luz de uma só vez.

NINHO – É uma estrutura que algumas espécies constroem para colocarem os seus ovos e criarem as suas crias. Podem ser construídos com recurso a diversos materiais ou simplesmente aproveitando estruturas naturais já existentes.

NOCTUIDAE – É uma família de insectos (classe Insecta) da ordem

GLOSSÁRIO

Lepidoptera.

NOME CIENTÍFICO – Designação vulgar para a nomenclatura binomial usada pela comunidade científica para designar as espécies. É constituído por duas palavras, a primeira das quais designa o género e a segunda a espécie. Usualmente é escrito em itálico ou sublinhado. Exemplo: *Alcedo atthis* ou Alcedo atthis.

NOME COMUM – É o termo pelo qual é conhecida determinada espécie. Este nome pode variar consoante as regiões, as línguas e os países.

NOTOCORDA – É o sistema responsável pelo sustentamento do corpo do embrião. Na maioria das espécies, a notocorda desaparece durante o desenvolvimento embrionário.

NOTURNO – É o período que decorre desde o pôr-do-sol até ao nascer-do-sol.

NYMPHALIDAE – É uma família de insectos (classe Insecta) da ordem Lepidoptera.

OCELOS (RÉPTEIS) – São estruturas arredondadas, com diversos tons, que possuem a aparência de um olho, e que podem conferir a função biológica de mimetismo, iludindo os predadores.

OMNÍVOROS – São espécies animais que não apresentam uma especificidade alimentar, comendo uma grande diversidade de alimentos, frequentemente tanto de origem animal como vegetal.

OPISTOGLIFAS – São espécies de serpentes que apresentam dentes inoculadores de veneno na região posterior da mandíbula superior.

ORTÓPTEROS – É uma ordem da classe dos Insetos (Insecta). Apresentam dois pares de asas, uma armadura bucal trituradora e realizam metamorfoses incompletas. Apresentam pernas posteriores longas e possantes, apropriadas para saltar. São usualmente designados por "gafanhotos" e "grilos".

OVÍPAROS – São animais que desenvolvem o embrião com recurso a um ovo, ou seja, fora do corpo da progenitora. Entre os vertebrados ocorrem em todas as aves, mas também em algumas espécies de anfíbios, répteis, invertebrados, peixes e mamíferos.

OVOVIVÍPAROS – São animais que desenvolvem o embrião no interior de um ovo nos oviductos das fêmeas, recorrendo a reservas energéticas do ovo. Este eclode no interior da fêmea que, desta forma, dá à luz crias acabadas de sair do ovo.

PAPILAS SENSORIAIS – São células sensoriais que se localizam na zona bucal.

PEDICELÁRIOS – São estruturas ossículas esqueléticas que podem ser observadas nos ouriços-do-mar e estrelas-do-mar. Apresentam diferentes estruturas e funções, e a sua distribuição pelo corpo difere de espécie para espécie. Ostentam dois ou três ossículos cujas funções variam entre a limpeza do corpo, a captura de alimentos ou ainda como mecanismo de defesa.

PEGOS (RIBEIRAS) – É o nome dado às bacias de retenção de rios e ribeiras durante o período seco, quando o caudal é quase suprimido e corre na sua maioria subterraneamente, deixando apenas a descoberto algumas massas de água de pequenas dimensões.

PENAS DE COBERTURA – São penas macias que revestem o corpo das aves. Têm como principal função a proteção e isolamento da ave, nomeadamente através da retenção de calor ou da impermeabilização.

PENAS DE VOO – São penas que servem para a ave conseguir voar. Encontram-se na parte posterior das asas. Também são denominadas "rémiges", e dividem-se em primárias, secundárias e terciárias.

PERÍODOS DE DORMÊNCIA – Ver estivação e hibernação.

PÉS AMBULACRÁRIOS – É uma estrutura utilizada pelos equinodermes como um eficiente sistema de locomoção, em forma de pequenos túbulos com ventosas.

PESCA DESPORTIVA – É a pesca praticada enquanto atividade de lazer, sem que dela dependa a subsistência do pescador.

PLASTICIDADE – É a facilidade de transformação ou adaptação a diferentes circunstâncias.

PLUMAGEM – É o conjunto de penas que cobre o corpo de uma ave. É utilizada no voo, isolamento térmico e impermeabilização. Varia na cor, padrão e disposição, conforme a espécie, o sexo, a idade, e a época do ano (ver muda).

PLUMAGEM DE ECLIPSE – É uma plumagem de transição comum em patos que ocorre após a época de reprodução. Para lhes dar alguma proteção da muda das penas de voo, sobretudo nos machos, as penas de cobertura coloridas são substituídas temporariamente por penas acastanhadas e pálidas, tornando-os mais discretos e semelhantes às fêmeas.

PLUMAGEM DE INVERNO – É a plumagem que as aves adquirem durante o inverno, no caso de espécies que alternam sazonalmente de plumagem. Ocorre tanto nos machos como nas fêmeas.

PLUMAGEM NUPCIAL – É a plumagem que as aves adquirem durante o período de acasalamento. No sexo masculino tem muitas vezes a função de atrair as fêmeas, entre outras. Em geral é uma plumagem colorida.

PNEUMATÓFORO – Órgãos que possuem ar ou outro gás no seu interior, e que são utilizados como flutuadores de alguns seres aquáticos, como os sifonóforos e certas plantas.

PÓLIPO – É um tipo morfológico representante do filo Cnidaria.

POSTURA – saída do óvulo, do ovo ou do corpo da fêmea para o exterior; quantidade de ovos que uma fêmea produz em certo período.

PREDADORES – Animais que se alimentam de outros seres vivos, atacando-os para os matar.

QUELÍCERAS – Apêndice articulável da região pré-oral dos aracnídeos e paleostráceos, terminado por gancho inoculador de veneno e utilizado como meio de preensão, defesa e ataque.

QUILHA – Cume semelhante a uma espinha dorsal que percorre toda a extensão das costas de algumas espécies de lesmas.

RAIOS DAS BARBATANAS – São os raios que suportam as barbatanas dorsais e anais dos peixes (também denominados "lepidotríquia").

RECIFE – estrutura formada pela acumulação de milhares de organismos microscópicos, conhecidos como corais, animais marinhos e de certas algas.

RELAÇÃO SIMBIÓTICA – relação ecológica que se estabelece entre indivíduos de espécies diferentes.

RESILIÊNCIA – Capacidade de superar, de recuperar de adversidades.

RINÓFOROS – Estruturas quimiorreceptoras que se localizam no topo da cabeça de moluscos gastrópodes opistobrânquios, por vezes denominados de tentáculos cefálicos devido ao seu formato.

ROTÍFEROS – São espécies do filo Rotifera. São seres aquáticos e

microscópicos.

SACO VOCAL – É uma parte do corpo que existe nos machos de anfíbios, e que é utilizada como caixa de ressonância ou como meio de amplificação do canto. Mesmo em animais que não estão a cantar, é possível verificá-la pela pele rugosa na zona da garganta.

SAPAL – É um tipo de habitat e designa as formações aluvionares periodicamente alagadas pela água salgada e ocupadas por vegetação halófita, ou seja, espécies tolerantes à salinidade. Tem grande importância ecológica e é um importante habitat para as aves aquáticas.

SÁURIOS – É o nome atribuído ao grupo de répteis que apresentam escamas não ossificadas, dispostas na face ventral em várias séries longitudinais, e a fenda cloacal transversal. Os nomes vulgares pelo qual são conhecidas as espécies deste grupo são: iguanas, camaleões, osgas, lagartixas e lagartos.

SCUTA – É um escudo, isto é, uma placa externa óssea ou escama sobreposta com estrutura de chifre.

SEDIMENTOS – partículas resultantes da erosão de rochas, da precipitação química a partir de oceanos, vales ou rios ou biológica (gerado por organismos vivos ou mortos), depositados na superfície da Terra ou nos corpos hídricos, formando camadas sedimentares.

SERPENTIFORME – Que tem forma de serpente.

SIMETRIA – Relação de paridade em respeito a altura, largura e comprimento das partes necessárias para compor um todo.

SOLENOGLIFA – São espécies de serpentes, usualmente da família Viperidae, que apresentam dentes retrácteis localizados na parte anterior do maxilar superior, que utilizam para inocularem um potente veneno.

SUBSTRATO – Superfície, sedimento, base ou meio onde se desenvolvem organismos vivos.

SUPRAOCULARES – Que está localizado acima dos olhos.

TÁXON (PLURAL TAXA) – É uma unidade taxonómica, associada a um sistema de classificação científica.

TENTÁCULOS – Apêndice não segmentado, geralmente flexível, do corpo de um animal, usado como órgão tátil, para a locomoção, ou para a alimentação.

TERGA – É uma placa cuticular que cobre a superfície dorsal de um segmento corporal de um artrópode.

TÍMPANO – É a cavidade do ouvido que corresponde ao ouvido médio. Em algumas espécies de anfíbios pode ser observado à superfície da pele.

TUBÉRCULOS ÓSSEOS – É um nódulo arredondado, uma iminência pequena ou uma elevação encontrada em ossos, na pele e dentro dos pulmões, no caso de apresentar tuberculose.

TUBO NERVOSO DORSAL – É responsável pelo surgimento do sistema nervoso. É originado de invaginações do ectoderma.

TUBOS DE CUVIER – São estruturas tubulares defensivas, extremamente pegajosas, que são ejetadas para o exterior através do ânus por alguns organismos aquáticos quando se sentem ameaçados e que são regeneradas posteriormente, conjuntamente com outras estruturas que tenham sido danificadas durante a expulsão.

URODELOS – É uma ordem da classe dos Anfíbios, onde se incluem as salamandras e os tritões. Caracterizam-se por manterem a cauda no estado adulto e apresentarem os membros anteriores e posteriores curtos e de tamanho igual.

URTICANTE – Que produz sensação análoga à das urtigas sobre a pele.

VALVA – Designação dada em malacologia a cada uma das partes articuladas da concha de um molusco.

VENENO NEUROTÓXICO – Substâncias venenosas produzidas por animais ou plantas que afetam o sistema nervoso.

VENTRE – Cavidade do corpo onde se encontram o estômago e os intestinos. Região do corpo onde se encontra essa cavidade, neste caso, na barriga ou abdómen.

VIVÍPAROS – São espécies cujo embrião se desenvolve numa placenta, no corpo da progenitora, que lhe fornece nutrientes e o protege. A maioria dos mamíferos possui este desenvolvimento.

VOCALIZAÇÃO – É a emissão de sons por parte dos animais. No caso de os morcegos ver "Ecolocalização". Podem ter funções diversas, como comunicação entre indivíduos, marcação de território, sinais de alarme, etc.

ZONA ENTREMARÉS – zona do substrato litoral que fica exposta ao ar apenas durante a maré-baixa, ficando submersa com a subida da maré.

ZONA INFRALITORAL – Zona cuja parte superior apenas fica a descoberto por curtos períodos de tempo e durante as marés muito baixas. Estende-se desde o limite inferior do médiolitoral até uma profundidade compatível com a presença de algas fotófilas.

ZONA MÉDIOLITORAL – Zona que se encontra totalmente compreendida entre a zona da maré.

ZONA SUBLITORAL – Zona imersa, mesmo durante a maré baixa, que se estende entre a linha da costa e a borda da plataforma continental.

ZONA SUPRALITORAL – Corresponde à zona de transição entre o ambiente terrestre e o ambiente marinho, representado por uma banda estreita que se localiza imediatamente acima da linha da maré alta. Encontra-se exposto aos salpicos de água das ondas que rebentam contra as rochas, e fica apenas submersos durante tempestades ou marés vivas.

ZONAS DE SIMPATRIA – termo dado quando duas espécies, subespécies ou populações ocorrem na mesma área geográfica, interagindo uma com a outra.

ZONAS RIPÍCOLAS – É um tipo de habitat caracterizado por possuir um curso de água ladeado de vegetação nas margens (vegetação ripícola), por vezes adaptada a este tipo de habitat. Pode ser um habitat bastante extenso, não só devido ao comprimento do rio ou ribeiro, mas também devido à zona de cheia, inundada durante o período chuvoso.

ZOOPLÂNCTON – É um conjunto de organismos aquáticos, microscópicos, unicelulares e não fotossintéticos. Na sua maioria é constituído por pequenos animais, larvas, ou ovos de animais de maiores dimensões. Apresenta uma locomoção lenta ou reduzida, sendo usualmente arrastado pelas correntes oceânicas ou pelas águas de um rio.

Autoria

ONWILD

Este guia contém informação sobre mais de 300 espécies que podem ser observadas em Oeiras. Do total de espécies já registadas no município, foram selecionadas as mais comuns dos diversos reinos, ordens e famílias, para dar a conhecer a diversidade de aves, mamíferos, anfíbios, répteis, peixes, invertebrados, plantas, algas e fungos. Criado para todos os interessados na biodiversidade de Oeiras, pretende-se que o guia permita também promover a ciência cidadã, através do contributo ativo na inventariação e monitorização das espécies do nosso território.

Promotor

OEIRAS VALLEY PORTUGAL

MUNICÍPIO OEIRAS

Câmara Municipal de Oeiras